

Editorial

DNA, ESPERANÇA E O FIM DO MUNDO

Rúben Aguilar, Ph.D.

Professor de Antigo Testamento do
Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia
Centro Universitário Adventista,
Campus Engenheiro Coelho
ruben.aguilar@unasp.edu.br

O homem na luta contra as enfermidades, as deficiências genéticas, as doenças degenerativas, e a morte; tem depositado sua esperança no avanço da ciência e a tecnologia. Essa atitude assumida parece ter valor, quando se verifica os reais prodígios das ciências biológicas. Desde o descobrimento da estrutura do DNA, após a segunda guerra mundial, aumentaram em progressão aritmética, tanto o conhecimento como as experiências que permitiriam descobrir os mistérios da vida e, a maneira como controlar seus efeitos. O Concílio Vaticano II reconheceu tal incremento que qualificou como necessária a dependência da interpretação teológica ao regime da ciência, resumindo tal atitude com a expressão: *aggiornamento*, "atualizar-se".

As conquistas alcançadas nessa área das ciências despertaram notório entusiasmo em círculos acadêmicos que, em meados do ano de 1971, realizou-se um Congresso inusitado na cidade de Genebra, Suíça, onde participaram uma centena de cientistas, teólogos e políticos, com a finalidade de estabelecer um calendário de realizações da Biologia. O cronograma proposto e configurado em décadas ficou assim estabelecido:

de 1971 a 1980, escolha do sexo da criança antes do nascimento

de 1981 a 1990, formação da vida em tubo de ensaio

de 1991 a 2000, micro-cirurgia genética, mediante o uso de raios laser e radiações

de 2001 a 2010, crescimento de fetos humanos em ventres artificiais

de 2011 a 2020, cópias carbônicas de animais (clones) a partir de células individuais



de 2021 a 2030, cópias carbônicas de seres humanos
de 2031 a 2040, controle completo da genética humana e da herança; criação de novas formas de vida vegetal, animal e humana
de 2041 a 2050, suspensão do ciclo vital mediante interrupção do envelhecimento
de 2051 a 2060, completo controle do processo do envelhecimento e concretização definitiva de uma imortalidade de feitura humana.

Na atualidade se verifica que algumas conquistas programadas para os seguintes decênios, já foram realizadas e, inversamente, outras que teriam sido já atingidas, ainda permanecem em estudo.

Nos anos seguintes àquela data, as pesquisas e experiências para atingir tal ambição, sem um código de ética ou controle das realizações, tomaram rumos perigosos que encheram de temor aos protagonistas desses fatos. Essas temerosas experiências se sustentavam na base da estrutura e propriedades do DNA recombinante. Esse procedimento permite retirar o DNA de um organismo e enxertá-lo no DNA de outro, para criar algo novo. A novidade pode ser uma nova célula viva, um novo gene, uma nova forma de vida. Já é possível obter formas híbridas de vírus, bactérias e outros micro-organismos. É possível obter células híbridas de uma célula humana com outra de fumo, ou de um rato, e até de um macaco.

Em razão disso, em fevereiro de 1975, foi realizado em Asilomar, Califórnia, um congresso onde os mesmos cientistas exigiram a imposição de certas restrições para determinados tipos de experiências. Hoje em dia, o debate sobre a viabilidade das pesquisas de células embrionárias e células "tronco", domina em diversas assembleias teológicas, políticas e judiciais.

As experiências da bio-medicina demonstram que é possível reconstituir ou regenerar qualquer órgão, utilizando as células "tronco". Nessa realidade, a esperança em pessoas afetadas por doenças degenerativas ou de deficiências, renasce com energia.

A esperança, como virtude, é um dom que alivia a dor provocada pelo desespero; amaina a intensidade do sofrimento; estimula o desejo de lutar e não permite que a chama dos ideais se extinga. No entanto, nesta altura dos eventos, é necessário reflexionar sobre os alcances possíveis da bio-medicina e a esperança depositada nessas realizações. Conseguirá a ciência



cumprir as metas decenais propostas no encontro de Genebra? Será possível controlar o envelhecimento e prolongar a vida em forma indefinida? Deve a esperança ser depositada, sem limites e nem restrições, nas realizações da ciência, que no presente século assume a posição de detentora da força que promove a sobrevivência? Não haverá fim do mundo?

Algumas proposições que nos ajudam a orientar essa reflexão encontram-se, e não poderia deixar de ser, nas Sagradas Escrituras. São dezenas de textos que nos estimulam a desenvolver a esperança; como; em que e, em quem. Eis alguns exemplos: "Porque qual será a esperança do ímpio, quando lhe for cortada a vida, quando Deus lhe arrancar a alma?" (Jó 27:8). "Forjai projetos, e eles serão frustrados; daí ordens, e elas não serão cumpridas" (Is. 8:10). "Onde está, pois, a minha esperança?" (Jó 17:15). "Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio cuja esperança está no Senhor, seu Deus" (Sl 146:5). "Bendito o homem que confia no Senhor e cuja esperança é o Senhor" (Jr 17:7). "Isto é, Cristo em vós, a esperança da glória" (Cl 1:27). "Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e salvador Cristo Jesus" (Tt 2:13). "E, então, virá o fim,..." (1Co 15:24). "Eu, porém, olharei para o Senhor e esperarei no Deus da minha salvação ..." (Mq 7:7).

Reflita nesses textos, enquanto isso, o convido a examinar os artigos do presente número. O Pastor e Professor Renato Groger apresenta seu estudo sobre a falácia da possível transposição dos mitos egípcios relativos a Osiris e Horus na pessoa de Jesus. Sua análise aniquila toda relativa similitude e exalta a singularidade do Redentor.

É marcante o estudo, elaborado pelo Pastor João Luis Marcon, relativo à interpretação conceitual da intrincada relação entre o Evangelho Eterno e a Adoração sugerida no capítulo 14 do livro de Apocalipse. O estudo realça a ligação do plano da redenção com a adoração ao Criador.

Marina Garner, estudante do último ano do curso de Teologia, desenvolve com denodado interesse, um conceito que reivindica os valores morais que foram aniquilados pela promiscuidade da sociedade secularizada. Seu estudo sobre o Sexo Pré-marital coloca em controvérsia a posição secular que admite como factível tal prática diante da preocupação de vozes surgidas no próprio campo secular.

No século do desmedido progresso da tecnologia que afeta e inibe a manifestação do indivíduo como pessoa, o pastor e professor Valdecir Lima, desenvolve a intimidade conceitual da Cultura em geral e a Música Secular em particular na vida do cristão. Destaca o fato de



como a Cultura determina a formação de uma consciência e estilo de vida que afeta o cristão e expõe formas de proteção a essa influência.

O Doutor Berndt Wolter, apresenta uma análise sobre o progresso espiritual de uma comunidade eclesial e sua relação com o mesmo processo na experiência individual dos seus membros. Seu estudo que concerne as Fases de Crescimento Cristão tende a aplicação dos resultados obtidos, na experiência espiritual dos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Boa leitura!

ARTIGOS

O CRISTÃO, A CULTURA E A MÚSICA SECULAR

Valdecir Simões Lima

Professor de Curso de Teologia e Comunicação do Unasp
Compositor e Regente do Coral da Faculdade de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho-SP
valdecir.lima@unasp.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre a relação entre cultura, música secular e a identidade do cristão nos tempos modernos. Ele tem o propósito de analisar a música secular, como formadora de uma consciência e estilo de vida que pode ou não ser conflitante com a vida do cristão inserido na cultura moderna. Baseando-se em alguns conceitos teóricos, reflexões e análise bíblica, o trabalho destaca a necessidade de uma postura espiritual autêntica para se proteger das influências materialistas contemporâneas. Assim, o artigo considera a intenção de se proteger dos riscos modernos como uma possibilidade real na vida daquele que se propõe a exercer a fé.

Palavras-chave: cultura; música; fé.

The Christian, The Culture and the Secular Music

Abstract: This article presents a reflection about the relation between culture, secular music and the identity of a Christian in modern times. Its purpose is to investigate the secular music as a builder of a conscience and style of life that may be in conflict with a life of a Christian who lives within modern culture. Based on theoretical concepts, reflections and biblical analysis, this work highlights the urge of an authentic spiritual posture to be protected from the materialistic contemporary influences. Thus, this article considers the intention of self-protection against these modern risks as a real possibility in the life of those who decide to exercise faith.

Keywords: Culture; Music; Faith.



INTRODUÇÃO

Música e cultura estão interligadas de tal forma que não há como estudar um povo sem estudar também suas manifestações artísticas. É sabido que a música é um elemento formador da cultura de qualquer cidadão. A música secular em nosso país é apenas um dos muitos elementos que sempre estiveram presentes como expressão cultural da nossa sociedade. Para analisarmos os pontos que ligam a música à cultura, definiremos cultura como: “o conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”¹ e música secular como qualquer música produzida por indivíduos seculares e que não tenha o objetivo específico de louvar a Deus.

Na sociedade contemporânea é claramente perceptível uma íntima ligação entre as propostas inovadoras do mundo artístico com as mudanças de comportamento de forma geral. Remetendo-nos às inovações musicais da última metade do século XX percebemos nitidamente que elas proporcionaram uma sensível revolução no estilo de vida e no comportamento social das pessoas. O rock’n roll no mundo, a Bossa Nova e a Jovem Guarda no Brasil, a guitarra elétrica e o ritmo vibrante; o festival de Woodstock nos EUA e os célebres slogans: “Faça amor, não faça guerra”, “Sexo, drogas e rock and roll” deixaram marcas tão visíveis que podem ser notadas até pelos olhos menos analíticos.

Com vistas ao enobrecimento prometido pelas artes e sentindo os graves problemas advindos dessa mesma manifestação, levanta-se um dilema ao qual este trabalho se propõe a estudar: como situar a música secular entre as fontes provedoras de cultura para o cristão, uma vez que ela pode tão facilmente ser questionada quando utilizada para fins espirituais?

Este estudo se propõe a analisar o relacionamento entre a cultura moderna e o ideal de vida cristã. Como conciliar essas duas vertentes aparentemente opostas? Para tanto, passaremos a uma rápida análise da sociedade contemporânea, ou pós-moderna, e em seguida trataremos do relacionamento entre a cultura, mais especificamente a

¹ HERSKOVITS, Melville J. El hombre y sus obras. México, Fondo de Cultura Económica, 1952. p. 29.



música secular, e a vida do cristão moderno. Afinal de contas, é possível para o cristão viver sem essas influências seculares? É adequado utilizar-se desse tipo de fonte? Se sim; qual é o limite?

1.O PÓS-MODERNISMO E A CULTURA

Quando falamos de cultura pós-moderna, precisamos nos remeter ao contexto da cultura ocidental a partir da década de 1950, época que marcou o início de uma contracultura, que explodiu através do mundo e se disseminou com a rebeldia dos anos 1960. Havia, na verdade, um amadurecimento do mundo de então para uma atitude de ruptura e arrombamento próprio das vanguardas.

Embora muitos especialistas e estudiosos trabalhem sempre reformulando seu próprio conceito de pós-moderno, percebemos que “alguns teóricos (...) definem pós-modernidade como a crise das narrativas mestras, ou seja, dos sistemas totalizantes”.² Dessa forma, há uma pluralidade de conceitos no pós-modernismo. “Pós-moderno não é uma tendência que possa ser delimitada cronologicamente, mas uma categoria espiritual, um modo de operar”.³

De fato, a cultura ocidental, a partir dos anos 50, passou a vivenciar novas formas de pensar e agir. O autor Proença Filho (1995) destaca algumas características desse momento: desenvolvimento da sociedade de consumo, valorização da prevalência do impulso e da espontaneidade sobre a razão, superação crescente da paixão sobre o racionalismo, presença marcante da informação na caracterização da visão de mundo dos indivíduos, desmaterialização do mundo real, que se converte em signo, simulacro, atuação política assumida por grupos setoriais representativos, como as etnias minoritárias e eliminação de fronteiras entre arte erudita e popular.

Partindo desse princípio, resumem-se, consistentemente, as principais características do pós-moderno: “desreferencialização do Real, desmaterialização da

² GUELF, Maria Lúcia Fernandes. Narciso na sala de espelhos. Tese de doutorado. PUC-Rio, 1994, pág. 3.

³ ECO, Umberto. Pós-escrito 'O nome da rosa'. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1985, pág. 55.



Economia, desestetização da Arte, desconstrução da Filosofia, despolitização da Sociedade, dessubstancialização do sujeito”.⁴

Com relação à área social pós-moderna do mundo ocidental, sua caracterização é feita da seguinte forma: “gigantescos monopólios [que] concentram o controle da informação, gerando enormes dificuldades para aqueles que procuram auto-determinação e autonomia política”; entretanto, “um espaço crítico é aberto”⁵ e esse espaço tem um nome e chama-se arte.

É por meio da arte que vêm os questionamentos e releituras de nosso tempo. Em uma sociedade onde até o homem é dessubstancializado, a música torna-se uma voz que se levanta paralelamente aos acontecimentos sociais e políticos, para criticar, repensar, mas principalmente para estabelecer os conceitos pós-modernos. Afinal, a música também é vítima das mesmas características desse momento histórico. Segundo Bloom (1987), a música, especificamente, se tornou o negócio mais lucrativo do capitalismo. Os temas são o sexo, o ódio, e uma versão hipócrita do amor. Visando o lucro, explora-se toda forma de entretenimento sem levar em consideração o crescimento moral, intelectual e físico do homem.

Por outro lado, a pós-modernidade não é culpada pelas mazelas de nosso tempo. O que o pós-modernismo fez foi revelar em fortes cores a degeneração ética de todos os ramos sociais e artísticos iniciada há muito tempo. Esse raciocínio dá origem a uma compreensão mais clara sobre a moralidade que envolve as coisas nesta geração em contraposição às gerações passadas.

Muitos crêem que as condições sociais e as manifestações artísticas do passado proporcionavam um estado mais propício para a estabilidade da vida de um cristão. Entretanto, o que podemos perceber é que hoje nossa sociedade está apenas mais amadurecida, apenas mais distante dos trilhos, à semelhança de um vagão, que desgovernado caminha em direção ao abismo. A manifestação amplificada pelo tempo é que expõe a gravidade do momento.

⁴ SANTOS, Jair Ferrerira dos. O que É Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986, pág. 108.

⁵ GUELF, Maria Lúcia Fernandes. Narciso na sala de espelhos. Tese de doutorado. PUC-Rio, 1994, pág. 10.



Todas as formas de arte estão em decadência e não é seguro dependermos do passado. “Nunca digas: por que foram os dias passados melhores do que estes? Porque nunca com sabedoria isto perguntarias” (Eclesiastes 7:10). Mesmo a música erudita mostrou sinais de degradação e deu origem a muita manifestação pós-moderna, “em 1910, Schoenberg e Stravinski injetam harmonia dissonantes, à primeira audição desagradáveis. É uma arte irracional, emotiva, humanista”.⁶ E isso nos faz crer que nem o popular moderno nem o erudito clássico garantem pobreza ou nobreza moral. Um erudito Bolero de Ravel já exala sensualidade à medida que tem o compasso das relações sexuais.

O fato é que as sociedades pós-modernas, distanciadas do paradigma bíblico-cristão, colocam a identidade do cristão em cheque. Vivendo nesse mundo, facilmente pode-se ter sua identidade oscilando, ou seja, os muitos discursos e o choque de ideologias podem levar o cristão a uma vida de constante ansiedade e dubiedade.

As molduras de referência ou paradigmas sociais se alteraram porque a sociedade é dinâmica. Não haveria problema nisso se essas mudanças não interferissem nos inegociáveis princípios divinos. Sob a ótica da cosmovisão cristã, acreditamos que separado de Deus, o homem não tem onde se apoiar. Se na pós-modernidade só viceja o nada, o vazio, a ausência de valores e sentido para a vida, somos levados a questionar todas as ofertas dessa sociedade e pensamos que nada que ela nos oferece é confiável.

As músicas seculares refletem a verdade de seu tempo, onde “os grandes temas das canções são o sexo, o ódio, e uma versão hipócrita do amor fraternal. Fontes tão poluídas deságuam numa corrente lodosa onde só monstros conseguem nadar”.⁷ Este é um extremo onde quase toda a manifestação artística chegou: literatura, teatro, pintura, poesia, etc. O homem cristão definitivamente não pode confiar nos valores dessa sociedade. O que parecia águas calmas tornou-se um rodado descontrolado.

Vivendo nessa época de grandes armadilhas sociais, o problema que nos afeta é que o mundo da música secular é muito amplo. Ele envolve todas as manifestações

⁶ SANTOS, Jair Ferrerira dos. O que É Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986, pág. 36.

⁷ BLOOM, Allan. O Declínio da Cultura Ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade. 3a ed. São Paulo, Best Seller, 1987, pág. 95.



musicais seculares que englobam o folclore, hinos cívicos, cantigas de ninar, músicas de raiz, country, sertanejo, jazz, erudito clássico, pop, rock, heavy metal, etc.

Nesse mundo encontram-se inúmeros estilos musicais, distribuídos de tal forma que se torna fácil distinguir os extremos, mas quase impossível determinar o limite entre eles. De um lado, os Hinos Pátrios, cantigas de ninar, canções folclóricas, poemas musicados sobre a Natureza, amizade ou amor. Do outro lado, as músicas de conteúdo imoral, violento e agressivo, reconhecidamente inconvenientes e sobejamente analisadas e criticadas, como o rock'n roll, o funk, o rap, etc. A decisão não é difícil. A própria crítica secular esbanja argumentos sobre a inocência de um estilo e a perniciosidade do outro.

Sendo assim, percebe-se que o problema da música secular reside numa questão de escolha; e as escolhas só são seguras sob orientação espiritual. Na impossibilidade de se detectar o perigo, a segurança não está em regras ou orientações entre o certo e o errado, e podemos ser enganados com facilidade se tentarmos buscar a sabedoria por nós mesmos “porque vão é o socorro da parte do homem” (Salmos 108:12). Assim, o problema surge quando temos que fazer escolhas apoiados em opiniões humanas, pois elas podem ser inteligentes, bem intencionadas, mas não devem ser norteadoras da mentalidade cristã.

Ellen G. White, comentando uma música secular que ouviu certa vez, afirmou que a música era boa porque não feria os sentidos.⁸ A questão não é perguntar o que é uma música secular que fere os sentidos ou até onde podemos ir sem ferir os sentidos porque aqueles que querem respostas que lhes satisfaçam o gosto particular encontram embasamento para qualquer tipo de resposta que desejarem. No mundo pós-moderno, a linha divisória entre o aceitável e o não aceitável é tênue e incerta. Só uma sintonia fina espiritual será capaz de promover discernimento.

2. SECULAR VERSUS SACRO?

A música acompanha o ser humano mesmo antes de seu nascimento. Ela está tão interligada à vida que, por se tornar imprescindível, não há ser humano que não sofra

⁸ Carta 6b, págs. 2 e 3 . Escrita ao desembarcar na Nova Zelândia em Fevereiro de 1893.



sua influência. “A vida é som. Continuamente estamos cercados de sons e ruídos oriundos da natureza e das várias formas de vida que ela produz. (...) Todas as crianças, sem exceção, nascem com capacidade musical, voz e ouvido. (...) A própria natureza é que nos dá a música; o que dela fazemos varia conforme o temperamento, a educação, o povo, a raça e a época”.⁹

Da mesma maneira, a música é vital à religião, necessária ao culto e à adoração. “Apresentemo-nos ante a sua face com louvores” (Salmo 95:2). “A música é um dos melhores veículos para manter a memória viva, e o meio mais efetivo para impressionar o coração com a verdade espiritual”.¹⁰ Neste aspecto, encontramos um ponto de ligação entre a música secular e a música sacra pois nota-se que a música faz parte da vida e da adoração. Ademais, cânticos cristãos e algumas canções seculares têm temas comuns. Temas que enaltecem o relacionamento entre os seres humanos, a Natureza e os costumes, e são apresentados em variadas formas, ritmos e estilos.

Com certeza, os pontos em comum não as tornam homogêneas e, por causa disso, de maneira alguma deveria o cristão ter uma postura de acomodação diante de suas fontes de influência. A música secular e a cultura pertencem a esse universo e não devem nortear os princípios comportamentais daquele que busca segurança e autenticidade espiritual nestes tempos. Entretanto, não se pode negar a inevitável relação do homem com sua cultura e nem os pontos comuns existentes entre a cultura e o cristianismo.

Mas, até onde a intimidade entre música secular e cultura é benéfica à vida cristã? O que não é sacro é secular; e a linha divisória entre essas duas formas pode ser muito sutil. Portanto, faz-se necessário explorar um pouco mais o significado da palavra “secular”.

“Secular: Pertencente ao século; profano, leigo, temporal”.¹¹ Pode ser interpretado como toda produção relacionada com a vida, o mundo e os costumes, e que não apresente uma relação direta com a religião. Se entendermos a palavra mundo como

⁹ CLARET, Martin. O Poder da Música. São Paulo, Editora Martin Claret, 1996, pág. 9.

¹⁰ LaRondelle apud HOLMES, Raymond. Lecture for Theology and Ministry of Worship. S. America, 1996, Lecture 8 pág. 11.

¹¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Novo Aurélio Século XXI. São Paulo, Nova Fronteira, 1999.



a cultura dominante, facilmente perceberemos que até mesmo o cristão relaciona-se com os costumes de sua época, posto que ele é influenciado, consciente e inconscientemente, pelas ideologias, filosofias, comportamentos, tradições e molduras de referência de seu tempo e espaço. Ademais, todo homem, em qualquer época, deve ter as suas necessidades sociais básicas atendidas para que consiga sobreviver.

Segundo Graça (1988), além da satisfação das necessidades físicas (comer, abrigar-se, procriar), as sociedades humanas devem oferecer aos indivíduos condições para:

Raciocinar sobre o mundo que os cerca, para entendê-lo – **ciência**; transformar a natureza para utilizá-la; fabricar objetos inexistentes nela – **técnica**; partilhar das decisões de interesse coletivo e da administração dos bens públicos – **política**; atuar dentro de um sistema de produção e de distribuição dos produtos do trabalho – **economia**; escolher e julgar comportamentos dentro dos padrões de “certo” e de “errado” na comunidade – **moral**; jogar, brincar, divertir-se, participar de festas, rituais e atividades esportivas – **lazer**; criar e recriar formas expressivas que, por sua beleza, agradem aos indivíduos – **arte**; participar de crenças e formas de culto – **religião**.¹²

Esse é o conjunto das atividades sociais que transformam um ser humano em um cidadão. Dentre essas atividades destacamos duas que são de especial interesse para este trabalho: Arte e Religião. Ao se relacionar essas duas atividades formadoras da cultura, surge um problema: existe compatibilidade entre a música secular, que é uma das mais populares formas de arte, e a religião, visto que são aparentemente antagônicas em essência?

Segundo esse autor, a religião é um elemento entre os vários componentes da cultura; ela está colocada ao lado da arte, da economia e do lazer. Isso pode parecer correto, mas carrega em si um sério equívoco. A religião, para os cristãos, não é uma atividade social que se soma às demais. Ela é uma atividade superior, da qual procedem todas as outras. “Não podemos, por um momento, separar-nos de Cristo com

¹² GRAÇA, Paulino. Literatura: participação e prazer. São Paulo: FTD, 1988, pág. 11.



segurança. Podemos contar com Sua presença para assistir-nos a cada passo, mas somente observando nós as condições que Ele mesmo estabeleceu. **A religião deve tornar-se o grande negócio da vida, tudo o mais deve ficar subordinado a ela.** Todas as nossas faculdades morais, físicas e espirituais devem empenhar-se na batalha crista”.¹³ (grifo acrescentado).

Se a religião é posta no mesmo nível de importância das outras atividades culturais, a tendência natural é dividir a vida em duas partes, o sacro e o secular, subestimando assim o valor da religião que deve ser soberano.

A Bíblia afirma que embora o povo de Israel muitas vezes tivesse rejeitado a Deus como seu único líder, Deus continuava a dirigir o Seu povo por meio dos profetas, juízes e reis. Este ideal ainda vale para os cristãos de hoje. Numa sociedade teocrática, como a intencionada por Deus, o trabalho, o lazer, a ciência, a moral, a técnica, a formação da família, bem como a arte, fazem parte de uma organização divina e são componentes de um plano superior.

Todas as atividades desenvolvidas pela sociedade israelita, mesmo as atividades que hoje seriam classificadas como seculares, tinham um objetivo divino, uma missão espiritual: alcançar o propósito de Deus para ela. A música tinha o objetivo de louvar a Deus, mesmo quando cantada na guerra. “Aconselhou-se com o povo, e ordenou cantores para o Senhor, que, vestidos de ornamentos sagrados, e marchando à frente do exército, louvassem a Deus, dizendo: Rendei graças ao Senhor, porque a sua misericórdia dura para sempre” (II Crôn. 20:22). Os provérbios de Salomão sempre foram considerados sacros, mesmo aqueles que não mencionam fatos relacionados ao templo ou a Deus. O livro de Ester, na Bíblia, nem sequer menciona o nome de Deus; porém ninguém questiona se essa obra literária é sacra ou não. Isso se deve ao fato de que tanto a ciência quanto as artes eram dimensionadas a louvar o Criador. As técnicas empregadas no trabalho e na guerra eram utilizadas sob a orientação divina. Os juízes que orientavam o povo e o conduzia nos parâmetros do certo ou errado, o faziam sob a moral teocrática. A diferença entre o certo e o errado, moral, era diretamente orientada

¹³ WHITE, Ellen G. Santificação. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1977, pág. 104.



por Deus. Os profetas, juízes e reis desse regime consultavam a Deus em busca de orientação para seus julgamentos e iniciativas pacíficas ou bélicas.

Entretanto, os cristãos do mundo democrático que acreditam ser este o único regime social aceitável, vivem uma vida de constante tensão. Para esses cristãos, no período de domingo a sexta-feira todas as atividades são seculares. As atividades sacras são reservadas do pôr-do-sol na sexta, ao pôr-do-sol no sábado, que é o dia do Senhor (Êxodo 20:8). Essa dicotomia é tão grave que altera toda a compreensão da adoração e do estilo de vida cristã.

Desta forma conclui-se, erradamente, que qualquer dia que não seja o sábado é do homem (secular) e não temos compromisso espiritual nele. Esse raciocínio é a cristalização do que foi ensinado às crianças por muito tempo através de uma singela melodia infantil que diz: “Um, dois, três, quatro, cinco, seis para nós, e o sétimo é pra Cristo”.

A democracia ensina que na vida de cada indivíduo deve haver a separação entre o que é de Deus e o que é do homem. Mas a única verdade é que tudo na vida do cristão deve ser feito para Cristo: o esporte, a ciência, o trabalho, as artes (música), etc. Quanto à análise da música, é certo que a Bíblia afirma que “o sábado é do Senhor teu Deus” (Êxodo 20:10) e “que o Filho do Homem é também Senhor do sábado”, mas deixa claro que “o sábado foi feito para o homem” (Marcos 2:27, 28).

O cristão precisa pôr a Deus em primeiro lugar, mas mesmo a democracia, que é o governo do povo, não permite que Deus ocupe esse espaço. O primeiro lugar na democracia pertence exclusivamente ao povo, mas essa rejeição a Deus é sublimada, permitindo-se que Ele seja cultuado através da religião, hoje relegada ao nível de um elemento a mais entre os vários formadores da cultura. O verdadeiro cristão, porém, embora se submeta ao regime democrático, prioriza os princípios teocráticos que regem sua vida.

Vivendo espiritualmente submisso ao regime teocrático, entende-se que tudo deve ser feito, em qualquer tempo, para louvar a Deus. Mas as boas novas são que, a despeito das mudanças sociais e políticas a que estamos submetidos, ainda podemos viver sob o regime teocrático, como o Israel individual de Deus.



Esse raciocínio nos leva a pensar que enquanto se é guiado pela filosofia de que de domingo a sexta vivemos para nós e no sábado para Deus, seremos inconstantes e incertos quanto à música e adoração propícias. Se não houver esse nível de discernimento, inevitavelmente o cristão se torna absolutamente vulnerável. É o Espírito, que por conhecer todos os caminhos, orienta as escolhas entre o certo e o errado sobre o que ouvir, e não as pesquisas acadêmicas. “O grande repositório da verdade é a Palavra de Deus (...) o livro da experiência no trato de Deus para com a vida humana. (...) Na pesquisa da verdade devem confiar em Deus e não na inteligência dos grandes homens, cuja sabedoria é loucura para Deus”.¹⁴

O problema da música secular na vida do cristão fica resolvido quando ele é guiado pelo Espírito Santo, ou seja, quando ele é submetido à moral, religião, princípios e costumes do regime teocrático. Só assim será possível utilizar a música secular e ainda adorar a Deus. Entretanto, só será possível selecionar, com segurança, a música secular que utilizaremos quando houver o discernimento que só o Espírito Santo pode dar. Esta é uma questão de fé.

Se os pés dos cristãos estão fincados no ambiente social e esse chão se desloca, onde irão eles se apoiar? A resposta é simples: na fé. “O justo viverá pela fé” (Romanos 1:17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realidade pós-moderna, ninguém vive isento das influências da sua e de várias outras culturas. Até mesmo aqueles que têm um estilo de vida baseado em uma filosofia que conteste os padrões vigentes, como é o caso dos cristãos, não podem viver isoladamente.

Entretanto, esse mundo moderno descartou a Deus, e tudo o que ele produz e oferece aos seus cidadãos pertence unicamente a este século, ou seja, é secular. Sendo assim, o problema não está na contemporaneidade da música secular, mas em se expor ingenuamente à influência das artes, modernas ou antigas, clássicas ou populares, em

¹⁴ WHITE, Ellen G. Parábolas de Jesus. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1976, pág. 125.



detrimento do fortalecimento espiritual. E essa proteção que vem de uma vida de fé só é possível quando, individualmente, o cristão assume um estilo de vida teocrático. Se não for assim, as questões que são próprias deste mundo, ou seja, o dinheiro, a globalização, o poder, a luta de classes, o sexo, os entretenimentos em todas as suas formas, a mídia, as propagandas, o consumismo, a violência e todas as demais forças pós-modernas alterarão o seu comportamento e aniquilarão sua pureza espiritual.

A maioria dos trabalhos científicos relacionados com esse tema analisa os meandros da música e seus percalços objetivamente; porém nenhum deles apresenta soluções absolutamente cristãs, baseadas na fé. Eles põem às claras os problemas técnicos do rock da música erudita burguesa, porém, deixam de enfatizar Cristo como a única alternativa capaz de orientar o caminho.

Outros analisam os estilos de música secular colocando-os como os vilões do cristianismo, porém não revelam que quando Deus não ocupa o primeiro lugar em sua vida, outro deus o preencherá: ou o rock, ou a Nova Era, ou o secularismo em todas as suas formas. O fato é que o vazio que o cristão negligencia em preencher com a espiritualidade, o nosso século cuidará em preencher com qualquer outro conteúdo.

Muitas pessoas estão perdidas em meio a águas pouco ou muito poluídas, mas venenosas o suficiente para matar a espiritualidade de todo aquele que se afasta da verdadeira Fonte segura. Talvez isso ocorra porque falar do Espírito como alternativa para solucionar problemas não seja uma atitude muito acadêmica para o nosso tempo.

O discurso de que o cristão precisa, portanto, não é o resultado da própria inteligência humana contra as artimanhas do secularismo, essa é uma concorrência desleal. O que o cristão necessita, de fato, é dar espaço ao Espírito Santo para esclarecer suas questões e exercer a fé.

A grande verdade é que, agora, não é hora de impor nossas idéias liberais ou conservadoras, nem de usar o academismo ou o poder para preencher uma lacuna que só pode ser preenchida com o Espírito. A Bíblia ressalta: “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5).



Uma vez que dependemos deste mundo e não podemos sair dele, temos que considerar mais uma vez a oração de Jesus: “Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal”, pois isso nos prova que a despeito de nos relacionarmos inevitavelmente com questões deste século, temos a esperança de sermos guardados do mal e o dever, como afirma Paulo, de não nos conformarmos com ele: “Não vos conformeis com este século” (João 17: 15 e Romanos 12:1).

É significativo analisar as fontes que nos influenciam, mas só o Espírito nos libertará de sua influência degenerativa. A Bíblia pode não ter objetivamente todas as respostas, mas ela nos coloca em contato com Aquele que as tem.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALALEONA, Domingos. História da Música: desde a antiguidade até nossos dias. São Paulo: Ricordi Brasileira, 5a Ed. 1953.

ANDRADE, Mário de. Pequena História da Música. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1987.

ANDRADE, Mário de. Pequena História da Música. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1987.

BLOOM, Allan. O Declínio da Cultura Ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade. 3a ed. São Paulo, Best Seller, 1987.

CLARET, Martin. O Poder da Música. São Paulo, Editora Martin Claret, 1996.

ECO, Umberto. Pós-escrito 'O nome da rosa'. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1985, pág. 55.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Novo Aurélio Século XXI. São Paulo, Nova Fronteira. 1999.

FILHO, Domicio Proença. Pós-modernismo e literatura. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

GÓES, Fred de. Gilberto Gil: literatura comentada. São Paulo, Abril, 1982.

GRAÇA, Paulino. Literatura: participação e prazer. São Paulo: FTD, 1988.

GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. Narciso na sala de espelhos. Tese de doutorado. PUC-Rio, 1994, pág. 3.



HAMBLIN, Madlyn Lewis, HAUS, Cari. Toxic Trends: are these fatal delusions controlling you life? Idaho. Pacific Press, 1996.

HERSKOVITS, Melville J. El hombre y sus obras. México, Fondo de Cultura Económica, 1952.

LaRondelle apud HOLMES, Raymond. Lecture for Theology and Ministry of Worship. S. America, 1996, Lecture 8.

SANTOS, Jair Ferrerira dos. O que É Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986.

WHITE, Ellen G. Santificação. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1977.

WHITE, Ellen G. Parábolas de Jesus. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1976, p. 125.

ARTIGOS

O CRISTÃO, A CULTURA E A MÚSICA SECULAR

Valdecir Simões Lima

Professor de Curso de Teologia e Comunicação do Unasp
Compositor e Regente do Coral da Faculdade de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho-SP
valdecir.lima@unasp.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre a relação entre cultura, música secular e a identidade do cristão nos tempos modernos. Ele tem o propósito de analisar a música secular, como formadora de uma consciência e estilo de vida que pode ou não ser conflitante com a vida do cristão inserido na cultura moderna. Baseando-se em alguns conceitos teóricos, reflexões e análise bíblica, o trabalho destaca a necessidade de uma postura espiritual autêntica para se proteger das influências materialistas contemporâneas. Assim, o artigo considera a intenção de se proteger dos riscos modernos como uma possibilidade real na vida daquele que se propõe a exercer a fé.

Palavras-chave: cultura; música; fé.

The Christian, The Culture and the Secular Music

Abstract: This article presents a reflection about the relation between culture, secular music and the identity of a Christian in modern times. Its purpose is to investigate the secular music as a builder of a conscience and style of life that may be in conflict with a life of a Christian who lives within modern culture. Based on theoretical concepts, reflections and biblical analysis, this work highlights the urge of an authentic spiritual posture to be protected from the materialistic contemporary influences. Thus, this article considers the intention of self-protection against these modern risks as a real possibility in the life of those who decide to exercise faith.

Keywords: Culture; Music; Faith.



INTRODUÇÃO

Música e cultura estão interligadas de tal forma que não há como estudar um povo sem estudar também suas manifestações artísticas. É sabido que a música é um elemento formador da cultura de qualquer cidadão. A música secular em nosso país é apenas um dos muitos elementos que sempre estiveram presentes como expressão cultural da nossa sociedade. Para analisarmos os pontos que ligam a música à cultura, definiremos cultura como: “o conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”¹ e música secular como qualquer música produzida por indivíduos seculares e que não tenha o objetivo específico de louvar a Deus.

Na sociedade contemporânea é claramente perceptível uma íntima ligação entre as propostas inovadoras do mundo artístico com as mudanças de comportamento de forma geral. Remetendo-nos às inovações musicais da última metade do século XX percebemos nitidamente que elas proporcionaram uma sensível revolução no estilo de vida e no comportamento social das pessoas. O rock’n roll no mundo, a Bossa Nova e a Jovem Guarda no Brasil, a guitarra elétrica e o ritmo vibrante; o festival de Woodstock nos EUA e os célebres slogans: “Faça amor, não faça guerra”, “Sexo, drogas e rock and roll” deixaram marcas tão visíveis que podem ser notadas até pelos olhos menos analíticos.

Com vistas ao enobrecimento prometido pelas artes e sentindo os graves problemas advindos dessa mesma manifestação, levanta-se um dilema ao qual este trabalho se propõe a estudar: como situar a música secular entre as fontes provedoras de cultura para o cristão, uma vez que ela pode tão facilmente ser questionada quando utilizada para fins espirituais?

Este estudo se propõe a analisar o relacionamento entre a cultura moderna e o ideal de vida cristã. Como conciliar essas duas vertentes aparentemente opostas? Para tanto, passaremos a uma rápida análise da sociedade contemporânea, ou pós-moderna, e em seguida trataremos do relacionamento entre a cultura, mais especificamente a

¹ HERSKOVITS, Melville J. El hombre y sus obras. México, Fondo de Cultura Económica, 1952. p. 29.



música secular, e a vida do cristão moderno. Afinal de contas, é possível para o cristão viver sem essas influências seculares? É adequado utilizar-se desse tipo de fonte? Se sim; qual é o limite?

1. O PÓS-MODERNISMO E A CULTURA

Quando falamos de cultura pós-moderna, precisamos nos remeter ao contexto da cultura ocidental a partir da década de 1950, época que marcou o início de uma contracultura, que explodiu através do mundo e se disseminou com a rebeldia dos anos 1960. Havia, na verdade, um amadurecimento do mundo de então para uma atitude de ruptura e arrombamento próprio das vanguardas.

Embora muitos especialistas e estudiosos trabalhem sempre reformulando seu próprio conceito de pós-moderno, percebemos que “alguns teóricos (...) definem pós-modernidade como a crise das narrativas mestras, ou seja, dos sistemas totalizantes”.² Dessa forma, há uma pluralidade de conceitos no pós-modernismo. “Pós-moderno não é uma tendência que possa ser delimitada cronologicamente, mas uma categoria espiritual, um modo de operar”.³

De fato, a cultura ocidental, a partir dos anos 50, passou a vivenciar novas formas de pensar e agir. O autor Proença Filho (1995) destaca algumas características desse momento: desenvolvimento da sociedade de consumo, valorização da prevalência do impulso e da espontaneidade sobre a razão, superação crescente da paixão sobre o racionalismo, presença marcante da informação na caracterização da visão de mundo dos indivíduos, desmaterialização do mundo real, que se converte em signo, simulacro, atuação política assumida por grupos setoriais representativos, como as etnias minoritárias e eliminação de fronteiras entre arte erudita e popular.

Partindo desse princípio, resumem-se, consistentemente, as principais características do pós-moderno: “desreferencialização do Real, desmaterialização da

² GUELF, Maria Lúcia Fernandes. Narciso na sala de espelhos. Tese de doutorado. PUC-Rio, 1994, pág. 3.

³ ECO, Umberto. Pós-escrito 'O nome da rosa'. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1985, pág. 55.



Economia, desestetização da Arte, desconstrução da Filosofia, despolitização da Sociedade, dessubstancialização do sujeito”.⁴

Com relação à área social pós-moderna do mundo ocidental, sua caracterização é feita da seguinte forma: “gigantescos monopólios [que] concentram o controle da informação, gerando enormes dificuldades para aqueles que procuram auto-determinação e autonomia política”; entretanto, “um espaço crítico é aberto”⁵ e esse espaço tem um nome e chama-se arte.

É por meio da arte que vêm os questionamentos e releituras de nosso tempo. Em uma sociedade onde até o homem é dessubstancializado, a música torna-se uma voz que se levanta paralelamente aos acontecimentos sociais e políticos, para criticar, repensar, mas principalmente para estabelecer os conceitos pós-modernos. Afinal, a música também é vítima das mesmas características desse momento histórico. Segundo Bloom (1987), a música, especificamente, se tornou o negócio mais lucrativo do capitalismo. Os temas são o sexo, o ódio, e uma versão hipócrita do amor. Visando o lucro, explora-se toda forma de entretenimento sem levar em consideração o crescimento moral, intelectual e físico do homem.

Por outro lado, a pós-modernidade não é culpada pelas mazelas de nosso tempo. O que o pós-modernismo fez foi revelar em fortes cores a degeneração ética de todos os ramos sociais e artísticos iniciada há muito tempo. Esse raciocínio dá origem a uma compreensão mais clara sobre a moralidade que envolve as coisas nesta geração em contraposição às gerações passadas.

Muitos crêem que as condições sociais e as manifestações artísticas do passado proporcionavam um estado mais propício para a estabilidade da vida de um cristão. Entretanto, o que podemos perceber é que hoje nossa sociedade está apenas mais amadurecida, apenas mais distante dos trilhos, à semelhança de um vagão, que desgovernado caminha em direção ao abismo. A manifestação amplificada pelo tempo é que expõe a gravidade do momento.

⁴ SANTOS, Jair Ferrerira dos. O que É Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986, pág. 108.

⁵ GUELF, Maria Lúcia Fernandes. Narciso na sala de espelhos. Tese de doutorado. PUC-Rio, 1994, pág. 10.



Todas as formas de arte estão em decadência e não é seguro dependermos do passado. “Nunca digas: por que foram os dias passados melhores do que estes? Porque nunca com sabedoria isto perguntarias” (Eclesiastes 7:10). Mesmo a música erudita mostrou sinais de degradação e deu origem a muita manifestação pós-moderna, “em 1910, Schoenberg e Stravinski injetam harmonia dissonantes, à primeira audição desagradáveis. É uma arte irracional, emotiva, humanista”.⁶ E isso nos faz crer que nem o popular moderno nem o erudito clássico garantem pobreza ou nobreza moral. Um erudito Bolero de Ravel já exala sensualidade à medida que tem o compasso das relações sexuais.

O fato é que as sociedades pós-modernas, distanciadas do paradigma bíblico-cristão, colocam a identidade do cristão em cheque. Vivendo nesse mundo, facilmente pode-se ter sua identidade oscilando, ou seja, os muitos discursos e o choque de ideologias podem levar o cristão a uma vida de constante ansiedade e dubiedade.

As molduras de referência ou paradigmas sociais se alteraram porque a sociedade é dinâmica. Não haveria problema nisso se essas mudanças não interferissem nos inegociáveis princípios divinos. Sob a ótica da cosmovisão cristã, acreditamos que separado de Deus, o homem não tem onde se apoiar. Se na pós-modernidade só viceja o nada, o vazio, a ausência de valores e sentido para a vida, somos levados a questionar todas as ofertas dessa sociedade e pensamos que nada que ela nos oferece é confiável.

As músicas seculares refletem a verdade de seu tempo, onde “os grandes temas das canções são o sexo, o ódio, e uma versão hipócrita do amor fraternal. Fontes tão poluídas deságuam numa corrente lodosa onde só monstros conseguem nadar”.⁷ Este é um extremo onde quase toda a manifestação artística chegou: literatura, teatro, pintura, poesia, etc. O homem cristão definitivamente não pode confiar nos valores dessa sociedade. O que parecia águas calmas tornou-se um rodado descontrolado.

Vivendo nessa época de grandes armadilhas sociais, o problema que nos afeta é que o mundo da música secular é muito amplo. Ele envolve todas as manifestações

⁶ SANTOS, Jair Ferrerira dos. O que É Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986, pág. 36.

⁷ BLOOM, Allan. O Declínio da Cultura Ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade. 3a ed. São Paulo, Best Seller, 1987, pág. 95.



musicais seculares que englobam o folclore, hinos cívicos, cantigas de ninar, músicas de raiz, country, sertanejo, jazz, erudito clássico, pop, rock, heavy metal, etc.

Nesse mundo encontram-se inúmeros estilos musicais, distribuídos de tal forma que se torna fácil distinguir os extremos, mas quase impossível determinar o limite entre eles. De um lado, os Hinos Pátrios, cantigas de ninar, canções folclóricas, poemas musicados sobre a Natureza, amizade ou amor. Do outro lado, as músicas de conteúdo imoral, violento e agressivo, reconhecidamente inconvenientes e sobejamente analisadas e criticadas, como o rock'n roll, o funk, o rap, etc. A decisão não é difícil. A própria crítica secular esbanja argumentos sobre a inocência de um estilo e a perniciosidade do outro.

Sendo assim, percebe-se que o problema da música secular reside numa questão de escolha; e as escolhas só são seguras sob orientação espiritual. Na impossibilidade de se detectar o perigo, a segurança não está em regras ou orientações entre o certo e o errado, e podemos ser enganados com facilidade se tentarmos buscar a sabedoria por nós mesmos “porque vão é o socorro da parte do homem” (Salmos 108:12). Assim, o problema surge quando temos que fazer escolhas apoiados em opiniões humanas, pois elas podem ser inteligentes, bem intencionadas, mas não devem ser norteadoras da mentalidade cristã.

Ellen G. White, comentando uma música secular que ouviu certa vez, afirmou que a música era boa porque não feria os sentidos.⁸ A questão não é perguntar o que é uma música secular que fere os sentidos ou até onde podemos ir sem ferir os sentidos porque aqueles que querem respostas que lhes satisfaçam o gosto particular encontram embasamento para qualquer tipo de resposta que desejarem. No mundo pós-moderno, a linha divisória entre o aceitável e o não aceitável é tênue e incerta. Só uma sintonia fina espiritual será capaz de promover discernimento.

2.SECULAR VERSUS SACRO?

A música acompanha o ser humano mesmo antes de seu nascimento. Ela está tão interligada à vida que, por se tornar imprescindível, não há ser humano que não sofra

⁸ Carta 6b, págs. 2 e 3 . Escrita ao desembarcar na Nova Zelândia em Fevereiro de 1893.



sua influência. “A vida é som. Continuamente estamos cercados de sons e ruídos oriundos da natureza e das várias formas de vida que ela produz. (...) Todas as crianças, sem exceção, nascem com capacidade musical, voz e ouvido. (...) A própria natureza é que nos dá a música; o que dela fazemos varia conforme o temperamento, a educação, o povo, a raça e a época”.⁹

Da mesma maneira, a música é vital à religião, necessária ao culto e à adoração. “Apresentemo-nos ante a sua face com louvores” (Salmo 95:2). “A música é um dos melhores veículos para manter a memória viva, e o meio mais efetivo para impressionar o coração com a verdade espiritual”.¹⁰ Neste aspecto, encontramos um ponto de ligação entre a música secular e a música sacra pois nota-se que a música faz parte da vida e da adoração. Ademais, cânticos cristãos e algumas canções seculares têm temas comuns. Temas que enaltecem o relacionamento entre os seres humanos, a Natureza e os costumes, e são apresentados em variadas formas, ritmos e estilos.

Com certeza, os pontos em comum não as tornam homogêneas e, por causa disso, de maneira alguma deveria o cristão ter uma postura de acomodação diante de suas fontes de influência. A música secular e a cultura pertencem a esse universo e não devem nortear os princípios comportamentais daquele que busca segurança e autenticidade espiritual nestes tempos. Entretanto, não se pode negar a inevitável relação do homem com sua cultura e nem os pontos comuns existentes entre a cultura e o cristianismo.

Mas, até onde a intimidade entre música secular e cultura é benéfica à vida cristã? O que não é sacro é secular; e a linha divisória entre essas duas formas pode ser muito sutil. Portanto, faz-se necessário explorar um pouco mais o significado da palavra “secular”.

“Secular: Pertencente ao século; profano, leigo, temporal”.¹¹ Pode ser interpretado como toda produção relacionada com a vida, o mundo e os costumes, e que não apresente uma relação direta com a religião. Se entendermos a palavra mundo como

⁹ CLARET, Martin. O Poder da Música. São Paulo, Editora Martin Claret, 1996, pág. 9.

¹⁰ LaRondelle apud HOLMES, Raymond. Lecture for Theology and Ministry of Worship. S. America, 1996, Lecture 8 pág. 11.

¹¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Novo Aurélio Século XXI. São Paulo, Nova Fronteira. 1999.



a cultura dominante, facilmente perceberemos que até mesmo o cristão relaciona-se com os costumes de sua época, posto que ele é influenciado, consciente e inconscientemente, pelas ideologias, filosofias, comportamentos, tradições e molduras de referência de seu tempo e espaço. Ademais, todo homem, em qualquer época, deve ter as suas necessidades sociais básicas atendidas para que consiga sobreviver.

Segundo Graça (1988), além da satisfação das necessidades físicas (comer, abrigar-se, procriar), as sociedades humanas devem oferecer aos indivíduos condições para:

Raciocinar sobre o mundo que os cerca, para entendê-lo – **ciência**; transformar a natureza para utilizá-la; fabricar objetos inexistentes nela – **técnica**; partilhar das decisões de interesse coletivo e da administração dos bens públicos – **política**; atuar dentro de um sistema de produção e de distribuição dos produtos do trabalho – **economia**; escolher e julgar comportamentos dentro dos padrões de “certo” e de “errado” na comunidade – **moral**; jogar, brincar, divertir-se, participar de festas, rituais e atividades esportivas – **lazer**; criar e recriar formas expressivas que, por sua beleza, agradem aos indivíduos – **arte**; participar de crenças e formas de culto – **religião**.¹²

Esse é o conjunto das atividades sociais que transformam um ser humano em um cidadão. Dentre essas atividades destacamos duas que são de especial interesse para este trabalho: Arte e Religião. Ao se relacionar essas duas atividades formadoras da cultura, surge um problema: existe compatibilidade entre a música secular, que é uma das mais populares formas de arte, e a religião, visto que são aparentemente antagônicas em essência?

Segundo esse autor, a religião é um elemento entre os vários componentes da cultura; ela está colocada ao lado da arte, da economia e do lazer. Isso pode parecer correto, mas carrega em si um sério equívoco. A religião, para os cristãos, não é uma atividade social que se soma às demais. Ela é uma atividade superior, da qual procedem todas as outras. “Não podemos, por um momento, separar-nos de Cristo com

¹² GRAÇA, Paulino. Literatura: participação e prazer. São Paulo: FTD, 1988, pág. 11.



segurança. Podemos contar com Sua presença para assistir-nos a cada passo, mas somente observando nós as condições que Ele mesmo estabeleceu. **A religião deve tornar-se o grande negócio da vida, tudo o mais deve ficar subordinado a ela.** Todas as nossas faculdades morais, físicas e espirituais devem empenhar-se na batalha crista”.¹³ (grifo acrescentado).

Se a religião é posta no mesmo nível de importância das outras atividades culturais, a tendência natural é dividir a vida em duas partes, o sacro e o secular, subestimando assim o valor da religião que deve ser soberano.

A Bíblia afirma que embora o povo de Israel muitas vezes tivesse rejeitado a Deus como seu único líder, Deus continuava a dirigir o Seu povo por meio dos profetas, juízes e reis. Este ideal ainda vale para os cristãos de hoje. Numa sociedade teocrática, como a intencionada por Deus, o trabalho, o lazer, a ciência, a moral, a técnica, a formação da família, bem como a arte, fazem parte de uma organização divina e são componentes de um plano superior.

Todas as atividades desenvolvidas pela sociedade israelita, mesmo as atividades que hoje seriam classificadas como seculares, tinham um objetivo divino, uma missão espiritual: alcançar o propósito de Deus para ela. A música tinha o objetivo de louvar a Deus, mesmo quando cantada na guerra. “Aconselhou-se com o povo, e ordenou cantores para o Senhor, que, vestidos de ornamentos sagrados, e marchando à frente do exército, louvassem a Deus, dizendo: Rendei graças ao Senhor, porque a sua misericórdia dura para sempre” (II Crôn. 20:22). Os provérbios de Salomão sempre foram considerados sacros, mesmo aqueles que não mencionam fatos relacionados ao templo ou a Deus. O livro de Ester, na Bíblia, nem sequer menciona o nome de Deus; porém ninguém questiona se essa obra literária é sacra ou não. Isso se deve ao fato de que tanto a ciência quanto as artes eram dimensionadas a louvar o Criador. As técnicas empregadas no trabalho e na guerra eram utilizadas sob a orientação divina. Os juízes que orientavam o povo e o conduzia nos parâmetros do certo ou errado, o faziam sob a moral teocrática. A diferença entre o certo e o errado, moral, era diretamente orientada

¹³ WHITE, Ellen G. Santificação. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1977, pág. 104.



por Deus. Os profetas, juízes e reis desse regime consultavam a Deus em busca de orientação para seus julgamentos e iniciativas pacíficas ou bélicas.

Entretanto, os cristãos do mundo democrático que acreditam ser este o único regime social aceitável, vivem uma vida de constante tensão. Para esses cristãos, no período de domingo a sexta-feira todas as atividades são seculares. As atividades sacras são reservadas do pôr-do-sol na sexta, ao pôr-do-sol no sábado, que é o dia do Senhor (Êxodo 20:8). Essa dicotomia é tão grave que altera toda a compreensão da adoração e do estilo de vida cristã.

Desta forma conclui-se, erradamente, que qualquer dia que não seja o sábado é do homem (secular) e não temos compromisso espiritual nele. Esse raciocínio é a cristalização do que foi ensinado às crianças por muito tempo através de uma singela melodia infantil que diz: “Um, dois, três, quatro, cinco, seis para nós, e o sétimo é pra Cristo”.

A democracia ensina que na vida de cada indivíduo deve haver a separação entre o que é de Deus e o que é do homem. Mas a única verdade é que tudo na vida do cristão deve ser feito para Cristo: o esporte, a ciência, o trabalho, as artes (música), etc. Quanto à análise da música, é certo que a Bíblia afirma que “o sábado é do Senhor teu Deus” (Êxodo 20:10) e “que o Filho do Homem é também Senhor do sábado”, mas deixa claro que “o sábado foi feito para o homem” (Marcos 2:27, 28).

O cristão precisa pôr a Deus em primeiro lugar, mas mesmo a democracia, que é o governo do povo, não permite que Deus ocupe esse espaço. O primeiro lugar na democracia pertence exclusivamente ao povo, mas essa rejeição a Deus é sublimada, permitindo-se que Ele seja cultuado através da religião, hoje relegada ao nível de um elemento a mais entre os vários formadores da cultura. O verdadeiro cristão, porém, embora se submeta ao regime democrático, prioriza os princípios teocráticos que regem sua vida.

Vivendo espiritualmente submisso ao regime teocrático, entende-se que tudo deve ser feito, em qualquer tempo, para louvar a Deus. Mas as boas novas são que, a despeito das mudanças sociais e políticas a que estamos submetidos, ainda podemos viver sob o regime teocrático, como o Israel individual de Deus.



Esse raciocínio nos leva a pensar que enquanto se é guiado pela filosofia de que de domingo a sexta vivemos para nós e no sábado para Deus, seremos inconstantes e incertos quanto à música e adoração propícias. Se não houver esse nível de discernimento, inevitavelmente o cristão se torna absolutamente vulnerável. É o Espírito, que por conhecer todos os caminhos, orienta as escolhas entre o certo e o errado sobre o que ouvir, e não as pesquisas acadêmicas. “O grande repositório da verdade é a Palavra de Deus (...) o livro da experiência no trato de Deus para com a vida humana. (...) Na pesquisa da verdade devem confiar em Deus e não na inteligência dos grandes homens, cuja sabedoria é loucura para Deus”.¹⁴

O problema da música secular na vida do cristão fica resolvido quando ele é guiado pelo Espírito Santo, ou seja, quando ele é submetido à moral, religião, princípios e costumes do regime teocrático. Só assim será possível utilizar a música secular e ainda adorar a Deus. Entretanto, só será possível selecionar, com segurança, a música secular que utilizaremos quando houver o discernimento que só o Espírito Santo pode dar. Esta é uma questão de fé.

Se os pés dos cristãos estão fincados no ambiente social e esse chão se desloca, onde irão eles se apoiar? A resposta é simples: na fé. “O justo viverá pela fé” (Romanos 1:17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realidade pós-moderna, ninguém vive isento das influências da sua e de várias outras culturas. Até mesmo aqueles que têm um estilo de vida baseado em uma filosofia que conteste os padrões vigentes, como é o caso dos cristãos, não podem viver isoladamente.

Entretanto, esse mundo moderno descartou a Deus, e tudo o que ele produz e oferece aos seus cidadãos pertence unicamente a este século, ou seja, é secular. Sendo assim, o problema não está na contemporaneidade da música secular, mas em se expor ingenuamente à influência das artes, modernas ou antigas, clássicas ou populares, em

¹⁴ WHITE, Ellen G. Parábolas de Jesus. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1976, pág. 125.



detrimento do fortalecimento espiritual. E essa proteção que vem de uma vida de fé só é possível quando, individualmente, o cristão assume um estilo de vida teocrático. Se não for assim, as questões que são próprias deste mundo, ou seja, o dinheiro, a globalização, o poder, a luta de classes, o sexo, os entretenimentos em todas as suas formas, a mídia, as propagandas, o consumismo, a violência e todas as demais forças pós-modernas alterarão o seu comportamento e aniquilarão sua pureza espiritual.

A maioria dos trabalhos científicos relacionados com esse tema analisa os meandros da música e seus percalços objetivamente; porém nenhum deles apresenta soluções absolutamente cristãs, baseadas na fé. Eles põem às claras os problemas técnicos do rock da música erudita burguesa, porém, deixam de enfatizar Cristo como a única alternativa capaz de orientar o caminho.

Outros analisam os estilos de música secular colocando-os como os vilões do cristianismo, porém não revelam que quando Deus não ocupa o primeiro lugar em sua vida, outro deus o preencherá: ou o rock, ou a Nova Era, ou o secularismo em todas as suas formas. O fato é que o vazio que o cristão negligencia em preencher com a espiritualidade, o nosso século cuidará em preencher com qualquer outro conteúdo.

Muitas pessoas estão perdidas em meio a águas pouco ou muito poluídas, mas venenosas o suficiente para matar a espiritualidade de todo aquele que se afasta da verdadeira Fonte segura. Talvez isso ocorra porque falar do Espírito como alternativa para solucionar problemas não seja uma atitude muito acadêmica para o nosso tempo.

O discurso de que o cristão precisa, portanto, não é o resultado da própria inteligência humana contra as artimanhas do secularismo, essa é uma concorrência desleal. O que o cristão necessita, de fato, é dar espaço ao Espírito Santo para esclarecer suas questões e exercer a fé.

A grande verdade é que, agora, não é hora de impor nossas idéias liberais ou conservadoras, nem de usar o academismo ou o poder para preencher uma lacuna que só pode ser preenchida com o Espírito. A Bíblia ressalta: “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5).



Uma vez que dependemos deste mundo e não podemos sair dele, temos que considerar mais uma vez a oração de Jesus: “Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal”, pois isso nos prova que a despeito de nos relacionarmos inevitavelmente com questões deste século, temos a esperança de sermos guardados do mal e o dever, como afirma Paulo, de não nos conformarmos com ele: “Não vos conformeis com este século” (João 17: 15 e Romanos 12:1).

É significativo analisar as fontes que nos influenciam, mas só o Espírito nos libertará de sua influência degenerativa. A Bíblia pode não ter objetivamente todas as respostas, mas ela nos coloca em contato com Aquele que as tem.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALALEONA, Domingos. História da Música: desde a antiguidade até nossos dias. São Paulo: Ricordi Brasileira, 5a Ed. 1953.

ANDRADE, Mário de. Pequena História da Música. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1987.

ANDRADE, Mário de. Pequena História da Música. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1987.

BLOOM, Allan. O Declínio da Cultura Ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade. 3a ed. São Paulo, Best Seller, 1987.

CLARET, Martin. O Poder da Música. São Paulo, Editora Martin Claret, 1996.

ECO, Umberto. Pós-escrito 'O nome da rosa'. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1985, pág. 55.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Novo Aurélio Século XXI. São Paulo, Nova Fronteira. 1999.

FILHO, Domício Proença. Pós-modernismo e literatura. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

GÓES, Fred de. Gilberto Gil: literatura comentada. São Paulo, Abril, 1982.

GRAÇA, Paulino. Literatura: participação e prazer. São Paulo: FTD, 1988.

GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. Narciso na sala de espelhos. Tese de doutorado. PUC-Rio, 1994, pág. 3.



HAMBLIN, Madlyn Lewis, HAUS, Cari. Toxic Trends: are these fatal delusions controlling you life? Idaho. Pacific Press, 1996.

HERSKOVITS, Melville J. El hombre y sus obras. México, Fondo de Cultura Económica, 1952.

LaRondelle apud HOLMES, Raymond. Lecture for Theology and Ministry of Worship. S. America, 1996, Lecture 8.

SANTOS, Jair Ferrerira dos. O que É Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986.

WHITE, Ellen G. Santificação. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1977.

WHITE, Ellen G. Parábolas de Jesus. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1976, p. 125.

ARTIGOS

OSÍRIS E HÓRUS: PROTÓTIPOS DO JESUS DA FÉ?

Renato Groger

Pastor e Jornalista. Diretor da Imprensa
Universitária Adventista (UNASPRESS)

Professor de Ética Cristã no Centro Universitário
Adventista de São Paulo (UNASP) - Campus Engenheiro Coelho-SP.

renato.groger@unasp.edu.br

Resumo: O presente artigo analisa a proposição de que a narrativa da vida de Jesus Cristo apresentada no Novo Testamento consiste numa transposição detalhada do mito egípcio dos deuses Osíris e Hórus, conseqüentemente não podendo ser caracterizada como verdade histórica. Inicialmente, o autor descreve e comenta o que é possível se conhecer acerca do mito de Osíris-Hórus principalmente a partir das fontes originais hieroglíficas e pictográficas. Em seguida, examina os principais argumentos utilizados pelos defensores da idéia de um “Jesus mítico” derivado dos relatos religiosos do antigo Egito. O objetivo central do trabalho é o de verificar a plausibilidade de tais argumentos, analisando se realmente são válidos como prova de que o Jesus dos Evangelhos é, na verdade, um mito.

Palavras-chave: Osíris; Hórus; Protótipos; Jesus; Fé.

Osiris and Horus: Prototype of the Jesus of Faith?

Abstract: The present article analyses the proposition that the narrative of the life of Jesus in the New Testament is a detailed transposition of the Egyptian myth about the



gods Osiris and Horus. Hence, it cannot be taken as a historical reality. In a first step, the author describes what can be known about the Osiris-Horus' myth mainly from the original Hieroglyph and pictorial sources, and comments upon it. Then, he examines the major arguments proposed by the supporters of the idea of the "myth Jesus" derived from ancient Egyptian religious material. The major goal of the present research is to verify the plausibility of these arguments, and to investigate if they have any value as proof that the Jesus of the Gospel is, in reality, a myth.

Keywords: Osiris; Horus; Prototype; Jesus; Faith.

Introdução

Em junho de 2007 foi lançado no serviço Google Vídeo da Internet um documentário independente denominado *Zeitgeist*,¹ produzido pelo diretor norte-americano Peter Joseph. Devido ao seu conteúdo agressivo, polêmico e intrigante, tornou-se, em poucos meses, um fenômeno de audiência (8 milhões de acessos somente até novembro daquele ano).

O filme se divide em duas partes, a primeira das quais foi ironicamente intitulada "The Greatest Story Ever Told" ("A Maior História Já Contada"), em referência a uma das mais célebres obras cinematográficas sobre a história de Jesus Cristo. Nessa seção o diretor trabalha a idéia de que o Jesus divino da fé cristã é um híbrido literário, astrológico e mitológico. De acordo com o filme, a biografia de Jesus nos evangelhos canônicos teria sido construída a partir da junção de aspectos variados de uma grande

¹ *Zeitgeist* é um termo alemão cuja tradução em português é "espírito de época" ou "espírito do tempo". O *Zeitgeist* significa, em suma, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo (*Wikipedia*, enciclopédia virtual, acessada em 18/11/2008, ver verbete "zeitgeist").



quantidade de lendas da antigüidade. A tese do autor é a de que o culto a Jesus faz parte de um estratagema especificamente forjado nos primeiros séculos da era cristã pelas autoridades seculares e religiosas com o intuito de sujeitar e explorar os povos.

O presente artigo pretende explorar um dos mais importantes mitos relacionados pelo documentário *Zeitgeist* como prototípicos da história de Jesus descrita nos evangelhos: a lenda egípcia dos deuses Osiris e Hórus. A primeira parte do trabalho contém uma tentativa de reconstrução do mito egípcio a partir das fontes originais hieroglíficas e pictóricas disponíveis na atualidade pelo esforço de arqueólogos e egiptólogos. Também são aproveitadas observações de diversos autores especializados em mitologia egípcia.

Traçado o resumo do mito de Osiris-Hórus em seus aspectos mais importantes, o artigo investiga, na seqüência, os principais argumentos utilizados na defesa de que a história do Jesus adorado pelos cristãos deriva da narrativa egípcia, cujos registros são vários séculos mais antigos do que os evangelhos. A análise pretende levantar o que existe de plausível nessas colocações e o que pode ser descartado a partir da comparação dos aspectos de uma narrativa com os da outra. O objetivo final é o de verificar se os argumentos são válidos como prova de que o Jesus dos evangelhos é, na verdade, um mito.

O principal expoente dentre os autores que advogam a tese do “Cristo mítico” com base no estudo do mito de Osiris-Hórus, é o egiptologista inglês Gerald Massey,²

² Gerald Massey (1828-1907) é o nome mais freqüentemente citado como fonte pelos autores que defendem a narrativa bíblica da vida de Jesus como sendo o mito de Hórus recontado. Em sua obra *Ancient Egypt, Light of the World* (Whitefish, Montana: Kessinger



cujos argumentos foram publicados, pela primeira vez, no final do século 19. Três obras suas são citadas como fontes para o documentário *Zeitgeist*.³ Outros estudiosos que igualmente se opõem à veracidade histórica do Jesus da fé devido à suposta derivação da narrativa egípcia também foram pesquisados para este artigo,⁴ mas como suas colocações praticamente transcrevem o material produzido de antemão por Massey, a análise tomou como objeto majoritariamente a obra deste último autor.

O tema é, sem dúvida, importante para os dias de hoje. O cristianismo é a maior religião do planeta em número de adeptos. Sua legitimação depende da total veracidade dos eventos da vida de Jesus Cristo narrados nos evangelhos, tornando-se óbvias as implicações de uma desconstrução da unidade narrativa evangélica que revele a história bíblica como não passando de expressão mítica. Diante da acusação feita contra o cristianismo como sendo um instrumento de controle e coação das massas usado pelos poderes políticos e eclesiásticos, torna-se em extremo relevante verificar se a história que serve de base àquela religião é verossímil e merece confiança.

Uma tentativa de reconstrução do mito de Osíris-Hórus

Publishing, 1990), um exaustivo estudo da religião egípcia com mais de 900 páginas – republicado até os dias de hoje –, o autor traça diversos paralelos entre Jesus e Hórus.

³ No website oficial do filme, <http://www.zeitgeistmovie.com/sources.htm>, são listadas, além de *Ancient Egypt, Light of the World*, as seguintes obras de Massey: *The Historical Jesus and the Mythical Christ* (New York: Cosimo Classics, 2006) e *Egyptian Book of the Dead and the Mysteries of Amenta* (Mineola, NY: Dover Publications, s.d.).

⁴ Além do material de Gerald Massey, as obras pesquisadas foram as seguintes: Acharya S, *The Christ Conspiracy: The Great Story Ever Sold* (Kempton: Adventures Unlimited Press, 1999); Joseph Campbell, *O Poder do Mito* (São Paulo: Palas Athena, 1990); Edward Carpenter, *Pagan and Christian Creeds: Their Origin and Meaning* (San Diego: Book Tree Publishing, 1998); Tom Harpur, *The Pagan Christ* (New York: Walker & Company, 2005) e John G. Jackson, *Christianity Before Christ* (Austin: American Atheist Press, 1985). Massey apresenta o estudo mais exaustivo.



O culto funerário do deus Osíris, no qual o deus Hórus e outras divindades do panteão egípcio tomam parte relevante, ganhou enorme preponderância no Egito a partir da fase histórica denominada de Médio Império (2160-1580 a.C.). Ele enfatiza dois dos elementos mais especialmente focados pela religiosidade humana: a ressurreição e o juízo pós-morte.

Antes que se esboce aqui o mito em questão, será extremamente útil para o propósito deste trabalho esclarecer que a literatura religiosa do antigo Egito foi trazida à luz de forma bastante fragmentária pelas descobertas arqueológicas, e, portanto, não apresenta uma conveniente sistematização das narrativas mitológicas desenvolvidas nessa região em passado tão distante, que remonta a milhares de anos antes de Cristo. Em não poucos casos, do estudo e comparação dos textos encontrados nos papiros, paredes, colunas e objetos extrai-se significação enigmática ou mesmo algum grau de contradição entre as informações. Para uma idéia dessa dificuldade, observe-se os seguintes comentários:

Os *Textos da Pirâmide* exprimem quase exclusivamente as concepções relativas ao destino do rei depois da morte. Apesar do esforço dos teólogos, a doutrina não está perfeitamente sistematizada. Descobre-se uma certa oposição entre concepções paralelas e, por vezes, antagônicas.⁵

⁵ Mircea Eliade, *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, tomo 1, vol. 1 (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983), 120. Os *Textos da Pirâmide* são uma coleção de textos egípcios religiosos da época do Antigo Império que constituem os mais antigos escritos sagrados de que se tem notícia no mundo. Os *Textos da Pirâmide* eram reservados exclusivamente ao faraó e não continham ilustrações. As magias ou cânticos presentes nessa coleção objetivavam proteger o faraó contra a corrupção, preservando seu corpo após a morte e ajudando-o a alcançar o paraíso.



As grandes composições religiosas, tais como o *Livro dos Mortos*, chegaram até nós num triste estado e estão cheias de enigmas; a sua fraseologia oca, as suas metáforas extravagantes, os seus jogos etimológicos se chocam, quando não são ininteligíveis ou destituídos de sentido. ... Muitas figuras divinas foram transformadas pela mitologia até ficarem irreconhecíveis.⁶

Tal situação por si já constitui uma barreira colossal à tentativa de encontrar uma contrapartida no mito egípcio de Osíris-Hórus para os diversos detalhes da vida de Jesus. Destacado esse ponto, passa-se agora à recuperação do mito egípcio em suas linhas gerais.

Osíris e Hórus eram, em princípio, adorados como divindades solares. Há vários exemplos de representação desses deuses tanto identificados com o disco solar, quanto levando o disco solar sobre a cabeça.⁷ Além disso, freqüentemente esses deuses são tomados um pelo outro.⁸

⁶ Chantepie de La Saussaye, *História das Religiões* (Lisboa: Editorial Inquerito, 1940), 106. O *Livro dos Mortos* era uma coletânea de feitiços, fórmulas mágicas, orações, hinos e litânias escritos em rolos de papiro que eram depositados ao lado das múmias nos túmulos. O objetivo desses escritos era o de ajudar o falecido em sua viagem pelo mundo subterrâneo até o paraíso chamado *Duat*.

⁷ Veja, por exemplo, um fragmento do texto da seção 126 do *Livro dos Mortos* com respeito a Hórus: “Honra a vós, oh deuses, de corpos isentos de maldade, que vivis de justiça e de verdade e vos nutris delas na presença do deus Hórus, que habita *em seu divino disco*” (Juan A. G. Larraya, trad., *El Libro de los Muertos* [Barcelona: José Janés Editor, 1953], 203, grifo acrescentado). Cumpre colocar que a tradução do *Livro dos Mortos* utilizada como fonte neste artigo foi produzida por Larraya a partir do material da chamada Terceira Recensão (ou Recensão Tebana), que se apresenta na forma de papiros que estiveram em uso da 18ª à 20ª dinastia. Esses papiros apresentam grande número de vinhetas ilustrativas com as cenas de juízo. Na realidade, na raiz desses mitos encontra-se o fascínio humano pelos eventos naturais. Assim, Osíris representa em sua morte o sol se pondo, enquanto que o filho Hórus, que lhe assume trono, representa o sol nascente.

⁸ Note a forma como se estabelece ora a identidade, ora a relação filial entre Rá e Osíris na seção 21 do *Livro dos Mortos*: “Ontem és Osíris, amanhã és Rá, ... no dia em que



A narrativa do mito osiriano pode ser reconstituída apenas de forma fragmentária a partir das fontes antigas, principalmente dos textos e imagens do chamado *Livro dos Mortos*. Esses textos apresentam Osíris como sendo previamente mortal e tendo sido assassinado pelo seu invejoso irmão, o deus Set.⁹ Ísis é a esposa sofredora que localiza o corpo sem vida do marido e coabita com ele por meio de feitiçaria, concebendo uma criança: o deus Hórus.¹⁰ Esse filho é criado pela deusa longe das vistas de Set, em um lugar secreto entre os pântanos de papiro do delta do Nilo.

Novo ato do drama tem início quando Set, descobrindo o esconderijo, aprisiona mãe e filho em uma casa, da qual ambos escapam ajudados pelo deus Tot. Em sua fuga, são protegidos por sete escorpiões, um dos quais pica seu filho, que vem a morrer.

comemoramos o festival do encontro do defunto Osíris com seu pai Rá. ... És Osíris, ou como outros dizem, Rá é seu nome” (ibid., 49).

⁹ As representações do deus Osíris exibem-no como “o deus-defunto redivivo”, geralmente com o corpo envolto nas bandagens e em posição estática, ao contrário dos outros deuses, que aparecem caminhando ou realizando outros atos. Observe a seguinte passagem da seção 51 do *Livro dos Mortos*: “Oh, tu que não podes te mover [referindo-se aqui ao defunto que se apresenta diante do tribunal divino], semelhantemente a Osíris. ... Oh, tu, cujos membros não se movem, como os de Osíris” (Larraya, *El libro de los Muertos*, 98). Uma tradição importante registra que Set encontra o corpo de Osíris e o esquarteja em 14 partes, as quais, com exceção do membro viril, são localizadas e sepultadas por Ísis (Pepi 2, linha 1.867).

¹⁰ O mais completo relato antigo da concepção do deus Hórus foi decifrado por E. Wallis Budge no início do século 20 a partir dos hieróglifos da Estela de Amenmose (Museu do Louvre, Paris, C286). O texto integral da estela foi originalmente publicado pelo especialista em 1912, na obra *Legends of the Gods*, e se encontra reproduzido no site da web <http://www.sacred-texts.com/egy/leg/leg22.htm> (acessado em 20/09/2008). A versão é corroborada por certas passagens dos *Textos da Pirâmide*. Veja, por exemplo, Pepi 1, linha 475, e Pepi 2, linha 1.263, onde se lê, respectivamente: “Tua irmã mais velha [de Osíris] tomou teu corpo em seus braços, ... e o estreitou ao peito quando o achou jazendo sobre a planície de Netat”, e “Tua irmã Ísis veio a ti rejubilando de amor por ti. Tu te uniste a ela, tua semente entrou nela. Ela concebeu na forma da estrela Sótis, que é Hórus, o filho que vingou seu pai” (<http://www.sacred-texts.com/egy/pyt/index.htm>, acessado em 20/09/2008).



Então ela e sua irmã Néftis clamam a ajuda do deus Rá, o qual envia Tot com palavras mágicas que restauram Hórus à vida e à saúde.¹¹

Interessante como possa parecer, a lenda da ressurreição de Hórus é um episódio periférico em relação ao ponto central do mito: a ressurreição de Osíris.¹² Certos autores sugerem que a força de apelo do mito está na crença de que Osíris fora inicialmente um ser humano (o rei do Egito, conforme a exposição de Plutarco)¹³ que foi morto de

¹¹ A lenda da ressurreição de Hórus se encontra especialmente preservada entre os encantamentos da Estela Matternich, hoje exposta no Metropolitan Museum of Art, de Nova York. Uma boa tradução, com comentário de E. Wallis Budge, pode ser encontrada no site <http://www.sacred-texts.com/egy/leg/leg11.htm>.

¹² As alusões à participação de Hórus e Ísis na ressurreição de Osíris são esparsas, difíceis de reconstituir. Nas paredes do grande templo da deusa Hátor, em Dendera (Egito), podem-se observar cenas em que Osíris aparece ora levantando-se na presença de Hórus (http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Osiris_Horus_Dendera_Temple.jpg, acessado em 26/09/2008); ora na de Hórus e Ísis (http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Denderah_Isis_resuscite_Osiris.jpg). Segundo os *Textos da Pirâmide*, Hórus encontra-o num estado de torpor inconsciente e consegue reanimá-lo: “Osíris, olha! Osíris, escuta! Levanta-te! Ressuscita!” (Pepi 1, linha 258) e “Osíris! Tu partiste, mas retornaste; adormeceste, mas foste despertado: morreste, mas de novo vives” (Pepi 2, linha 1.004).

¹³ Plutarco, tendo vivido entre a segunda metade do primeiro século e início do segundo, é considerado um dos principais representantes da última fase da literatura grega antiga. A partir de um período passado no Egito, o escritor produziu um tratado sobre a religião egípcia denominado *De Iside et Osiride*, o qual é a única tentativa antiga de sistematização do culto osiriano, e, por isso mesmo, extremamente prestigiado entre os egiptólogos. Em resumo, o texto de Plutarco relata que Osíris nasce de um relacionamento adúltero entre a deusa Nut (esposa de Rá, o comandante de todos os deuses) e Seb, o deus da terra. Seus irmãos gêmeos são Hórus (chamado “o ancião”, não devendo ser confundido com o Hórus filho de Ísis), Set, Néftis e Ísis, sendo esta última deusa sua consorte já desde o ventre materno. Osíris é considerado o primeiro governante do Egito, o responsável pelas primeiras leis e início do processo de civilização do país. No entanto, seu irmão Set (a encarnação do mal), inveja-lhe a posição eminente e prepara para ele uma ardilosa armadilha. Durante um banquete em honra de Osíris, o rei é preso em um sarcófago, que é lacrado e atirado no Nilo. Set, então assume o trono real e a rainha Ísis se torna uma fugitiva do reino, passando a procurar o amado por toda a parte. Depois de algum tempo, Ísis consegue resgatar o corpo de Osíris, mas enquanto a deusa está ocupada em buscar seu filho Hórus, que havia deixado sob os cuidados do deus Tot, Set o descobre e o desmembra em 14 partes, que são espalhadas por diferentes lugares da terra. Navegando em um barco de papiro, a sofredora Ísis encontra os pedaços e os sepulta cada um em seu próprio lugar. A narrativa conclui com o espírito de Osíris retornando do além (o mundo inferior, chamado Duat), onde fora entronizado como rei dos mortos, e aparecendo em sonhos ao filho já adulto. Seu objetivo



maneira vil, mas ressuscitou para ser o senhor supremo do mundo inferior, o grande juiz dos mortos.

Uma tradição sobre a ressurreição de Osíris informa que seu corpo foi reconstituído por Ísis, Hórus e Anúbis,¹⁴ agindo sob instruções do deus Tot:

Boa porção de cerimônias mágicas parecem ter sido introduzidas no processo, as quais, por sua vez, passaram a ser utilizadas pelos sacerdotes no caso de todo egípcio morto em conexão com o embalsamamento e sepultamento do morto na esperança da ressurreição. Osíris, entretanto, foi reputado como a causa principal da ressurreição humana, sendo ele capaz de conferir vida após a morte por havê-la alcançado.¹⁵

Com relação ao retorno de Osíris à vida, é notável a ênfase dada ao respeito filial de Hórus pela memória do pai assassinado, atitude cuja lembrança conquistou muita honra entre os egípcios. Saussaye informa que foi Hórus quem fixou os detalhes da

era o de encorajá-lo e treiná-lo para a batalha de vingança contra Set, a qual é vencida por Hórus. Set, num desesperado esforço, ainda tenta acusar Hórus diante dos deuses, qualificando-o como filho ilegítimo, mas aqueles não lhe dão crédito (esse resumo foi elaborado com base na tradução para o inglês feita por Frank Cole Babbitt [1937] a partir do original grego da obra *De Iside et Osiride*, obtida na webpage http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Moralia/Isis_and_Osiris*/home.html [acessada em 08/09/ 2008], sendo que a narrativa do mito de Osíris se encontra especialmente nos primeiros 19 capítulos do texto). Lewis Spence (*Ancient Egyptian Myths and Legends* [Mineola, NY: Dover Publications, s.d.], 4) afirma que, apesar de seu valor inequívoco, *De Iside et Osiride* é obra comparativamente tardia e, portanto, não pode ser tomada como autoridade incontestável.

¹⁴ A narrativa de Plutarco (veja nota 13) conta que Anúbis era filho de Osíris com sua irmã Néftis, a qual o deus amou pensando tratar-se de Ísis. Temendo a perseguição de Set, a mãe escondeu a criança, mas Ísis a encontrou com a ajuda de cães, e a criou como seu assistente e guardião. Era representado com a cabeça de chacal e tido como protetor dos deuses.

¹⁵ Spence, *Ancient Egyptian Myths and Legends*, 79. A esse respeito veja a seção 153 do *Livro dos Mortos*: “Honra a ti, oh Osíris, meu divino pai! Embalsama meus membros para que eu não pereça nem venha a extinguir-me. ... Honra a ti, oh Osíris, meu divino pai, que conserva teu ser com teus membros. Não decaíste, não te converteste em bichos, não foste à corrupção ou à podridão. ... meus membros gozarão de perdurável existência. Não decairei, não me corromperei, não apodrecerei, nem me converterei em bichos. Não verei a decomposição na presença do deus” (Larraya, trad., *El Libro de los Muertos*, 268-269).



mumificação¹⁶ do deus, estabelecendo o padrão para todo filho egípcio piedoso. A esse respeito, ele foi considerado o “ajudador dos mortos” (tal como havia sido o auxiliador de Osíris), e tido como o mediador entre eles e os juízes do Duat. Assim, os seres humanos passaram a ansiar pela assistência de Hórus após a morte como guia ao mundo inferior, e também por sua atuação como mediador no juízo a favor deles.¹⁷

Após a ressurreição de Osíris, ocorre uma batalha entre Hórus e Set pelo trono do falecido rei.¹⁸ Essa batalha é vencida por Hórus, que então desce à terra dos mortos para dar a Osíris a boa notícia de sua coroação como legítimo sucessor do pai.¹⁹

¹⁶ A mumificação, conforme elucida Saussaye (*História das Religiões*, 132), não é uma inovação da doutrina osiriana, sendo praticada no Egito desde a mais alta antiguidade. Está relacionada com as noções primitivas da alma, mas foi explicada pela doutrina osiriana. Uma vez que o morto foi preparado à maneira de Osíris, revive como Osíris. Sendo assim, os ritos funerários difundidos a partir do Médio Império têm, indubitavelmente, sua origem na doutrina osiriana: o fim da viagem, para o defunto, é o reino de Osíris.

¹⁷ E. A. Wallis Budge, *The Gods of the Egyptians*, vol. 1 (Mineola, NY: Dover Publications, s.d.), 490. De acordo com as vinhetas pintadas nos papiros que compõem o *Livro dos Mortos* (Larraya, trad., *El Libro de los Muertos*, xvi e xvii), enquanto o deus Anúbis tinha sob sua responsabilidade pesar na divina balança o coração do falecido diante do tribunal presidido por Osíris, Hórus era quem o conduzia pela mão até diante do trono do governador do Duat (veja reprodução de algumas dessas ilustrações no site <http://www.answers.com/topic/horus>, acessado em 12/10/2008). Ali, Hórus proclamava a integridade do falecido diante de Osíris e suplicava que a divindade o aceitasse e “lhe proporcionasse um corpo espiritual, imortal e incorruptível, ou, em outras palavras, que o transformasse em um ‘Osíris’”. Aceita a sua demanda, o falecido podia com inteira liberdade usufruir de sua vida após a morte.

¹⁸ O papiro Chester Beatty I, conservado na Biblioteca Chester Beatty, em Dublin, contém uma detalhada narrativa datada do 12º século a.C. acerca da contenda entre esses dois deuses pelo trono de Osíris, na qual são apresentadas as cenas do julgamento do caso pelos deuses. Uma boa tradução dos hieróglifos desse material para o inglês aparece em William Kelly Simpson (ed.), *The Literature of Ancient Egypt* (New Haven: Yale University Press, 1972), disponível na webpage http://www.nefertiti.iwebland.com/texts/horus_and_seth.htm (acessada em 12/10/2008). O documento, no entanto, não destaca tanto a questão da vingança (como o faz, por exemplo, o *Livro dos Mortos*), mas a do direito ao trono. Além disso, deve ser observado o fato de que Set é considerado ora tio, ora irmão de Hórus no texto, o que sugere uma mescla de lendas diferentes. A vitória de Hórus é descrita em certos trechos do *Livro dos Mortos*. Observe o capítulo 140: “Sou Hórus ... Ninguém tem autoridade sobre ele, potente é o seu olho contra seus inimigos; vingou seu imortal pai, destruiu a inundação de sua mãe, derrotou seus adversários, apagou a violência ... Sou vigoroso pela força que me protege, sou



Finalmente, há um aspecto bastante interessante em relação à morte de Osíris e a vitória de Hórus sobre as forças do mal, encarnadas em Set. A história de Osíris e Hórus era reencenada em cada processo de morte e sucessão do rei no trono do Egito. No entanto, Osíris progressivamente tornou-se o modelo exemplar não somente para os soberanos, mas também para cada indivíduo. Seguindo o seu exemplo, os falecidos conseguem transformar-se em “almas”, ou seja, em seres espirituais perfeitamente integrados.²⁰

Análise da comparação de Jesus com Osíris-Hórus

Traçado um esboço geral do mito de Osíris-Hórus em seus aspectos mais importantes, passa-se agora à menção e análise dos principais argumentos pelos quais diversos autores têm proposto que a narrativa encontrada nos evangelhos acerca de Jesus Cristo deve ser encarada como uma recuperação posterior do mito egípcio.

filho de Osíris e meu pai divino escuda seu corpo com poder e robustez” (Larraya, trad., *El Libro de los Muertos*, 232); o capítulo 162: “Salve, Osíris; sou teu filho. Venho trazendo aferrolhados os diabos de Set” (ibid., 305); e, finalmente, o capítulo 92: “Hórus se converteu em príncipe divino da Barca do Sol e a ele foi entregue o trono de seu pai Osíris, e Set, essa criatura de Nut, encontra-se prostrado pelas cadeias que para mim havia forjado” (ibid., 153).

¹⁹ Segundo Jack Finegan (*Myth and Mystery* [Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1989], 49), a partir daqui o mito se divide em duas variantes, uma das quais mostra Hórus e Set passando a governar partes diferentes do país (Hórus, o baixo Egito, e Set, o alto Egito). Na outra, Set é banido para o deserto e Hórus governa sozinho. Já no papiro Chester Beatty I (citado na nota acima), a narrativa da batalha entre Hórus e Set termina com o deus Rá, o chefe supremo do panteão egípcio, fazendo um pedido muito peculiar à Enéade (a assembléia dos deuses): “Permiti que Set, filho de Nut, me seja dado para que habite comigo e esteja em minha companhia como um filho. Ele tornará ao céu e será temido.” Os *Textos da Pirâmide* apresentam outra versão do término do conflito: os deuses condenam Set, convertido numa barca, a carregar o corpo inanimado de Osíris pelas águas do rio Nilo (Pepi I, linha 626-27, 651-52 etc.). De acordo com Eliade, “Set não pode ser definitivamente eliminado, pois também encarna [à semelhança dos outros deuses] uma força irreduzível” (Eliade, *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, 123).

²⁰ Eliade, *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, 125.



Para S. Brandon, “em termos de fenomenologia das religiões, Osíris é uma prefiguração de Cristo como deus morto e ressuscitado, e como salvador, embora sua morte não fosse interpretada em sentido soteriológico”.²¹ De acordo com esse argumento, retomando o mito do deus Osíris – que passou pelo estágio humano,²² foi morto de maneira violenta e ressuscitou, passando a ser o juiz-salvador da humanidade –, os evangelhos também apresentariam um deus-homem (Jesus Cristo) que morre de forma chocante e ressurge para ser juiz-salvador do mundo.

Seria incorreto negar a existência de certa semelhança. No entanto, alguns contrastes em detalhes fundamentais de ambas as histórias são irreconciliáveis:

1) No mito egípcio, Osíris é filho de uma divindade inferior, Geb (o deus da terra), amante de Nut, que é a esposa infiel de Rá, o chefe supremo dos deuses. Outros quatro irmãos gêmeos são com ele gestados – Ísis, Néftis, “Hórus, o ancião”, e Set, sendo que Ísis é a consorte de Osíris desde o ventre materno. De Osíris e Ísis nasce o deus “Hórus, o filho”, enquanto o deus Anúbis nasce de um relacionamento extra-conjugal de Osíris com sua irmã Néftis.²³ Esse complicado emaranhado politeísta no

²¹ S. Brandon, *Diccionario de Religiones Comparadas* (Madri: Ediciones Cristandad, 1975), 1118.

²² Larraya sustenta no prefácio de sua tradução do *Livro dos Mortos* que Rá e os outros autênticos personagens divinos se acham cercados dos atributos de eternidade, majestade, glória e poder. Esses traços distintivos confeririam a eles um distanciamento incomensurável dos seres “efêmeros” (humanos, mortais), que lhes estariam prestando uma temerosa adoração por conhecerem seus atributos, mas não a sua essência. Osíris, ao contrário, “está bem próximo ao homem e ao humano. Desde épocas primitivas é pessoal, acessível, cognoscível, inclinado a comover-se ante as ardentes súplicas dos mortais que aspiram à vida eterna. É uma divindade intermediária e compreensiva devido à sua experiência mortal” (Larraya, *El Libro de los Muertos*, xi).

²³ Os eventos são postos em ordem por Plutarco em seu *De Iside et Osiride* (<http://penelope>).



qual Osiris se encontra envolvido, bem como a marcante atribuição aos deuses de caracteres naturalistas²⁴ e de paixões humanas inferiores – especialmente do sexo adúltero e incestuoso – destoa radicalmente da singularidade exclusivista e da moralidade de Cristo nos evangelhos. Ele é descrito como Deus, junto com Deus-Pai (João 1:1-3),²⁵ e, em sua encarnação, como o único de sua espécie (do grego *monoguenês*, cf. João 3:16). Quanto a Ele não há referência a consortes ou descendentes, pois sua encarnação se deu pelo propósito específico da redenção do mundo (João 3:17). Sua ética conjugal exclui a possibilidade do adultério como algo tolerável entre os homens (Mateus 19), do que se deduz que tal prática é incompatível com a divindade.

2) O Osiris “humano” antes do assassinato é identificado com o primeiro faraó do Egito, responsável pela organização do reino temporal. Mas Jesus Cristo, em sua encarnação, nasce e é criado no modesto ambiente de uma família judaica pobre. Em

uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Moralia/Isis_and_Osiris*/home.html, acessada em 08/09/ 2008).

²⁴ Veja, por exemplo, no capítulo 21 do *Livro dos Mortos*: “Osiris, como outros dizem, é o falo de Rá, com o qual ele se uniu a si mesmo”. A atribuição de traços naturalistas aos deuses por vezes chega às raias da mais absoluta sordidez. Um detalhe totalmente estranho à maneira como a Bíblia aborda a figura divina de Jesus, pode ser lido, por exemplo, no texto egípcio do já citado Papiro Chester Beatty I (http://www.nefertiti.iwebland.com/texts/horus_and_seth.htm). Em determinado ponto da contenda entre Hórus e Set pelo trono de Osiris, Set enganosamente propõe a paz com Hórus. Após uma festa, aproveitando-se do sono pesado do filho de Osiris, Set aproxima-se sorrateiramente e tenta ejetar entre as suas coxas, mas, acordando a tempo, Hórus colhe o sêmen em suas mãos. Consternada com o ocorrido, Ísis corta as mãos de Hórus e lhe fabrica outras novas. Em seguida, a deusa aplica determinado unguento sobre o membro do filho, provocando-lhe a ereção e colhendo seu sêmen em um jarro. O material, então, é misturado pela deusa em segredo à comida de Set, que acaba por engoli-lo.

²⁵ A tríade representada pela família Osiris-Ísis-Hórus do politeísmo egípcio, frequentemente mencionada em certos círculos como argumento comprobatório do equívoco da doutrina cristã da trindade, não pode ser comparada à relação de co-existência, onisciência, onipresença e onipotência igualmente partilhada pelas pessoas do Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo, que compõem a divindade monoteísta triúna caracterizada nas páginas do Novo Testamento.



nenhum momento de sua vida e ministério terrestres Ele reivindica para si trono temporal, uma vez que seu reino não estaria neste mundo, sendo de outra natureza (João 18:36).

3) A mais importante diferença entre Osíris e Jesus Cristo diz respeito à missão soteriológica de cada um. Não há espaço para a doutrina da expiação do pecado no culto egípcio, enquanto ela é o ponto central da religião judaico-cristã. Osíris é enganado e assassinado por seu irmão Set, ao passo que Jesus Cristo é senhor de sua morte, conhecendo-a de antemão e voluntariamente rumando em direção a ela. Osíris é salvador da humanidade apenas no sentido da sua ressurreição, que abre precedente para as demais ressurreições; relativamente à sua fase humana não há referência a qualquer missão redentiva, e, ao tornar-se o grande juiz dos mortos no mundo inferior, outros deuses é que defendem a alma do defunto perante ele. Por outro lado, a salvação provida por Cristo é bem mais ampla: Ele sela sua posição como salvador do mundo por ocasião da consumação de sua morte, a qual substitui a humanidade culpada no castigo pelos pecados, apagando-os (1 Coríntios 15:3); pela graça de Deus os seres humanos que confessam seus pecados e aceitam o sacrifício expiatório de Cristo são tornados justos e, por ocasião do juízo, poderão comparecer irrepreensíveis perante a divindade (1 João 1:9); a obra salvífica de Jesus prossegue no Céu após a sua ressurreição, onde Ele realiza um ministério intercessor a favor dos pecadores com base ainda no seu sacrifício (Hebreus 7:25). No culto osiriano, por outro lado, sem o benefício da



expição, o falecido simplesmente tem suas obras pesadas numa balança diante de Osíris pelo deus Anúbis.²⁶

4) Decorrendo da questão exposta acima, emerge uma quarta divergência: no *Livro dos Mortos* não existe uma única linha que permita supor a possibilidade de a alma vir a se perder por ocasião do juízo.²⁷ No Novo Testamento, ao contrário, a previsão de perdição eterna para os que não aceitarem o plano divino é constante e incisiva (Mateus 25:31-46; Marcos 16:16; 2 Tessalonicenses 1:7-9).

Outro argumento diretamente relacionado a Osíris vem do professor de mitologia comparada Joseph Campbell, e é, para dizer o mínimo, indigno do renome desse especialista. Sempre tomando como base o texto de Plutarco (*De Iside et Osiride*), o autor sugere que a transformação de Ísis em andorinha – quando esta sobrevoa com lamentações a árvore que envolve o sarcófago com o corpo de Osíris recém descoberto – constitui uma antecipação da imagem do Espírito Santo descendo, corporificado numa pomba, sobre Jesus no seu batismo.²⁸ O fundamento para tal analogia é por demais frágil.

Não é apenas com Osíris que Jesus Cristo é comparado. Muitas colocações que vinculam a narrativa evangélica à religião egípcia se centralizam na figura de “Hórus, o

²⁶ Essa forma egípcia de entender o juízo universal pode ter, de alguma forma, migrado para as religiões de outras nações do mundo antigo e alcançado, assim, o sistema doutrinário católico romano medieval, que também preservava a idéia da balança de Deus pesando as ações dos homens. Uma redescoberta dos ensinamentos do Novo Testamento quanto à expiação dos pecados e da disposição da graça de Deus só ocorreu no cristianismo durante o período da Reforma Protestante, no século 16.

²⁷ Saussaye, *História das Religiões*, 136, e Larraya, *El Libro de los Muertos*, xvii.

²⁸ Joseph Campbell, *O Poder do Mito* (São Paulo: Palas Athena, 1990), 194.



filho”. Antes de abordá-los será proveitoso considerar uma observação mencionada pelo erudito ateu John G. Jackson, destacado defensor da idéia do “Cristo mítico”:

Em linhas gerais, o deus-sol Hórus pode ser distinguido de seu homônimo, o filho de Osíris, pela posse de certos títulos que variam de acordo com as províncias ou cidades nas quais ele era adorado. Com o passar do tempo, cada uma das diferentes formas do deus-sol Hórus, diferenciada das outras por um distinto epíteto, veio a ser considerada como uma divindade independente, e freqüentemente encontramos muitas divindades duplicadas sendo adoradas contemporaneamente, como se elas não tivessem relação uma com a outra, em períodos posteriores da história do Egito.²⁹

A consideração acima leva à conclusão de que a recuperação na atualidade do mito original de Hórus, dada a diversidade de formas (com suas características peculiares) desse deus adoradas pelos egípcios ao longo dos séculos, é tarefa complicadíssima que não pode ser satisfeita senão de modo imperfeito.³⁰ Feita essa ressalva, continua-se a análise.

Para começar, Campbell afirma que a figura de Maria como mãe da criança salvadora já era encontrada na história de Ísis e Hórus. “O antigo modelo para a Madona, na verdade, é Ísis amamentando Hórus”,³¹ diz o especialista em mitologia

²⁹ James G. Frazer, *The Worship of Nature* (Nova York: University Books), 566-567, citado por John G. Jackson, *Christianity Before Christ* (Texas: American Atheist Press, 1985), 113.

³⁰ Compare com as notas 5 e 6. Saussaye acrescenta que o mito de Hórus “tornou-se irreconhecível. ... os textos abundam em contradições e absurdos que, examinados superficialmente, podem passar por profunda sabedoria” (Saussaye, *História das Religiões*, 139). Em seu trabalho de decifração dos textos antigos, o egiptólogo e orientalista Sir Ernest A. Wallis Budge (1857-1934) descobriu pelo menos 13 formas diferentes do deus Hórus, a sua maior parte representada com cabeça de falcão (Budge, *The Gods of the Egyptians*, 466-499).³⁰

³¹ *Ibid.*, 192.



comparada. Tal afirmação merece crédito, pelo menos em parte. É fato arqueologicamente comprovado que o culto à deusa Ísis foi incorporado à religião romana e sobreviveu até o início da oficialização do cristianismo por Constantino, no quarto século d.C., havendo templos dedicados à deusa Ísis em cidades como Roma e Pompéia. Quando o culto a Maria, fundado em premissas extra-bíblicas, começou a estabelecer-se em definitivo na igreja cristã do início da Idade Média,³² ele acabou por incorporar certos elementos do culto de Ísis e de outras deusas, e, de certa forma, passou mesmo a identificar-se com esses cultos.³³ Dessa forma, não é extraordinário que as esculturas medievais da virgem Maria amamentando o menino Jesus guardem grande

³² Os evangelhos não fazem nenhuma previsão para este culto. Eles apresentam Maria como sendo uma mulher agraciada com um dom maravilhoso do Céu (ser a mãe do Messias predito nas profecias do Antigo Testamento), constituindo apenas o veículo humano amorosa e honrosamente utilizado por Deus para a introdução da pessoa divina do Filho no mundo como um homem. O próprio Jesus Cristo procurou desfazer os equívocos quanto à sua filiação, não deixando espaço para a hipótese de Maria manter em referência a Ele qualquer espécie de relação diferente da de qualquer outro ser humano pecador necessitado da salvação por Ele estendida (veja, por exemplo, as passagens de Lucas 2:39-49 e Marcos 3:31-35). Paulo escreveu que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3:23) e que “há *um* só Deus e *um* só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1 Timóteo 2:5). A adoração a Maria como figura divina é completamente estranha ao cristianismo do período imediatamente posterior à morte de Jesus Cristo. Isto se evidencia, em primeiro lugar, da leitura do livro de Atos dos Apóstolos e das cartas apostólicas anexadas ao cânon do Novo Testamento, e, em segundo lugar, da apreciação da própria história do cristianismo. Foi apenas em 431 d.C., por ocasião do Concílio de Éfeso, que se começou a configurar oficialmente tal culto, com base no dogma da maternidade divina de Maria, pelo qual a igreja conferiu à mãe de Jesus a prerrogativa de intercessora dos crentes. Posteriormente, o segundo Concílio de Constantinopla (553 d.C.) introduziu o dogma da virgindade perpétua. Para maiores detalhes quanto à evolução histórica dos dogmas referentes a Maria, ver José M. Rocha, “O culto a Maria: uma criação do papado” em *Parousia*, ano 4, nº 1 (Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2005), 53-62.

³³ Campbell menciona que por ocasião do Concílio de Éfeso (431 d.C.), um grande grupo de adoradores da deusa Diana, para cujo culto fora erigido um dos templos mais famosos da antigüidade, aglomerou-se em torno do local de reunião, e pôs-se a gritar, em reverência a Maria: “A deusa, a deusa, certamente ela é a deusa!” (Campbell, *O Poder do Mito*, 195).



semelhança com as esculturas de Ísis amamentando seu filho Hórus.³⁴ No entanto, esse sincretismo tardio não pode ser usado como evidência de que a história do nascimento de Jesus é uma repetição modificada da história do nascimento de Hórus, já que a adoração a Maria é uma prática estranha à Bíblia. Quanto à identificação de Maria com Ísis com base no fato de haver engravidado de Deus, três aspectos enfraquecem significativamente o argumento: 1) a diferença brutal entre a forma como aconteceu a concepção em cada uma das narrativas;³⁵ 2) o fato de que Maria dos evangelhos é a humilde serva humana que aceita passivamente uma determinação divina, enquanto Ísis é uma poderosa deusa que deliberadamente coabita com um deus em estado de passividade; e 3) Maria é uma virgem ainda não desposada, enquanto Ísis é a esposa que já vivia maritalmente com seu esposo divino antes que Set o matasse.

Considera-se, a partir de agora, os principais pontos abordados na comparação do evangelho com o mito osiriano feita por Gerald Massey, ferrenho promotor da tese de que o culto a Jesus Cristo é uma continuação da religião solar egípcia. Um dos primeiros argumentos que figuram em *Ancient Egypt, Light of the World* dirige a atenção para a iconografia cristã primitiva e medieval, que consagrou as imagens de Jesus (e, evidentemente, de Maria e dos diversos outros santos) com o halo redondo de luz sobre a cabeça, o que seria uma reminiscência do disco solar sobre a cabeça de Rá e Hórus.³⁶ Há grande probabilidade de o argumento, como no caso anterior, ser

³⁴ Ver um exemplo de escultura de Ísis amamentando Hórus em <http://www.artgallery.sa.gov.au/MediaCentreEgyptLouvre2007/MediaImagesEgypt.html> (avaliado em 16/11/2008).

³⁵ Ver resumo do mito osiriano exposto anteriormente.

³⁶ Gerald Massey, *Ancient Egypt, Light of the World*, 218-219.



procedente,³⁷ mas apenas em relação à religião cristã desenvolvida a partir do século quarto, não à dos tempos apostólicos. Pode-se assegurar documentalmente que Constantino cristianizou o Império Romano por meio da fusão da religião de Cristo com o culto aos deuses tradicionalmente venerados pelo povo. Dessa forma, à semelhança do que ocorreu no caso de Maria, o culto à divindade solar foi perpetuado no império através da adoração a Jesus Cristo.³⁸ Uma vez que a cultura religiosa romana havia assimilado elementos do culto egípcio, não é difícil admitir que alguns desses elementos, quando efetuada a mescla com o cristianismo, tenham realmente sido transferidos à pessoa divina de Cristo. Mas vale ressaltar uma vez mais: tal sincretismo, muito posterior ao relato dos evangelhos, não pode ser usado como argumento comprometedor da veracidade histórica da narrativa da vida de Jesus.

Alguns raciocínios de Massey são tão complicados – e, por vezes, inusitados –, que se tornam difíceis de acompanhar. Por exemplo, ele assegura que a palavra grega

³⁷ Não é possível provar de forma cabal que a auréola de luz da iconografia cristã é realmente o mesmo disco solar ligado aos deuses da mitologia egípcia. Essa afirmação está no campo das hipóteses.

³⁸ Veja, por exemplo, o seguinte trecho da lei dominical editada por Constantino em 7 de março de 321 d.C: “Que os magistrados e o povo que reside nas cidades descansem no venerável Dia do Sol, e que todas as portas sejam fechadas. No campo, porém, que as pessoas ocupadas na agricultura possam livre e legalmente continuar suas atividades; porque amiúde sucede que nenhum outro dia é mais adequado para a sementeira do cereal ou para o cultivo de vinhas; para que não seja perdido pela negligência o momento oportuno para tais operações que é concedido pela munificência do Céu” (Codex Justinianus, iii, Tit. 12.3, citado por Kenneth Strand, “Como o domingo tornou-se o popular dia de culto” em *Parousia*, ano 4, vol. 1 [Engenheiro Coelho: Unasp, 2005], 68). Essa lei foi o primeiro grande passo para a completa substituição do descanso no sétimo dia legado pela Bíblia e pelos primeiros apóstolos, pela obrigatoriedade da guarda do domingo na igreja cristã. Para mais detalhes quanto à introdução do culto solar no cristianismo, ver Carlyle Haynes, *Do Sábado para o Domingo* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 34-52.



Cristós (“ungido”) deriva de uma antiga palavra egípcia para múmia, *krst*.³⁹ Sua pretensão é a de que o ritual do embalsamamento e mumificação, que encontra no mito do deus-defunto Osíris seu grande modelo e protótipo, é repetido simbolicamente na unção de Jesus em duas ocasiões: em seu batismo e, mais especialmente, no episódio da unção em Betânia (Marcos 14:1-9), no qual o próprio Cristo afirma que Maria Madalena o havia unção para a sua sepultura (v. 8). Massey acredita que, assim como a mumificação (processo no qual se utilizava grande quantidade de óleos aromáticos) prenunciava no mito egípcio a ressurreição luminosa de Osíris como rei-juiz e a inauguração do ministério de guia e intercessão de Hórus, igualmente na história “mítica” de Jesus sua unção abre para Ele o caminho para uma nova e luminosa fase divina a partir da ressurreição.

Em primeiro lugar, cumpre esclarecer que a palavra *Cristós* é o termo grego utilizado como sinônimo para a palavra hebraica *Mashiah* (“Messias, ungido”), que, em diversas passagens do Antigo Testamento, refere-se à pessoa de Cristo com séculos de antecipação.⁴⁰ Mesmo que se pudesse comprovar de forma cabal (e não é) uma derivação etimológica do termo grego a partir da palavra egípcia, isso não seria evidência comprometedor do evangelho, pois *Cristós* é apenas o sinônimo para a palavra hebraica mais antiga. Em segundo lugar, o autor parece tentar encaixar de forma

³⁹ Massey, *Ancient Egypt*, 217. O escritor menciona uma pintura gnóstica dos primeiros séculos da era cristã nas catacumbas de Roma (que não pôde ser localizada pelo autor deste artigo), na qual o menino Jesus é representado envolto em bandagens, como uma múmia, repousando em uma espécie de sarcófago e tendo o halo redondo de luz sobre a cabeça.

⁴⁰ A esse respeito é relevante salientar que a história de Jesus narrada nos Evangelhos pode ser encontrada, em seus detalhes mais importantes, espalhada nos diversos trechos do Antigo Testamento. A data de elaboração desses textos sagrados hebraicos, após a descoberta dos chamados *Manuscritos do Mar Morto*, entre 1946 e 1956, pôde ser fixada com segurança em séculos antes de Cristo.



um tanto forçada os detalhes da narrativa dos evangelhos no ritual de mumificação de Osíris.⁴¹ Entretanto, ambos os episódios citados por Massey possuem nos evangelhos significação toda particular, e as delicadas nuances envolvidas em cada um deles⁴² reduzem sensivelmente a possibilidade de que derivem do mito da unção da múmia osiriana.

Outro ponto em que Massey insiste repetidamente é o de que Hórus no mito aparece em dois estágios de idade, infante e adulto, sem que haja qualquer menção do que ocorreu no período transcorrido entre esses estágios. “Era um mistério genuinamente egípcio o de um menino que, aos 12 anos de idade transforma-se, de repente, em um adulto de 30”, afirma o egiptólogo, tentando estabelecer um vínculo com o fato de a Bíblia silenciar quanto aos eventos transcorridos durante os anos da juventude e início da maturidade de Jesus.⁴³ Como ele pode saber, entretanto, que o Hórus do mito tinha exatamente 12 anos quando foi restaurado à vida (o último evento mencionado antes que ele apareça como o vingador de seu pai) e 30 quando de sua batalha contra Set? Aparentemente, o autor está apenas especulando ao explorar de modo forçado uma coincidência que parece secundária.

⁴¹ Ele chega a defender que o deus Anúbis é o protótipo da personagem de João Batista (Massey, *Ancient Egypt*, 219-220). Ele articula um raciocínio muito difícil de ser provado a partir dos textos egípcios originais, que é o seguinte: Anúbis é o precursor de Hórus na medida em que realiza o ritual da unção da múmia de Osíris. Por meio desse ritual Hórus estaria sendo confirmando como o “filho amado de Osíris”, tendo agora o direito de substituir o pai no trono. E tal como acontece com João Batista em relação a Jesus no texto dos evangelhos, Anúbis retira-se humildemente, após realizar sua missão, para que seja de Hórus toda a glória. Segundo Massey, Anúbis permanece sempre em uma zona intermediária, auxiliando o morto em sua passagem para o paraíso, mas nunca entrando no infável lugar. Essa comparação é gratuita e improvável.

⁴² No episódio de Maria, por exemplo, existe uma importante ênfase no ato do ser humano em resposta a um maravilhoso amor concretizado no perdão divino.

⁴³ Massey, *Ancient Egypt*, 226. A essa altura, o autor sustenta de forma mirabolante que Maria procurando pelo menino Jesus aos 12 anos (Lucas 2) corresponde a Ísis procurando os pedaços de seu esposo destroçado por Set, uma vez que a morte de Osíris exige que a criança-Hórus passe o quanto antes a “cuidar dos negócios” de seu Pai (Ibid., 796, cf. Lucas 2:49).



Também se afigura como pura especulação a denúncia feita por Massey de que a história de Jesus é um híbrido literário onde teriam sido enxertados certos aspectos da astrologia egípcia, à qual o mito osiriano se encontrava amalgamado.⁴⁴ Para o autor, a escolha do número 12 para quantificar os discípulos que acompanharam Jesus em seu ministério indica uma clara referência dos escritores dos evangelhos aos signos do zodíaco egípcio. Massey afirma que Hórus, como o deus solar, é a figura central do esquema astrológico, funcionando como um “professor”⁴⁵ dos outros deuses. Suas considerações podem ser sintetizadas no seguinte trecho:

Nós queremos, então, mostrar que os típicos 12, chamados apóstolos ou discípulos, numa linguagem mais antiga, originaram-se de 12 personagens que representavam doze poderes estelares na mitologia astronômica, aos quais foram dados tronos para serem governantes em 12 signos do zodíaco ou no céu. Estes são designados como os 12 preservadores ou salvadores do tesouro da luz. Eles formam o ciclo de 12 deuses menores em torno do deus-sol no cume do monte.⁴⁶

A fragilidade da argumentação astrológica acima descrita é flagrante, uma vez que o aparecimento do horóscopo é tardio no Egito. Foi apenas no período dos Ptolomeus (323 a 31 a.C.) que os egípcios adotaram o esquema astrológico do zodíaco babilônico, e isto pela via indireta grega.⁴⁷ É impossível indicar com exatidão – e isto o próprio

⁴⁴ Ibid., 780-785.

⁴⁵ O autor não menciona as fontes nas quais baseia essa idéia acerca de Hórus.

⁴⁶ Massey, *Ancient Egypt*, 785. Quanto à sentença final do trecho reproduzido, cumpre informar que o autor alega que o episódio da transfiguração de Jesus Cristo (Mateus 17) nada mais é do que “o brilho solar adquirido pelo deus Hórus após descer ao paraíso para assumir o trono de seu pai, Osíris” (Ibid., 780).

⁴⁷ *Wikipedia*, enciclopédia virtual, acessada em 17/11/2008, ver verbete “egyptian astrology”, baseado em Derek e Julia Parker, *The New Compleat Astrologer* (Nova York: Crescent Books, 1990)



Massey reconhece – os deuses do panteão egípcio que compunham o zodíaco, pois os vestígios arqueológicos apontam em diversas direções. Assim, ora temos Hórus incluído na lista, ora fora dela. Rá está presente em algumas representações, em outras não. A lista sugestiva de Massey exclui Tot, que, no entanto, aparece em diversos círculos zodiacais.⁴⁸ Não se pode afirmar com segurança, portanto, que o Jesus dos evangelhos é o Hórus solar do zodíaco egípcio.

Diversos argumentos na obra de Massey não podem ser levados a sério, tão desprovidos estão de fundamento sensato.⁴⁹ Uma última colocação do autor, no entanto, merece ser explorada: com base no mito osiriano recontado por Plutarco, o autor defende que assim como a morte de Osíris é precedida pela traição executada por alguém muito próximo a ele (seu irmão gêmeo Set), também a morte de Jesus é precedida nos evangelhos pela traição perpetrada por alguém muito próximo (seu discípulo Judas).⁵⁰ Ainda de acordo com ele, ambos os traidores desejam auferir vantagem de seu reprovável ato, e, em ambas as narrativas, a traição acontece em meio a um banquete, que é a “última ceia”.⁵¹ Não se pode negar que haja similaridades, como

⁴⁸ Uma procura simples por imagens do zodíaco egípcio em um site de busca na Internet pode comprová-lo.

⁴⁹ Alguns desses argumentos já foram expostos. Aqui estão relacionados outros, apenas para uma idéia: 1) Jesus expulsando os cambistas do templo, após a sua unção como filho amado no batismo, é Hórus combatendo os inimigos de Osíris e confirmando, assim, seus direitos como filho divino (Massey, *Ancient Egypt*, 798); 2) Jesus ressuscitando a Lázaro, que sai do sepulcro envolto em faixas, é Hórus levantando a múmia osiriana em sua ressurreição (ibid., 842); 3) O Espírito Santo corporificado em pomba por ocasião do batismo de Jesus representa o deus Rá, pai de Osíris, em sua forma de falcão com o disco solar sobre a cabeça (ibidem) e, neste caso, a trindade Pai-Filho-Espírito Santo seria um espelho da tríade Rá-Osiris-Hórus do panteão egípcio.

⁵⁰ Ibid., 868.

⁵¹ Para Massey, o corpo partido de Cristo representado pelo partir do pão na ordenança neotestamentária da Ceia do Senhor perpetua a antiga cerimônia egípcia da “refeição sagrada”



também não se deve ignorar a probabilidade de tais semelhanças constituírem meras coincidências, e não necessariamente impliquem numa recontagem da história anterior. De qualquer modo, existem diferenças marcantes nesse caso: 1) Set trama e executa a morte de Osíris, enquanto Judas trai seu mestre sem vistas à sua morte; 2) no mito egípcio não há em Set, ao ocupar o trono do irmão morto, o mínimo traço de consciência pesada, enquanto a história do remorso e suicídio de Judas é um evento importante nos evangelhos; e 3) o banquete dos deuses referido por Plutarco, na medida em que é uma ocasião de lazer festivo regado a muita bebida embriagante, parece diametralmente oposto à singela, restrita e reverente ceia pascal que antecede a prisão de Jesus, cujo significado espiritual é um aspecto vital no Novo Testamento.

Conclusão

A comparação da história de Jesus narrada nos evangelhos com a história de Osíris-Hórus destacada na religião do Egito, permite concluir o seguinte: as tentativas de atribuir ao relato neotestamentário a condição de transposição literária do antigo mito egípcio simplesmente não se sustentam.

Em primeiro lugar, o mito egípcio tal como era conhecido na época do Antigo Império não se deixa recompor senão de modo muito fragmentário e cheio de lacunas. Diferentes tradições do mito desenvolveram-se paralelamente e sabe-se que, ao longo dos séculos, o mito sofreu alterações que muito provavelmente devem ter contribuído

tomada sobre o sarcófago de Osíris, o qual teve o seu corpo também partido para que os seres humanos pudessem ter a vida eterna (ibid., 221). Não há explicitação de fonte pesquisável no livro de Massey quanto a essa “refeição sagrada”, e o autor do presente artigo, em pesquisa particular, também não localizou nenhuma.



para descaracterizar sensivelmente a história original. O único relato contendo uma sistematização do mito provindo da antiguidade é uma obra tardia do primeiro século d.C.

Em segundo lugar, muitos dos argumentos utilizados pelos advogados da idéia do “Jesus Mítico” concentram-se em aspectos de uma fase da religião cristã em que os princípios bíblicos sofreram um processo de mescla com elementos da cultura religiosa do Império Romano, à qual, por sua vez, já se haviam amalgamado diversos aspectos cultuais de outras nações, inclusive a egípcia. Nesse caso, a presença de certos detalhes da religião egípcia misturadas ao culto cristão após o quarto século não servem de argumento válido contra a veracidade histórica da narrativa da vida de Jesus segundo aparece nos evangelhos.

Finalmente, a análise das comparações específicas dos eventos narrados no Novo Testamento com o mito egípcio de Osiris-Hórus revela muita especulação e conclusões mal fundamentadas por parte dos defensores da tese do “Jesus mítico”. Gerald Massey, que, mais de um século após a sua morte, continua sendo o grande expoente desse grupo, traçou paralelos tão forçados, que chegam a ser absurdos. Quando algumas das semelhanças por ele apontadas realmente procedem em relação a um evento ou doutrina, tem-se, ao mesmo tempo, diversos outros aspectos tão completamente diferentes, que relegam aquelas similaridades ao terreno das coincidências. Além disso, dentro da bibliografia pesquisada para este artigo, uma leitura das obras que apresentam o Jesus divino do cristianismo como derivando do mito osiriano (desde Massey no século 19, até, por exemplo, Tom Harpur, que ainda vive nos dias atuais), revela uma



característica marcante em todas elas: a quase total ausência de referências às fontes documentais originais.

Sendo assim, o presente estudo permite concluir que a veracidade histórica dos eventos narrados nos quatro evangelhos do Novo Testamento acerca da vida de Jesus Cristo, adorado como Deus pelos cristãos durante os últimos 2 mil anos de história, não pode ser contraditada com base na comparação entre esses eventos e a mitologia egípcia.

ARTIGOS

O SEXO PRÉ-MARITAL NA VISÃO SECULAR

Marina Garner

Estudante de Teologia, UNASP
Centro Universitário Adventista de São Paulo,
Campus Engenheiro Coelho, SP
marina.garner@gmail.com

Resumo: O presente artigo aborda a problemática da aceitação na sociedade secular, não-religiosa, da prática do sexo pré-marital. No debate religioso, a questão é colocado muitas vezes sob o foco da visão bíblica e eclesiástica desse assunto; pouca atenção é dada, no entanto, aos estudos políticos e sociais do problema e suas implicações para a sociedade como um todo. Neste artigo, procuramos verificar as outras abordagens da questão e analisar as razões por elas apresentadas.

Palavras-chave: sexo pré-marital; sociedade secular; Bíblia.

Pre-Marital Sex in the Secular Optic

Abstract: The present article approaches the problem of the acceptance of pre-marital sex by the secular, non-religious, society. In the religious debate of the issue, the emphasis has usually being set on the biblical and ecclesiastic optics of the matter; little attention, however, has being given to political and sociological studies of the subject and its implications to society as a whole. This article searches to verify these latter approaches of the issue and to analyze their reasoning.

Keywords: Pre-marital Sex; Secular Society; Bible.



Introdução

Estamos sofrendo, no século XXI, algo que os especialistas gostam de chamar de “A revolução do sexo” que se estima haver começado pelo ano de 1945, quando a descoberta da penicilina e a pílula anticoncepcional removeram três das piores conseqüências da promiscuidade: infecção, detecção e concepção.¹ Esta revolução abrange uma série de questões da ética sexual como: responsabilidade parental, divórcio simples, legalização do aborto, liberalidade da homossexualidade, permissão da pornografia e sexo extra-marital / pré-marital.

Esta revolução, segundo J. Rinzema, se desenvolveu passando por três fases específicas: a fase anti-sexo (fim do século XIX e início do século XX, onde existe uma hostilidade muito grande em relação a qualquer assunto envolvendo a sexualidade, moralidade tradicional: anti-divórcio, anti-métodos concepcionais, anti-sexo pré-marital), a fase pró-sexo (encorajamento do relacionamento saudável entre casais casados e sexo é apoiado permanecendo com a moralidade tradicional), a fase revolucionista (defesa da moralidade tradicional, porém com atualizações. Os discriminados devem lutar pelo respeito, existe exceção para tudo: homossexualismo, divórcio, métodos anticoncepcionais) e a fase revolucionária (todas as formas de sexo são incentivadas, os casados ou não casados, homossexuais e heterossexuais devem buscar o prazer, rejeição da moralidade tradicional).²

¹ Feinberg, Johns S. e Paul D. *Ethics for a Brave NewWorld*. (Wheaton, IL: Crossway Books), p. 150.

² Rizema, J. *The Sexual Revolution*. (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company), p. 17, 18.



O mundo, de acordo com estas informações, como consequência dessa revolução, passou de uma visão negativa para uma posição positiva; da supressão de discussão séria para o encorajamento ao estudo e investigação; de um controle estrito e rígido da expressão sexual para a atitude tolerante e permissiva.³

O presente artigo abordará somente um desses aspectos da revolução sexual, porém com a visão extra-religiosa. A ética do sexo pré-marital entre solteiros é abordada em sua grande maioria pelas comunidades religiosas com uma visão bíblica para a sua condenação, porém pouca atenção se dá aos efeitos extra-religiosos deste ato, que também corroborariam com a base bíblica para ela. Esperamos neste artigo clarificar estas questões tão importantes para a apologética da ética cristã.

Perspectiva mundana

A U.S. News & World Report incluiu uma reportagem especial em ética na sua edição de 9 de Dezembro de 1985 com a pergunta “É errado que uma mulher e um homem tenham relações sexuais antes do casamento?”. Trinta e seis por cento disseram que era errado, mas 61% disseram que era moralmente aceitável. Com os jovens, esse número subiu para 78% aprovando. Cada ano que passa, esses números aumentam consideravelmente e os jovens não-cristãos muito raramente encontram algo de errado no sexo pré-marital.

³ Mace, David R. *The Christian Response to the Sexual REvolution*. (Nashville, NY: Abingdon Press), p. 68.



Os dados de uma pesquisa feita por Lawrence B. Finer, no ano de 2002, indicam que aos 20 anos de idade, 77% dos entrevistados tinham tido relações sexuais. Já 75% tinham praticado sexo pré-matrimonial e 12% tinham casado. Pela idade, 44,95% dos entrevistados (94% mulheres, 96% homens e 97% daqueles que nunca tinham tido sexo) tinham praticado sexo pré-marital. Mesmo dentre aqueles que haviam se absterido até a idade de 20 anos, 81% havia tido sexo pré-marital até a idade de 44. Entre aquelas mulheres completando 15 anos entre 1964 e 1993, pelo menos 91% havia tido sexo pré-marital até a idade de 30 anos. Entre aquelas completando 15 anos entre 1954 e 1963, 82% tinham tido sexo pré-marital até os 44 anos.⁴

No pensamento contemporâneo, três visões a respeito do sexo pré-marital são significantes e merecem a nossa atenção:⁵

a) A visão do impulso natural

Esta visão defende que o sexo é um impulso ou instinto humano e natural. Agora que os contraceptivos estão muito acessíveis e confiáveis, o sexo deve ser visto puramente como uma experiência física prazerosa. O desejo sexual não precisa necessariamente ser limitado a um único companheiro nem ser acompanhado de sentimentos amorosos. Estes acreditam que você não precisa carregar qualquer fardo de culpa moral a menos que você use um parceiro de modo forçado. A livre expressão

⁴ Site oficial do Public Health Reports, Disponível em:

<http://www.publichealthreports.org/userfiles/122_1/12_PHR122-1_73-78.pdf>. Acesso em 23 de Abril 2007.

⁵ Rizema, p. 17,18



sexual é saudável e deve existir enquanto que a repressão do desejo sexual é danosa e pode resultar em uma variedade de neuroses, até mesmo a insanidade.

b) A visão da afeição

Esta nova visão moral tem surgido nos últimos vinte e cinco anos. Varia de forma sutil da primeira visão no fato de que os apoiadores vêem o casamento positivamente. A liberdade sexual é louvável, mas não é um fim em si mesmo. Deve, portanto, ser guiado por um ideal de intimidade sendo que esta intimidade não é o mesmo que amor, e sim, um sentimento que duas pessoas podem ter um pelo outro durante uma noite, por um ano ou por uma vida inteira. Intimidade não é algo que você planeja, simplesmente acontece. Os que sustentam esta idéia ficam juntos, dormem juntos, moram juntos e, se o relacionamento der certo, ratificam seu relacionamento através do casamento.

O direito à intimidade é criado por compatibilidade, não aliança.

Compatibilidade não é primariamente compatibilidade sexual, mas afinidade em personalidade e psicologia. Compatibilidade simplesmente “acontece” e um dia a pessoa pode perceber que já não é compatível com o companheiro(a) devido à mudança de personalidade e, nessa ocasião, o divórcio é moralmente correto, ou pelo menos, não é errado.

c) A visão da abstinência

Esta é a visão mais conservadora. Tem sido freqüentemente justificada pelas Escrituras. Nem todos, porém, que advogam esta posição o fazem com base na



revelação divina. Existem aqueles que a justificam com base em um interesse utilitário na maximização da felicidade humana. Segundo eles, alguns comportamentos sexuais são essenciais para a manutenção do senso de comunidade e, em retorno, para a felicidade humana.

Argumenta-se a favor desta visão e conseqüentemente contra as anteriores, que o ato sexual envolve uma pessoa como um todo, unindo física e psicologicamente dois indivíduos em uma forma única, portanto; enquanto que o sexo pode trazer gratificação a dois parceiros descompromissados, em pelo menos alguns casos esse prazer é trivial. Além disso, limitar o sexo ao casamento encoraja indivíduos a se casarem e se manterem casados. O desenvolvimento de uma família sólida desenvolve uma sociedade estável e, conseqüentemente, felicidade humana.

Outro argumento a favor é o fato de que em um casamento onde os dois parceiros são absolutamente fiéis um ao outro, a probabilidade de se contagiar com alguma doença sexualmente transmissível é quase não-existente. Uma lista curta de DST's que ameaçam aqueles que praticam o sexo pré-marital é gonorréia, sífilis, herpes genital, tricomoníase, Cancróide, AIDS, entre outros.⁶ Falta de controle das DST's levam milhares de mulheres a desenvolverem infecções secundárias na região pélvica, o que leva a uma porcentagem alta de infertilidade. Se essas mulheres ficarem grávidas, ela pode passar esta doença ou cegueira causada pela doença para o seu bebê.⁷ Os

⁶ Site do Pre-Marital Sex Institute, *Information*. Disponível em:
<<http://www.premaritalsex.info/std.html>>. Acesso em 23 de Abril 2007.

⁷ Site oficial do All About World View Organization, *Sex Before Marriage*. Disponível em
<<http://www.allaboutworldview.org/sex-before-marriage-faq.htm>>. Acesso em 23 de Abril 2007.



jovens podem ajudar a prevenir a propagação dessas doenças debilitantes, incuráveis e algumas vezes fatais, preservando-se para seus cônjuges no casamento.

Finalmente, enquanto que a abstinência não elimina inteiramente o problema de gravidez indesejada, a reduz grandemente. Um número muito grande de problemas sociais surge com gravidez indesejada como o número crescente de famílias de pais solteiros, o aumento da pobreza, traumas familiares que ocorrem principalmente nas crianças, marginalização e um número alarmante de abortos. Vale informar que mulheres jovens que são sexualmente ativas antes do casamento são as que fazem a maior parte dos abortos.

Providências Governamentais

Na última década, um número cada vez maior de advogados, doações e esforços programáticos tem focado em encorajar americanos em se abster de relações sexuais até o casamento. A The Personal Responsibility and Work Opportunity Reconciliation Act (PRWORE) autorizou em 1996 a provisão de \$50 milhões anualmente em fundações federais para educação abstinência-até-casamento. Programas fundados sob tal ato devem ensinar que “abstinência de atividade sexual fora do contexto do casamento é um padrão esperado e que a atividade sexual fora do casamento resulta em efeitos psicológica e fisiologicamente prejudiciais”.⁸ Programas estaduais fundados sob esta organização devem ter como seu “propósito exclusivo” a promoção da abstinência fora do casamento para pessoas de qualquer idade. A administração atual solicitou \$204

⁸ Donovan P, Kaeser L. *Welfare reform, marriage and sexual behavior*. (New York: The Alan Guttmacher Institute).



milhões para o ano de 2007 para patrocinar a educação da abstinência, e agora requer que tais programas enfatizem “que os resultados de uma vida melhor são mais prováveis de serem obtidos se um indivíduo se abstêm até o casamento”⁹ e os proíbe de “promover ou encorajar o uso de qualquer tipo contraceptivos fora do casamento”.¹⁰

O objetivo primário desses esforços é encorajar todos os americanos a se absterem do sexo até o casamento. A maioria desses esforços programáticos da abstinência-até-casamento têm como alvo os adolescentes, pois normalmente aquele que se mantém em abstinência até pelo menos o fim da adolescência tem uma probabilidade grande de se manter até o casamento. Esses programas consideram este ideal atingível, porém, a idade média para os jovens casarem aumentou consideravelmente: de 22.1 a 25.8 para mulheres e de 24.4 a 27.4 para homens nos últimos 25 anos.¹¹ A proporção da população da idade de 18 para cima que nunca casaram aumentou de 16% a 25% entre 1970 e 2004,¹² o que sugere que muitos indivíduos têm um intervalo muito longo entre a puberdade e antes do casamento, durante o qual eles podem se tornar sexualmente

⁹ Santelli J, Ott MA, Lyon M, Rogers J, Summers D, Schleifer R. *Abstinence and abstinence-only education: a review of U.S. policies and programs*. P. 38:72-81. Citado em Site oficial do Public Health Reports, Disponível em: <http://www.publichealthreports.org/userfiles/122_1/12_PHR122-1_73-78.pdf>. Acesso em 23 de Abril 2007.

¹⁰ Dailard C. *The other shoe drops: federal abstinence education program becomes more restrictive*. (Guttmacher Policy Review 2006). P. 9(1):19. Citado em Site oficial do Public Health Reports, Disponível em: <http://www.publichealthreports.org/userfiles/122_1/12_PHR122-1_73-78.pdf>. Acesso em 23 de Abril 2007.

¹¹ Census Bureau (US). *Table MS-2. Estimated median age at first marriage, by sex: 1890 to the present [cited 2005 Jul 19]*. Disponível em: <<http://www.census.gov/population/socdemo/hh-fam/ms2.pdf>>. Acesso em 23 de Abril 2007.

¹² Census Bureau (US). *Statistical abstract of the United States: 1995*. (Washington: Government Printing Office, 1995).



ativos. O início prematuro da atividade sexual também pode estar acontecendo pelo acesso crescente ou efetividade dos métodos contraceptivos (em particular, a pílula), que fez com que a gravidez fosse menos possível.

Conclusão

Evidências dos últimos 50 anos sugerem que o estabelecimento da abstinência-até-casamento como um comportamento normativo é um ideal muito desafiador. Porém, os dados expostos neste artigo, incluindo os benefícios de tal comportamento argumentam a favor da existência de uma mobilização não-religiosa a favor do casamento pós-nupcial e a realização de uma educação e intervenção intensiva com os jovens e adolescentes do século XXI. Além de esse ideal ser religioso e contribuir com o relacionamento do ser humano com Deus e os princípios por Ele ordenado, teria uma grande colaboração com a felicidade geral da sociedade, que é, obviamente, o objetivo de Deus para o mundo.

ARTIGOS

As Fases de Crescimento Cristão

Berndt Wolter, Dr.

Professor de Evangelismo Pessoal e
Público do curso de Teologia do UNASP
Centro Universitário Adventista,
Campus Engenheiro Coelho (SP)

Diretor do Instituto de Missões e Crescimento
de Igrejas do UNASP, Campus Engenheiro Coelho (SP)

berndt.wolter@unasp.edu.br

Resumo: o artigo propõe a reflexão e a análise das fases de crescimento de igreja, bem como as fases espirituais pelas quais o crente passa em sua caminhada ao lado de Deus. Em seguida a essas apurações, as avaliações dos dados e das estatísticas obtidos têm como foco e aplicação a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Palavras-chave: crescimento de igreja, crescimento espiritual, Igreja Adventista do Sétimo Dia.

The Phases of the Christian Growth

Abstract: The present article proposes a reflection and analysis of the phases of Church Growth, and of the spiritual phases experienced by a believer in his walk with God. On the basis of the data and statistics collected, an evaluation is made on these topics, with a focus and application to the experience of the Seventh-day Adventist Church.

Keywords: Church Growth; Spiritual Growth; Seventh-day Adventist Church.



Introdução

Assim como a igreja apostólica cresceu em meio a lutas e esforços,¹ a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) também objetiva crescer, mesmo que haja barreiras a serem vencidas. Pois com tal expansão realizada na igreja, o Reino de Deus se expande junto; uma vez que a igreja é o instrumento divino neste mundo. “Desde o princípio tem sido plano de Deus que através de Sua igreja seja refletida para o mundo Sua plenitude e suficiência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo”.²

Para que a igreja cresça em número de membros e em influência sobre o território que a rodeia, é imprescindível que exista crescimento espiritual na vida de cada membro, sobretudo, em relação a IASD que sob a perspectiva de Adventistas encaixa-se em um movimento profético-escatológico. A autora Ellen G. White aponta tal necessidade: “a menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a Fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas espevitadas e ardendo, deixarão de receber a graça adicional em tempos de especial necessidade”.³

¹ White, Ellen G. *Atos dos Apóstolos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987, p. 88.

² White, Ellen G. *Atos dos Apóstolos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987, p. 09.

³ *Ibid.*, 55.



Foco no crescimento

Ao tratar de crescimento de igreja, as percepções devem ser bem estruturadas e pautadas fielmente nos escritos bíblicos; muitos erros acontecem ao focar elementos errados ou secundários. As cinco principais percepções distorcidas tendem a ser:

1) Coletividade

Há uma percepção um tanto romana que impregna este assunto de crescimento, o indivíduo cresce apenas na coletividade. Em outras palavras o indivíduo não empreende crescimento (cf. Fl. 2:12), aguardando a ordem de alguém ou uma ação coletiva. Surge uma espécie de frustração no membro individual como se nada estivesse acontecendo em sua igreja e uma espiral descendente marcada ou com legalismo ou com decepção marca a vida e a experiência do indivíduo.

A expectativa de acontecimentos experimentados pela coletividade gera um foco demasiado interno, ou seja, a igreja começa olhar para si mesmo esperando que algo aconteça. A igreja tende a se concentrar em uma espiritualidade egoísta, perde o foco, estagna e eventualmente morre, pois “quando uma igreja se torna para si, ela morre”.⁴

2) Transferência de Responsabilidade

A soma de dois elementos coopera para o fenômeno desta transferência.

Primeiro é a vida que está muito exigente e a maioria das pessoas geme debaixo do peso

⁴ Allison, Lon & Anderson Mark, *Going Public with the Gospel*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003, p. 30.



das atividades e responsabilidades básicas para a manutenção da vida e soma-se a esse elemento à expectativa clientelística que o mercado consumista estimula. A primeira parte produz um cansaço de iniciativa, uma fadiga da vontade. O segundo item gera a esperança de que a igreja está aí para oferecer um serviço.

Muitos vão à igreja com a muda exigência de que a igreja precisa lhe dar o empurrão espiritual que precisa para se sentir melhor. A frustração então aumenta à medida que a igreja se mostra incapaz de oferecer esse “serviço”.

A jornada de cada um é responsabilidade de cada um.⁵ Cada membro é responsável por sua própria vida espiritual. Ninguém vai fazer por ele/ela aquilo que deveria fazer por si mesmo/a.

3) Instantaneidade

Um pensamento fatalista, também com jeito de convicções medievais contribui para o retardamento do crescimento espiritual. A máxima: “quem tem, já o tem instantaneamente” marca um cristianismo estagnado. Isso explica quando pessoas crêem que há uma espécie de predestinação ou pré-programação embutida na conversão que exclui o empenho de cada indivíduo na luta de conhecer melhor a Jesus e o Seu plano e o propósito para a vida de cada um. Ocorre assim, a estagnação espiritual na vida do indivíduo.

Quando pessoas que têm tal percepção vêem outros cristãos com vida espiritual abundante, reputam tal abundância e vibração espiritual a um status de “escolhido(a)”

⁵ Robert Mulholland, Jr., *Invitation to a Journey*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993, p. 30.



ou “favorecido(a)” muito mais do que à dura labuta espiritual de manter uma vida conectada com Jesus diariamente.

4) Atitude de expectador

A atitude de expectador de acontecimentos, muito mais do que agente deles, emaranha o desenvolvimento espiritual individual. Somos expectadores de tantos fatos, que acostumamos com a idéia. A comodidade de apenas assistir é atrativa e sedutora, mas é veneno para o crescimento espiritual. “Sai da arquibancada e entra no jogo!” era o convite veemente de um professor.⁶

5) Inveja espiritual

O desejo de ter o que os outros têm espiritualmente falando, pode ser um estímulo, visto que somos transformados pela contemplação. “A conversa com Deus e a contemplação das coisas de cima transformam a alma à semelhança de Cristo”.⁷ Porém, a comparação excessiva pode tornar-se com muita facilidade uma pedra de tropeço. A cobiça dá origem a diferentes males que minam a base da experiência pessoal com Deus do indivíduo que a pratica.

Cada cristão é único e Deus tem uma trajetória única planejada para cada um. Descobrir esta trilha ou jornada que Deus planejou para cada ser requer persistência, muitas vezes um alto preço e uma fidelidade crescente.

⁶ Oliveira, Jorge Mário., *Anotações de sala de aula*. Engenheiro Coelho, SP: Material não publicado, SALT, 1995, s/p.

⁷ White, Ellen G. *Review & Herald*, Washington D.C., 11/05/1886.



Cristianismo vigoroso

Tendo em mente tais percepções erradas, evidencia-se que um cristianismo vigoroso está sempre apoiado sobre duas colunas. Uma busca intensiva do Salvador também como Senhor e a ação dedicada à obra que este Senhor nos confiou (cf. Tg. 2:14, 17, 18, 20, 22, 24, 26). O membro que age nestas duas frentes experimentará vigor e crescimento espiritual e a abundância que Jesus prometeu (cf. Jo. 10:10). Uma vida assim está à disposição de cada crente que queira e pague o preço de tal esforço. É claro que este vigor e abundância se manifestarão de maneira diferente na vida de cada indivíduo. Mesmo assim a vida espiritual passa por fases, bem como o desenvolvimento da fé, em busca de uma experiência vigorosa, corajosa e audaciosa.

Fases do Crescimento Espiritual

M. Scott Peck descobriu que as pessoas se movem por quatro fases em sua jornada espiritual. Ele afirma que “assim como existem fases discerníveis no desenvolvimento físico e psicológico do ser humano assim também há fases no crescimento espiritual”.⁸ São elas: anomia, legalista, decepção e maturidade.⁹

⁸ Peck, M. Scott. *The Different Drum: Community making and Peace*. New York: Touchstone Editions, 1987, p. 187.

⁹ *Ibid.*, 187-188.

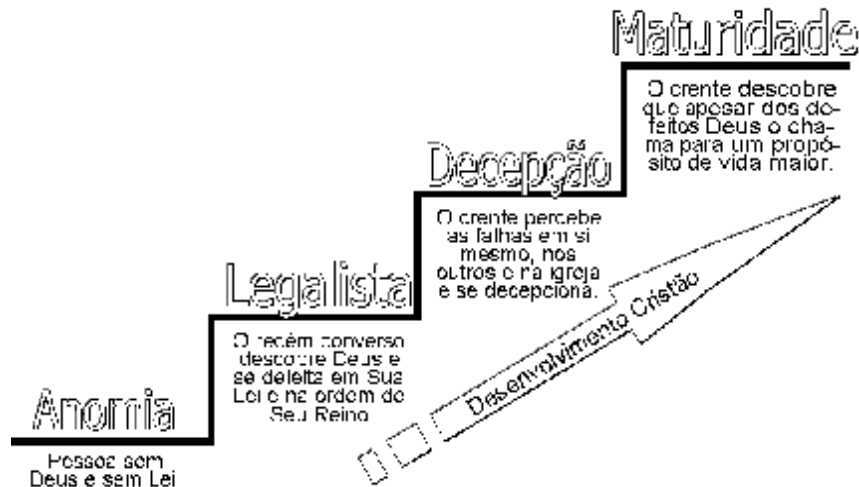


Figura 01

a) **Anomia:** fase em que a pessoa não quer saber de Deus ou tem uma percepção vaga de Deus e da religião, ou os vê como modismos. O centro de sua vida continua sendo o eu. Qualquer coisa que possa cooperar para a satisfação deste eu, pode ser aceita, mas não toca e nem transforma o eu. Aqui está incluído o cristão que com percepção pagã do cristianismo quer usar Deus como mais um item de consumo para a satisfação pessoal.¹⁰

Ao andar sem a Luz em sua vida (cf. Sl. 119:105) a pessoa tropeça na vida machucando a si mesmo e a outros. Com isso, a culpa e o pecado acumulam-se e prejudicam o bom funcionamento das engrenagens da vida e dos relacionamentos. E mais, certo cansaço se amontoa pelo caos que se estabelece pelo rastro de feridas deixadas atrás de si. Porém, nesse instante pode haver o início de uma transição.

¹⁰ Cristianismo paganizado eu chamo aquela prática cristã que não conseguiu abandonar o padrão pagão de abordar a Deus. Enquanto um pagão essencialmente busca seus deuses com a finalidade de satisfazer a vontade do adorador, o cristianismo nega esta abordagem e segue o Mestre Jesus em sua exclamação “não seja com eu quero mas como Tu queres.” (cf. Mt. 26:39). Negar o eu (cf. Mt. 10:38), e aprender a fazer a vontade de Deus (cf. Jo. 1:12-13) é o objetivo principal do cristianismo (cf. Mt. 7:21-23).



O pecador percebe que tem algo de errado, mas não sabe o que é, e muitas vezes nem quer saber. Até que Deus, por meio daquela constante e persistente ação misteriosa que opera em nosso ser alcança o coração e fornece nova perspectiva. Em um momento quase como de parto, em um choque entre o desespero e a esperança, Deus se revela ao indivíduo e aquilo que antes não fazia sentido agora se torna o mais profundo desejo do coração. O solo é transformado e a boa semente pode cair e produzir seus frutos.

b) Fase Legalista: a pessoa se rende a Deus e inicia sua jornada com Deus, em um relacionamento pessoal, bem como com Sua igreja; instrumento utilizado para desenvolver os cristãos em sua caminhada espiritual.

Assim, a pessoa reconhece pelo estudo da Bíblia que foi gerada por Deus e apenas funciona bem se submeter-se às leis para as quais foi criada. O cansaço de uma vida sem a ordem de Deus havia se manifestado com tamanha fúria e intensidade que o descanso em Deus parece o início da própria eternidade e do céu. As leis e os mandamentos do Senhor são inscritos em seu coração e passam a ser o seu prazer. Um desejo intenso de fazer as pazes e de remover a culpa e o pecado da vida, somado a uma perspectiva de pureza e a esperança de nova vida, marcam esta fase com grande intensidade. Esse contraste gritante tende a conduzir o converso por expectativas irreais a respeito da natureza da igreja e do poder do pecado sobre o ser humano.

Quando bem preparados, os que se iniciam a fase legalista entendem a luta entre a natureza espiritual e a natureza carnal em seu coração, mas mesmo assim esta



compreensão tende a ficar em um nível teórico, pois a percepção da realidade cristã se dá apenas por meio da experiência guiada e calibrada pela Palavra. É aqui que começa uma nova transição. Afinal, essa é uma fase fortemente emocional e o recém converso tende a ver as coisas com um absolutismo desequilibrado, carente de experiências mais extensas. A busca por cumprir as leis de Deus pode tomar um caminho não saudável no qual o novo crente se embrenha na crítica e discriminação daqueles que não apresentam “seu” fervor.

c) Fase da Decepção: ao passar o tempo, experiências vão sendo feitas, novas percepções entram em vigor. Dessa maneira, irmãos são observados pelo novo converso e depois das primeiras experiências com Deus, algumas perguntas começam a dirigir sua vida: “como é a vida de um cristão que vive há muito tempo com Deus?” ou “me deixa ver o efeito de viver a vida cristã na vida de alguém que anda com Cristo há mais tempo... Será que eu quero isto para minha vida?”

A decepção está aguardando porque a trombada entre expectativas elevadas e a dura realidade da falibilidade humana é inevitável. Não poucas vezes esta experiência fragiliza a fé de novos crentes, visto que pouco a pouco esses observam os defeitos dos irmãos, de líderes, da igreja e, alguns deles, caso tenha uma visão um pouco mais ampla vê também os defeitos da organização como um todo. Como se isso não bastasse, se o crente for honesto consigo mesmo e não deixar se ofuscar pelo perfeccionismo, vê suas próprias lutas e derrotas, e o castelo de sonhos desmorona. A ilusão dá lugar ao real, a expectativa dá lugar ao factual.



Nesta fase o crente se torna ácido, seus olhos parecem se abrir para o defeito. Alguns passam a não enxergar mais nada a não ser os defeitos. Em consequência, não demora muito para que a atitude de impotência em mudar o sistema, bem como a crítica se instalem e minem as forças espirituais que sustentavam a vida. Justamente por esse aspecto, as disciplinas espirituais passam a ser negligenciadas.¹¹

É nessa etapa que alguns querem controlar e supervisionar para terem certeza que as coisas não estão fora de rumo, como se o seu rumo fosse melhor do que o rumo que outros dão. Outros desistem de lutar quando percebem as sucessivas derrotas que sofrem.

Há uma tendência de se estagnar nessa etapa que é cognominada de fase da ‘areia movediça’. Muitos que caem nesta fase perdem o vigor espiritual e, se permanecem na igreja, ficam ali como membros e desistem de progredir em seu discipulado.

Por ser uma fase na qual o crente não é cooperativo com a igreja, ele tende a se tornar desagradável com pessoas que já estão um bom tempo na igreja. Os quais o negligenciam e/ou discriminam, deixando-o marginalizado. Em decorrência disso o tecido social da igreja não está preparado para pessoas assim e muitas vezes esse tecido é preparado para não aceitar a influência “deste tipo de gente”.

A situação piora porque o próprio crente que passa por esse período e o torna visível para outros (todos passam por essa fase, mas nem sempre todos a tornam visível)

¹¹ Foster, Richard J. *Celebração da Disciplina*. Editora Vida, 1983, p 36.



sofre a consequência de se tornar cético e cínico e tem dificuldades de aceitar ajuda e mesmo de crer na obra de Deus em ou através de sua vida.

Num pragmatismo doentio que se implantou em meio ao cristianismo “você é ou não é” algo, ninguém permite o desenvolvimento de um processo. Tanto por parte da igreja como por parte do crente que passa por esta fase há desconfianças. “A igreja não muda” diz o crente decepcionado. Enquanto que a igreja diz que “ninguém consegue mudar alguém!”.

É mandatório nessa etapa a atenção pastoral, a aproximação pessoal, o respeito mútuo e trazer o indivíduo para dentro da rede de afeto e atenção da igreja novamente, explicando-lhe a etapa pela qual está passando e que há possibilidades e necessidade de crescimento. Tal ajuda é necessária para entrar na próxima fase de transição.

d) Fase da Maturidade: aqui o crente já passou pelas etapas mais difíceis e começa a desfrutar com equilíbrio e grandeza da sua vida com Deus. Nesse período o cristão sabe que as coisas não são perfeitas, também não tenta usar a lei como ferramenta para arrumar o que está errado, não precisa mais criticar porque percebe a falibilidade de tudo inclusive de si mesmo e por fim, aprende a se importar com as pessoas e com Deus em sua vida. É a fase do serviço maduro. O crente sabe servir e entende que faz bem para as três partes: Deus, a si mesmo e ao próximo e inicia o processo de conhecimento e aplicação dos seus dons.



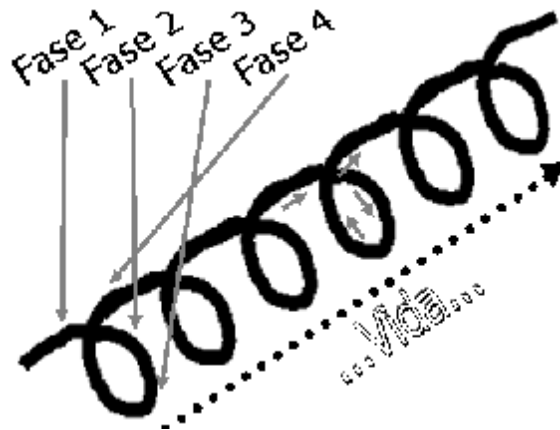
Aqui, o crente suporta a falibilidade humana em suas diversas manifestações, inclusive a crítica daqueles a quem ajuda. Não é que esse cristão não se fira ou reaja fortemente aos abusos que sofre ao tentar servir, pelo contrário, sabe se impor e colocar limites mesmo quando está ferido. Ele aprende a ver a imagem maior: com os olhos fixos no grande conflito entre o bem e o mal e na volta de Jesus, tem motivos e motivação suficientes para seguir avante em seu serviço a Deus e ao próximo. Já não precisa de reconhecimento e muito menos aplausos, pois sabe lidar com a crítica e com o elogio sem perder a sua comunhão íntima com Deus e com a sua igreja. Segundo Deci “a motivação intrínseca é associada a uma experiência mais rica, a uma compreensão conceitual melhor, a maior criatividade e melhor resolução de problemas...”¹²

Apesar da melhoria na caminhada espiritual, essa etapa não deve ser confundida com a fase de um “super-cristão”, pois o converso ainda está e sempre estará sujeito à queda e ao retrocesso.

Fenômeno Cíclico

É difícil apontar na experiência cristã a existência de uma linha de chegada. “Aquele que está em pé cuide para que não caia” como diz Paulo (cf. 1 Co. 10:12). O processo de santificação antes parece nos levar em forma espiral por estas fases de maneira circunstancial. Aqueles que são mais proativos estarão menos sujeitos aos solavancos e guinadas na sucessão destas fases em repetição helicoidal (cf. figura 2).

¹² Deci, Edward L. *Por que fazemos o que fazemos: Entendendo a automotivação*. São Paulo: Negócio Editora, 1998, p. 59.

*Figura 02*

A figura 2 mostra uma linha ascendente no desenvolvimento cristão, o que denota que ao passar por estas fases uma vez, os olhos estão abertos para o ciclo e mais, percebe-se que a maturidade consiste em conhecer esse ciclo e lidar com ele equilibradamente quando as fases nos fazem passar por ele novamente.

Os altos e baixos não deixam ninguém de fora. As recaídas naqueles pontos que já vencemos em Cristo parecem ser o quinhão de todo crente. Quando pensamos que estamos intocáveis pelas etapas já vencidas, Deus providencia experiências por meio das quais temos que renovadamente aprender a lidar com essas “fases já vencidas”. Parece que os cristãos em geral precisam chegar à conclusão à qual Paulo foi conduzido em sua experiência: “a minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza!” (cf. 2 Co. 12:9). Há crentes que desanimam com a constante luta que não cessa e aí novamente as palavras de Paulo confortam: “estou plenamente certo, de que Aquele que em vós começou a boa obra há de concluí-la até o dia de Cristo Jesus...” (cf. Fl. 1:6).



O natural é que o crente cresça de uma etapa para outra e perca a percepção mágica de religião e passe assim a encarar as novas fases com equilíbrio, melhorando no relacionamento com Deus, consigo mesmo e com o próximo. Dessa maneira, cada vez mais será capaz de abandonar o egoísmo servindo conforme os seus dons.

Estagnação

Infelizmente, há casos que eventualmente, por falta de instrução ou mesmo por estruturas psicológicas ainda não curadas, o novo crente fica estagnado em uma ou outra fase, podendo até retroceder. Esse fato vai fazer mal ao próprio cristão, que não avança na aquisição da beleza do caráter de Deus em plenitude crescente e pode tornar-se danoso à igreja na qual congrega pelas críticas e insatisfações.

De acordo com uma estimativa de Jon Dybdall¹³ entre 35% e 40% dos membros da IASD estão estagnados na fase 2 (legalista) e outros 40% na fase 3 (decepção). Apenas uns 20% a 25% conseguem alcançar a fase 4, que é a da maturidade (cf. figura 3).

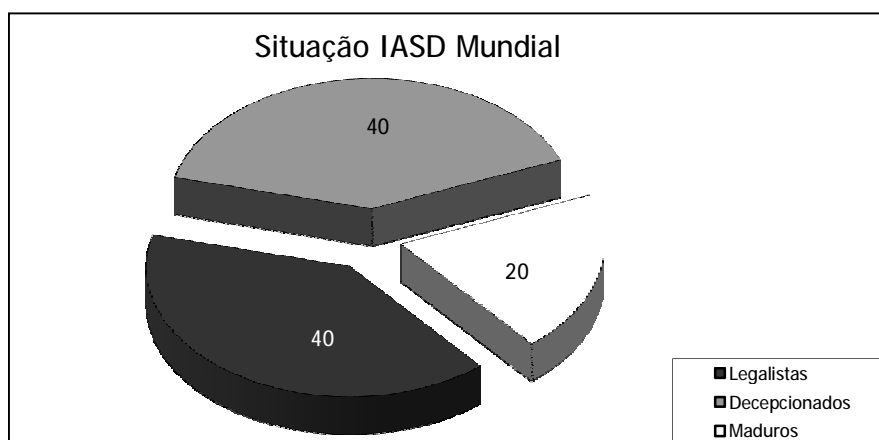


Figura 03

¹³ Dybdall, Jon. *Spiritual Formation*. Anotações de sala de aulas no programa de D.Min. da Andrews para pastores da Divisão Trans-Européia no Newbold College em Julho de 2002.



Segundo essa estimativa, boa parte da igreja estacionou em alguma fase do desenvolvimento.

Atualmente, verifica-se grande número de membros na fase 2 e 3, pois a IASD é uma igreja crescente e que lida com muitos novos conversos. A julgar pelas taxas de crescimento de igreja experimentados no Brasil, devemos ter entre 50% e 60% dos membros com mais de cinco anos de igreja distribuídos nas fases 2 e 3,¹⁴ pois quanto mais membros maduros uma igreja tem, maior seu empenho na causa do Senhor (cada um conforme o seu dom), produzindo conseqüentemente taxas de crescimento mais altas.

Lidando com a realidade

Tendo em vista esta bagagem como é possível avançar para a última pregação vigorosa do evangelho? Como acelerar o passo desta enorme embarcação chamada igreja, quando uma parte significativa da tripulação está parada em seu desenvolvimento e conseqüentemente incapacitada de trabalhar? O que fazer para que um maior número de membros esteja conscientemente avançando no processo de desenvolvimento rumo à maturidade, para que pessoas sadias e equilibradas preguem o evangelho com vigor e ousadia?

É costumeiramente mais fácil conduzir pessoas da primeira fase, que é a da ausência de Deus para a segunda, o período legalista. Mas como conduzir pessoas da

¹⁴ Estimativa baseada no desenvolvimento das taxas de crescimento de igreja experimentados nas últimas cinco décadas.



fase 2, legalista, para a terceira, que é a da decepção? E da fase 3, decepção, para a quarta, a da maturidade; que finalmente é o objetivo a ser alcançado? Como conduzir pessoas e igrejas, de diversas regiões, que estão nas diferentes fases rumo à maturidade?

A resposta para todas as indagações está em um ministério como o de Jesus. Essa é a necessidade. Ele gastou mais tempo curando do que pregando e muito mais tempo ainda capacitando. Vinte e quatro horas por dia Ele investiu nos seus discípulos capacitando-os para que fizessem parte da grande obra que Ele começou e para que delegassem outra parte dessa obra para outros discípulos, que eles por sua vez capacitariam. Nota-se, portanto, que o discipulado é imprescindível e a chave para a vitória na jornada espiritual individual e da igreja como um todo; é ele instrumento que possibilita a chegada e a permanência na fase da maturidade.

ARTIGOS

A RELAÇÃO ENTRE O EVANGELHO ETERNO E A ADORAÇÃO DE APOCALIPSE 14

João Luiz Marcon
Pastor. Doutor em Teologia Pastoral
joão.marcon@paulistana.org.br

Resumo: Em Apocalipse 14:6-7 existe um convite à adoração ao Deus Criador. Durante anos os Adventistas têm apresentado que esta adoração consiste no verdadeiro dia santificado por Deus, o Sábado. Mas qual é a relação entre o Evangelho Eterno e a Adoração nessa passagem?

O Evangelho Eterno é o plano de redenção de Deus para o homem caído restaurando por ele e nele a imagem e semelhança do Criador. Esse plano leva o ser humano a reconhecer, através da adoração e culto, as obras de Deus como Criador, Redentor e Juiz. Faz parte desse plano comunicar a natureza de Cristo, isto é, a Sua Lei, que é o padrão de julgamento e adoração de todo ser que deseja verdadeiramente amar e adorá-Lo.

A adoração (*proskúneo*) é uma ação de reverência e reconhecimento das Suas criaturas redimidas que Lhe prestam culto ou serviço de louvor, bem como Lhe amam obedecendo Seus mandamentos (Ap 14:12). Deus é reverenciado, reconhecido e cultuado por aquilo que ele fez, faz e fará: Cria, redime e julga. Os versos 6 e 7 contém estes três conceitos.

O homem ao ser criado prestava ao Senhor culto e adoração perfeito, baseados no princípio da Lei de Deus que é o amor. Por esse motivo, o Senhor designou o Sábado como dia de culto e adoração, sendo este o fundamento do verdadeiro culto a YHWH. Apocalipse 14:6-7 convida a retornar a adoração e culto edênicos através da obediência aos mandamentos da Lei, dos quais o Sábado passou a ser um dos mais perfeitos meios para conduzir a mente e o coração para “Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” (Ap 14:6-7).

Palavras-chave: adoração; evangelho eterno; sábado; Apocalipse 14.



The Relationship Between the Everlasting Gospel and the Worship in Revelation 14

Abstract: In Revelation 14:6-7 one finds an invitation to worship God the Creator. Seventh-day Adventists have identified such worship with the observation of the holy day that was truly sanctified by God, the Sabbath. But what is the relationship between the Eternal Gospel and the Worship in this passage?

The Eternal Gospel is God's plan of redemption for fallen man, in order to restore on him the image and likeness of the Creator. This plan leads the human being to recognize, through the worship and cult, the works of God as Creator, Redeemer and Judge. It is part of this plan to communicate the nature of Christ, that means, His Law, which is the norm of the judgment and the worship to anyone who really desires to love and worship Him.

Worship (*proskuneo*) is an action of reverence and recognition by God's redeemed creatures that adore and praise Him, and also obey His commandments (Rev. 14:12). God is venerated, recognized and worshiped because of what He has done, does and will do: Create, redeem, and judge. Verses 6 and 7 present these concepts.

At the time of Creation, man used to present to the Lord a perfect worship and adoration, based in God's Law norm of love. For such a purpose, God designated the Sabbath as a day of worship and adoration, and it became the foundation of the true worship of YHWH. Revelation 14:6-7 invites man to return to Eden's worship by the obedience to the commandments of the Law, of which the Sabbath became one of the most perfect means to direct the mind and the heart to "Him that made the Heaven, and the Earth, and the Sea, and the fountains of water" (Rev. 14:6-7).

Keywords: Worship; Everlasting Gospel; Sabbath; Revelation 14.



Introdução

Em Apocalipse 14:6-7 existe um convite à adoração ao Deus Criador. Por anos, os Adventistas têm apresentado que esta adoração consiste no verdadeiro dia santificado por Deus, o Sábado do sétimo dia do decálogo divino. O problema levantado é que relação há entre o Evangelho Eterno e a adoração em Apocalipse 14?

O propósito desta investigação é descobrir o significado e a relação existente entre estes dois elementos presentes no capítulo 14 de Apocalipse. O trabalho se limitará a estudar e compreender, no verso acima, a relação dos termos *Evangelho Eterno e Adoração* bem como o uso destes termos na Bíblia. A pesquisa não esgotará o assunto nem entrará em qualquer interpretação profética da mesma.

A relevância deste artigo está numa compreensão mais clara da relação entre os dois termos e como sua teologia ajudará a ter uma prática de culto mais coerente e significativa para cada cristão e igreja, numa vida cheia de devoção e amor pelo Criador.

Evangelho eterno

O Evangelho Eterno¹ tem sua origem em Deus, o Pai, o Filho e o Espírito

¹ O adjetivo gr. *aionios*, tende a marcar a duração enquanto a natureza da matéria permitir, neste caso, Deus é eterno o seu evangelho também o é. Pedro Apolinário, Notas de sala de aula, matéria de grego, Engenheiro Coelho, São Paulo, 1º semestre de 1998.



Santo.² O significado de evangelho é “boas novas”³ de salvação que Deus provê em seu Filho. O nome Jesus significa “Jeová é a salvação” ou “de Jeová vem a salvação”.⁴ Por esse motivo o anjo que anunciou o nascimento de Jesus aos pastores disse que era “boa nova de grande alegria que será para todo o povo” (Lc 2:10-11).

No Éden, foi a primeira vez que o evangelho da Salvação no Messias vindouro foi anunciado (Gn 3:15, 21).⁵ e no decorrer da história humana houve vislumbres dessa salvação (Gn 22, Is 53; etc.). Foi nos profundos mistérios do amor de Deus durante a eternidade que um plano de redenção foi estabelecido (Ef 3:8-13; I Pe 1:18-20). “O plano da salvação fora estabelecido antes da criação da Terra pois Cristo é ‘o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo’(Ap 13:8)”.⁶

O contexto do evangelho eterno de Apocalipse 14

Na visão apocalíptica de João, ele vê o Cordeiro sobre o monte Sião, “e com Ele 144.000 tendo nas frentes escrito o Seu nome e o nome de Seu Pai” (Ap. 14.1). Estão sobre o monte Sião indicando o triunfo deles sobre a besta e sua imagem.⁷ O “monte Sião” algumas vezes está relacionado com o Céu (Hb 12:22). Ele vê os

² Em toda a Bíblia vemos a ação do trino Deus (a Criação, a encarnação o batismo, a santificação: Mt 1:18-23; 3: 13- 17; 28:19-20; Lc 1:26-35; 4:18-19; Jo 1:1-4, 14, 16-18, 32-34; 3; I Pe 1:1-2; Ap 1:4-6; 4 e 5; 14:1; 22:17, etc).

³ “Evangelio”[Ap 14:6] gr. *euangélíos*, *Comentário bíblico adventista del séptimo dia (CBADSD)*, ed. Francis D. Nichol, (Buenos Aires, Argentina: Asociacion Cada Editora Sudamericana, 1996),7: 84l .

⁴ “Libro de la genealogia”, “Hijo de David”, “Jesus”, “Salvará” e “De seus pecados” [Mt 1: 1, 21], *CBADSD*, 5: 270-271, 277.

⁵ Ellen G. White, *Patriarcas e profetas*, (Tatuí: SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991), 61-62.

⁶ *Ibidem*, 57 e 58.

⁷ “Miré”, “El Cordeiro”, “El monte Sion”, “Ciento cuarenta y cuatro mil”, El nombre... de su Padre”, “Em la frente” [Ap 14:1]*CBADSD*,7:839.



vencedores no Céu com Cristo.

João justifica a razão dos 144.000 estarem no “monte Sião” através de suas características e sua missão: São “castos”, “seguidores do Cordeiro por onde quer que vá”, “redimidos dentre os homens”, “primícias para Deus e para o Cordeiro”, sem “mentira na sua boca; não têm mácula” (Ap. 14:4-5). Eles proclamam as três mensagens simbolizadas por três anjos (Ap 14:6-12).

A primeira mensagem contém o Evangelho Eterno esse tem seu alcance universal. Dentro da mensagem está o convite a “temer a Deus” e “dar-lhe glória” porque é “chegada a hora do Seu juízo” e a ordem imperativa para “adorar” o Criador (Ap 14:6-7).⁸

O evangelho contrasta com os demais oráculos de juízo dos outros dois anjos. O segundo anjo proclama a queda de Babilônia devido aos seus pecados. O terceiro anjo adverte contra a adoração da besta ou sua imagem e quais serão as conseqüências de tal adoração (Ap 14:8-11).

Diante da rebeliosa apostasia satânica e humana, existe um remanescente fiel: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12).

Depois desta proclamação Universal vem a segunda vinda de Cristo. A ceifa

⁸ A forma verbal: *Proskunésate* - 2ª pessoa plural do 1º aoristo ativo imperativo, Whillian D. Mounce, *The Analytical Lexical to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Michegan: Zondervam Publishing House, 1993), 398.



representa os fiéis adoradores que atenderam a mensagem do Evangelho Eterno, enquanto que a vindima são os juízos de Deus sobre os adoradores da besta e sua mensagem (Ap 14:14-20).⁹ Todas as visões do livro convergem para o ponto culminante que é a segunda vinda de Cristo como juiz.¹⁰

O Evangelho Eterno é a chave para explicar o capítulo 14. Ele é a revelação de Deus e da Sua vontade em Cristo Jesus (Ap 14:1; Gl 1:12; I Jo 3:22; 4:15). Esta revelação leva a uma atitude para com Deus: de aceitação ou de rejeição, de temor ou de obstinação, de glorificação ou de blasfêmia, de adoração ou de idolatria, de submissão ou de rebelião (Ap 9:20-21; 13; 14:6-12).

O “temer a Deus” envolve o convite de arrependimento e conversão o qual o Evangelho leva cada pessoa a se decidir (Mt 3:2; 4:17; Mc 1:15). Em Atos, “temor” está ligado com a perseverança na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações, e, segundo o contexto, de conversão (At 2:37-44; 9:31). “Não significa, aqui sentir medo de Deus, senão acercar-se a Ele com reverência e respeito. Inclui o pensamento de absoluta lealdade a Deus, em uma submissão completa a Sua vontade”.¹¹

⁹ Comparar com Mt 13:20; Lc 3:17; Mt 25:31-46; Ap 15:1; 16:1-21

¹⁰ Gerge Ladal, *Apocalipse - introdução e comentário* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1990), 23-24.

¹¹ “Temed” [Ap 14:7], *CBADSD*, 7: 841. Ver também “*fobéomai*” [Rv 14:7] *Bible Workes Version 7.0*, (Norfolk, VA, 2006), “*fobéomai*” do verbo “*fobeo*”- temer, adorar, reverenciar, respeitar. A Bíblia nos ensina que o temor do Senhor é ser obediente aos Seus mandamentos (Gn 22:12); é ouvir, aprender, e responder a Palavra de Deus; é guardar os mandamentos de Deus; andar após ao Senhor; servi-lo, amá-lo; apegar-se a Ele de todo o coração e de toda a alma (Dt 4:10; 5:29; 6:2; 13, 24; 8:6; 10:12, 20-21; 13:4; 14:23; 17:19; 28:58; 31:12-13) -



Como resultado, o ser humano é impressionado a glorificar¹² a Deus. O louvor que a Bíblia apresenta é a resposta devida do homem a Deus, uma resposta pelo amor, graça, perdão de Deus e tudo o que Ele “é”, “era” e “que há de vir” (Ap 1: 4, 8).¹³

A importância desses conceitos ajudarão a compreensão da verdadeira adoração. Por isso, em Apocalipse 14:7, o Evangelho Eterno revelado vem antes da adoração. Não é somente porque o Evangelho estabelece a verdadeira adoração (Jo 4:20-23),¹⁴ mas também ela é uma das respostas diante da revelação e ação divina como Criador, Redentor e Juiz. No capítulo 14 encontram-se essas três ações de Deus. Elas norteiam toda a “Revelação de Jesus Cristo” (Ap 1:1). Elas estão presentes em toda a Bíblia e falam dos três aspectos pelos quais Deus é digno de reverência, louvor e adoração.

Cristo, a Personificação da Graça

O Evangelho Eterno está intimamente ligado com o Cordeiro (Ap 14:1e 6) e no conceito Joanino, vê em Cristo o Cordeiro. É uma identificação que somente João designa.¹⁵ João Batista ao dizer “Cordeiro de Deus” referia-se a “Aquele que é proporcionado por Deus”. Este símbolo, que faz ressaltar a inocência de Jesus, Sua

Reinaldo Siqueira, Anotações de classe da matéria de livros poéticos, Engenheiro Coelho, São Paulo, 1º semestre, 1998.

¹² “Glória” - gr. “*doxa*” - louvor, glorificar, honra, homenagear, ver *CBADSD*, 7:841.

¹³ Siqueira.

¹⁴ No evangelho de João, Cristo primeiro revelou-se a mulher como a fonte de culto e o centro de esperança da humanidade, depois estabeleceu o que é culto e adoração.

¹⁵ “Cordeiro” [Ap 5:6], gr. “*arníon*”, usado 29 vezes no Apocalipse, ver em *CBADSD*, 7: 787 - 788.



perfeição de caráter e incluir a natureza vicária de Seu Sacrifício (Is 53:4-6, 11-12), faz recordar o cordeiro pascal do Egito que simbolizava a libertação do jugo do pecado (Ex 12:5; I Co 15:7). Mediante a figura de um cordeiro, o profeta “identifica o Messias sofredor como Aquele a quem se faz real e tem significado aos sistemas de sacrifícios dos tempos do Antigo Testamento”. “Na presciência” e propósito de Deus, Ele era o “Cordeiro que foi imolado desde o princípio do mundo (Ap 13:8)”.¹⁶

Por esse motivo João no seu evangelho apresenta o Filho de Deus como “cheio de graça e verdade”. O significado básico de graça é “favor imerecido”, “boa vontade”, “benevolência” e “misericórdia”¹⁷ e assim Cristo é a encarnação da graça.¹⁸ Através de Cristo a humanidade foi libertada do pecado e Deus os transportou para o “reino de Seu Filho”, “no qual” tem-se “a redenção,¹⁹ e “a remissão²⁰ dos pecados” (Cl 1:13-14).

O conceito de redenção é que os seres humanos “estranhos e inimigos no entendimento pelas” suas “obras malignas”, mas agora, os “reconciliou no corpo da sua carne, mediante a Sua morte, para” apresentar-los “perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis” (Cl 1:21-22). É através de Cristo que o homem é levado para o reino que se perdeu pela transgressão, para uma recriação segundo a imagem e semelhança do segundo Adão (Rm 5:12-21; 8:29). Ellen G. White escreveu: “Restaurar no homem a imagem de Seu Autor, e levá-lo de novo a perfeição em que fora criado, promover o

¹⁶ “Cordeiro” [Jo 1: 29], *CBADSD*, 5: 886.

¹⁷ “Gracia” [Jo 1;14], gr. “*karis*”, *CBADSD*, 5: 881.

¹⁸ H.H. Esser, “*Graça*”, *Dicionario Internacional de teologia do novo testamento (DITNT)*, eds. Lothar Coenen e Colin Brown (São Paulo: Sociedade Religiosas Vida Nova, 2000), 1:911.

¹⁹ Grego “*apolyptosin*” - uma libertação ou salvação obtida pelo pagamento de uma dívida; idéia de uma dívida sendo eliminada (Lc 21:28; Hb 11:35) - Mounce, 93.

²⁰ Grego “*áfesis*” - abandonar, tirar, libertar do cativo (Lc 4:18); remissão, perdão, absolver (Mt 26:28) - Mounce, 108.



desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que pudesse realizar o propósito divino da Sua criação - tal deveria ser a obra da redenção”.²¹

Qual era o propósito do homem ao ser Criado? Refletir a imagem e glória de Deus através da comunhão com o Criador.²² O homem foi criado para adorar o Criador.²³

Cristo, a Personificação da Lei

É propósito de Deus ao redimir o homem restabelecer a santidade e perfeição através da Sua presença na vida do crente (Rm 8:1-11). O padrão é a Sua lei (Rm 7:12) que é o caráter de Deus, ou seja, a Sua própria natureza revelada (Sl 22:3; 89:19, 25:8; 100:5; 137; 145:17). Foi dessa imagem e semelhança com Deus que o homem caiu ao pecar (I Jo 3:4).

Quando Cristo entra no coração, é Ele a própria personificação da Lei e na vida do Crente se demonstrará em santidade, justiça e bondade (Gn 5:22-23; Hb 8:7-10). Por Sua graça, Cristo leva a humanidade novamente a obediência a sua lei (Hb 8:8-13; 10:16; Ap 14:1-5). Contudo a Lei tem dois aspectos, entre muitos, que são importantes ao texto de Apocalipse 14. É o padrão de Julgamento e o padrão de Adoração.

²¹ White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), 16.

²² Ibidem, 15.

²³ Juan Millanao O, *Culto e adoração adventista - perspectiva*, Engenheiro Coelho, São Paulo, 1998), 51.



Conforme a Bíblia é pela lei que todos os seres humanos serão julgados (Rm 7:14-23; Ap 11:19). Essa “lei de liberdade”, que segundo o contexto de Tiago, é a lei dos 10 mandamentos (Tg 2:10-12 conforme Êxodo 20:1-17).

Com respeito a ser o padrão de adoração, observa-se nos primeiros quatro mandamentos de Êxodo 20 o seguinte:

1º Mandamento (Ex 20:3) - “É o sumário de todo o evangelho”. Mostra-nos a dimensão interior do culto a Deus. Descreve o objeto de culto (diante de Mim). Se dirige a cada indivíduo. “Requer exclusiva adoração a Deus”.²⁴

2º Mandamento (Ex 20:4-6) - “Dimensão exterior do culto a Deus. A idolatria pode ser dupla: espiritual e interna; material e externa”.²⁵ Este mandamento está relacionado com a forma de culto.²⁶

3º Mandamento (Ex 20:7) - “Dimensão verbal do culto a Deus”.²⁷

4º Mandamento (Ex 20:8-11) - “Dimensão sagrada do tempo de culto ao Senhor. Apresenta a Deus como o Criador, Mantenedor e o Redentor da vida (Dt 5:15; Lc 4:16). Diz expressamente que *YHWH* é o único que deve ser adorado e obedecido”.²⁸

²⁴ José Miranda Rocha, *Ética cristã - material não publicado* (Engenheiro Coelho, SP, 1998), 26.

²⁵ “Semelhança ou forma” se aplica “a qualquer representação real ou imaginária de deidades” – Ibidem, 27.

²⁶ “Não te encurvarás a elas”, isto é, “oferecer culto” - Ibidem., 28

²⁷ “O nome de Deus envolve o Seu ensino e doutrina, Seu ser e pessoa - Ibidem, 29; isso significa demonstrar reverência a Deus.

²⁸ Ibidem, 31.



O Evangelho Eterno é o plano de Redenção da divindade para o homem caído restaurando por ele e nele a imagem e semelhança de Deus através de Cristo e na ação do Espírito Santo. Esse plano leva o ser humano a reconhecer através da adoração, louvor e veneração as obras de Deus como Criador, Redentor e Juiz. Faz parte desse plano comunicar a natureza de Cristo, isto é, inscrever na mente e no coração humano, a Sua lei, que é o padrão de julgamento e adoração de todo ser que deseja verdadeiramente amá-Lo e adorá-Lo (Jo 14:15).

Adoração em 14:6-14

Nos capítulos 13 e 14 aparecem duas adorações, sendo uma para Deus e outra para a besta e a sua imagem. Em ambas a palavra grega é *proskúneo*.²⁹

O significado de *Proskúneo*

No Apocalipse o principal sentido desse termo, quando usado para Deus, é prostrar-se diante de Deus para Lhe cultuar numa atitude de reverência, reconhecimento e louvor Deus é adorado e cultuado por aquilo que Ele é e faz, em favor de suas criaturas: Cria, redime, julga e reina (Ap 4, 5, 7:9-17; 11:15-18; 14:7; 15:2-4; 19:1-5; 21).

Dentro do Evangelho Joanino, *proskúneo* é adorar em Espírito e em verdade (Jo 4:20-23), isso é, não um culto formal ou de aparências, mas com toda a sinceridade,

²⁹ Grego “pros” - diante de, em frente de, em direção a ; “kunes” - vem de “kuan”, “kunós” significa cão. Então, prostrar-se reverentemente como um cão, Mounce, 389, 393-394.



com todo o fervor das faculdades intelectuais e com todo o fervor quando se aplicam ao coração os princípios da verdade (Mt 5:3, 48, 7:21-27; Mc 7:6-9). Jesus disse que essa é a adoração genuína, tudo o mais é falso.³⁰

O culto a Deus é algo que vem do íntimo do ser, de uma resposta ao convite de Deus a sua revelação e atuação salvífica, ou seja, “beber da água da vida” (Jo 4: 13-18; Ap 22:17), que é o próprio Cristo (Jo 7-37-30).

Para a besta e sua imagem, *proskúneo* tem o sentido de adoração prestada em forma de culto,³¹ reverência e atitude de submissão ao seu poder e autoridade. Na adoração prestada a ambas é na verdade ao Dragão (Satanás) que está se adorando (Ap 13:4).³²

As implicações dos mandamentos na adoração a deus.

A lei do amor é o fundamento do governo de Deus e também do serviço a Ele prestado. A harmonia com os “princípios de justiça” traz a felicidade de todos os seres inteligentes. Todo serviço deve brotar da apreciação do caráter divino. “Ele não tem prazer na obediência forçada; e a todos concede vontade livre, para que lhe possam prestar serviço voluntário”.³³

No capítulo 14 a adoração é a questão focal da controvérsia a se desenrolar no final da história humana. A lei de Deus, que estabelece as dimensões na adoração, é

³⁰ “Verdaderos adoradores” e “En espíritu y en verdad” [Jo 4:23], *CBADSD*, 5: 918.

³¹ A palavra *proskúneo* está intimamente ligada ao ato de cultuar, homenagear, reconhecer, abaixar-se para reverenciar e cultuar - [Rv 14:7] *Bible Workes Version 7.0*, (Norfolk, VA, 2006).

³² Ap 13:4, 8, 12, 15; 19:20.

³³ White, *Patriarcas e profetas*, 14.



o alvo pelo qual Satanás procura atacar para desviar a mente dos homens de Seu Criador, Redentor e Juiz (ver Apêndice). Satanás utiliza-se das mais variadas formas para esse propósito. Por esse motivo é necessário voltar ao Éden quando Deus criou Adão e Eva, esses se encontravam entre as belezas de seu lar edênico. O santo par elevava sua voz num harmonioso cântico de amor, louvor e adoração a Deus pelos sinais de amor ao seu redor. “Reconheciam a ordem e a harmonia da criação, que falavam de sabedoria e conhecimento infinitos”. Por tudo o que Deus fizera, “enchiam seu coração de profundo amor e lhe arrancavam dos lábios expressões de gratidão e reverência a Seu Criador”.³⁴ Viviam em plena harmonia com os “princípios de justiça”, “a lei de amor”, e era um prazer adorar ao Senhor.³⁵

Da mesma forma a lei de Deus é uma referência ao culto a Deus:

“Pelo primeiro anjo os homens são chamados a temer a Deus e dar-lhe glória, e adorá-lo como Criador do Céu e da Terra. A fim de fazer isto devem os homens obedecerem a Sua lei” (ver Ec 12:13). “Sem a obediência a seus mandamentos nenhum culto pode ser agradável a Deus.” (Comp. com I Jo 5:3; Pr 28:9).³⁶

Quanto ao Sábado...

³⁴ Idem, *História da redenção* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1973), 22-23.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Idem, *O Grande conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987), 436.



“Seguindo o exemplo do Criador, deveria o homem repousar neste santo dia, a fim de que ao olhar para o Céu e para a Terra, pudesse refletir na grande obra de criação de Deus; e para que contemplando as provas da sabedoria e bondade, pudesse seu coração encher-se de amor e reverência para com o Criador.” “Sua observância deveria ser um ato de grato reconhecimento, por parte de todos os que morassem sobre a terra, de que Deus, era Seu Criador e legítimo Soberano...”³⁷

“A importância do Sábado como memória da criação consiste em conservar sempre presente o verdadeiro motivo de se render culto a Deus” - “porque Ele é o Criador e nós as Suas criaturas.” “O Sábado, portanto, está no fundamento mesmo do culto divino... . O verdadeiro fundamento para o culto divino... encontra-se na distinção entre o Criador e Suas Criaturas”³⁸

A mensagem dos três anjos é um convite a uma adoração verdadeira fundamentada na Lei de Deus.

A decisão individual a quem adorar

Tanto Deus como Satanás, cada qual com seus instrumentos, procuram reunir receptivamente um povo em torno da adoração. Porém, cada um dos seres humanos deverá tomar a sua decisão baseado claramente na soberania de quem escolher: se for os mandamentos de Deus, escolhe-se a Deus, adorando conforme o que Ele estabeleceu; se for os “mandamentos de homens”(Mt 15: 8-9) escolhe-se a besta ou sua imagem,

³⁷ Idem, *Patriarcas e profetas*, 31.

³⁸ J. N. Andrews, *História do Sábado*, citado em Ellen G. White, *O grande conflito*, 437.



adorando naquilo que ela estabeleceu. Assim: “Visto os que guardam os mandamentos de Deus serem assim colocados em contraste com os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal, é por um lado, e sua violação, por outro, deverão assinalar a distinção entre os adoradores de Deus e os da besta” (Ap 14;12).³⁹

Porém as conseqüências são distintas. Enquanto que os adoradores de Deus são recolhidos no celeiro (Ap 14:14-16) e encontram-se no mar de vidro como vencedores, os adoradores da besta ou sua imagem recebem a ira divina na forma das pragas e na vinda de Cristo (Ap 15-16).

Teologia e a adoração no princípio

Quando Deus criou a raça humana, a Sua imagem e semelhança, ela era perfeita em todos os aspectos e viviam em harmonia com a lei divina. Eram santos, justos e bons (Rm 7:12; Gl 5:22, 23). O princípio da Lei divina estava inscrito sobre suas mentes e corações:⁴⁰ “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração de toda a tua alma e de toda a tua força” e “amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Dt 6: 5; Lv 19:18).

Estava no coração da humanidade adorar o Criador e esta adoração estava baseada no princípio da Lei de amor, que é o fundamento do governo de Deus e também

³⁹ Ibidem, 481.

⁴⁰ *A confissão de fé de westmister*, ed. Cláudio Antonio Batista Marra (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 1994), 26-27



de todo culto (serviço) prestado a Ele. Contudo, Jeová tem prazer na obediência e adoração voluntária.

A adoração, segundo a Bíblia, é o reconhecimento por aquilo que Deus fez pelos seres humanos. O santo par ...

“Elevavam sua voz num harmonioso cântico de amor, louvor e adoração a Deus pelos sinais de amor ao seu redor. Reconheciam a ordem e harmonia da Criação, que falavam de sabedoria e conhecimento infinitos. Por tudo o que Deus fizera, enchiam seu coração de profundo amor e lhes arrancavam dos lábios expressões de gratidão e reverência a Seu Criador”.Ao Deus escolher o Sábado ainda tinha este objetivo acima em mente, assim...

“...deveria o homem repousar neste santo dia, a fim de que, ao olhar para o céu e para a terra, pudesse refletir na grande obra da criação de Deus; e para que, contemplando as provas da sabedoria e bondade de Deus, pudesse seu coração encher-se de amor e reverência para com o Criador”.

“Sua observância deveria ser um ato de grato reconhecimento, por parte de todos os que morassem sobre a terra, de que Deus é o Seu Criador e legítimo soberano.”

“Era designo de Deus que o Sábado encaminhasse a mente dos homens à



contemplação de Suas obras criadas. A natureza fala aos sentidos, declarando que há um Deus vivo, Criador e supremo governante de tudo”.⁴¹

O imaculado casal tinha o mais puro prazer e felicidade em adorar ao Senhor.

Teologia e a redenção e a adoração

Quando o homem pecou, ele escolheu uma outra lei, uma outra natureza⁴² de pecado e de morte. Porém, Deus não foi pego de surpresa. Ele em Seu infinito e eterno amor estabeleceu um plano redentor⁴³ para que se retornasse ao relacionamento primórdio.

Quando o ser humano é Salvo por Cristo, dá-se início o processo dinâmico

da justificação e santificação. O crente responde temendo a Deus. O temor significa

⁴¹ White, *Patriarcas e profetas*, 331-332.

⁴² Deus havia dado o poder de escolha, o livre arbítrio, aos nossos primeiros pais. Colocara diante deles dois caminhos: a vida ao a morte; duas leis: a primeira do amor, confiança, dependência, fidelidade e obediência; a segunda da inimizade (ódio), desconfiança, independência, infidelidade e desobediência. A primeira trazia a vida eterna, a segunda a morte eterna. Ao escolher o pecado, Adão e Eva, tiveram o princípio da lei divina trocados de Seus corações e mentes para a lei do pecado. Agora eles renderam-se a escravidão do pecado que os levaria a morte. O que antes era um prazer e felicidade, adorar o Criador, passou a ser algo contrário a sua natureza. Pois, eles eram inimigos de Deus por sua natureza. O seu prazer estava no ódio e contenda (Gn 2:16-17; 3; Rm 5:12-21; 6:15-23; 7:7-25 a 8:11; Gl 5:16-23; Rm 1:18-32). O seu coração inclinava-se a adorar qualquer outro ser ou coisa, mas não adorar o Criador (Ap 9:20; 13:4, 8, 12, 15; 14:9).

⁴³ O plano redentor envolve a encarnação, vida sem pecado, morte vicária pelo pecador, a ressurreição de Cristo, Seu ministério intercessório no santuário celestial onde aplica méritos de sua justiça (vida sem pecado, segundo a lei de Deus) a todo aquele que crê, arrepende-se e se converte, aceitando, assim, o plano de Deus. Por fim envolve a segunda vinda de Cristo e a obra de Juízo (3 fases) e a eliminação final do pecado.



arrependimento e conversão, acercar-se dEle com reverência e respeito, num pensamento de absoluta lealdade a Deus e uma submissão completa a Sua vontade (Ap 14:5, 7).

O redimido glorifica a Deus pela tão grande salvação efetuada. É o reconhecimento pelo Seu amor criador e redentor, pelo Seu perdão e a Sua graça concedidos, pela Sua transformação e presença no coração do redimido.

Faz parte da obra redentora “imprimir” “as Leis” divinas sobre a “mente” e “inscrever” no “coração” do crente (Hb 8:10-11). Cristo coloca outra vez o ser humano em condição de prestar uma adoração fundamentada no amor expresso na santa Lei de Deus. Ao adorar o Seu Criador ele o faz através da obediência aos determinados mandamentos divinos, “e sem a observância a seus mandamentos nenhum culto pode ser agradável a Deus...” (I Jo 5:3, Pr 28:9).⁴⁴

Vê-se então um aspecto importante da Lei de Deus o qual é padrão para o verdadeiro culto e adoração a Deus. Ela apresenta as dimensões da forma de amor e adoração a Deus bem como o culto a Ele prestado (Ex 20:2-11; Ap 14:7 up): 1º mandamento a dimensão do culto interior; 2º mandamento a dimensão exterior do culto; 3º mandamento a dimensão verbal do culto a Deus. 4º mandamento, é a dimensão sagrada do tempo de culto.

O próprio Sábado tem outra conotação após o pecado. Além de revelar a Deus

⁴⁴ White, *O Grande conflito*, 436.



como Criador, e ser esse o fundamento do verdadeiro culto divino, pois no Sábado encontra-se a distinção básica de ser Deus o Criador e a humanidade Sua criatura, também o Sábado procura restabelecer no homem o aspecto do verdadeiro culto e adoração do Éden. A conotação adicional é que Deus deve ser cultuado e adorado por ser Ele o Redentor da humanidade (Dt 5:12-15; Ap 14:6).

Um outro aspecto importante, o Sábado é chamado de o “dia do Senhor” e aponta para o “Dia do Senhor escatológico”, um tempo de juízo vindicador e descanso para o povo de Deus.⁴⁵ Deus é adorado no Sábado como o Juiz que vindica Seu povo da opressão do pecado, de Satanás e seus instrumentos de perseguição (Ap15:2-4; 16:5-7; 19: 2-5).

Dentro desse contexto, adoração (*proskúneo*) é uma ação de reverência e reconhecimento das Suas criaturas redimidas que Lhe prestam culto ou serviço de louvor bem como Lhe amam obedecendo Seus mandamentos (Ap 14:12). Deus é reverenciado, reconhecido e cultuado por aquilo que ele fez, faz e fará: Cria, redime e julga. Os versos 6 e 7 contém estes três conceitos: 1º “Aquele que fez o céu e a terra e o mar, e as fontes das águas”-Criador; 2º o “Evangelho Eterno”-Redentor; 3º “ a hora do Seu juízo”-Juiz.

Assim, o propósito do Evangelho Eterno é restabelecer o verdadeiro culto e adoração edênico. (Ap. 15:2-4 comparar 7:9-17). Não é sem motivo que o convite é para adorar “Aquele que fez o céu, a terra e o mar, e as fontes das águas.”

⁴⁵ Jacques B. Doukhan, *Secrets of Revelation* (Hagerstown, MD: Review Herald Publishing Association, 2002), 21-22.



A cada ser humano faz-se o convite para aceitar o Evangelho Eterno, a aceitar a pessoa de Cristo. A aceitação envolve escolha, escolha de “receber a Cristo” (Jo 1:12-13), de amá-Lo, de guardar seus mandamentos (Jo 14:15), de adorá-Lo em conformidade com Sua vontade (Jo 4:23-24; I Jo 2:4-6).

Aplicação:

1) O cristão tem em mente que Deus é quem estabelece o verdadeiro culto e adoração, cujo padrão é revelado no Evangelho Eterno. Envolve reconhecer a Cristo como Salvador e Senhor, reconhecimento esse demonstrado na obediência aos mandamentos e num serviço de culto que ensine e relembre as ações de Deus como Criador, Redentor e Juiz.

2) Renunciar a qualquer culto ou adoração que negue o Evangelho Eterno. Com isso se tem as seguintes implicações: a) Deus deve ser adorado por ser o Criador, Redentor e Juiz. b) Todos esses 3 aspectos precisam constar na adoração e no culto; c) Ninguém está autorizado a estabelecer outro dia de adoração que seja contrário ao determinado por Deus.⁴⁶

⁴⁶ Deve-se rejeitar como não sendo estabelecido por Deus qualquer outro dia que venha ocupar o verdadeiro dia de adoração, o Sábado do sétimo dia. A referência acima é de que alguns cristãos somente enfatizam o Evangelho sem Lei e por esse motivo estipula-se o dia de domingo como o dia que Cristo santificou porque ressuscitara nele. Aonde fica o aspecto Criador que o Evangelho eterno nos convida a ter em mente? Outros somente tomam o aspecto Redentor esquecendo-se da segunda vinda de Cristo, na qual Ele virá como Juiz. É o caso de cristãos Católicos, que através da missa apresentam também o sacrifício de Cristo. A adoração do Evangelho Eterno deve ser completo, não parcial.



3) Demonstrar através da adoração no Sábado o verdadeira transformação efetuados por Cristo (justificação e santificação).

4) Procurar pela graça de Cristo guardar o Sábado como designado por Deus, pois isso significa adoração.

5) A Igreja Adventista do 7º Dia é chamada para anunciar e ensinar sobre o Evangelho Eterno e sua relação com a verdadeira adoração.

Conclusão

Conforme analisamos, perceber-se o Evangelho Eterno de Apocalipse 14:6-7 é o próprio Cristo. O Evangelho Eterno redime o pecador, restaura a verdadeira adoração com Deus e é quem estabelece a forma de adoração que Deus espera do redimido. Essa forma baseia-se nos 4 primeiros mandamentos da Lei de Deus.

Após foi abordado sobre o significado de *proskúneo*: prestar uma adoração e culto, em Espírito e em verdade, do intimo e em resposta ao convite do Evangelho Eterno. O Deus do Evangelho Eterno é o Deus Criador, Redentor e Juiz. Seus servos o adoram pelas suas ações de amor.

Finalmente se definiu uma teologia e suas implicações práticas entre o Evangelho Eterno e a adoração. É o Evangelho Eterno que possibilita e capacita o crente a adorar ao Senhor como determinado no princípio da Criação. Ao ser humano



compete escolher adorar ao Criador, Redentor e Juiz do Universo. Demonstrar-se-á na vida do crente o louvor e a obediência amorosa expresso na Lei dos mandamentos.

Dentre todos os mandamentos o Sábado é um dos mais perfeitos meios para expressar a verdadeira adoração que a mensagem dos três anjos convida a humanidade a fazer.

Assim conclui-se que existe uma relação teológica entre as duas palavras. É o Evangelho Eterno que restaura a verdadeira adoração edênica para “Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. (Ap. 14:6-7).



Bibliografia

Apolinário, Pedro. *Notas de sala de aula, matéria grego*. 1º semestre 1998.

A confissão de fé de Westminster. Ed. Cláudio Antonio Batista Marra. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 1994.

“Cordeiro” [Ap. 5: 6] *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Asociacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 7: 785-788.

“Cordeiro” [Jo 1:29]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Asociacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 5: 886.

Doukhan, Jacques B. *Secrets of Revelation*. Hagerstown, MD: Review Herald Publishing Association, 2002.

Esser, H. H. “Graça”. *Dicionário internacional de teologia do novo testamento*. Eds. Lothar Coenen e Colin Brown. São Paulo: Sociedades Religiosas Vida Nova, 2000. 1:911.

“Evangélio” [Ap 14:6]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Asociacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 7: 841.

“Fobéomai” [Rv 14:7]. *Bible Workes Version 7.0*. Norfolk, VA, 2007.

“Glória” [Ap 14:7]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D.



Nichol. Buenos Aires, Argentina: Associacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 7: 841.

“Gracia” [Ap 14:7]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Associacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 7: 839.

“Gracia y de verdad” [Jo 1: 14]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Associacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 5: 881.

Ladd, Gerge. *Apocalipse- introdução e comentário*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1990.

“Libro de la genealogia”, “Hijo de David”, “Jesus”, “Salvará” e “De seus pecados” [Mt 1: 1, 21]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Associacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 5: 270-271, 277.

Millanao O, Juan. *Culto y adoracion adventista - perspectiva*. IAE/ct, 1998.

“Miré”, “El Cordeiro”, “El monte Sion”, “Ciento cuarenta y cuatro mil”, El nombre... de su Padre”, “Em la frente” [Ap 14:1]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Associacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 7: 839.

Mounce, William D. *The Analytical Lexicon to the Greek New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Zondervam Publishing House, 1993.



“Proskúneo” [Rv 14:7]. *Bible Workes Version 7.0*. Norfolk, VA, 2007.

Rocha, José Miranda. *Ética cristã (Material não publicado)*. IAE - c/t, 1998.

Siqueira, Reinaldo. *Anotações de classe da matéria de livros poéticos*. Seminário Adventista Latino Americano de Teologia - IAE c/t, 1998.

“Temed” [Ap 14:7]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Asociacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 7: 841.

“Verdaderos adoradores” e “En espíritu y en verdad”[Jo 4:23]. *Comentário bíblico adventista del séptimo dia*. Ed. Francis D. Nichol. Buenos Aires, Argentina: Asociacion Cada Editora Sudamericana, 1996. 5: 918.

White, Ellen G. *Educação*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

_____. *História da redenção*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1973.

_____. *O Grande conflito*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.

_____. *Patriarcas e profetas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991.



Apêndice

Os 4 primeiros mandamentos da Lei de Deus (Ex 20: 3-11)	Princípios dos 4 Primeiros Mandamentos
1) Não terás outros deuses diante de mim.	1) Adoração somente a Deus - interior
2) Não farás imagem de escultura... não te adorarás [prostrarás] diante delas.	2) Prostrar-se somente diante de Deus - exterior
3) Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão.	3) As palavras de adoração somente a Deus e com respeito, honra e glória a Ele.
4) Lembra-te do dia de Sábado [Descanso] para o santificar. ... Mas o sétimo dia é o Sábado [Descanso] do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho...	4) O tempo de adoração a Deus. Envolve o nosso amor, fidelidade e submissão ao reino de Deus. Centro de todos os mandamentos. Quem é o Deus a ser adorado? O Criador dos céus, da terra, do mar e de tudo o que há. Ap 14:7.

Princípios dos 4 Primeiros Mandamentos (Ex 20:3-11)	A contrafação da verdade. Os mandamentos da besta.
1) Adorar somente a Deus - interior	1) Adorar a Besta e/ou ao Dragão (Ap 13: 4; 14: 11)
2) Prostrar-se somente diante de Deus – exterior (não fazer imagem)	2) Adorar a sua imagem (Ap 13: 14; 14: 11)
3) As palavras de adoração somente a Deus e com respeito, honra e glória a Ele.	3) Honrar o nome da besta, enquanto ela blasfema do nome de Deus (Ap 13: 5-6, 17; 14: 11)
4) O tempo de adoração a Deus. Envolve o nosso amor, fidelidade e submissão ao reino de Deus. Centro de todos os mandamentos. Quem é o Deus a ser adorado? O Criador dos céus, da terra, do mar e de tudo o que há. Ap 14:7.	4)????????? – não tem descanso (não tem um sábado) Quando a besta e sua imagem tentam estabelecer um descanso, um dia de descanso (um outro sábado que não o sétimo dia) – elas conseguem? Não. Deus faz que seus planos sejam frustrados, pois, elas até podem escolher um outro dia, porém, não terão descanso nem de dia nem de noite.

Trabalho de Conclusão de Curso

CD JOVEM: CULTURA DE MASSA NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA?

Rodrigo de Galiza Barbosa

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2008
Orientador: Vanderlei Dorneles, Ms.

Resumo: Recentemente as músicas cristãs oferecidas ao público jovem e evangélico têm sofrido uma influência existencialista. Uma das possíveis causas dessa influência é a apropriação dos recursos da cultura de massa para divulgar suas mensagens. Nesse meio, as músicas são transformadas em meios de comunicação de massa e sofrem uma simplificação de seu conteúdo apelando para o aspecto emocional em detrimento da razão. Essa é uma das características da cultura de massa que coaduna com o paradigma existencialista. Essa simplificação da mensagem causa uma desescatologização da mensagem bíblica. Como a Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento escatológico e jovem, no Brasil, é importante saber se sua produção musical jovem mais importante, o CD Jovem, tem sido influenciado. Pois isso poderia resultar na perda de sua identidade, ao tentar ser relevante a sociedade jovem pós-moderna.

Palavras-chave: Existencialismo, cultura de massa, música religiosa, jovem, Adventismo, Brasil.



Youth CD: Mass Culture in the Seventh-day Adventist Church?

Abstract: Nowadays, the Christian music in the market for to the young Christian and Evangelical public is under an existentialistic influence. One of the possible reasons for that is the appropriation of the resources of mass culture in order to spread its message. In such a context, the music is transformed into a media of mass communication. It undergo a process of simplification of its content, and it appeals more to the emotions than to reason. This is one of the aspects of the mass culture that corresponds to the existentialistic paradigm. The simplification of the religious message is done in detriment of the eschatological nature of the biblical message. Since the Seventh-day Adventist Church is a recent eschatological movement, it is relevant to know if its most important musical production for young people in Brazil, the Youth CD, has been affected or not. This eventuality may result in the loss of its identity as the Church searches to become relevant to a society of postmodern young people.

Keywords: Existentialism; Mass Culture; Religious Music; Youth; Adventism; Brazil.

RODRIGO DE GALIZA BARBOSA

CD JOVEM:
Cultura de massa na Igreja Adventista do
Sétimo Dia?

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho.

Modalidade: monografia

Orientador: Ms, Vanderlei Dorneles

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Engenheiro Coelho, SP – 2008

CD JOVEM:

Cultura de massa na Igreja Adventista do Sétimo Dia?

RESUMO

Recentemente as músicas cristãs oferecidas ao público jovem e evangélico têm sofrido uma influência existencialista. Uma das possíveis causas dessa influência é a apropriação dos recursos da cultura de massa para divulgar suas mensagens. Nesse meio, as músicas são transformadas em meios de comunicação de massa e sofrem uma simplificação de seu conteúdo apelando para o aspecto emocional em detrimento da razão. Essa é uma das características da cultura de massa que coaduna com o paradigma existencialista. Essa simplificação da mensagem causa uma desescatologização da mensagem bíblica. Como a Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento escatológico e jovem, no Brasil, é importante saber se sua produção musical jovem mais importante, o CD Jovem, tem sido influenciado. Pois isso poderia resultar na perda de sua identidade, ao tentar ser relevante a sociedade jovem pós-moderna.

Palavras-chave: Existencialismo, cultura de massa, poesia, imagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
Questões e problemas	6
Objetivos	7
Justificativa	7
Desenvolvimento da pesquisa.....	7
CAPÍTULO I – EXISTENCIALISMO E DESESCATOLOGIA NA RELIGIÃO PÓS-MODERNA	8
1.1 Existencialismo-materialista.....	8
1.2 Raízes do essencialismo adventista	11
1.3 A Cultura de massa	13
CAPÍTULO II – EXISTENCIALISMO NA POESIA DA MÚSICA DO CD JOVEM ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.....	17
2.1 Análise de conteúdo	17
2.2 Desenvolvimento do tema e análise.....	19
2.3 Dados e conclusões parciais	23
CAPÍTULO III - A IMAGEM COMO MEIO DE ADORAÇÃO	32
3.1 A imagem e o existencialismo na religião.....	32
3.2 Análise das imagens do CD jovem.....	34
3.3 Dados e conclusões parciais	37
3.3.1 Análise dos clipes	37
3.3.2 Análise dos vídeos	40
3.4 Considerações.....	41
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

Introdução

O cristianismo, desde cedo, usa a música na adoração a Deus. E essas músicas expressam a mentalidade do crente e sua visão do mundo físico e espiritual (STEFANI, 2002. p.187). Nos primeiros anos a ênfase encontrada nas músicas cristãs consistia na visão de um Deus transcendente, alguém para além de nós (STEFANI, 2002. p.166). Essa superioridade aumentava o senso de reverência e de reconhecimento do sagrado. Ao mesmo tempo em sua comunicação litúrgica o aspecto racional mediado por uma reflexão bíblica era quase inexistente, pois, as missas eram realizadas numa língua não conhecida pela maioria e o povo não tinha acesso à leitura da Bíblia.

Após a Reforma Protestante, que se iniciou no século XVI, o Deus além de nós tornou-se mais próximo do homem (STEFANI, 2002. p.166). Os cristãos, a partir da influência desse movimento, passaram a acreditar que Deus trabalha pelo homem e não contra ele como transparecia na comunicação da Igreja vigente. A Bíblia foi traduzida para a língua local e lida pelo povo. Assim também a música que era usada no dia a dia foi transformada em música litúrgica e o uso das imagens sagradas também foi modificada para adequar a crença Protestante.

De acordo com Alberto Klein em sua obra *Imagens de culto e imagens da mídia* (2006a), a imagem foi rapidamente associada à liturgia cristã na sua primeira fase, pré-Reforma. Mas com a Reforma protestante surge um movimento contra imagens (KLEIN, 2006a. p.22). Os protestantes elevaram a razão e a racionalidade da palavra à textolatria. A Bíblia, e não os santos, passou a ser o centro do culto Protestante (KLEIN, 2006a. p.222).

No contexto dessa mudança litúrgica os reformadores Martinho Lutero e Calvino afirmaram que a Bíblia deveria ser interpretada racionalmente e individualmente (CALVIN, 1966. p.36; LUTERO, 1992. vol.3 p.121). Assim, mesmo colocando a razão como determinante religioso, os reformadores iniciaram o processo da subjetividade e do individualismo na determinação da religiosidade ao romperem com a autoridade da Igreja Católica da época.

No século XVI, surgem então, com força, os movimentos espirituais que fizeram em suas mensagens que o divino descesse ainda mais perto da terra. A ênfase na subjetividade, do emotivo, era comum, pois Deus estava não mais além do homem (transcendente), nem pelo homem, mas dentro dele (imaneente). Esse cristianismo menos

intelectualizado dá origem ao pentecostalismo que prioriza o individualismo e a imanência do divino.

Nesse percurso histórico as músicas sempre refletiam a mentalidade cristã de cada período (ver STEFANI, 2002, Cap. IV). Nesse contexto de evolução musical e teológica, o pentecostalismo aparece no Brasil introduzindo na divulgação de sua mensagem a música *gospel*.

Esse fenômeno *gospel* tem crescido desde seu início no país. Esse estilo musical foi principalmente espalhado pela Igreja Renascer em Cristo na década de 80 e surge para atender um público especial, o segmento jovem. Os mais novos estavam insatisfeitos com a liturgia das igrejas, denominadas tradicionais, e partiram para uma liturgia mais “animada” (STEFANI, 2002. p.179-184)

A música *gospel* logo foi transformada em um produto, sendo vendido em lojas por todo o Brasil. Os corinhos ou músicas jovens, que até a década de 70 eram usadas apenas em movimento para-eclesiais e cultos jovens, são introduzidos na liturgia por igrejas pentecostais. Esse estilo de música hoje é muito usado pelo neopentecostalismo e possui algumas características importantes ao estudo da religiosidade e a comunicação.

Uma delas é que o momento de louvor é marcado por uma psicologia hedonista. A “experiência com Deus deve ser acessível, imediata e sem reservas” (OLIVEIRA, 2005. p.85). Isso é esclarecido com a análise das letras das músicas usadas nessa liturgia (OLIVEIRA, 2005. p.99-102). As mensagens pregadas são materialistas, existencialistas e priorizam o “cliente”, já que houve uma mistura entre mercado-igreja (OLIVEIRA, 2005. p.88).

Isso leva a uma outra característica importante do nosso estudo. As mensagens bíblicas retratadas nessas músicas são desescatologizadas, ou seja, as ênfases na volta de Jesus e no fim do mundo são eliminadas. As bênçãos e os benefícios que bíblicamente são advindas desse evento futuro, nessas músicas são trazidas para o presente, o agora e imediato.

Como descrito acima brevemente, ao mesmo tempo em que a mensagem cristã se modificou, os meios usados para propagá-la também. Isso porque os meios usados na comunicação da mensagem religiosa podem afetar profundamente o seu conteúdo como apontado por vários pesquisadores (KLEIN, 2006a.; CONTRERA, 2006; OLIVEIRA, 2005).

Hoje as igrejas cristãs neopentecostais que enfatizam a aspecto emotivo da religiosidade, têm usado a cultura de massa para propagar sua mensagem, pois ela favorece a transmissão de conteúdos espirituais no mundo pós-moderno num formato emocional. Algumas semelhanças apontadas, entre o divino e a cultura de massa, são que os personagens da mídia são divinizados e a sua mensagem se torna onipresente (ADORNO, 1975. p.180,181; MORIN, 2002. p.106-109). Mas nesse processo ela mundaniza o divino (CONTRERA, 2006). Componentes da fé cristã que eram consideradas para acontecer no futuro são trazidos para o presente. Pois a cultura de massa e a religiosidade pós-moderna é imediatista.

Em meio a essa mudança de paradigma religioso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) enfatiza em sua mensagem o futuro, com o evento da volta de Jesus. Ao seguirem princípios influenciados pela Reforma, os adventistas apontam a Bíblia e a razão como determinantes da religiosidade. Por isso, sua ênfase no estudo e na reflexão. Mas nos últimos anos a Igreja Adventista se apropriou de outros meios de comunicação para tentar propagar sua mensagem, além dos livros e lições de estudos bíblicos (com o apelo a razão, textual), programas televisivos, rádios e uma forte produção musical (recursos audiovisuais) têm sido utilizadas para tal fim. Nesse último apontado, destaca-se a coletânea de músicas jovem, produzida anualmente, que se tornou padrão nos cultos direcionados ao público jovem.

Como produto industrial ele faz parte da cultura de massa que tem a característica de simplificar a mensagem para se adequar ao meio mercadológico. Tendo assim a possibilidade de tornar sua mensagem existencial-desescatológica, como o neopentecostalismo, em contraste com a crença adventista essencial-escatológica. Surgem então alguns problemas.

Questões e problemas

Nessa nova onda de mercantilizar a religião para atrair os jovens, a música é identificada como maior meio de atração, e ao mesmo tempo, de propagação da filosofia existencialista (OLIVEIRA, 2005. p.99). Estará a IASD sendo influenciada por essa onda no meio e na mensagem? Que ensinamentos bíblicos, teológicos ou doutrinários são refletidos na poesia dos hinos cantados pelos jovens adventistas do sétimo dia? Que paralelos ou contrastes podem ser estabelecidos entre a hinologia jovem adventista e a tendência em tornar os cantos jovens existenciais?

Objetivos

O propósito do trabalho é identificar se as letras das músicas, produzidas especificamente para um público jovem, transmitem uma ideologia existencialista dentro da IASD. E se essa produção musical segue as características da cultura de massa.

Justificativa

A IASD é por origem e natureza, uma igreja que enfatiza o fim do mundo e a volta de Jesus. Portanto, é importante saber que mentalidade teológica está sendo formada através dos CD Jovem nessa nova geração de adventistas. Se suas letras apenas confirmam a ênfase escatológica do movimento ou comunicam um existencialismo pós-moderno.

Desenvolvimento da pesquisa

Na primeira parte do estudo é realizada uma descrição dos conceitos teórico-filosóficos usados na problematização da pesquisa. O existencialismo como influência negativa e o essencialismo como influência positiva na compreensão da mensagem da escatologia cristã, mensagem enfatizada pela IASD. Nesse capítulo essas correntes são contrastadas numa dicotomia de razão e emoção como determinante religioso.

No segundo capítulo é descrito como foi feita a classificação das poesias musicais da coletânea jovem adventista. Tendo como base os conceitos da análise de conteúdo, elas foram classificadas tendo em vista as características das filosofias existencialistas e essencialistas como descrito no capítulo anterior.

E encerrando a análise da comunicação adventista via CD Jovem, foi feita uma análise das imagens dos slides e dos DVDs usados junto às poesias na transmissão do conteúdo musical dessa coletânea.

Em cada um dos capítulos, breves considerações são feitas na tentativa de responder a problemática levantada e em seguida todas essas informações são reunidas numa conclusão onde propostas são feitas pelo autor.

CAPÍTULO I

EXISTENCIALISMO E A DESESCATOLOGIA NA RELIGIÃO PÓS-MODERNA

Antes de analisar os cânticos do CD Jovem adventistas do sétimo dia, é importante definir e identificar bem os conceitos teóricos. A principal filosofia que será discutida nesse trabalho é o existencialismo-materialista. O conceito de simplificação da mensagem da indústria cultural, como característica da pós-modernidade, é importante na contextualização do CD Jovem como possível meio de cultura de massa, visto que o existencialismo-materialista e o imediatismo são características marcantes da pós-modernidade e da cultura de massa.

Na primeira etapa, serão apontadas as principais características do existencialismo em contraste com a filosofia essencialista do ser, como ela afetou a teologia e como essa filosofia contrasta com o pensamento adventista do sétimo dia. Após essa caracterização, uma descrição da cultura de massa é feita a fim de traçar paralelos entre suas características e as filosofias anteriores. A partir desses conceitos, nos capítulos seguintes, será aplicada a metodologia da análise de conteúdo à letra e a imagem dos CD Jovem para verificar se ele pode ser caracterizado como produto da indústria cultural.

1.1 EXISTENCIALISMO-MATERIALISTA

A teoria existencialista é o oposto da filosofia essencialista no que se refere ao ser (MACINTYRE, 1972. vol.3 p.148; MORA, 1984. p.1088; *Mirador*, vol.9 p.4459; PENHA, 1989. p.59). O essencialismo é a crença que afirma a distinção entre as características acidentais e essenciais das coisas (BLACKBURN, 1997. p.126; MACINTYRE, 1972. vol.3 p.59; MORA, 1984. p.985). Os filósofos da essência como Aristóteles atribuíam à razão da existência ao conhecimento intelectual (*Mirador*, vol.9 p.4459; MACINTYRE, 1972. vol.3 p.59). A essência é a característica humana que o distingue dos demais seres.

No pensamento essencialista a verdade ou existência precede ao ser e ao sentimento (*Mirador*, p.4460; PENHA, 1989. p.13,59). Para esses filósofos a essência

não coincidia com a existência em seres finitos, somente em Deus. E os filósofos essenciais centravam suas idéias em um ser supremo ou num ideal superior enquanto que os filósofos existencialistas centravam suas idéias no homem e na sua percepção ou sentimento (MACINTYRE, 1972. vol.3 p.59; *Mirador*, p.4460).

Um dos expoentes do pensamento existencialista foi Sócrates (*Mirador*, p.4460). Ele enfatizava que a existência precede a essência. Por isso, a base de sua filosofia era o homem, e sua liberdade. Para o existencialismo o homem se torna o determinante da essência. Nessa teoria a primazia é da liberdade em relação ao ser; da subjetividade em relação ao objetivismo, dualismo, voluntarismo, ativismo (BLAKBURN, 1997. p.134; *Mirador*, p.4460).

No cristianismo esse pensamento existencialista é introduzido por Agostinho. A subjetividade impera na sua hermenêutica, e a interiorização do espírito divino marca a religiosidade agostiniana (*Mirador*, p.4460; OUTLER, 1965. p.290, 296). Mais tarde essa mudança de paradigma na filosofia, de um ser supremo para o homem, originou o intelectualismo de René Descartes e sua máxima “penso, logo existo”, como resultado desse pensamento existencialista-humanista. Com suas idéias, Descartes influencia a interpretação da realidade existencialista (MACINTYRE, 1972. vol.3 p.148) onde o homem se torna o centro e determinante da realidade (DESCARTES, 1968. p.33,107-109; GRENZ, 1997. p.101).

Sobre o existencialismo moderno, o seu principal sistematizador é Sören Kierkegaard (MACINTYRE, 1972. vol.3 p.148; *Mirador*. p.4461; PENHA, 1989. p.15). O filósofo dinamarquês do século XIX exalta a existência ao invés da essência em sua crítica ao cristianismo vigente (KIERKEGAARD, 1964. p.vi). Kierkegaard acreditava que o conhecimento sensível era primordial ao intelectual (KIERKEGAARD, 1964. p.vi, 29, 31; MACINTYRE, 1972. vol.3 p.147; PENHA, 1989. p.20). Contradizendo a Descartes e sua filosofia do “Penso, logo existo” (Cogito ergo sum) ele afirma: “Quanto mais penso, menos sou, e quanto menos penso, mais sou” (KIERKEGAARD In: *Mirador*. p.4460). Na perspectiva do pensamento existencial a fórmula cartesiana deve ser invertida: não existo porque penso, mas penso porque existo (*Mirador*. p.4460; KIERKEGAARD, 1964. p.v,vi).

Combatendo o sistema religioso católico romano de sua época, que para Kierkegaard desfigurava o cristianismo, ele apela ao extraordinário, um contato mais direto com Deus, uma relação absoluta com o Absoluto (KIERKEGAARD, 1964. p.31; *Mirador*, p.4460). Ele é levado a exaltar a existência no que tem de secreto, misterioso e

irracional (PENHA, 1989. 21). A experiência torna-se o determinante religioso. A verdade é subjetiva e a expressão do indivíduo (PENHA, 1989. p.21). A questão não está em encontrar a verdade, mas em uma verdade que se torna verdadeira quando o homem se apropria dela e a converte em vida (*Mirador*, p.4461; PENHA, 1989. 25,26).

Esse pensamento existencial que influenciaria a teologia de Kierkegaard foi explorado pelos deístas. Um deles vindos do Iluminismo foi Jean Jacques Rousseau. Para ele, também, o sentimento precede a razão na apreensão da realidade e do sobrenatural (HIGUET, 2005. p.35).

Na mesma época de Kierkegaard o teólogo Friederich Schleiermacher desenvolve sua teologia com base nessas características existencialistas. Assim também Rudolph Bultmann mais tarde refletirá essas mesmas características em sua teologia. Como expoentes teólogos que herdaram esse pensamento existencial (CLEMENTS, 1991. p.36; HIGUET, 2005. p.114; KÄRKKÄINEN, 2002. p.62) ambos consideram que a Bíblia torna-se a palavra de Deus com a experiência do cristão. Mas a Bíblia não é a palavra de Deus sem a experiência. A Bíblia para Schleiermacher é apenas o testemunho de homens que tiveram seu encontro com o divino. E o mais importante na religião é o sentimento presente, o encontro intuitivo com o divino (CLEMENTS, 1991. p.44; HIGUET, 2005. p.114; PENZO, 2002. p.634).

Isso faz com que a religião se torne apenas presente e sensacional. Conceitos como: pecado, salvação e volta de Jesus, são reinterpretados com significados existencial presente (HIGUET, 2005. p.124), pois a relação Deus-homem é reinventada a luz dos conceitos existenciais (BLACKBURN, 1997. p.134). E o existencialismo tem como fundamento a negação do transcendente ao enfatizar a imanência (PENHA, 1989. p.62).

Friederich Nietzsche continua a desenvolver o pensamento existencialista no século final do século XIX. Para Nietzsche a realidade é múltipla e contraditória, e só as multiplicidades dos pontos de vista opostos pode traduzir a complexidade da existência (GRENZ, 1997. p.133; *Mirador*, p.4461). A verdade não é uma adequação realista do entendimento às coisas do mundo, mas uma forma de crença, uma opção pessoal, uma escolha de vida. Sua noção relativa da verdade se aproxima da visão de Kierkegaard.

No século XX influenciado por Kierkegaard e Nietzsche o filósofo judeu Martin Buber formula a sua “teologia do encontro” (BUBER, 1979. p.xii, xvi, xxx). “O homem encontra Deus através do mundo e o mundo através de Deus; ele encontra a si mesmo

através de Deus e do mundo” (PENZO, 2002. p.197). Essa unificação envolve um encontro relacional entre o homem e Deus com ênfase no sentimento religioso.

A revelação, portanto, não é uma comunicação de verdades dogmáticas sobre Deus (PENZO, 2002. p.199). A revelação é um evento, o advento de uma presença que abre caminho para o encontro (PENZO, 2002. p.199,201). Nesse contexto, o mundo não é algo que se deve abandonar mas ser conhecido e santificado. Pois o homem e o mundo podem ser reatualizados culturalmente (PENZO, 2002. p.199). Esse conceito é importante para o processo de unificação (*yi'hud*), que é o núcleo da redenção messiânica de Buber (PENZO, 2002. p.199). O conceito de um mundo vindouro aplica-se ao atual mundo, como é percebido na forte influência da teologia buberiana nas tentativas de paz no Oriente Médio (PENZO, 2002. p.195, 201).

Assim pode se ver uma característica existencialista marcante nesses pensadores, a ênfase na emoção em detrimento da razão humana, e o sentimento humano e não um ser supremo como determinante da religiosidade.

1.2 RAÍZES DO ESSENCIALISMO ADVENTISTA

Em oposto a teologia existencialista, os adventistas do sétimo dia herdam a filosofia mais essencialista dos reformadores (DEDEREN, 2000. p.96). Os reformadores Martinho Lutero e João Calvino começam a colocar a razão como determinante religioso. Para eles somente a Bíblia deveria ser a regra suprema de vida do homem (CALVIN, 1966. p.36; LUTERO, 1992. vol.3 p.193-196). Ao romperem com a autoridade da Igreja Católica da época, eles afirmavam que a Bíblia deveria ser interpretada racionalmente e individualmente (CALVIN, 1966. p.36; LUTERO, 1992. vol.3 p.121), sem a interferência da igreja ou de filosofias humanas.

Contradizendo os teólogos liberais modernos, influenciados pelo existencialismo, os reformadores Calvino e Lutero acreditavam que a Bíblia era uma revelação divina que poderia ser compreendida pelo homem. Essa compreensão era feita primariamente através da razão. A importância da razão para Calvino é notada. Em sua obra *Institutas da religião cristã*, ele gasta seu primeiro volume discorrendo acerca do conhecimento, a razão que apreende o divino através da Bíblia.

Ele afirma que esse conhecimento racional de Deus via escritura sagrada determina a natureza humana e é fundamental para o cristão (CALVIN, 1966. p.37,38). Pois para Calvino “é evidente que o homem nunca conseguirá um conhecimento verdadeiro de si mesmo até que tenha previamente contemplado a face de Deus” através

da Bíblia (CALVIN, 1966. p.38). Assim, a antropologia e a teologia eram interligadas de forma inseparável (CALVIN, 1966. p.37; LUTERO, 1992. vol.3 p.195).

Os reformadores criam, no entanto, que a natureza humana após Adão e Eva está corrompida pelo pecado e por isso, os seus sentimentos, apenas, não devem ser o determinante religioso e da verdade (CALVIN, 1966. p.36,38,40; LUTERO, 1992. vol.3 p.196). Pelo contrário, a emoção humana é uma tentativa frustrada de determinar o que é verdade sem a influência do divino através do conhecimento bíblico (CALVIN, 1966. p.36-38,41; LUTERO, 1992. vol.3 p.195). Não que eles rejeitem a experiência do crente (CALVIN, 1966. p.41-43, 58; LUTERO, 1992. vol.3 p.96,97), mas a ênfase e a primazia estão na racionalidade divina.

Assim também os adventistas do sétimo dia entendem que a Bíblia é o determinante religioso, acima da experiência humana (DEDEREN, 2002. p.42). No adventismo o intelectual é colocado acima do emocional em contraste com a teologia existencial. O cristianismo à luz do adventismo é baseado inteiramente na Bíblia e nela somente. Mais que uma experiência, a revelação é uma base espiritual e racional da fé e do relacionamento para com Deus. Essa importância é percebida em sua primeira crença fundamental: as escrituras sagradas.¹

A Igreja Adventista do Sétimo Dia entende que o mundo foi criado perfeito por Deus e o homem feito à imagem da divindade. Essa imagem determina a essência humana.² Mas com a desobediência dos primeiros seres humanos, Adão e Eva, o pecado afetou a criação de Deus e trouxe a morte (DEDEREN, 2002. p.253,254). O que era antes perfeito, agora tornou ruim. O homem pecador é essencialmente mal (DEDEREN, 2002. p.214-217, 246). Portanto se faz necessária a intervenção divina para transformar o que é ruim em bom. O ápice dessa intervenção está no evento da morte na cruz de Jesus, o Deus que se tornou homem (DEDEREN, 2002. p.258).

Os adventistas pregam que quando o pecador acredita que a morte de Jesus substituiu sua morte, uma transformação começa a acontecer no homem (DEDEREN, 2002. p.292). Mas a completa mudança do mundo mal só ocorrerá quando Jesus voltar do Céu, onde está agora, para a Terra (DEDEREN, 2002. p.283). Esse evento marcará o

¹ **Seventh-day adventist believe...**Hagerstown: Revie w and Herald publishing association. 1988 p. 4-15
Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira. 2006. p. 9

² Para uma discussão mais detalhada sobre o relacionamento entre criação (protologia) e volta de Jesus (escatologia), ver HASEL, Michael. *'No princípio': a relação inseparável entre protologia e escatologia* em: DORNELES, Vanderlei. RODOR, Amin. TIMM, Alberto. **O Futuro-** a visão adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress. 2004. E fora do adventismo: ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

último dia do pecado na terra, pois haverá uma plena transformação do homem que creu em Jesus. A ênfase de sua mensagem é, portanto, salvar o homem de seu estado ruim e preparar-se para uma vida futura.

Por isso, eles acreditam que o cristão pode experimentar nesse mundo o prazer e a alegria da salvação em Cristo com vista da salvação futura. Pois essa alegria só será plena quando Deus os levar para o Céu (DEDEREN, 2002. p.300). Essa é a escatologia adventista, relativa aos últimos dias, que contrasta com o pensamento existencialista (DEDEREN, 2002. p.370,371).

Enquanto os existencialistas enfatizam o aspecto emocional da religião que acaba por eliminar a necessidade de uma esperança futura e metafísica, os adventistas enfatizam a necessidade da salvação futura operado pelo sobrenatural, completando a experiência atual do crente.

1.3 A CULTURA DE MASSA

Para transmitir suas idéias as igrejas cristãs atuais têm usado os meios de comunicação de massa, pois eles alcançam um maior número de pessoas em menor quantidade de tempo. É a cultura de massa que tem sido usada como forma de propagação da fé.

Na sociedade atual, denominada por muitos de pós-modernidade, a sociedade coleta experiências (GRENZ, 1997. p.65,66), dentre elas experiências religiosas. E essas experiências são fugazes. E para atender esse público a religião se tornou industrializada e comercializada (GRENZ, 1997. p.30). Como a espiritualidade possui essa característica de lenitivo, fuga do presente, ela facilmente se adequou às características do meio de comunicação de massa. Tem-se percebido uma predominância no uso da tecnologia e da cultura da massa pelas igrejas cristãs para cativar a atenção dos fiéis (GALINDO, 2004).

A cultura de massa é transmitida pelos meios de comunicação de massa, meios que comunicam a em grande escala. Eles fazem parte da indústria cultural. Essa indústria se apropria dos bens culturais e os industrializa. E como todo produto, ele sofre padronização (ADORNO, 1975. p.173; DEFLEUR, 1983. p.175-177; LIMA, 2002. p.117).

A padronização existe para atender uma demanda de mercado (ADORNO, 1975. p.173; DEFLEUR, 1983. p.175-177; LIMA, 2002. p.117). Pois os bens da indústria cultural são feitos para vender. Assim, todo produto é desenvolvido e fabricado nessa

perspectiva de mercado. E para atingir um maior número de pessoas, e consequentemente aumentar sua venda, a indústria cultural simplifica e padroniza sua produção. Pois no conceito da cultura de massa, a mensagem mais complexa dificulta sua vendabilidade.

Para aumentar seu espectro de alcance ela é simplificada (ECO, 1976. p.40; LIMA, 2002. p.118) e padronizada ao ponto de igualar o consumo entre intelectuais e não-intelectuais. A música é um dos meios culturais afetados por essa padronização (ADORNO, 1974. p.15-17). Aquela música que antes era ouvida apenas por uma classe de pessoas, é ouvida agora por todas as classes sociais (ADORNO, 1974. p.15-18).

Para Theodor W. Adorno essa simplificação característica dos meios de massa fez com que o gosto popular se enfraquecesse. E esse enfraquecimento favorece a emoção em detrimento da razão (ADORNO, 1974. p.19; ADORNO, 1975. p.176), uma característica existencialista. Pois como a emoção é inerente a todos os seres humanos, o apelo ao sentimento é recebido com maior aceitação pela massa (ADORNO, 1975. p.176; LIMA, 2002. p.120). Adorno coloca a música como sendo o meio ideal para essa realização. Afinal, para Adorno a música é a expressão mais ideal dos sentimentos ou instintos humanos (ADORNO, 1975. p.173).

As músicas padronizadas da cultura de massa focalizam o prazer, o momentâneo e agora. E não algo a ser esperado no futuro. Mesmo porque os produtos da indústria cultural são fugazes. Elas são feitas para o *entertainment/amusement* (DEFLEUR, 1983. p. 183). Esse caráter momentâneo inabilita o homem a pensar no todo (ADORNO, 1975. p.176), pois com a tecnologia, e o tempo livre, o homem passa mais tempo com o consumo desses bens culturais como forma de lazer (LIMA, 2002. p.114). O homem usa esse meio como fuga da realidade ruim do mundo, dos problemas do trabalho e da sociedade para um prazer passageiro (DEFLEUR, 1983. p.185).

Uma vez que o meio de comunicação consegue materializar o abstrato, o sonho, o desejo humano, ele é usado para sublimar essa fuga da realidade. Os meios de comunicação de massa então focalizam o agora, o já (DEFLEUR, 1983. p.187-192; ECO, 1976. p.40,59). A indústria cultural se concentra em agradar no presente o consumidor. Com isso ela atende apenas a necessidade superficial do homem. A indústria cultural induz ao sentimento que não pode satisfazer, para criar uma dependência (DEFLEUR, 1983. p.188). Isso gera uma sociedade emotiva que é cega às necessidades reais (ADORNO, 1975. p.176; DEFLEUR, 1983. p.188; ECO, 1976. p.317). Pois coloca a emoção como determinante social em detrimento da razão. E a

pós-modernidade favorece uma sociedade emotiva. Pois é fortemente influenciada pela tecnologia e a indústria cultura (GRENZ, 1997. p.56-66).

Essa sociedade do consumo é advinda do racionalismo e positivismo moderno (OLIVEIRA, 2005. p.80). Alguns viram a cultura tecnicista de forma muito negativa. Um exemplo foi Herbert Marcuse. Influenciado por Hegel, Marx e Freud ele via a tecnologia moderna como alienante (MERQUIOR, 1969. p.10-24). “Marcuse condena a razão tecnológica porque ela exige a separação entre o ego e os instintos” (MERQUIOR, 1969. p.43). Pois a felicidade para ele era a liberação do *eros* (MERQUIOR, 1969. p.46), ou libido social (MERQUIOR, 1969. p.32). A emoção deveria ser realizada.

Isso, a religião imediatista irá realizar com a tecnologia. Pois o cientificismo e a razão positivista negam a escatologia bíblica, um livramento futuro. O neopentecostalismo atualiza e esperança cristã de forma imediata. Assim atinge a necessidade do homem pós-moderno e coaduna com a crença bíblica de um livramento do pecado. Influenciada pela filosofia existencial, o neopentecostalismo é uma adaptação/acomodação da esperança cristã a uma sociedade de consumo (OLIVEIRA, 2005. p.88).

Como a cultura de massa diviniza o humano (ADORNO, 1975. p.180,181; MORIN, 2002. p.106-109), ela mundaniza o divino (CONTRERA, 2006). O neopentecostalismo traz o Deus transcendente cristão para mais perto do homem através de um culto marcado pelos sentidos, pela emoção e pela cultura de massa (OLIVEIRA, 2005. p.85,91,98). E uma das características dessa religiosidade é o forte uso da música *gospel* com ênfase hedonista, no prazer (OLIVEIRA, 2005. p.85). E isso se assemelha bastante à teologia existencial de Buber, Bultmann e outros como visto acima.

Ou seja, como resultado dessa teologia existencial divulgada via cultura de massa, ocorre uma desescatologização da mensagem bíblica. O Jesus que era para voltar e livrar o homem e o mundo do pecado no futuro é trazido para o agora, o já (OLIVEIRA, 2005. p.91,98,107). E isso é feito com apelos emocionais e até eróticos em suas músicas, para retratar o encontro de cura entre o divino e o adorador (OLIVEIRA, 2005. p.99). A ênfase, portanto, não está na palavra de Deus ou na sua compreensão cognitiva, mas na sua experimentação do ser divino pelo homem (OLIVEIRA, 2005. p.108,109). Uma teologia marcadamente existencial.

A escatologia deles será terrena como a de Agostinho e seu reino milenar eclesialístico (OLIVEIRA, 2005. p.109). E seu determinante religioso e do ser é a

emoção em detrimento da razão bíblico-divina. Ao contrário da crença adventista do sétimo dia que enfatiza a razão e o futuro com sua libertação desse mundo de pecado realizada por Jesus.

Em meio a essa religiosidade pós-moderna o CD Jovem é usado pela igreja adventista como meio de difundir sua mensagem. Como produto industrial ele é produzido em grande escala e em série, padronizado como todo bem industrial. Falta saber se como os meios de comunicação de massa, ele tem simplificado a sua mensagem para se adequar ao meio mercadológico da religião. Tendo assim a possibilidade de tornar sua mensagem existencial-desescatológica, como no neopentecostalismo, em contraste com a crença adventista essencial-escatológica. Isso será visto no próximo capítulo onde será feita uma análise dos textos musicais do CD Jovem à luz dos conceitos da cultura de massa.

CAPÍTULO II

EXISTENCIALISMO NA POESIA DA MÚSICA DO CD JOVEM ADVENTISTA

No capítulo anterior vimos que a filosofia existencialista enfatiza o homem e sua experiência como determinante da religiosidade. Enquanto isso o adventismo do sétimo dia baseia sua crença no essencialismo que enfatiza a razão como meio de firmar a religiosidade do indivíduo. A cultura de massa e sua simplificação da mensagem e imediatismo favorecem a filosofia materialista-existencial em detrimento de uma visão escatológica-essencialista.

Como a cultura de massa é usada na propagação de conteúdos religiosos, deve-se investigar se ela tem influenciado o conteúdo do CD Jovem adventista com essas características de enfatizar o presente e o aspecto emotivo ao invés de conteúdos sobre o futuro e a razão da fé cristã. E para identificar a possível existência de tal influência, foi feita uma análise de conteúdo dos cânticos do CD Jovem adventista à luz das características da cultura de massa, tendo em vista esse contraste, existencialismo-emoção e essencialismo-razão.

2.1 ANÁLISE DO CONTEÚDO

O método de análise dos textos musicais do CD Jovem foi a análise de conteúdo. Os conceitos metodológicos aqui usados estão fundamentados principalmente em Lawrence Bardin. Pois Bardin é considerada como uma referência comum e primordial em diversos autores de análise de conteúdo (FONSECA JÚNIOR, 2005. p.280-303). Por isso que seus conceitos são revisados em diversos materiais.

Para Bardin “a característica da análise de conteúdo é a inferência” (1977, p.116). A inferência tem como objetivo trazer informações mais profundas, ou essenciais do próprio texto, construindo uma nova representação semântica (BARDIN, 1977. p.133; MARCUSCHI, 2008. p.249; BAUER, 2007. p.192). Isso ocorre porque a linguagem é um signo artificial, ou produzido por um emissor intencional, no caso o homem. E uma atenção mais detida (a inferência), pode extrair da comunicação mais que um olhar superficial (ECO, 1973. p.32).

Essa intencionalidade atribui significado à linguagem no contexto do que foi dito (ANTUNES, 2005. p.126). Esses signos lingüísticos num texto representam um objeto,

acontecimento ou crença existente e real para o emissor (ECO, 1973. p.34). Essa crença poderá ser desvendada ou compreendida através da compreensão dos seus elementos unificadores, ou palavras codificadoras (ANTUNES, 2005. p. 126). É através desses codificadores lingüísticos que as inferências podem ser feitas.

“As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto” (MARCUSCHI, 2008. p.249). Assim, a inferência da análise de conteúdo serve de metodologia importante para identificar qual crença ou filosofia às músicas do CD Jovem estão transmitindo.

A inferência é uma interpretação controlada do texto (BARDIN, 1977. p.133), a partir de codificadores claros (BARDIN, 1977. p.95). E para aplicar esses conceitos em um objeto, Bardin enumera alguns passos. Os passos para uma análise são: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e referência (comparação com fundamentação teórica) (BARDIN, 1977. p.95). No primeiro passo, a pré-análise ou escolha dos documentos, o analista deve submeter o objeto da pesquisa às hipóteses e objetivos na elaboração de codificadores (BARDIN, 1977. p.95).

Codificadores são os elementos que caracterizam cada ideologia tendo como referência unidades de registro e unidades de contexto. Das cinco unidades de registros descritos por Bardin, três são relevantes para nosso trabalho: palavras-chaves (unidade perceptível, sintáticas); tema (núcleo de sentido/ unidade semântica) e objeto ou referente (BARDIN, 1977. p.105,106; BAUER, 2007. p.192). A partir da definição dos codificadores, o analista deve considerar algumas regras para elaborar categorias de conteúdo, e classificar as respectivas músicas. As regras de enumeração dos codificadores usados aqui foram: a) ausências ou presença de elementos; b) frequência e c) intensidade (BARDIN, 1977. p.108).

Após a definição das unidades de registro, a unidade de contexto servirá para codificar a unidade de registro, pois “suas dimensões (superiores às unidades de registro) são ótimas (sic) para que se possa compreender a significação exacta (sic) da unidade de registro” (BARDIN, 1977. p.107). Pois muitas vezes as unidades de registro mudam de sentido dependendo do contexto. E as palavras-chaves, para determinados conceitos, devem ser entendidas e definidas em suas dimensões mais amplas (BARDIN, 1977. p.107). Na análise da poesia do CD Jovem esse conceito é importante porque duas categorias são muito semelhantes, e sua diferenciação pode afetar o resultado final.

Assim, na unidade de contexto, a escolha dos documentos deve-se considerar: a escolha do universo relevante à hipótese, a exaustividade (não se pode deixar de fora

nenhum elemento da categorização) e representatividade (em caso de pesquisa por amostragem) (BARDIN, 1977. p. 97-99; BAUER, 2007. p.196). E as análises podem ser quantitativas ou qualitativas.

2.2 DESENVOLVIMENTO DO TEMA E ANÁLISE

Seguindo os passos apontados acima, será descrito como foi feita a análise da poesia das músicas do CD Jovem. Após uma pré-análise do maior número de elementos possíveis, recomendada por Bardin, as músicas foram classificadas em três principais categorias e duas secundárias. Essas categorias foram elaboradas com base nos elementos das filosofias contrastantes do existencialismo-emoção e essencialismo-razão. Pois esses são temas eixos pesquisados em redor do quais os discursos se organizam (BARDIN, 1977. p.106). Foram analisadas todas as músicas dos anos 1995 a 2007, pois na pré-análise quanto maior o corpus melhor os dados levantados (BARDIN, 1977. p.99).

Os codificadores selecionados foram relevantes à hipótese e aos objetivos, como determinados por Bardin (1977, p.95). Ao analisar as letras, o que determinou sua categoria foi o aspecto predominante (frequência de elementos codificadores) na música, visto que em muitas delas existe um misto.

As categorias são abaixo explicadas, lembrando que a categorização “tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 1977. p.119) e a partir delas apontar tendências. Assim as categorias são: mutuamente excludentes, homogêneas e estão associadas ao grau de pertinência da pesquisa (BARDIN, 1977. p.120).

a. Escatológica

Os códigos-palavras presentes que caracterizam a poesia das músicas classificadas escatológicas são verbos no futuro e adjetivos pejorativos aos elementos terrenos. Os códigos de palavras ausentes são substantivos que denotam emoção, e quando presentes essa emoção e prazer, são ligados ao futuro e ao céu. Os códigos de frase mostram desprezo pelo presente e esperança no futuro. A música *Quase no lar* (2001) é um exemplo dessa categoria.

*Estamos quase no lar, quase no lar
Falta pouco tempo, pra esse dia chegar
Estamos quase no lar, quase no lar
Com Jesus viveremos, nas mansões celestiais*

Na unidade de registro temática essas músicas enfatizam o futuro, a esperança e alegria de salvação futura na volta de Jesus. Elas contrastam a maldade do mundo presente com a beleza do mundo vindouro como em *Pés na terra e olhos no céu* (2005).

*Um novo dia surgirá quando Jesus aqui voltar
Todo o pranto findará, só alegria haverá
Não mais tristeza, não mais a dor, lá reinará o amor
Finalmente verei e adorarei o meu Rei e meu Salvador*

Normalmente a escatologia das músicas não está desassociada da soteriologia (doutrina sobre a salvação) adventista e a pregação da volta de Jesus. Mas a ênfase, ou a predominância dos elementos, não está na pregação da mensagem nem no prazer presente, mas na expectativa desse evento ocorrer. Como por exemplo, a música *Eu só quero estar onde estás* (1995) que por causa do elemento da salvação presente possui elementos da categoria existencial (como o substantivo *presença* e verbos no presente e imperativos), mas a predominância está no futuro encontro com Jesus. Por isso, como explicado acima, é importante identificar o elemento contextual para determinar qual a categorização dos elementos predominantes, como predito por Bardin.

*Eu só quero estar onde estás,
E viver em Tua presença.
Ver a Tua face e o adorar,
Junto a Ti eu quero estar.
Eu só quero estar onde estás.
Onde tudo é para sempre.
Leva-me pra este lugar,
Pois eu quero ali morar*

b. Soteriológica – missiológica

Na unidade de registro temática, a poesia dessas músicas enfatiza o prazer do mundo vindouro com a volta de Jesus que pode ser experimentado um pouco hoje pela alegria da salvação *em* Cristo. Isso porque a soteriologia adventista está associada à escatologia. Mas a ênfase dessas músicas é na salvação em Cristo e não no prazer aqui no mundo como em *Senhor somos tua voz* (2004).

*Para este tempo, para esta situação
Fomos escolhidos pra cumprirmos a missão
Vamos pelo mundo proclamando sem cessar
Que em breve Cristo, voltará pra nos buscar*

Normalmente essas letras também falam do dever do crente em proclamar para outras pessoas essa mensagem de salvação do mundo de pecado. Os códigos-palavras

que as caracterizam são verbos no tempo presente, mas que enfatiza a missão presente para ir ao céu no futuro. Os verbos atingem a outros, e não são verbos reflexivos. No código de frase a busca do homem retratada nessas músicas é uma decisão motivada pelo amor de Cristo e a maldade do pecado. Um exemplo é a música *Sou de Jesus* (2006).

*Sou de Jesus, o Senhor da vitória
O alimento a vida, Rocha eterna da salvação
Seu amor me atraiu, deu-me paz e alegria
Eu já fiz minha escolha: Sou de Jesus
Decidi testemunhar mesmo em forte provação
Rejeitando pela fé o pecado e seu sabor
No caminho de Jesus estarei sempre seguro
E assim, eu prossigo rumo ao Céu.*

E ainda há músicas que não apresentam elementos missiológicos, como verbos proclamatórios (pregar, anunciar, falar, testemunhar), mas como mescla elementos de salvação (perdão, amor, cruz, sangue) e volta de Jesus (céu, lar, glória) foram classificadas nessa categoria. Como é o caso da música *Sou feliz com Jesus* (1996) e *Rocha eterna* (1999) citadas abaixo respectivamente.

*Jesus meu Senhor ao morrer sobre a cruz
Livrou-me da culpa e do mal
Salvou-me Jesus, Oh mercê sem igual!
Sou feliz e hoje vivo na luz
A vinda eu anseio do meu Salvador
Em breve virá me buscar
Então lá no céu vou pra sempre morar
Com remidos, na luz do Senhor*

*Nem trabalho nem penar pode alguém aqui salvar
Mas só tu meu bom Jesus, pode dar-me vida e luz
Peço-te perdão Senhor pois confio em Teu amor
Eis que vem a morte atrás, desta vida tão fulgaz
Quando ao lar do céu subir e teu rosto em glória vir
Rocha eterna que prazer eu terei de em Ti viver*

c. Soteriológica - existencial

As poesias classificadas nessa categoria falam da salvação e libertação. Ao contrário da categoria acima, as músicas classificadas como soteriológica-existencial enfatiza a libertação ocorrendo “agora”, descreve o prazer da vida no mundo presente e no encontro com Deus hoje. Nessas músicas as emoções e estado de espírito é que regem a busca do homem a Deus. Os códigos-palavras estão no presente. Adjetivos e

substantivos com conotação emotiva (alegria, braços, abraço, encontro, euforia) recheiam as letras dessas músicas. E o aspecto racional da fé é descartado.

Mostradas respectivamente abaixo, pode-se notar que na música *A única saída* (1996) a emotividade é que motiva o crente a buscar Jesus, e em *Sempre confiante* (2006) a razão e o futuro é considerado como sem valor num relacionamento com a divindade.

*Os problemas e as tristezas não vão mais te dominar
Muita paz e segurança em Jesus tu vais achar
Pela estrada deste mundo Ele vai te esperar
E ao mostrar-te a saída vai sorrir e te abraçar*

*O que vai no futuro eu não sei
O caminho que vou passar
Mas sei que Ele sempre vai me guiar
E sei que seguro estarei*

Nos códigos de frase dessa categoria é comum a presença de frases imperativas, pedindo para que o divino habite o corpo num encontro com o homem. A música *Tempo de refrigério* (1999) mostra esses elementos.

*Vem refrigera-me em Tua presença
Não há maior benção do que andar contigo
Minh'alma restaura, renova minha vida
Estar em Tua graça é mais que euforia*

Mas é bom lembrar que as mensagens da poesia das músicas adventistas não vão ter uma desescatologia tão forte como o existencialismo-materialista sugere. Inclusive algumas poesias classificadas como existencial até possuem elementos escatológicos. Mas como a ênfase é no presente encontro com Deus, ela entra nessa categoria, como é o caso de *Nos braços de Jesus* (1996).

*Hoje aqui meu Jesus me tomou em Seus braços
E senti o calor do Espírito Santo
Vou em paz pois o meu Deus ao meu lado vai ficar
E em breve Sua face eu verei, lá no céu (2x)*

d. Outras

Litúrgica – poesias com ênfase na adoração a Deus e agradecimento pela salvação recebida. Códigos-palavras como louvor, cantar, gratidão, são muito usadas. Na esfera temática há também um sentido de entrega, como no culto de Israel quando a

dedicação fazia parte da liturgia no templo com agradecimentos e louvores. *Unidos em Cristo* (1995) é uma dessas músicas.

*Santo é o nome do Senhor,
Ele é digno de todo o louvor.
Em adoração erguemos nossas mãos.
E unidos em Cristo,
Juntos em Cristo,
Damos glória ao nome do Senhor. (3x)*

Fraternal – enfatiza a amizade. Os códigos-palavras giram em torno de sentimentos e relacionamento de amigos como saudade, abraço e aperto de mão. Elas podem ser relacionadas com o conceito existencialista pois muitas vezes as poesias retratam a interação do homem com Deus na base do relacionamento eu-amigo, o que lembra a teologia existencialista do encontro de Martin Buber. Exemplos dessa categoria são as músicas *Momentos* (2001) e *Despedida* (2000), respectivamente citadas em parte abaixo.

*Momentos felizes passamos, momentos tão lindos não
dá pra esquecer
Momentos que em paz conversamos e juntos cantamos
com todo prazer
Momentos de amor e alegria, momentos de muita
emoção
Momentos que compartilhamos e agora lembramos da
nossa canção!*

*A saudade é grande antes mesmo de partir
Tantos sentimentos, é difícil resistir
Lágrimas e abraços nos ajudam compreender
Como vai ser bom com Cristo ali viver*

2.3 DADOS E CONCLUSÕES PARCIAIS

Após a pré-análise os números encontrados foram: 21 (16,5%) músicas com ênfase escatológica, 34 (26,5%) com ênfase soteriológica-missiológica, 41 (32%) enfatizando elementos soteriológico-existenciais, 23 (18%) classificadas como litúrgicas e nove (7%) fraternais, totalizando 128 músicas.

As músicas classificadas como existenciais somam quase 50% a mais que o número das músicas da categoria escatológica (ver gráfico 1). E lembrando que os conceitos existenciais do encontro e do presente são enfatizados na categoria fraternal, pode-se facilmente agregar as músicas fraternais para uma melhor dicotomia entre

músicas que enfatizam o existencialismo-desescatológico e o essencialismo-escatológico.

Juntas, fraternais e soteriológicas-existenciais (50 músicas), elas resultam em 39% do total das músicas produzidas de 1995 a 2007. Quando somados ainda as músicas soteriológicas-missiológicas que possuem também um aspecto presente e existencial, o número sobe para 84 contra 21 que enfatiza a volta de Jesus. Isso seria quatro vezes mais. Todas essas análises são superficiais como a pré-análise que Bardin propõe. E essa primeira análise serve para apontar tendências iniciais para a análise posterior.

Gráfico 1 – Número total das músicas classificadas na pré-análise

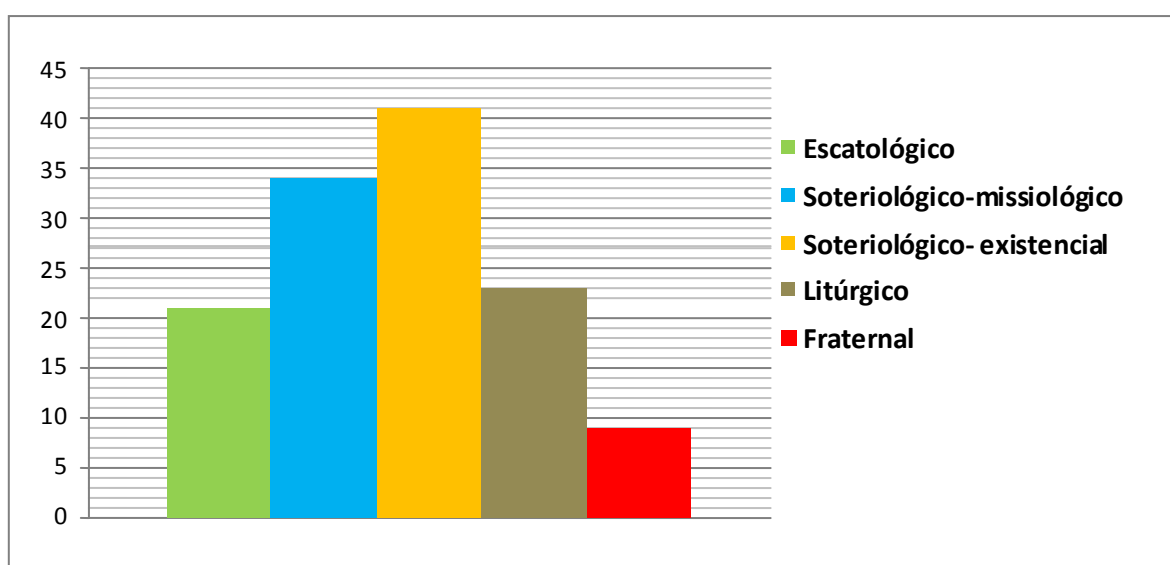


Gráfico 2 – Número da categoria escatológica e curva de progressão anual

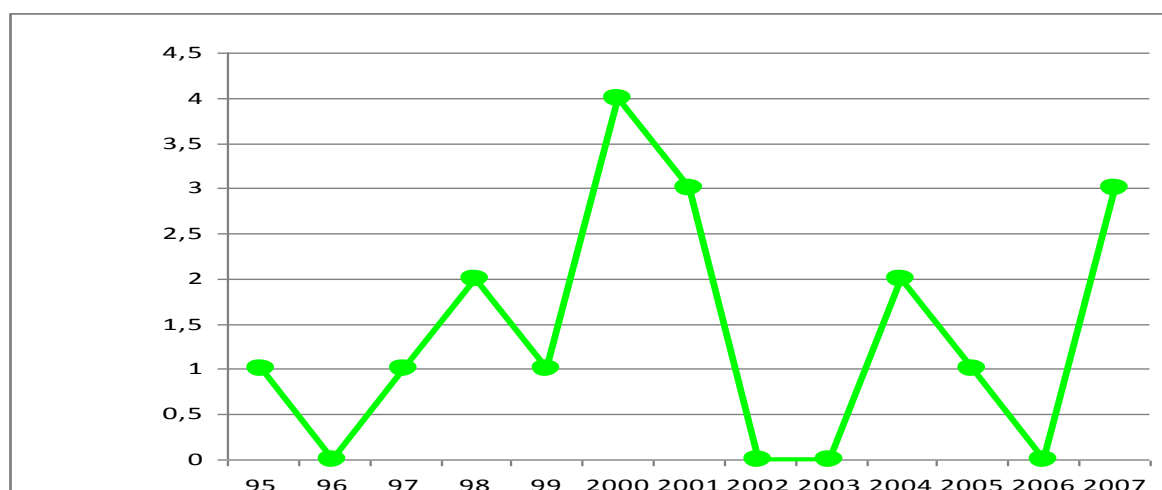


Gráfico 3 – Número da categoria existencial e curva de progressão anual



Outro dado relevante para a problemática levantada sobre qual filosofia é enfatizada nos cânticos jovens adventistas, é sua progressão (ver Gráfico 2 e 3). De forma geral podem ser percebidas duas curvas de tendências, uma curva ascendente das músicas classificadas como existenciais-soteriológicas e outra descendente das escatológicas. Principalmente do ano 2000 até 2007 essas curvas são mais notáveis. Justamente nesse período surgem as músicas fraternais que mantêm uma frequência nos anos subsequentes enquanto que por três anos (2002, 2003 e 2006) canções escatológicas não aparecem.

Após essa pré-análise e a determinação dos codificadores foram feitos alguns recortes e analisadas todas as músicas mais detalhada e profundamente. Essa análise mais detida alterou um pouco os dados iniciais, porém não fugiram muito das conclusões iniciais da pré-análise conforme previsto por Bardin (1977, p.96).

2.3.1 Músicas temas

O primeiro recorte realizado foi o das músicas temas, porque elas tendem a comunicar a mensagem central do CD Jovem. A escolha segue o padrão de representatividade, homogeneidade e pertinência (BARDIN, 1977. p.97,98).

Nesse recorte, sendo uma música tema por CD, o total delas são 12, pois a música do ano de 1995 é repetida em 1996. Elas foram classificadas em três escatológicas, sete soteriológicas-missiológicas e duas soteriológicas-existenciais. Temos assim um aumento no número da categoria escatológica, comparado com o número da pré-análise, totalizando 25% agora e 16,5% anteriormente. E outra mudança significativa foi o aumento de poesias classificadas como soteriológicas (existenciais e missiológicas) de 58,5% na pré-análise para 75% nessa delimitação.

Nessa nova análise há um predomínio de mensagens soteriológicas-missiológicas (58,5%), com um aumento significativo comparado com os números da pré-análise (26,5%). Mas se colocarmos apenas escatológicas e existenciais juntas, elas estão em aparente igualdade, três e duas músicas respectivamente. Isso pode sugerir uma negação à problemática levantada no início do trabalho.

Visto que duas categorias (fraternal e litúrgica) não apareceram nessa delimitação, e a notável discrepância dos números comparados a pré-análise, deve-se questionar se essa delimitação é confiável. Mesmo assim, um dado alcançado com essa delimitação é relevante à problemática levantada. Em nenhum momento nessa delimitação das músicas temas as poesias com ênfase escatológica sobressaem muito às com poesias classificadas como existências, o que pode sugerir a confirmação da hipótese levantada. Mesmo assim, até essa etapa nenhuma conclusão definitiva pôde ser alcançada.

2.3.2 Últimos oito anos

Outro recorte feito foi de 2000 em diante pois, foi justamente nesse ano que as cinco categorias apareceram juntas pela primeira vez (ver Gráfico 4) e é a partir daqui que se podem ver curvas que sugerem uma confirmação da hipótese do trabalho.

Após a análise das 83 músicas do ano 2000 a 2007 nota-se que as músicas consideradas escatológicas (15,5%) são metade das classificadas como existenciais (38,5%). As conceituadas como missiológicas (19,5%), litúrgicas (17%) e fraternais (9,5%) completam o quadro. Um dado relevante é que considerando os números de cada CD separadamente, vemos que cinco dos oito CDs predominam músicas com ênfase existencial. E que por três vezes há CDs que não possuem músicas classificadas como escatológicas (2002, 2003 e 2006) enquanto que a categoria existencial está presente em todos os anos e a fraternal só está ausente em um ano (2002).

Outro dado importante é que em quatro dos oito CDs a presença de músicas classificadas como existencial é quase metade das músicas do CD, com cinco ou seis músicas de nove ou 10 no total. Visto que o CD tem sua “validade” e impacto anual, a sua influência é ainda maior nessa perspectiva.

2.3.3 Todas as músicas

Após uma análise completa de todas as músicas os dados são os seguintes:

Gráfico 4 – Todas as músicas analisadas distribuídas por ano

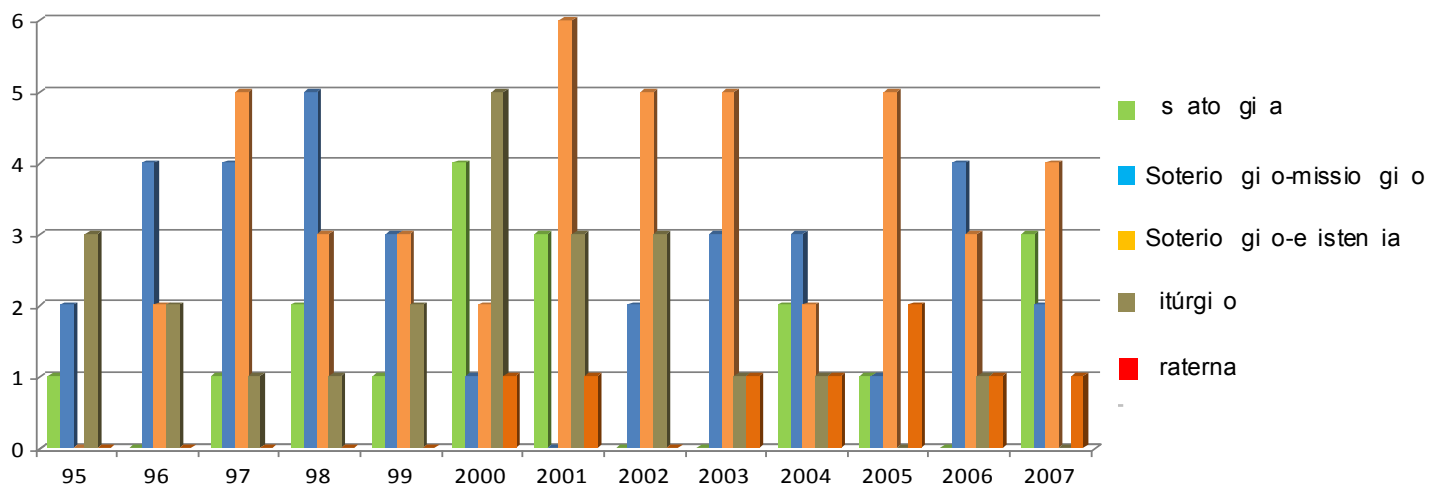
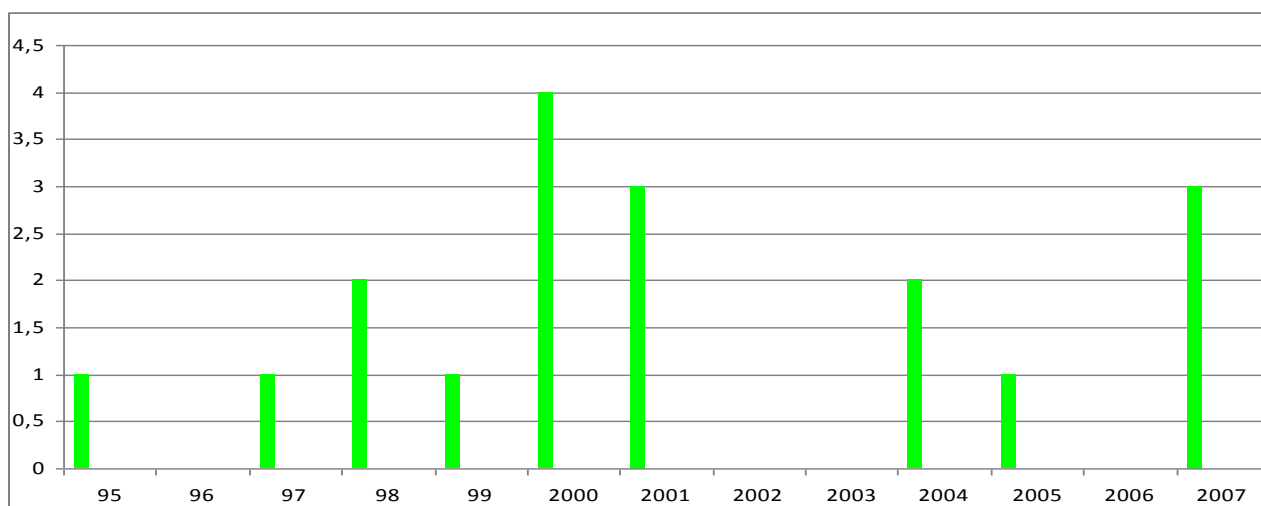
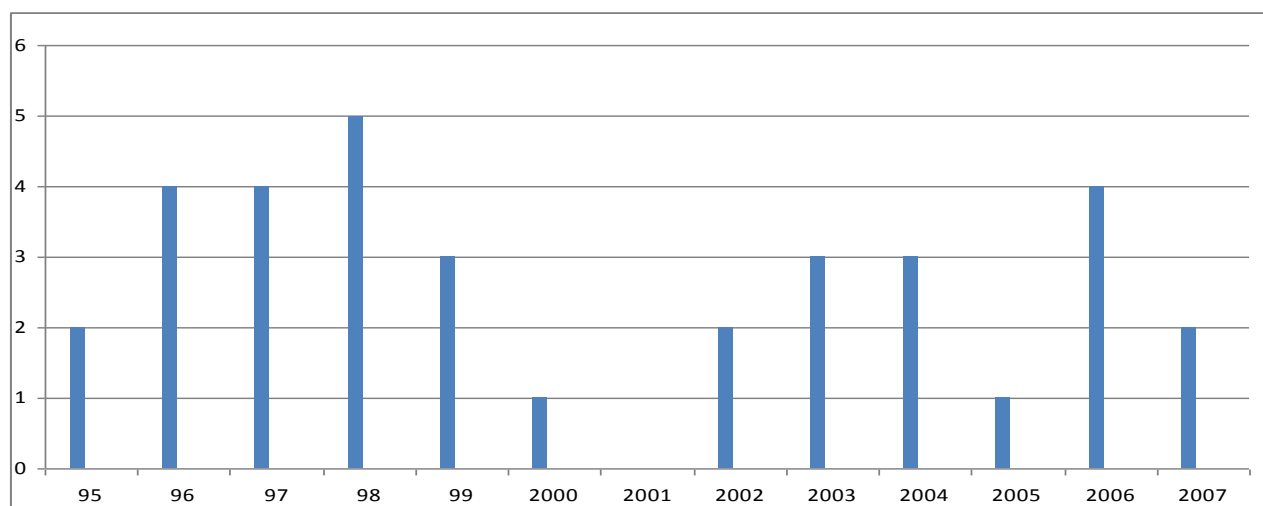


Gráfico 5 – Todas as músicas classificadas por categoria em progressão anual

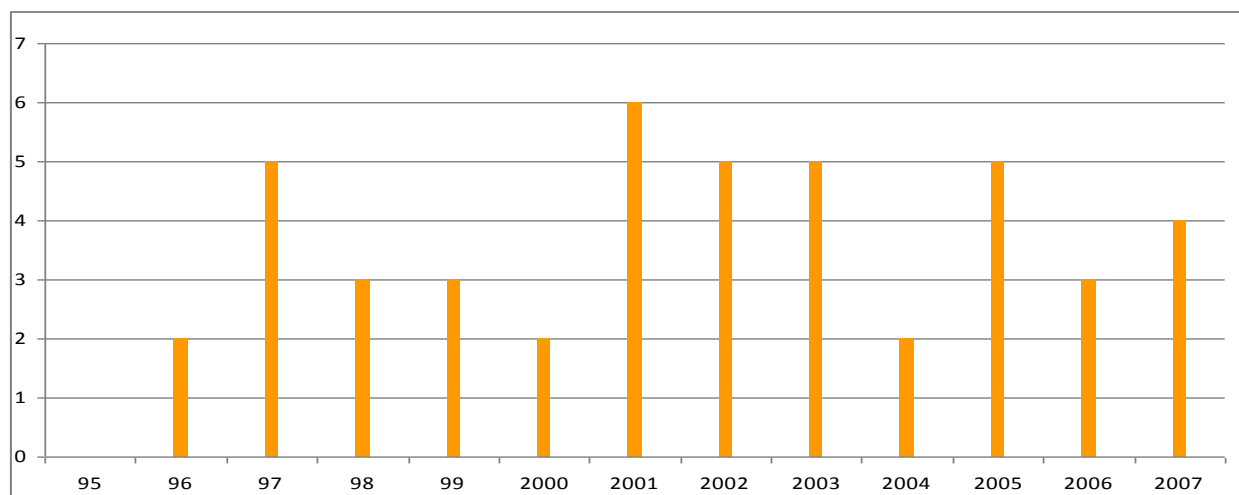
Escatológica



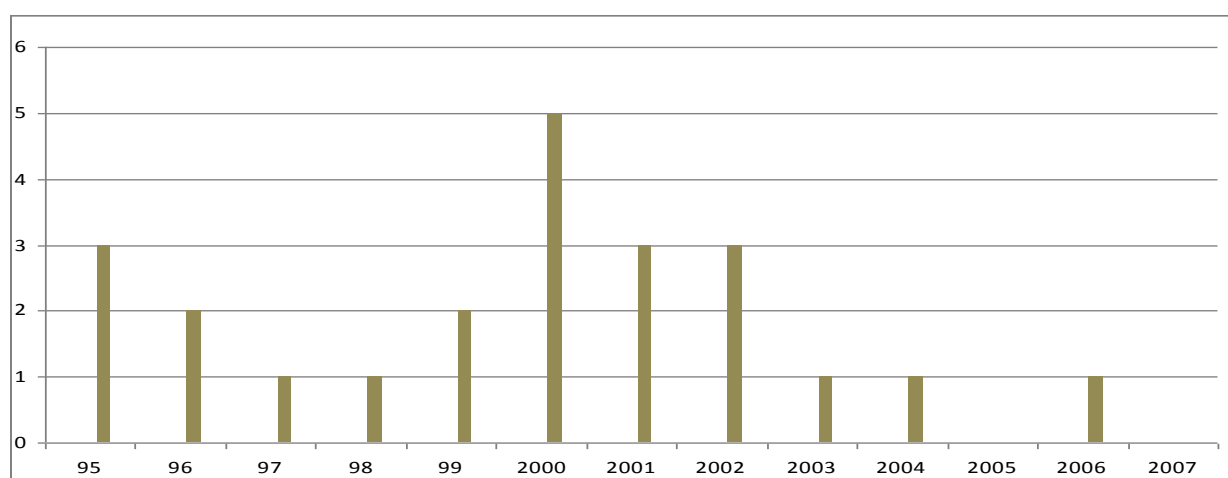
Soteriológica - missiológica



Soteriológica-existencial



Litúrgica



Fraternal

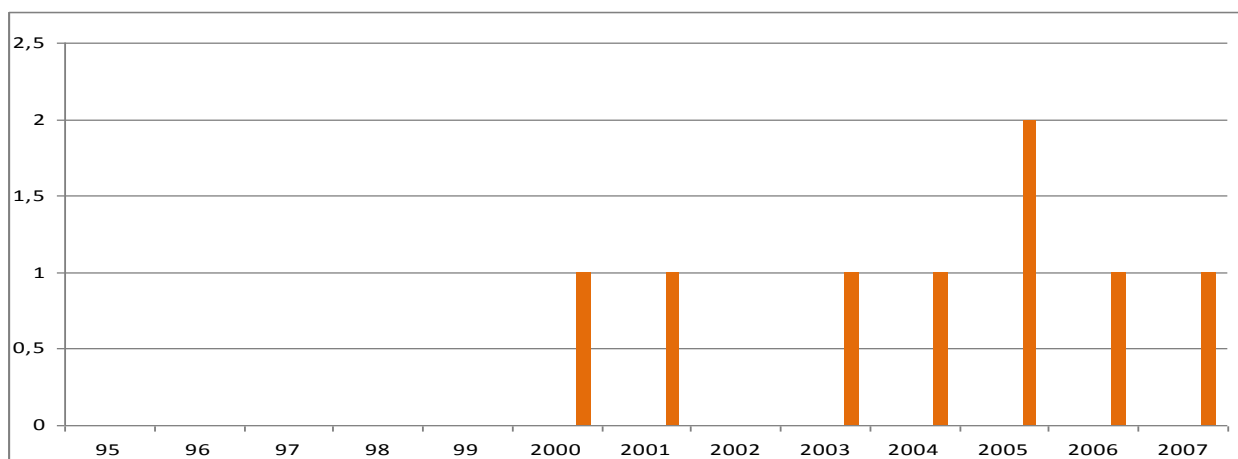
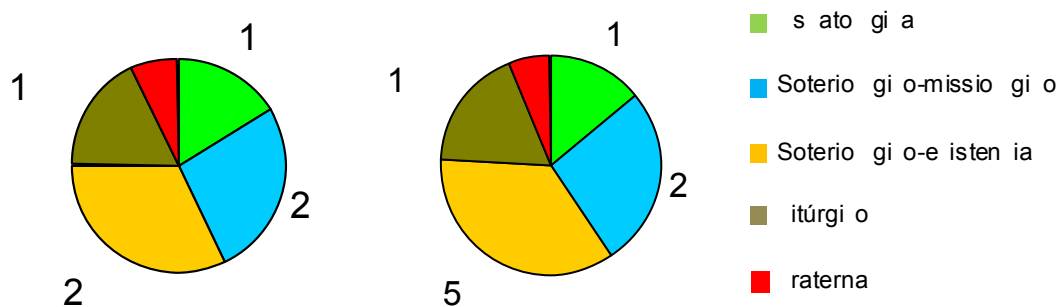


Gráfico 6 – Porcentagem das músicas da pré-análise (esq.) e da análise detalhada



Os números mudaram pouco após a análise mais detalhada, o que demonstra que a amostra é fiel. Essas mudanças são normais visto que a pré-análise é apenas uma pesquisa mais superficial para elaborar as categorias. As mudanças percebidas nessa amostra é um aumento das poesias musicais classificadas como existenciais e uma diminuição da categoria escatológica, o que confirma a hipótese.

As poesias classificadas escatológicas diminuíram de 21 para 18 enquanto que as classificadas existenciais subiram de 41 para 45. Isso porque a categoria soteriológica possui as duas vertentes em sua mensagem, elementos escatológicos (missiológicos) e elementos existenciais, como detalhada acima. No decorrer da análise algumas mudaram da categoria escatológica da pré-análise para categoria missiológica e outras antes consideradas dessa categoria foram classificadas como existenciais.

Essa mudança aconteceu pelo critério de predominância dos elementos descrito por Bardin que na pré-análise não foi detectada. Houve também a passagem de uma fraternal para existencial, o que é comum, visto a semelhança de seus componentes

temáticos. Esses números, posteriores a pré-análise, são mais fiéis e revelam algumas coisas relevantes à hipótese levantada.

As poesias classificadas como existenciais são mais que o dobro das encontradas na categoria escatológica e somam mais de um terço de toda produção musical (ver Gráfico 6 - direita). Se somarmos a essa categoria as poesias classificadas como fraternais, que possuem semelhança de conteúdo com as classificadas existenciais, elas seriam 41%. Isso resultaria em quase quatro músicas por ano num CD que tem uma média de dez músicas por ano. Considerando que seis dos 13 CDs analisados possuem mais músicas existenciais, a influência da filosofia existencial no CD Jovem pode ser notada.

Outra informação que vai de acordo com o dado anterior é que as poesias classificadas como fraternais surgem em 2000. E levando em conta o aumento de músicas existenciais desde 2000 e o declínio das músicas escatológicas nesse mesmo período, pode-se afirmar que a influência existencial é sutil, mas presente (ver Gráfico 4 e 5).

Isso pode ser notado quando se percebe que em quatro CDs as músicas escatológicas estão ausentes (1996, 2002, 2003 e 2006) enquanto que as existenciais somente não estão presentes no primeiro CD em 1995. Outro dado importante é a ênfase que as poesias musicais classificadas como soteriológicas-missiológicas demonstram. Visto que essa categoria é um misto entre o contraste presente-futuro e emoção-razão, sua ênfase pode aumentar o destaque existencial ou balancear com uma ênfase mais escatológica. Das 34 músicas classificadas como missiológicas, 24 enfatizam a volta de Jesus e o futuro enquanto que dez focam mais o presente. Esse último número pode equilibrar a balança entre existencialismo-desescatológico e essencialismo-escatológico no CD Jovem.

Outra perspectiva que foi considerada é se as músicas fraternais tinham elementos escatológicos em suas músicas. Das oito músicas com ênfase na amizade, apenas uma possui elementos suficiente para ter uma tendência mais escatologia que existencial.

Assim, se classificarmos de forma mais geral todas as músicas somente na ênfase escatológica e existencial teremos 43 escatológicas (considerando a fraternal com elementos escatológicos) e 62 existenciais. As litúrgicas não entram nessa classificação por ser de caráter bem distinto. Assim, com base nesse último número, aproximadamente 48,5% do total de músicas seriam de ênfase existencial enquanto que

aproximadamente 33,5% apresentariam uma ênfase escatológica em sua poesia. Se excluirmos as músicas consideradas litúrgicas do número total dessa porcentagem, esse número saltaria para 59% delas com conteúdo mais existencial contra 41% de conteúdo mais escatológico.

Seja qual for o cálculo ou o recorte, as músicas que possuem poesias classificadas como existencial-desescatológico estão sempre em maioria no CD Jovem. Isso está de acordo a hipótese levantada no início do trabalho e com o historiador adventista do sétimo dia Alberto R. Timm que afirma que desde a década de 70 o adventismo tem enfrentado uma influência pós-moderna na sua mensagem, principalmente em sua escatologia (TIMM, 2004. 290; TIMM, 2007. p.11).

CAPÍTULO III

A IMAGEM COMO MEIO DE ADORAÇÃO

Através dos números do capítulo anterior a tendência dos cânticos se tornarem existenciais através do uso de uma mídia de massa como o CD Jovem é sutil, porém visível. Esse apelo à emoção é uma característica da cultura de massa e da sociedade do espetáculo. E uma das características dessa cultura da mídia é o uso da imagem. Visto que nessa produção midiática religiosa adventista em conjunto com as poesias das músicas há também imagens, é importante saber se o conteúdo dessas imagens está de acordo com a tendência detectada acima, confirmando ainda mais a hipótese.

Nesse capítulo foi feita uma categorização das imagens dos vídeo-clipes e slides de cada música. Como essas imagens servem para conduzir a congregação no louvor, elas também constituem parte integrante da transmissão da mensagem do CD Jovem. As classificações das imagens seguiram a metodologia do capítulo anterior tendo as mesmas categorias como referências. Isso não quer dizer que serão as mesmas, mas a permanência dos conceitos do existencialismo-desescatológico e essencialismo-escatológico são consideradas, pois são temas centrais e relevantes na problemática do trabalho.

Antes da descrição da análise das imagens, é importante saber como a imagem afeta o conteúdo de uma produção musical, principalmente relacionado a conteúdos religiosos. Ao saber como a imagem influenciou a mensagem cristã na história, podemos traçar parâmetros para identificar as tendências e influências que o CD Jovem adventista está sofrendo ou não.

3.1 A IMAGEM E O EXISTENCIALISMO NA RELIGIÃO

Alberto Klein, em *Imagens de culto e imagens da mídia* (2006a), mostra a regressão e progressão do uso da imagem no cristianismo e seus resultados na sua liturgia. A imagem foi rapidamente associada à liturgia cristã, mas em contrapartida os iconoclastas do século VIII a XIX eram contra a associação da imagem no culto. Esse movimento contra imagens teve seu maior expoente e influência na Reforma Protestante (KLEIN, 2006a. p.22). Os protestantes elevaram a razão e a racionalidade da palavra à

textolatria. A Bíblia, e não os santos, passou a ser o centro do culto protestante. (KLEIN, 2006a. p.222).

Mas no século XX a imagem ressurgiu influenciando a religião via cultura de massa. A cultura de massa atual é de predominância do visual (JUNIOR, 2005). O recurso visual é o mais usado para apelar ao consumidor. Pois a imagem possui a facilidade de ser rapidamente reconhecida e assimilada, sem muita reflexão (ADORNO, 1974. p.19; ADORNO, 1975. p.176). Essa é uma das características da cultura de massa do século XX identificadas por Morin (1999, p.24,25). Pois como a emoção é inerente a todos os seres humanos, o apelo ao sentimento é recebido com mais facilidade pela massa (ADORNO, 1975. p.176; LIMA, 2002. p.120).

Essa emotividade instigada pela imagem tem sido usada de forma a criar uma sociedade do espetáculo, como descrita por Guy Debord (2007). Nessa sociedade a verdade é determinada pelo espetáculo, que é mediada principalmente pela imagem (DEBORD, 2007. p.14,16). Essa determinação abarca todos os níveis sociais e áreas de conhecimento. A religião principalmente é influenciada por esse fenômeno espetacular, pois ela tem que apelar para esse recurso para sobreviver (DEBORD, 2007. p.39), visto que a cultura de massa espetacular domina a tudo (DEBORD, 2007. p.13).

As conseqüências é que “tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação”, uma ficção da realidade (DEBORD, 2007. p.13). Essa ficção criada é uma tentativa humana de suprir sua necessidade religiosa. “O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa” (DEBORD, 2007. p.19). Mas essa nova roupagem tecnológica irá modificar profundamente a experiência do sagrado.

Esse uso da imagem pelo homem para comunicar, cria o movimento de iconofagia descrito por Junior (2005). A proliferação exacerbada de imagem na sociedade faz com que seu consumo seja exagerado e as próprias imagens “comam” os homens e seus meios de comunicação, assim como moldem seu estilo de vida (JUNIOR, 2005. p.94-7).

A conseqüência do aumento da comunicação bidimensional (televisiva) é a diminuição da comunicação tridimensional (pessoal). O problema desse fenômeno descrito por Junior numa linguagem de alimentação (fagia, comer) mostra que a alimentação comunicacional bidimensional não sustenta o ser humano porque ela não possui elementos necessários para uma comunicação sadia (JUNIOR, 2005. p.96). Isso ocorre porque as imagens nessa comunicação são sem corpo, o que gera uma carência afetiva como predita por Morin e outros (DEFLEUR, 1983. p.188). O “consumo” pós-

moderno atual (até no termo a cultura da imagem capitalista se apropria da iconofagia) é de símbolos, marcas, grifes, e ficam no signo de abstração (JUNIOR, 2005. p.96).

Nessa carência afetiva surge a religião como meio de suprir essa necessidade pós-moderna (DEBORD, 2007. p.39; GRENZ, 1997. p.65,66). Como o homem é um ser carente do transcendente, o consumo religioso via mídia é certo. E o que a televisão proporciona torna-se um mero processo de vício (CONTRERA, 2006. p.118). A imagem televisiva é um ótimo meio para suprir a carência ao imitar a revelação transcendente de diversas formas como a comunicação iluminada descrita por Eliade (1979), e a fuga do tempo presente para o tempo ideal da televisão (transcendente e onipresente) (CONTRERA, 2006. p.112).

Todos os detalhes desse mecanismo da entrada da religião na mídia foram descrito detalhadamente em Contrera (2006) e não precisamos elaborar aqui por não ser nosso propósito. Mas suas conclusões são relevantes, ao constatar que nessa simbiose mídia-religião, ocorreu um processo de dessacralização da religião e sacralização da mídia (CONTRERA, 2006), o que é uma característica do existencialismo.

Os objetos sagrados agora são os meios. O iconoclasticismo protestante agora recria a imagem, mas agora a imagem é do pregador e do culto (KLEIN, 2006a. p.22). “Aí reside a inversão de um movimento, a mídia criada pelo homem agora recria o próprio homem” (KLEIN, 2006a. p.223). Pois como McLuhan formulou (o meio é a mensagem), o meio acaba por moldar o seu usuário (1964. p.21). Assim a religião midiática favorece uma comunicação totalmente existencial, passageira e rápida (KLEIN, 2006b. p.122) que não consegue suprir esse desejo transcendente e duradouro (CONTRERA, 2006. p.118).

Ressurge a idolatria no cristianismo protestante e sua secularização (KLEIN, 2006a) Essa midiatização da sociedade é muito forte e hoje ela está profundamente mergulhada na imagem. Portanto só em usar a imagem, já existe um favorecimento da mensagem ser existencial (CONTRERA, 2006; KLEIN, 2006a). Mas é importante analisar o conteúdo dessas imagens para ver se essa influência existencialista na comunicação adventista se concretiza.

3.2 ANÁLISE DAS IMAGENS DO CD JOVEM

Como as músicas do CD Jovem desde 2004 vêm acompanhadas de imagens tanto em formato de vídeo (imagens em movimento) como em slides (com imagens estáticas), achamos por bem analisarmos as duas formas. De acordo com Bardin,

imagens também podem ser classificadas como texto comunicativo passível de categorização. Assim, a mesma metodologia pode ser usada para classificar as imagens do CD Jovem como mencionada no capítulo interior. Porém, ao invés de utilizarmos as quatro categorias do capítulo anterior, fizemos algumas mudanças para melhor adequação da problemática do trabalho.

As categorias existenciais e fraternais foram unidas por serem semelhantes em conteúdo. A categoria litúrgica foi removida por não se achar semelhança entre os elementos conceituais enumerados anteriormente e as imagens analisadas. Se alguma imagem lembrasse conceitos litúrgicos em contexto de adoração como oração, elas foram relacionadas facilmente ao aspecto da salvação como abaixo descrito. E visto que muitas imagens são retratos da natureza ou meramente ilustrativas incluímos uma categoria inexistente anteriormente. As categorias das imagens são: escatológicas, existenciais-fraternais, soteriológicas-missiológicas e natureza-ilustrativas. Elas são descritas abaixo detalhadamente.

a. Escatológico

As imagens consideradas como escatológicas tanto em vídeo quanto em slides são de pessoas olhando para cima dando idéia de futuro e volta de Jesus (*Queremos ver Jesus voltar*, 2004 – com poesia “queremos ver, queremos ver, Cristo voltando em glória pra nos buscar”); desenhos de Jesus voltando; em vídeo, pessoas morrendo, com fome, que contrasta a maldade do presente mundo com a esperança de melhoria no céu; imagens de lugares e objetos luxuosos como carro, casa, castelos, algumas vezes são usadas em conexão com a poesia para ilustrar a transitoriedade do mundo presente e com certo desprezo por elas. Isoladas, essas últimas poderiam ser consideradas existenciais, mas no contexto, se tornam escatológicas como no caso do vídeo da música *Pode cair o mundo...estou em paz* (2007) que traz um castelo, um carro luxuoso com a letra “a glória dessa terra é passageira”.

Uma observação deve ser feita. As imagens que retratam somente as nuvens, o céu, por mais ligadas que estejam a uma poesia falando da esperança da volta de Jesus, não é ideal relacioná-la imediatamente ao conceito escatológico no CD Jovem, porque esse tipo de imagem é usado frequentemente em relação a poesias de diversos conteúdos. Assim seu significado escatológico acaba se esvaziando.

b. Soteriológica – missiológica

As imagens dessa categoria lembram conceitos de salvação cristã, como cruz, oração, estudo da Bíblia e divulgação da mensagem cristã numa ajuda ao próximo ou

através de uma pregação. Assim normalmente são pessoas com Bíblia na mão, dando idéia de um estudo bíblico; pessoas orando, pregando; pessoas sendo ajudadas a apanhar compras caídas no chão (*Senhor, somos Tua voz* de 2004 com a poesia “vem Senhor, usar a nossa vida”), ou em outro quadro, em um hospital, quando uma mão de uma doente está parada no leito e chega outra mão e massageia a mão da doente (*Descobrimo amigos* de 2007 junto com a poesia “se a gente coloca o amor em ação”); também imagens da cruz e do rosto de Jesus por serem associadas à mensagem de salvação. Porém essa última merece uma análise do seu contexto.

Algumas vezes, a figura do rosto de Jesus está unida a elementos da natureza, o que merece uma análise cuidadosa. O rosto de Jesus relacionado, por exemplo, com a luz do sol (*Tu és*, 2004), o rosto numa Bíblia em meio a uma cachoeira (*Nossa inspiração*, 2004) ou com uma águia no céu (*Amigos pra sempre*, 2004), pode transmitir um conceito de imanência panteística, o que sugere existencialismo. Assim, elas foram caracterizadas na categoria seguinte. Tirando essa semelhança, nessa análise das imagens não existe uma mistura de conceitos entre essa categoria e a categoria que retrata elementos da escatologia ou do existencialismo como ocorreu no capítulo anterior com as poesias.

c. Existencial – fraternal

As imagens dessa categoria foram associadas aos conceitos relacional e presente, como relacionamento e diversão entre amigos. Imagens com pessoas juntas, conversando, andando juntos, sorrindo para câmera e crianças brincando fazem parte dessa categoria. Todas essas imagens retratam momentos fraternais e são facilmente relacionadas ao existencialismo como conceituado no primeiro capítulo.

Imagens de Jesus abraçando pessoas (*Amigos pra sempre*, 2004), figura com o rosto de Jesus relacionando elementos da natureza como águia, e cachoeira ou quando a poesia é existencial, como esclarecido acima na categoria anterior também fazem parte dessa classificação. Outras imagens que surgem nessa categoria são imagens de coração (*Ser amigo* de 2005 com a poesia “é deixar falar a voz do coração”), e pessoas preocupadas trabalhando sem o contexto do conceito escatológico de desprezo pelo presente mundo.

d. Natureza-ilustrativa

Nessa categoria as imagens que a caracterizam são cenas da natureza, barco, carro na estrada, locomotiva andando, em algumas aparecem pessoas, mas,

insignificantes para caracterizá-la como fraternal pois, são apenas detalhes na composição da imagem.

Algumas imagens consideradas ilustrativas podem sugerir um existencialismo por apelar à emoção e está ligado a poesias de amizade. Como é o caso de *Descobrendo amigos* (2007) que usa em diversas imagens filhotes de animais como cachorro e gato juntos, se abraçando. Além disso, imagens de natureza usadas de forma excessiva em contextos da mensagem sobre o Espírito Santo e a habitação da divindade podem sugerir conceitos como o panteísmo ligado a filosofias existenciais.

3.3 DADOS E CONCLUSÕES PARCIAIS

3.3.1 Análise dos slides

Após a análise dos slides os números obtidos foram os seguintes: das 37 músicas de 2004 a 2007 foram produzidos 943 slides. Eles foram distribuídos em 40 slides relacionados a conceitos escatológicos (4,25%), 40 relacionados à mensagem soteriológica- missiológica (4,25%), 71 (7,5%) slides possuem características que lembram conceitos classificados como existencial-fraternal, e 792 (84%) consideradas imagens da natureza ou ilustrativas.

Gráfico 7 – Porcentagem dos slides do CD Jovem

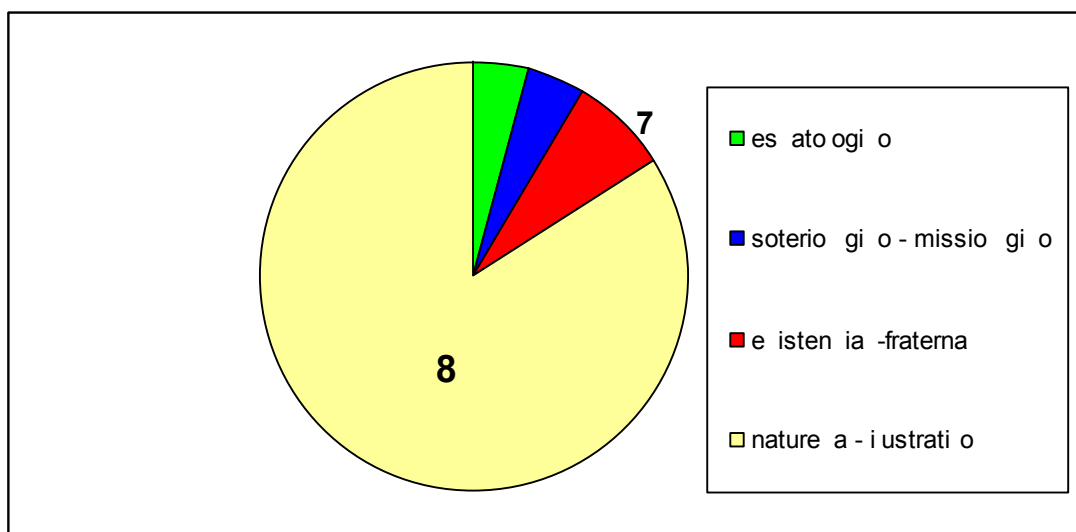
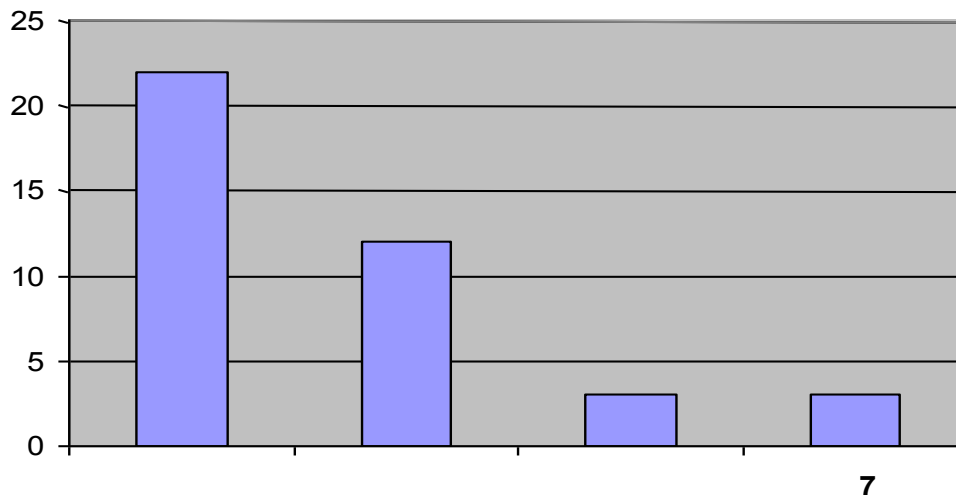


Gráfico 8 – Todos os slides classificados por categoria em progressão anual

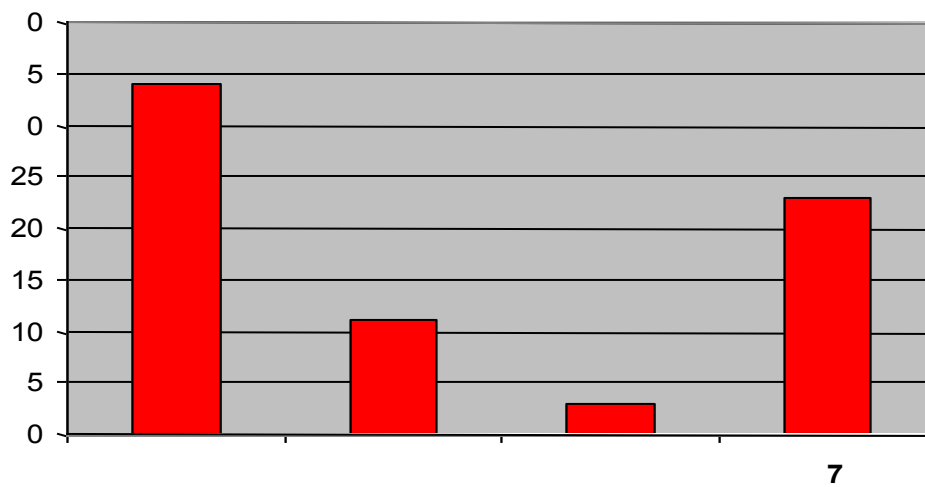
Escatológicas



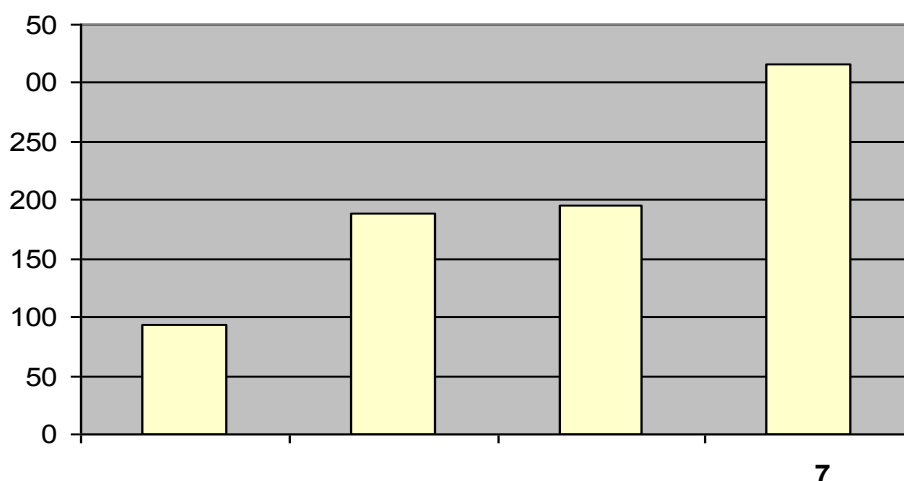
Soteriológico-missiológico



Existencial- fraternal



Natureza-ilustrativa



Os slides classificados como existencial-fraternais são quase o dobro do total classificado como escatológico e soteriológico-missiológico, ou seja, é o total da soma das duas. Mas se comparado com a categoria natureza-ilustrativa esse número é mais que treze vezes menor. Se colocarmos numa distribuição por música, os slides com conotação existencial estariam presentes em média em dois slides por música. As escatológicas numa média de um slide por música em conjunto com os soteriológicas-missiológicas. Enquanto isso, as ilustrativas estariam presentes em todas as músicas, com uma média de 21 slides. Levando em conta que a média é de 25,5 slides por música nesses quatro anos, a presença da última categoria é muito grande e quase torna a influência das outras categorias irrelevantes.

Mas outro dado relevante à pesquisa é o de que quando se analisa os números por ano (gráfico 8), percebe-se que as imagens classificadas como escatológicas estão ausentes em 2006. E no período de 2004 a 2007 há uma queda bem acentuada de 36 slides em 2004 (19,5% do total do ano) para um slide em 2005 (0,5%) e três em 2007 (1%). Os números da categoria existencial-fraternal também sofrem uma queda no período de 2004 a 2006. De 34 slides em 2004 (18%) diminuem para três slides em 2006 (1,5%). Mas em 2007 esse número sobe um pouco (23 slides ou 6,5%). Esse número pode parecer uma ascensão, mas se comparado com o início do período, ainda representa uma queda. Essa diminuição não é tão acentuada como a que ocorreu na categoria escatológica.

Ao comparar essas quedas com os números da classificação ilustrativa é notável a diferença. A presença de slides considerados natureza-ilustrativas mais que duplicou

de 2004 para 2005 e mais que triplicou de 2004 para 2007. Houve um salto de 93 slides em 2004 para 315 slides em 2007. Ao constatar que o número total de slides subiu no decorrer do ano, a sua influência, comparada com as outras categorias, é muito superior.

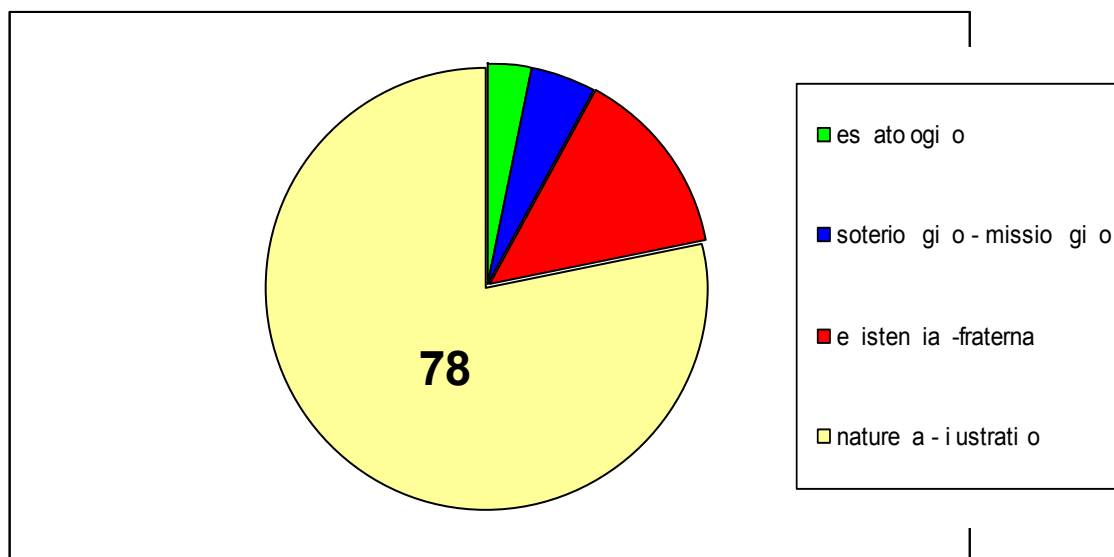
Uma conclusão parcial é a de que as imagens em formato de slides, se consideradas como nas categorias acima, são irrelevantes para a nossa pesquisa, considerando a quantidade de slides ilustrativos. Talvez uma análise semiótica mais detida da união da letra com as imagens da natureza possa mostrar algum resultado.

3.3.2 Análise dos vídeos

No caso das imagens em formato de vídeo, é importante lembrar que ao classificá-las, a situação de fusão de imagens foi considerada como um mesmo quadro, assim como duas imagens juntas (uma ao lado da outra num mesmo quadro), a menos que mudasse a sua classificação.

Os números obtidos após a classificação de 974 quadros são: 761 (78%) classificadas como natureza-ilustrativa; 47 (5%) como soteriológico-missiológico; 134 (14%) como fraternal-existencial e 32 (3%) como escatológico.

Gráfico 9 – Porcentagem dos vídeos do CD Jovem



Quando analisados isoladamente por ano, percebe-se que a categoria escatológica só aparece em 2007, enquanto a categoria natureza-ilustrativa está em todos os anos. O ano de 2006 contém apenas esse tipo de imagem. As imagens soteriológico-missiológicas tiveram um aumento, entre 2004 e 2007, de três para 25 quadros, o que representa um salto de participação anual de 1,5% para 7%. As consideradas fraternais-existenciais não estão presentes em 2004 e 2006. E sua queda

entre 2005 e 2007 foi de 101 quadros para 33, ou de 38% para 9,5% anualmente. Imagens consideradas como escatológicas aparecem apenas em 2007, estando 28 dos 32 quadros numa só música: *Pode cair o mundo... estou em paz*.

Apesar dessa queda do número de imagens consideradas existenciais e do aparecimento de imagens com conteúdo classificado como escatológico, os dados mostram que a primeira categoria totaliza mais de quatro vezes as de conteúdo escatológico. Lembrando que algumas imagens classificadas como escatológicas poderiam, sem a poesia, facilmente ser associadas a riquezas presentes e conceitos existenciais, isso aumentaria ainda mais a possível influência existencial nas composições do DVD do CD Jovem.

Isso pode ser notado em algumas músicas de 2005, onde os cantores que gravaram o vocal são protagonistas de muitas cenas no estúdio de gravação. Imagens sem nenhuma relação com o conteúdo são usadas para preencher o fundo. Como visto na introdução desse capítulo, as igrejas cristãs ao usar a imagem de forma excessiva em sua liturgia, tornaram os símbolos ligados ao sagrado sem sentido (JUNIOR, 2005. p.95-96), pois a inflação do visual gera uma crise de visibilidade fazendo com que o homem não enxergue mais o significado por trás da comunicação visual.

O processo de secularização do sagrado que isso acarreta, descrito por Contrera (2006) e outros, pode ser notado na música tema desse respectivo ano citado acima, *Fiel a toda prova*, onde um dos cantores se torna protagonista de um romance. A fidelidade a Deus transmitida pela poesia da música é retratada agora em vídeo como fidelidade num namoro. Essa mudança de conceito pode ser relacionada tanto à teologia do encontro de Buber, como à influência existencial detectada por Oliveira (2005) nas músicas neopentecostais.

3.4 CONSIDERAÇÕES

Quando comparados aos slides, os números da análise dos vídeos demonstram essa possível influência existencialista. Enquanto que as imagens consideradas escatológicas diminuem de aproximadamente 4% nos slides para 3% nos vídeos, as imagens consideradas existenciais sobem de 7,5% para 14%.

Mas assim como nos slides, a influência dessas categorias nos vídeos analisados é minimizada pelo grande volume de imagens da natureza. Apesar de haver uma ligeira diferença na porcentagem da categoria natureza-ilustrativa presente nos slides comparados com a porcentagem nos vídeos, em conjunto, as duas produções do CD

Jovem se utilizam de uma média de 80% de imagens da natureza. Isso pode sugerir certa relação com conceitos panteístas, onde a natureza é relacionada com o sagrado (PENZO, 2002. p.197). Isso é uma característica do processo de secularização do divino apontado por alguns (CONTRERA, 2006; STEFANI, 2002. p.184).

Diante desses números, pode-se inferir uma sutil influência da cultura de massa no CD Jovem, que acaba por simplificar a mensagem adventista. Essa simplificação da mensagem torna seu conteúdo mais existencial e suscetível à mundanização da religiosidade, vista nas religiões pós-modernas como o neopentecostalismo. Essa influência é sutil, pois não é tão grande quanto à detectada em outras igrejas.

E pelo uso inapropriado do departamento de comunicação da igreja adventista do recurso áudio-visual para propagar a mensagem, pode-se inferir uma influência pequena da cultura de massa no adventismo do sétimo dia. Embora pareça leve, tal influência existe e não pode ser subestimada.

Conclusão

Quem poderia apostar que o relógio mudaria o mundo da civilização? E quanto mais a escrita? O próprio Gutemberg, um católico fervoroso, não apostaria que sua invenção poderia ser usada de forma poderosa contra a igreja. Mas isso ocorreu. Em sua obra *Tecnopólio - a rendição da cultura à tecnologia* (1994), Neil Postman mostra como a tecnologia foi modificando a sociedade em vários momentos da história.

Através da premissa de que a tecnologia é um ciclo onde o homem cria o meio e o meio cria o homem, ele afirma que até as crenças mais fundamentais como a verdade e a realidade são mudadas com a tecnologia (1994, p.18). Por exemplo, a invenção do relógio por monges beneditinos entre os séculos XII e XIII possibilitou ao homem a controlar melhor às atividades do dia, como as sete orações obrigatórias dos mosteiros. Mas “o relógio foi além das paredes do mosteiro, levando uma nova e precisa regularidade à vida do trabalhador e do mercador” que tornou possível o capitalismo (1994, p.24).

E a imprensa do alemão católico romano foi usada por outro alemão, um monge, que se voltou contra o poder papal e colocou a Bíblia nas mãos do povo. A religião cristã nunca mais seria a mesma (1994, p.25). O cristianismo estava também sendo influenciado pelos meios de comunicação de massa. Como foi descrito na introdução e no terceiro capítulo deste trabalho, à medida que o cristianismo foi se modificando seus meios de transmissão de conteúdo, sua mensagem também foi modificando.

Na Idade Média o catolicismo usava imagens iconográficas, sem a presença da escrita bíblica e sua liturgia era realizada numa língua estranha ao público. Essa comunicação litúrgica mostrava um Deus transcendente. Com a Reforma Protestante a Bíblia foi usada na língua do povo, assim como as músicas. Os cultos tornaram-se mais pessoais, transmitindo a idéia de um Deus mais imanente. Essa imanência fez com que os cultos pentecostais começassem a apelar para o emotivo.

Os neopentecostais que herdaram esse método de liturgia mais imanente, apelando à emoção, buscam no seu contexto tecnológico a mídia audiovisual para não perder seu lugar na pós-modernidade. Pois na sociedade do espetáculo tudo é midiaticizado pelo recurso da imagem. E o uso extensivo da mídia de massa visual super-enfatiza a emoção. Assim como “profetizado” por vários filósofos, a geração se tornaria escrava de sua invenção. O meio mudaria a mensagem e o seu autor.

A mídia usada pela igreja cristã a tem tornado mais secular, justamente o oposto de seu propósito. Estudos como o de Oliveira e Pires (2005), Klein (2006a) e Contrera (2006) mostram que o cristianismo ao se entregar ao uso da mídia de massa tem se tornado super-emotivo, existencial e mundano. Isso é uma descaracterização do cristianismo, ou seja, ao invés da igreja modificar os padrões seculares, o mundo é que tem modificado a igreja. E os adventistas do sétimo dia também têm enfrentado essa nova onda da religiosidade pós-moderna que tem secularizado o sagrado.

Para responder como essa influência pós-moderna está afetando a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, parti do mesmo pressuposto de Postman e dos filósofos da comunicação da escola de Frankfurt, que o meio afeta o conteúdo. Como o conteúdo adventista é escatológico-essencialista, onde a razão bíblica é enfatizada, em detrimento de uma emotividade que gera uma desescatologia-existencialista, a igreja estaria correndo risco de perder sua identidade ao usar os meios de comunicação de massa.

E os números desse trabalho mostram que tal influência já pode ser percebida. Quando classificamos de forma mais geral todas as poesias musicais produzidas desde o início em 1995 até 2007, percebemos que a ênfase existencial está presente em 59% delas contra 41% de conteúdo mais escatológico. Isso tirando as músicas classificadas como litúrgicas que a princípio não são relevantes para a pesquisa. Apesar de ser menor que o esperado, e que o detectado em pesquisas com os neopentecostais, essa presença existencialista na mensagem adventista deve ser olhada com cuidado.

Quando adicionamos os resultados da análise dos vídeos essa preocupação se torna mais evidente. Músicas com poesias que retratam fidelidade a Deus são traduzidas em um relacionamento apaixonante de um casal de namorados. A relação Deus-homem se transforma numa novela jovem. Como Postman sugere, os autores normalmente não entendem o impacto que suas invenções podem causar (1994, p.25). E creio ser esse o caso da produção musical jovem adventista.

Mas ao detectar que cerca de 80% das imagens usadas para comunicar a mensagem no CD Jovem é ilustrativa, isso revela que a produção adventista é mal projetada. Pois não consegue produzir uma mídia capaz de unir texto e imagem. Isso a torna ineficiente para transmitir a mensagem da poesia. E quando essa união é tentada ela é mal sucedida e influenciada pelo existencialismo pós-moderno. Talvez por isso a presença de um roteiro romanceado para traduzir um conceito de fidelidade entre Deus e o crente.

Mas não seria essa pequena ênfase existencialista nas poesias uma oportunidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia alcançar os pós-modernos? Como esse trabalho estudou apenas a influência do meio na mensagem e possivelmente na sociedade, é importante verificar o impacto que essas músicas causa nos ouvintes e assim fechar o ciclo da comunicação, onde o meio modela a mensagem que por sua vez modela o homem. Nesse trabalho nos atemos apenas à primeira parte. Mas a partir desse primeiro passo já podemos prever alguns impactos.

Após o CD *Jovem* e suas mídias audiovisual para serem usadas como auxílio na liturgia adventista, surgiram o ministério de louvor *Está Escrito* e as projeções da coletânea de músicas do *Hinário Adventista*. Apesar de não termos dados concretos ainda, podemos afirmar que o recurso áudio-visual de massa veio para ficar na Igreja Adventista do Sétimo Dia. A produção midiática Adventista só cresce em quantidade. CDs e DVDs, estudos bíblicos em vídeo, são produzidos cada vez mais para atender uma comunidade que espera esse tipo de produto.

Mas qual o impacto que isso tem gerado na comunidade adventista? Se levarmos em consideração o que Adorno afirmava quanto à cultura de massa (1974. p.19; 1975. p.176), essa onda de midiaticizar o estilo de vida adventista tende a enfraquecer o conteúdo de sua mensagem e criar uma geração que não reflete nas razões de sua existência e de suas origens, que no caso do adventismo é profético-escatológicas.

Ao mesmo tempo, a proposta de Gene Edward Veith Jr. (1994) deve ser considerada. Em sua avaliação da pós-modernidade e o cristianismo, ele propõe que “a igreja poderá ter de apelar às emoções das pessoas, mas logo deverá ensiná-las a pensar bíblicamente” (1994. p.219). Ou seja, a igreja não pode rejeitar a pós-modernidade e a cultura de massa, pois se fizer isso possivelmente não sobreviverá.

O que ela deve fazer é usá-la com cuidado. E para tanto, é necessário uma produção midiática bem planejada por comunicadores comprometidos com a mensagem adventista. E mesmo ao usar a mídia de massa, principalmente os recursos áudio-visuais, eles devem ser apenas um meio de atrair a um formato mais racional e bíblico. Talvez esse seja o desafio mais notável que essa comunidade cristã deverá enfrentar nesse século. E sua resposta poderá mudar completamente o rumo de sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- _____. “O fetichismo na música e a regressão da audição”. IN: **Os pensadores** – textos escolhidos de Walter Benjamim, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Editora Abril, 1975.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras** – coesão e coerência. São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BAUER, Martin W. “Análise de ruído e música como dados sociais”. IN: BAUER, Martin. GASKELL, George. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007. p. 365-389.
- _____. “Análise de conteúdo clássica: uma revisão”. IN: BAUER, Martin. GASKELL, George. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 189-217.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 2.a edição revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CALVIN, John. **Institutes of the christian religion**. Grand Rapids, MI: WM B. Eerdmans Publishing Company, 1966.
- CLEMENTS, Keith. **Friedrich Schleiermacher** - pioneer of modern theology. Minneapolis: Fortress Press, 1991.
- CONTRERA, Malena Segura. “A dessacralização do mundo e a sacralização da mídia – consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência comum”. IN: JUNIOR, Norval Baitello. GUIMARÃES, Luciano. MENEZES, José Eugênio de Oliveira. PAIERO, Denise. (orgs.) **Os símbolos vivem mais que os homens** – ensaio de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume editora, 2006 (CISC – Centro interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia). p.107-120.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** – comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- DEDEREN, Rauol. (org.) **Handbook of seventh-day adventist theology**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2002.

- DEFLEUR, Melvin. **Teorias de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1968.
- DOCKERY, David S. **Hermenêutica contemporânea** – à luz da igreja primitiva. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- _____. **O signo**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- _____. **Ferreiros e alquimistas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- “EXISTENCIALISMO”. IN: **Enciclopédia Mirador**. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1982. 20 volumes. vol.9 pág 4459-4461
- GALINDO, Pires. “Religião, mídia e entretenimento: o culto ‘tecnofun’”. IN: **Estudos de Religião**, revista semestral de estudos e pesquisa em religião da UMESP, São Bernardo do Campo, SP. Ano XVIII nº 26, 24-52, jan/jun. 2004. p.24-52
- GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.
- GULLEY, Norman R. **Systematic theology** – prolegomena. Berrie Springs, MI: Andrew Press, 2002.
- HASEL, Michael. “‘No princípio’: a relação inseparável entre protologia e escatologia”. IN: TIMM, Alberto R. RODOR, Amin A. DORNELES, Vanderlei. (editores) **O futuro** – a visão adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2004. p.15-26
- HIGUET, Etienne A. (org.) **Teologia e modernidade**. São Paulo: Fonte editorial, 2005.
- JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. “Análise de conteúdo”. IN: BARROS, Antônio. DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005. p.280-303.
- JUNIOR, Norval Baitello. **A era da iconofagia** – ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. **Pneumatology** – the Holy Spirit in ecumenical, international, and contextual prospective. Grand Rapids, MI: Baker Academics, 2002.
- KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia** – interferências midiáticas no cenário religioso. São Paulo: Editora Sulina, 2006a.
- _____. “O sagrado em videoteipe – deslocamento televisivo do espaço e do tempo na

- religião”. IN: JUNIOR, Norval Baitello. GUIMARÃES, Luciano. MENEZES, José Eugênio de Oliveira. PAIERO, Denise. (orgs.) **Os símbolos vivem mais que os homens** – ensaio de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume editora, 2006b (CISC – Centro interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia) p..121 -132.
- KIERKEGAARD, Sören. **Temor e tremor**. São Paulo: Livraria exposição do livro, 1964.
- LIMA, Luiz Costa, **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. 6 volumes. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1992.
- MACINTYRE, Alasdair. “Existencialism”. IN: EDWARDS, Paul (editor). **The encyclopedia of philosophy**. 8 volumes. New York: Collier Macmillan Publishers. 1972. vol.3 p.147- 154
- _____. “Essence and existence”. IN: EDWARDS, Paul (editor). **The encyclopedia of philosophy**. 8 volumes. New York: Collier Macmillan Publishers. 1972. vol.3 p.59,60.
- Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix. 1964.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- MORA, José Ferrater. **Diccionario de filosofia**. 2 volumes. Madrid: Alianza Editorial, 1984. vol.2.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: Neurose**. São Paulo: Editora Forense. 2002.
- OLIVEIRA, Cláudio Ivan de. PIRES, Anderson Clayton. “A cura integral (psicofísica) no neopentecostalismo brasileiro: uma acomodação ao discurso sobre saúde e doença na sociedade pós-moderna de consumo”. IN: **Estudos de Religião - Revista Semestral de Estudos e Pesquisa em Religião da UMESP**. nº 29. Dezembro 2005. p.78-112.
- OUTLER, Albert C.(editor). **Augustine: confessions and enchiridion**. vol. 7 IN: The Library of Christian Classics. Philadelphia: The Westminster press, 1965. 26 volumes.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. 9ª edição. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

PENZO, Giorgio. GIBELLINI, Rosino. **Deus na filosofia do século XX**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio** – a rendição da cultura a tecnologia. São Paulo: Editora Nobel. 1994.

Seventh-day adventist believe... Hagerstown: Review and Herald publishing association, 1988.

STEFANI, Wolfgang Hans Martin. **Música sacra, cultura e adoração**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2002.

TIMM, Alberto R. “Antecedentes históricos da interpretação bíblica adventista” IN: REID, George W. (editor) **Compreendendo as Escrituras** – uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007. p.1-14.

TIMM, Alberto R. “Escatologia adventista do sétimo dia, 1844-2004: breve panorama histórico”. IN: TIMM, Alberto R. RODOR, Amin A. DORNELES, Vanderlei. (editores) **O futuro** – a visão adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2004. p.265-302.

VEITH JR., Gene Edward. **Tempos pós-modernos** – uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1994.

_____. **El chamanismo y las técnicas de arcaicas del éxtasis**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

LYOTARD, Jean – François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1988.

LIBÂNIO, João Batista. “O sagrado na pós-modernidade”. IN: CALIMAN, Cleto (org.), **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 61-78.

MOLES, Abraham A. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ANTUNES

p.125 – todo texto mantém uma unidade temática; e as palavras relacionadas semanticamente darão a coesão textual. Por isso é de se esperar que nenhuma palavra esteja solta sem ligação com o significado do texto.

p.126 – nas ligações temáticas existirá palavras chaves (ocorrência relevante) e palavras de segunda importância (ocorrência periférica). As palavras são escolhida em detrimento do tema, ou seja, o conjunto das palavras definirá o tema comunicado.

Cultura de massa e do espetáculo fez com que igreja perdesse contato com a sociedade. E para se tornar relevante ela se apropria dos meios seculares de comunicação...mas os meios simplificam e tornam a mensagem existencial...presente...assim talvez sem perceber essa influencia a IASD tem se apropriado desse recurso e como TECNOPOLIO – o meio altera a sociedade...a tecnologia tem formatado o homem...

Essa influencia é pequena como os números mostram, mas não devem ser ignoradas;;; pois...ADORNO – enfraquece a mensagem, pois a massa não está habituada a refletir numa produção mais elaborada como a mensagem adventista.

Uma das questões levantadas por esse trabalho é se vale a pena se a apropriar desse meio para transmitir a mensagem ao mesmo tempo que corre-se o risco de descaracteriza-la como detectado nas igrejas neo (GALINDO< CONTRERA< KLEIN)

Ressurge a idolatria no cristianismo protestante e sua secularização (KLEIN, 2006a)
Essa mediação da sociedade é muito forte e hoje ela está profundamente mergulhada na imagem. Portanto só em usar a imagem, já existe um favorecimento da mensagem ser existencial (CONTRERA, 2006; KLEIN, 2006a).

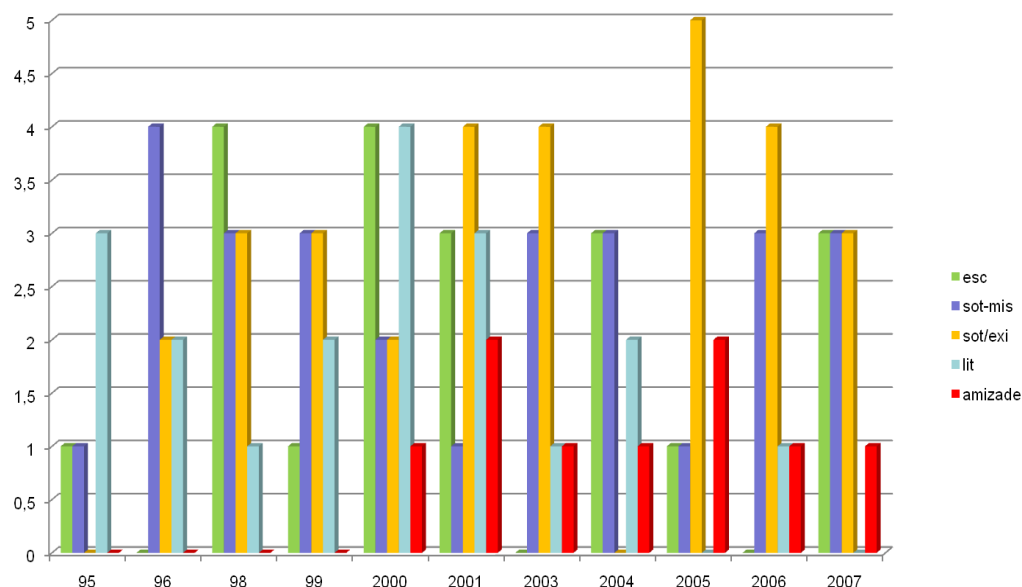
Obs: NOVELINHA NOVO TOM, POSSIVELMENTE PARA AGRADAR COMPONENTES QUE FIZERAM O VOCAL...algumas em 2005 colocam letras da música junto com a imagem em branco...efeito....mas continua ilustrativas...desbravadores com idéia de serviço e missão

Uma pesquisa realizada com os alunos internos do Centro Universitário Adventista de São Paulo em Engenheiro Coelho, revela que a maioria dos jovens desejam uma liturgia mais animada

De acordo com o historiador adventista do sétimo dia Alberto Timm, desde o início do cristianismo a autoridade e interpretação bíblica sofrem por momentos de aculturalização, quando a experiência do homem determina a interpretação das Escrituras para se acomodar a sua comunidade (REID, 2007, p.12). E desde a década de 70 o adventismo tem enfrentado uma influência pós-moderna na sua mensagem, principalmente em sua escatologia (FUTURO, 290; REID, 2007, p.11). Desde esse período o adventismo tem lutado contra uma hermenêutica pós-moderna orientada para o leitor (COMPREENDENDO, 11). “Se tomada a sério a proposta dele [Thomas Steininger que afirma que a esperança adventista sobre a volta de Jesus é uma ilusão e deveria ser tomada existencialmente] eliminaria completamente a identidade profética do Adventismo.”(FUTURO, 291)

E se tomada a sério essa influência, o existencialismo “eliminará completamente a identidade profética do adventismo” (TIMM, 2004. 291).

“Porém, um dos menos perceptíveis, contudo mais permanente desafio da escatologia adventista foi a crescente tendência de substituir a esperança escatológica adventista por uma ênfase mais existencialista na realidade presente da vida cristã.” (FUTURO, 286)



Os passos para uma análise são: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e referência (comparação com fundamentação teórica). Na exploração os dados tem que ser precisos (Análise de conteúdo, São Paulo: Martins Fontes, 1977).

No primeiro passo (escolha de documentos) o analista deve submeter o objeto da pesquisa às hipóteses e objetivos na elaboração de codificadores. Na escolha dos documentos deve-se considerar: escolha do universo relevante à hipótese, exaustividade (não se pode deixar de fora nenhum elemento da categorização), representatividade (em caso de pesquisa por amostragem).

As análises podem ser quantitativa ou qualitativa.

2) Exploração do material (estou fazendo)

3) permiti tornar dados em gráficos, tabelas, para tornar concreto e mais sucetível a conclusões precisas.

Quanto a codificação: deve ser clara (para todos saber o *como* fazer).(p.103)

As unidades de registro são: palavras-chaves(unidade perceptível); tema (núcleo de sentido/ unidade semântica); personagem; (p.105-107)

Considerações: “quanto maior é a unidade de contexto, mais as atitudes ou valores se afirmam numa análise avaliativa, ou mais numerosas são as co-ocorrências numa análise de contigência”. (p.108)

REGRAS de enumeração : a) Ausências ou presença de elementos; b) frequência; c) intensidade;

Enfase na RBF como tempo, Moris Venden e Bullon...

VER O MODO QUE A ESCATOLOGIA É REPRODUZIDO NOS ANOS

E ENFASE NA AMIZADE.

QUAL A ENFASE DAS LITURGICAS – exi, sot, esc...

Buber – judeu, professor de história das religiões em Frankfurt e sociologia na Hebraica de Jerusalém.

Influenciado por Kant e Nietzche no conceito do tempo, espaço e a relação do homem com o eterno

Musica sacra, cultura e adoração, STEFANI

(DEUS AO NOSSO LADO/DENTRO DE NÓS)Cap.4

Catolicismo bem transcendente – Deus além de nós

Após a Reforma que enfatizou o Deus por Nós vem os movimentos espirituais Deus em nós/dentro de nós: Ênfase na subjetividade, menos intelectual e mais emotivo.

O segundo principalmente com o metodismo e pentecostalismo enfatizam o individualismo e a imanência do divino. “uma mente condicionada a exigir da religião satisfação emocional e animação pode vir a identificar essa satisfação e animação emocional com o sagrado”. P.166

167 Liturgia com aproximação espontânea.

169 - Analisando a sociedade jovem da dec. 60,70 Shepherd diz que “a função da unificação e padronização provida por ela [liturgia]”.

170 - Crescimento do estético não diferente do mundo, naturalismo domina a perspectiva da vida. Esse pensamento mais imanente facilmente introduz elementos populares e da cultura na música sacra.

179 – “o afastamento do envolvimento mundano foi substituído com uma participação ativa no momento existencial. O dramático e o sensualista foram utilizados deliberadamente para criar uma experiência de envolvimento”. Essa filosofia no conceito imanente de Deus enfatizado fez com que mais ritmos e apelo ao emotivo fossem incorporados á música.

181- influencia pagã que enfatizar o imanente, o rock and roll influencia os estilos musicais das igrejas pentecostais.

182 – o forte ritmo, o envolvimento físico é característica da música *gospel* de origem negra. Sincretismo de cultura afro com pentecostalismo....música *gospel* – imanente

184- essa ênfase acabou com a dicotomia do sacro e profano/secular

187 – o estilo de música é reflexo da crença

Tese UMESP

141 – religião no Brasil hoje individualista; mundo= igreja; materialista

142 – música prioriza gosto do “cliente”; maior produto simbólico- música; Incorporou-se ao mercado como um produto religioso; Atraiu os jovens, insatisfeitos com liturgia tradicional. A música mostra essa realidade de migração.

143 – “o estabelecimento de um mercado, muda o modo de tratamento dos antigos e fiéis músicos religiosos”; conceito de liturgia e do sagrado é nebuloso na Renascer.

Mercado *gospel* relativiza autonomia o campo religioso.

144 – A música é apenas de interesse religioso ou propagação da fé? [mensagem pode dizer isso]

145 – “Mas o fato é que enquanto as igrejas tradicionais estão discutindo se ‘bateria é instrumento para se tocar na igreja’, a Renascer em Cristo reúne uma média de 70 mil jovens em shows como o ‘SOS da vida’ e em gravações do gênero louvor” [se atrai, pq? Qual filosofia está na música? Individualista, emotiva?]

PIRES E OLIVEIRA

Conceitos centrais: Modernidade promete felicidade sem religião, razão sem Deus, através do consumismo e do imediatismo. Neopentecostalismo assimila/absorve a cultura e o conceito e coloca Deus e a Sua cura no imediatismo pós-moderno. Há felicidade com Deus e agora. A esperança de um futuro é rejeitada ou não considerada (Desescatologização do evangelho)

80 –Calvino: Predestinação- trabalho/capitalismo é prova de eleição. Análise de Weber.

Freud: Modernidade será sem religião, pois cientificismo mostrará ser uma falácia

Bauman – o homem está muito ocupado hoje para satisfazer a escatologia cristã

Marx e Engels: ópio do agora é a esperança futura do Cristão.

84- Cresce o movimento neo-pentecostal com “discurso da confissão positiva sobre o vencedor”, a psicologia do sucesso. **Jovens são entusiasmados.**

85 - um dos indícios da forma de espiritualidade intramundada neo-pentecostal é: d) momento de louvor é marcado por uma psicologia hedonista. A “experiência com deus deve ser acessível, imediata e sem reservas”. O que atende a um imediatismo consumista.

88 – Bultmann e exegese existencial; neopentecostalismo uma adaptação/acomodação da esperança cristã a uma sociedade de consumo.

89- O ES era evidência da apostolicidade e pregação da volta de Jesus, assim curas e milagres. [mas hoje esses sinais são contrafeitos por Satanás]

90 – outra evidência do pentecostalismo era a separação do mundo.

91 - Mas o neopentecostalismo: curas e milagres agora não só físicos mas psicológicos, para um **bem-estar aqui no mundo**. Imediatismo na sociedade do consumo

92 – na pós-modernidade o corpo tem que ser bem cuidado pois é o lugar das realizações das sensações e felicidade. Imagem é superenfaticada, academias.... [e neopentecostalismo atende as demandas do cliente]

97 – cura psicológica pelo ES. Encontro com Deus

98- neopentecostalismo muito próximo de Feuerbach, o encontro com Deus é afetivo.

Deus é totalmente próximo... “um Deus profundamente voltado para o fiel, ávido de satisfazer-lhe os anseios e desejos, contrário ao Deus pentecostal que assusta, um senso de temor.”

Feuerbach – “Deus é o sentimento humano projetado e voltado para o próprio fiel e despido das limitações humana.” experiência profunda de afetividade de Deus com o homem, para satisfazer seus desejos.

99 - a manifestação de Deus é expressa em uma psicologia erótica detectada na música

101- Em Deus não pode haver doença, o encontro com a divindade opera a cura. Esse encontra á marcada pela erótica espiritual. “promove-se a cura pela via do abastecimento afetivo irrestrito. O momento de louvor então recebe uma atenção BEM SIGNIFICATIVA na liturgia.

102- na teologia neopentecostal o sofrimento não é de Deus. “A profecia do fim da religião da modernidade deu lugar, no caso do neopentecostalismo, a um profundo encontro entre religião e modernidade quanto ao ideal de aniquilação do sofrimento”. Essa conjunto neopentecostal é a religião em formas modernistas.

Bauman dizia que a modernidade promete felicidade pelo racionalismo e consumismo.

103 - E o neopentecostalismo traz essa filosofia com uma roupagem religiosa.

Adaptação do religioso pela cultura do consumo. Fé como potencial do individuo, ótica da superação e pensamento positivo. É indiscutível epistemologicamente. Se não acontece a cura falta fé.

104 – o problema é que os problemas não superados causam desespero. Eles argumentam nas músicas com um “espere um pouco mais”.

105 – PM realização do subjetivismo-individualista; Neopentecostalismo introduz o conceito do transcendente e do relacionamento erótico com Deus –atende a cultura da imagem de academias e filmes que eternalizam o presente. **E isso deixa sua liturgia atrativa**

107 – Deus mora na ilusão/desejo do homem (Feuerbach), sentimento; mas a verdade objetiva/demonstrável é científica. Assim o real para a sociedade do consumo é o imediato, o palpável, que provoca bem-estar. O Neopentecostalismo usa as mesma idéias com o conceito de Deus, com Ele tudo é prazer, bom, o presente e não o futuro/abstrato

108 – o NP acaba então com o conceito de fé bíblica. Creio porque acontece e o NT diz que antes de entrar num relacionamento com Deus há fé. Neopentecostalismo associado aos pressupostos ateístas de VERDADE-REALIDADE-EVIDENCIA. (acomodação religião - cultura). A presença de Deus se constrói a partir das evidências. A adoração NP adota o postulado de Kant que a realidade não pode ser conhecida mas, pelo sentido. Liga o moderno com o religioso.

109- a atuação do Deus invisível não é mais enfatizada, mas Deus se apresenta na história através de atos milagrosos, da Sua presença em evidências. O Reino de Deus é o dá Igreja [Agostiniana do amilenarismo] Reforma com Lutero: o maior ato de Deus na história foi um negativo- a CRUZ

Categorias

Existencialistas: Definir, escola e principal pensador

N o o atista. sagrado na p s-modernidade. n A AN eto
org. **A sedução do sagrado: o em meno religioso na rada do m l n o.**
etr pois o es 199 .p. 1- .

N A do. **No a Era: a religiosidade do p s-moderno.** S o auo
di es oyo a 199 .

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez & Moraes. 1979 2.a edição revista

OLIVEIRA, Cláudio Ivan de. PIRES, Anderson Clayton. *A cura integral (psicofísica) no neopentecostalismo brasileiro: uma acomodação ao discurso sobre saúde e doença na sociedade pós-moderna de consumo*. IN: Estudos de Religião, revista semestral de Estudos e Pesquisa em Religião da UEMESP. nº 29.

Enciclopédia Mirador vol.9 pág 4459-4461

EXISTENCIALISMO: prioridade da existência em relação a essência.

4459 - Platão e Aristóteles são filósofos “essenciais”. Para Platão o essencial é a idéia. Para Aristóteles a essência é a forma. A essência é a características que distingue dos demais seres. Para Aristóteles a essência é o ser potencial ou possível.

4460 - Em seres finitos a essência não coincide com a existência só em Deus essência e existência coincidem, pois a idéia de um Deus não existente é absurdo e inconcebível/contraditória.

Essência = conhecimento intelectual; Existência = conhecimento sensível.

Para Platão o essencial no mundo é supra sensível (topos ouranou), já Aristóteles acredita que a essência não está fora da matéria mas dentro dela, sendo existência irreduzível a essência.

Em contraste com a teoria essencialista está a existencialista. Nessa corrente a existência é anterior a essência ontologicamente (em relação a realidade/ser) e epistemologicamente (em relação ao conhecimento). A essência e a idéia são posteriores as coisas. A essência é a “própria coisa considerada de determinado ponto de vista, em sua universalidade”. O indivíduo contém o universal, sendo sua síntese. Ele é único e insubstituível. Nessa teoria a primazia é da liberdade em relação ao ser; da subjetividade em relação ao objetivismo, dualismo, voluntarismo, ativismo. **O existencialismo não centra sua idéia em Deus, portanto não é teologia nem cosmologia** [o problema é que a suas bases são infiltrada na religião], mas profundamente antropológico, sobre o ser humano enquanto existe.

Sócrates pode ser considerado existencial com o seu “conhece-te a ti mesmo” → influencia Agostinho e sua teologia de interiorizar o espírito, subjetividade infinita. Influenciado pelo estoicismo o cristianismo de Agostinho traz a revelação do valor infinito do homem. Inaugura os pensadores existenciais da era cristã. Eles não separam a teoria da prática/experiência, nem a vida do pensamento.

Blaise Pascal (1600) – miséria do homem sem Deus. O homem sem o divino/infinito não é nada. Enganados pelos sentidos, pela imaginação e costumes, pelo amor próprio e sem Deus o homem é infeliz. O homem “antecipa o futuro como se tardasse a chegar e evoca o passado tentando detê-lo. Ocupado com o passado e futuro não pensam no presente. O presente jamais é seu fim; o passado e o presente são seus meios, 4461 - e só o futuro é o seu fim.” Mas assim o homem nunca vive mas espera viver. Ele antecipa Heidegger em mostra que o cotidiano não é autêntico. O homem pensa procurar o descanso mas procura agitação e tenta esquecer sua contínua miséria no divertimento, e nas ocupações exteriores. Não pensa em sua existência mas em dançar, cantar, jogar, lutar, em ser rei sem pensar no que consiste ser rei.

Sören Kierkegaard (1813-1855) – Pai da filosofia existencial, ele assume a plenitude de sua significação. Contradizendo a Descartes e sua filosofia “Cogito ergo sum”(penso logo existo), afirma: “Quanto mais penso, menos sou, e quanto menos penso, mais sou.” Na perspectiva do pensamento existencial a fórmula cartesiana deve ser invertida: não existo porque penso, mas penso porque existo.

Kant demonstra que não é possível deduzir a existência de Deus de sua essência ou dos atributos e predicados que a constituem.

Se a existência é irreduzível ao pensamento, não será contraditório tentar defini-la? Mas os existencialistas propõem pensar o paradoxo.

Para Kierkegaard a paixão do pensamento é o paradoxo a contradição. “Mais que o paradoxo o Cristo é o escândalo absoluto, o Deus que se torna homem e morre na cruz.”

Combatendo a Igreja e os padres funcionários que desfiguravam o cristianismo, ele apela ao extraordinário, um contato mais direto com Deus, uma relação absoluta com o Absoluto. Ele é levado a exaltar a existência no que tem de secreto e misterioso.

“Existir é escolher apaixonar-se mantendo-se na permanente tensão entre a finitude da existência temporal e a infinitude da transcendência divina”. **A verdade é subjetiva, expressão do indivíduo. A questão não está em encontrar a verdade mas em uma verdade que se torna verdadeira quando o homem se apropria dela e a converte em vida.** [bultmann e sua teologia existencialista, onde a Bíblia torna-se a palavra de Deus] O indivíduo então é único e excepcional e ao mesmo tempo igual aos outros.

Kierkegaard dividia os modos de ser da existência humana em:

Estético: o indivíduo vive o instante em permanente aventura, o capricho da vontade dissolve as situações reais em meras possibilidades.

Fausto que reproduz o demoníaco espiritual, que busca eternamente o poder de torná-lo semelhante a Deus.

Don Juan insatisfeito que encarna o demoníaco sensual, sempre a procura de uma mulher ideal da qual as mulheres que se envolve não passam de imagens precárias e insatisfatórias. Uma procura indefinida e sem sentido.

Ético: impõe-se a opção e escolha. Não necessariamente entre o bem e o mal, o que pode ser uma das escolhas possíveis, mas escolher uma hierarquia de valores pela qual viver.

Religioso: implica a consciência do pecado e da presença de Deus. Estabelece uma relação absoluta com o Absoluto, nesse estágio a existência encontra sua maior profundidade e maior intensidade assim como o maior sofrimento. Pois no

relacionamento com o infinito o ser finito se sente ínfimo. Surge o desespero e a angústia. Esse sentimento pode levar tanto a perdição do homem quanto a salvação. A angústia precede o pecado e está ligada a possibilidade e à liberdade. Assim a angústia pode desempenhar uma função terapêutica corroendo as coisas finitas e preparando a revelação do Absoluto.

NIETZSCHE – se aproxima de Kierkegaard e diferencia de Hegel. A filosofia é a expressão da personalidade do filósofo. A vida e o pensamento são inseparáveis. **A realidade é múltipla e contraditória, e só as multiplicidades dos pontos de vista opostos pode traduzir a complexidade da existência.** A noção da verdade é próxima a de Kierkegaard. **A verdade não é a adequação do entendimento e da coisa, mas uma forma de crença, uma opção pessoal, uma escolha de vida. O mundo se torna puramente humano e sem Deus. Moral relativa.** Nietzsche se opõe a moral dos senhores, dos dominantes [contra o sistema religioso]. O imperativo ético fundamental é o da superação constante do homem por si mesmo.

4462 - A angústia existencial resulta num círculo eterno, ou retorno eterno sem começo nem fim onde o homem está condenado a repetir a própria existência. Surge então o niilismo, a vida sem sentido (fim)...o homem se torna seu Deus. Influencia o existencialismo moderno.

EDWARDS, Paul (editor). *The encyclopedia of philosophy 8 volumes*. New York: Collier Macmillan Publishers. 1972. p. 147

147 - O conceito do indivíduo em Kierkegaard é importante para conhecer a realidade. Para se entender a universalidade o indivíduo deve estar no meio. Na massa. Ou seja, o indivíduo é secundário aos conceitos. Mas Kierkegaard crê o contrário. Contra conceitos universais. Mas coloca o indivíduo primeiro. Pois a conceituação é inadequada para determinar a existência.

Quase sempre o contexto do existencialismo é uma metafísica racional. (Deísmo). A maioria são racionalistas decepcionados. A decepção faz com que eles achem que a realidade não possa ser conceituada.

148 – razão humana é limitada. Mas nem todos crêem em irracionalidade. Duas partes predominantes na discussão existencialista é a fenomenologia e a ontologia.

Eles normalmente herdaram de Descartes.

Protestantismo e individualismo influenciam Kierkegaard. Heidegger acha que a ciência é inadequada para determinar a realidade pois usa conceitos. E isso é inapropriado.

BUBER em PENZO, Giorgio. GIBELLINI, Rosino. *Deus na filosofia do século XX*, São Paulo: Edições Loyola. 3ª edição 2002.

193-202

Sonho de vincular a existência judaica ao grande processo de unificação do mundo (*yi'hud*)

Avô estudioso da tradição midráshica teve grande influência em Buber.

Renovação interior, da ação, da unidade como caminho para a redenção da duplicidade.

Envolvimento em movimentos sionistas, ele seguia uma linha de preferência refletir o papel/significado do judeu no mundo, ao invés de uma volta à Palestina.

No *Eu e tu*, concepção do homem solitário, cara ao romantismo e ao idealismo.

Filosofia do diálogo – maior exemplo foi a obra *Eu e tu*.

Possibilidade de diálogo entre as culturas alemãs e judaicas, judeus e cristãos. A necessidade de relação entre cultura contemporânea e busca de Deus. Acreditava numa pacificação entre árabes e judeus. Amava o verso que encontra-se em sua lápide, “Estou sempre contigo” Sl.73:23. [mostra ênfase de sua teologia do encontro – presença,

experiência, emoção, como objeto de unificação dos povos, ecumenismo – pneumatologia ecumênica recente, com neopentecostalismo e música]

Dimensão dialógica da existência que aponte para unificação do seu experimentar o

197 - outro, o mundo e Deus. **“O homem encontra Deus através do mundo e o mundo através de Deus; ele encontra a si mesmo através de Deus e do mundo”.**

“Não a redenção *afastando-se do* mundo ou a sua libertação em relação a ele, mas a redenção em que o mundo, enquanto criação de Deus, é ele próprio redimido. Está ligada ao *yi’hud*, o processo pelo qual Deus e o homem tornam-se um e toda separação e alienação, todas as oposições e distinções chegam a um fim, mas sem desaparecer a alteridade do encontro entre Deus e o homem” (J.S. Weiland, *Martin Buber* p.63.64)

Essa unificação envolve um encontro relacional entre o homem e Deus. “Toda vida autêntica é um encontro”. Embora seja por espontânea vontade que eu entre em relação com o TU, o encontro não é feito ou decidido por mim. “Não é com pesquisas que se descobrirá como o tu venha ao meu encontro por graça...o TU vem ao meu encontro. E eu entro em relação imediata com ele.”(*Werke I*, p.85) “Os homens tornam-se ‘homens’ apenas juntos, caso contrário não se tornam realmente homens e, então, jamais começam a viver”(idem, 368) “Eu tenho origem na minha relação com o TU; quando me torno eu, então digo TU”.(idem, 85).

Apenas através dessa percepção ontológica e profunda experiência do EU/da vida real[material], que dispõe-se a relação com o TU eterno.

198 - Distinção entre a relação entre o EU – ISTO, o mundo, as coisas; e o EU-TU, pessoas, relação pessoal.

EU – TU

Relação (relacionamento)

Presença

Encontro

Amor

Destino

Liberdade

Ser

EU – ISTO

Experiência

Objeto

Utilização

Cuidado, atenção por

Fatalidade

Vontade arbitrária

Possuir

[coisificar as pessoas pois o EU-TU só se conhece pelo EU-ISTO e virse versa, não distinção entre o sagrado e o secular, pois ambos se complementar. YING-YANG]

199 - O Deus da teologia é objeto da fé, é portanto Deus COISA, pois está no mundo do ISTO. Possuímos a Deus, não o real, o Senhor. Deus *existe* enquanto o TU eterno, que pode ser “conhecido” somente através da obediência. O homem pois, não recebe um conceito específico mas uma presença, “energia” que confirma o significado, que não podemos experimentar mística ou intelectualmente mas apenas vivenciar/acolher.

“Podemos apenas procurar confirmar a sua verdade. E mesmo isso não é um ‘deveremos’, mas sim um ‘podemos’, ‘devemos’”.(idem.153-154)

A revelação portanto não é uma comunicação de verdade dogmáticas sobre Deus, o homem e o mundo que pode ser reatualizada culturalmente. A revelação é um evento, o advento de uma presença que abre caminho para o encontro.

Buber era contra a parte do misticismo que rejeita o mundo, nesta terra que se deve viver.

O mundo não é algo que se deve abandonar mas conhecer e ser santificado, importante para o processo de unificação (*yi’hud*), que é o núcleo da redenção messiânica.

200 -A influência do hassidismo no aspecto da unificação do profano e o sagrado, da matéria e do espírito. O apego a Deus, o espírito de humildade, a adoração deviam visar a santificação da vida e a sacralização do mundo. Tanto que nos círculos hassídicos o que valia mais não era o credo mas o espírito dialógico.

201 - Valor relacional da Palavra. O seu plano da restauração de Israel político, ligada a relação Homem-Mundo, estava relacionado ao destino utópico e profético da terra de Israel. O divino nesse plano é retratado não se separando do mundo, mas vinculado a ele. “O verdadeiro amor de Deus tem início com o amor dos homens”.(idem. 305)
[O resultado da teoria de Buber é vista pelo escritor analista com importância nos conflitos árabes-israelenses, mas a Bíblia mostra que não irá acabar. Desescatologização da mensagem bíblica.]

A crença adventista é baseada inteiramente na Bíblia e nela somente. Mais que os numa experiência, a revelação é a base da fé e do relacionamento para com Deus. A primeira crença fundamental é a Bíblia. (Manual da Igreja, p. 9-19)

Bibliografia:

Abraham A. Moles, *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis: Vozes 1992
LIMA, Luiz Costa, *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990
ECO, Umberto, *Semiótica da linguagem*.
LYOTARD, Jean – François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1988
BUBER, Martin. *Eu e tu*
TANIT

CULTURA DE MASSA – Edgar Morin

p. 24 Produção de massa é ligeira, consumidor não consegue palpar. Consumo é psíquico. [música é bem cultural] Indústria técnica e econômica.

25 –despersonaliza a criação. Padroniza a produção x Individualização

26 – essa tensão se encontra no imaginário/arquétipo. E os MCM padroniza os arquétipos.

28 – Os MCM tem que sempre procurar inovar para agradar, mas ao mesmo tempo manter o arquétipo pra atingir todos. O novo pode desagradar, e o antigo pode enjoar. A solução é a vedete.

30 – a produção é criação de um conjunto [PM – produto de conjunto] e não só de um artista. Como um filme. E nesse processo coletivo deve haver a padronização: um filme tem que ter 1 hora e meia. 1 música tem que ter 3 minutos...

31 – quanto mais ela se desenvolve ela padroniza a individualização

32 – vedetes são personalidade superindividualizadas. Ao mesmo tempo que estruturadas/padronizadas.

33 – o autor não pode mais se identificar com sua obra. Pois depende da formatação da indústria.

34 – Tendência ao consumo máximo padroniza produção.

106 – as vedetes/Olimpianos- produtos mais originais da cultura de massa.

Eles são trazidos para o mundo dos ‘mortais’. Ao mostrar o dia a dia deles e comparado ao povo. Mas mantém a áurea inacessível. São ao mesmo tempo imitáveis e inigualáveis

107 - . “Mundo da projeção e o mundo da identificação” com sua dupla personalidade divino-humana. Assim eles realizam o que os humanos normais não podem realizar, e ligam o divino a personalidade individual. Essa ficção faz com que os modelos antigos (pais, educadores) se tornem obsoletos.

108 – assim os mortais imitam os hábitos da ficção em busca da felicidade. O penteado, o andar, as palavras são imitados para animar a vida verdadeira. Eles são melhores que a

burguesia e a realeza antiga. Pois são mais próximas e mais sublimes. Eles são exemplos da individualidade moderna.

109 – o MCM se fundamenta num paradoxo. A decomposição do sagrado os diviniza. Os deuses do Olimpo moderno são similares aos homens [padronização da modernidade – Deus e homem no mesmo patamar]

LIMA, Luiz Costa. (org.) *Teoria da comunicação em massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002 6ª edição

Texto: Robert K. Merton e Paul F. Lazarsfeld

“COMUNICAÇÃO DE MASSA, GOSTO POPULAR E A ORGANIZAÇÃO DA AÇÃO SOCIAL”

109,110 – existe uma preocupação social pelo poder invencível da mídia. MCM faz batalha psicológica. Não mais explora um trabalhador por 18 horas. Mas bombardeia com propaganda. Isso pelos grandes grupos. Utiliza-se menos força física e mais persuasão de massa

111 – Fala do medo excessivo da escola de Frankfurt que acredita na decadência do gosto popular; na manipulação ideológica;

112 – mostra que não tem como comparar o efeito dos MCM nos EUA. Não existe parâmetro pois é fenômeno novo

113- compara o automóvel e seu impacto com o MCM. Críticos são sobre os MCM e não sobre automóveis.

114 – a tecnologia trouxe progresso, e liberdade. A jornada de trabalho diminuiu, a educação melhorou a saúde também. Mas o tempo livre é gasto com os MCM. E o autor acha que deveria ser melhor usado. É como se fosse um rapaz que compra um presente para uma moça que sai com outro para mostrar o presente

115 – 1) o MCM atribui status aos seus personagens. Se é apoiado pelos MCM então o povo aprova. E o testemunho do ‘especialista’ é um testemunho do próprio status.

Círculo de status.

117 – 2) o MCM padroniza a moral, e reforça as normas sociais. Mobilizando a massa.[o problema é quando a moral da mídia é errada]

118 – como a complexidade inibe a ação de massa, os MCM agem de forma a simplificar a mensagem. É preto e branco.

119 – 3) apesar de aumentar a informação, a MCM narcotiza a ação. Pois o homem passa mais tempo consumindo informação que colocando ela em prática. Fica superficial nos problemas sociais

120 – impede o viciado de conhecer seu vício – os MCM. Conhecimento passivo. Os MCM dos EUA são afetados pelo capital. Os anunciantes tem influencia na produção. Ao contrário da Inglaterra onde é pública.

121 – o MCM não faz crítica social, conforma seu público. Só fala quando interessa financeiramente.

122: “A pressão econômica contribui para o conformismo, omitindo as questões sensíveis”. MCM influencia gosto popular. Mas qual o padrão para o gosto?

123 – MCM popularizou o que antigamente era apenas de poucos. Mas sem refino a massa consome essa produção artística. Sabem ler mas não compreender. Sabem votar mas não se envolvem com as implicações políticas.

124 – Assim os MCM tem que simplificar a o conteúdo para atingir essa massa que é superior em número a elite.

125 – mesmo quando oferecido uma música erudita, não afetou consideravelmente o gosto. Pois apenas manteve os que já gostavam e os que se interessaram da massa foram de forma superficial.

126 – Propaganda com objetivo social:

1) Monopolização: É eficaz propaganda quando não tem contra-propaganda.

Atrizes são colocadas em propagandas. São modelos. Uma atriz que ganha 100 mil reais é tido como solução para a vida da mãe de um salário, em campanhas sociais.

128- 2) Canalização: a publicidade reforça modelos existentes. Como usar uma escova de dente. Mas é difícil mudar atitudes vigentes.

129 - 3) Suplementação: contato face a face com o consumidor. Reforça a mídia. “a propaganda não se torna eficaz pelo simples fato de sua exposição”

130 – ao estar na mídia a mensagem é tida com um status. O contato então só reforça o peso da mídia.

131 – os que não tem poder aquisitivo não conseguem usar a mídia e reforçar com trabalho de base. Ou seja, a monopolização da influencia. Assim a periferia não envolve-se nos MCM e seu papel social é fraco. E os que tem dinheiro usam para reforçar costumes sociais vigentes. Só mudam no seu interesse. Com raras exceções.

Pires Galindo. *Religião, mídia e entretenimento: o culto “tecnofun”*. IN: **Estudos de Religião**, Ano XVIII no.26, 24-52, jan/jun. 2004.

Fala sobre a cultura da comunicação e que esse MCM pode ser analisado de duas formas.

p.30 - Escola Funcionalista: analisa o efeito do MCM no contexto da pessoa.

31 - Uma das características é a de entreter o indivíduo, fornecendo um meio de evasão dos problemas.

32 – MCM é um meio de aliviar tensão do trabalho, [mais tempo livre e usado nos MCM- LIMA, 114]. Por isso o MCM tem como principal função social entreter.

33 – A sociedade passou teocentrismo para antropocentrismo para o tecnocentrismo. Sociedade midiática. A tela invade o cotidiano.

34 – esse entretenimento da tela é emotivo, fantasioso. A tela pode ser a união entre o som e a imagem. [telas de projeção do CD jovem]

35 – compara cavernas e pinturas, fascínio humano pela arte, como as casas, cavernas modernas. Agora com plasma. **Mídia eletrônica é recebida.** Ao contrário de mídia percebida (jornal impresso). O último requer tempo e envolvimento para assimilação. O Primeiro é instantâneo a interação quanto a reação. Assim o próprio meio é um entretenimento. Usa homo videns para mostrar sociedade emotiva e não racional.

36 - Entretenimento é “uma forma de experiência sensorial prazerosa”. Sociedade atual é caracterizada pela busca do prazer.

TV – fuga da realidade

37 – a presença da TV em “todo o lugar”, o torna como Deus. Em várias partes se experimenta aquilo que apresenta. MCM atinge um publico grande.

38 – Isso faz com que a cultura seja subjetiva. E a religião é subjetiva. A religiosidade na mídia une os dois e tem sucesso. Apelo ao sensorial. Sociedade hedonizada pela mídia. O religioso é exposto através dos MCM. Deus é cada vez mais midiaticado.

39 - Em todo lugar e de toda forma se fala de Deus. **O homem pode experimentar Deus a qualquer momento.**

40-41: **sociedade está cada vez mais envolvida com a religião midiaticada.** Mostra filme com Padre Marcelo Rossi. Programas de rádio e TV religiosos...

42 – olimpianos religiosos (cita IARA em Canal da imprensa)

- 43 - Hoje vivemos na sociedade religiosamente tecnologica. [PM] Mistura o sagrado com o profano. O mesmo canal que emite bênçãos e abençoa a água na TV, transmite filmes eróticos.
- 44 – mega eventos como os da mídia são feitos por evangélicos [como PM com shows locais para atende e reforçar o MCM]
- 46 – boates evangélicas em São Paulo e mega show de talento gospel mostram que religião mídia e entretenimento estão cada vez mais juntos. A internet também é usada para a religião virtual
- 47 – a missa é trocada pelo mouse e a vela virtual.
- 48 – na internet a religião se torna individualizada, e não coletiva. [??PM preocupação com o coletivo; mas religião é individualista. GRENZ]. Já existe até o padroeiro da net: Tiago Alberione e de São João Bosco.
- 50 – Durkheim: relação estreita entre religião e diversão. Entre e efervescência, o delírio e a religião.
- 51- Mas o autor lembra que a vida não é só diversão. Mas envolve sofrimento, e quando esquecemos disse fugimos da realidade.
- Canaldaimprensa – 2002 dezembro

Marketing e religião : o papel do marketing na origem, expansão e consolidação da Igreja Apostólica Renascer em Cristo

Marcelo Janikian

Location:

http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=260

Falar para o Allan abrir pra mim.

Pode falar que CD jovem é consumido em maior parte pelas telas de projeções nos cultos. E que imagem é emotiva. Característica existencialista. Emoção em detrimento da razão. Característica do MCM e do PM.

DEFLEUR Melvin *Teorias de comunicação de massa*. Rio de Janeiro:Vozes 1983.

p.170 – Economia legitima e determina produção artística.

172 – no MCM as pessoas são números. Os padrões são o do mercado

174 – formato é estabelecido e predeterminado. Todos sabem com é. Romantismo e expressionismo eram contra musica organizada. Mas os MCM padronizam.

175,76- a reprodutibilidade faz com que produção cultural seja padronizada. Os produtos afetam a sociedade e como são iguais ela padroniza a sociedade tb. [será que formato, estrofe, coro, estrofe coro...é padronização?]

177 – Linguagem padronizada para se adequar ao mercado. Perde então a criatividade.

179 – “a indústria cultural por fim absolutiza a imitação”. Uma extensão da produção de série. Tudo igual e repetitivo.

181 – estética acima de tudo, pois é ela que vende. Quem não se adequar a estética do mercado é considerado fora de moda. Pressão que antigamente era física, nos senhores feudais, agora é psicológica. “Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado”.

- 182 – A mídias controlam a massa nesse aspecto. E eles são mais influenciados que os proprietários dos MCM. O mito do sucesso é mais latente na massa que nos controladores.
- 183 – a indústria cultural conseguiu colocar Beethoven num cassino. *Amusement* é sua característica.
- 184 – A IC faz com que a arte séria seja da mesma ‘qualidade’ que a arte leve. E um ponto em comum é a repetição.
- 185 – o *amusement* –consequência do trabalho mecanizado. Apenas para dar prazer na IC. “O pretense conteúdo é só uma pálida fachada; aquilo que se imprime é a sucessão automática de operação reguladas”. O consumidor não deve trabalhar com a cabeça pois isso dar trabalho e ele usa a IC para fugir do trabalho. [A tecnologia era para dar mais tempo livre aos homens] Mas esses passam no consumo da IC e dos sinais/estímulos.
- 186 – fala sobre os desenhos animados. Eles através da técnica superam a realidade, dando outra vida aos personagens depois da morte. Animais são vivificados. E o sofrimento é motivo de atenção e riso.
- 187 – “O prazer da violência contra o personagem transforma-se em violência contra o espectador.”...A tecnologia pode trazer benefícios tangentes, como o ar condicionado que esfria o clima. Mas a IC...”A IC continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes promete.” [o que estimulado e não satisfeito é sublimado diz Freud – e virá em reprimendas, ou como Mark Finley diz, cauteriza a mente, estímulo sem ação] antigamente as artes eram sublimadas, ou seja, representar a satisfação na negação.
- 188 - “Mas a IC não sublima, mas reprime e sufoca”. O constante estímulo sexual da IC apenas estimula mas não satisfaz. As artes anteriores eram puras, mas a IC é pornográfica. O modelo de beleza é impresso em todos os locais. A individualidade é exaltada. “O triunfo sobre o belo é realizado pelo humor.” E ri-se daquilo que não tem graça. Ela é uma “fraude sobre a felicidade” [visão negativista – bem moderna]
- 189 – “Lei suprema é que nunca se chegue ao que se deseja e que disso até se deve rir com satisfação”. Tudo gira em torno do prazer que não pode dar.
- 190 – a IC é corrompida pois é o templo do prazer elevado.
- 191 – “A fusão atual da cultura e da diversão não se realiza apenas como depravação daquela, mas ainda como espiritualização forçada desta.” Ou seja, a IC reacende a fé. Fé nos esteriótipos criados por eles. E nesse esquema ele acaba que purificando as paixões por ele suscitada.
- 192 – divertir-se significa estar de acordo com...e esquecer os problemas. Mas uma fuga não da realidade ruim, mas da resistência a ela. “A libertação do *amusement* é a do pensamento como negação.”
- 193 – o consumidor se identifica e consome com os vedetes. Muitas vezes são usados tipos da sociedade para eles se verem lá. Mas como são apenas poucos que chegam “lá”, então logo se desisti do sonho. De novo ela cria e frustra. E com a padronização dos arquétipos ele padroniza o homem. Que pode ser substituído por QUALQUER outro. As pessoas (participantes do MCM) são joguetes, objetos para obter o lucro.
- 195 – transmite uma onisciência[como Deus]

O mesmo ocorre no adventismo com os programas *Renascer do pastor Bullón* e os corinhos jovens. Logo eles serão assimilados a liturgia principal da igreja adventista do sétimo dia.

Rodrigo de Galiza Barbosa
Orientador: Vanderlei Dorneles

Tema ou objeto: A teologia escatológica retratada nas músicas do CD Jovem da igreja adventista do sétimo dia.

Problema: Recentemente as músicas oferecidas para o público jovem e evangélico têm sofrido uma desescatologização. Isso porque as músicas são transformadas em meios de comunicação massa. E uma das características da cultura de massa é a simplificação da mensagem e seu aspecto emotivo em detrimento do racional. Por ser o movimento adventista do sétimo dia um movimento jovem e escatológico, será analisado sua produção musical jovem mais importante. O objetivo é saber se esse movimento religioso está sendo afetado por essa característica de comunicação de massa.

Hipótese: A construção doutrinária feita pelas músicas jovens tende a uma simplificação da fé e a uma ênfase no aspecto existencial e relacional da religião no lugar dos conteúdos proféticos e escatológicos da crença adventista.

ESBOÇO do TRABALHO

Contextualização (o fenômeno como é visto hoje)

Questões, problemas

Objetivos

Justificativa

Metodologia (técnicas e conceitos teóricos)

Desenvolvimento do tema

TERRIN, Aldo. **Nova Era: a religiosidade do pós-moderno**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Trabalho de Conclusão de Curso

ESTUDOS BÍBLICOS NA IDADE MÍDIA

Rodrigo Follis Santos

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2008

Orientador: Vanderlei Dorneles, Ms.

Resumo: Através da análise de três estudos bíblicos em formato áudio-visual (DVD), produzidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) se discute alguns conceitos do campo comunicacional pós-moderno, tais como: Crise da verdade; Mídia como poder dominante; poder da imagem; ditadura da imagem e do entretenimento. Esta investigação objetiva entender o papel da religião dentro da Idade Mídia. Ele procura também buscar soluções para uma eficiente contextualização midiática dos princípios bíblicos tradicionais à atual geração.

Palavras-chave: Estudos Bíblicos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Pós-Modernidade, Saturação da Imagem.

Bible Studies in the Age of Media

Abstract: Through the analysis of three Bible studies in audio-visual format (DVD) produced by the Seventh-day Adventist Church, this research discusses some concepts in the field of Postmodern Communication such as: The Crisis of Truth; Media as a dominating power; power of image; dictatorship of image and entertainment. This investigation seeks to understand the role of Religion in the Age of Media. It also searches for solution towards an efficient Media contextualization of the traditional biblical principles for the present generation.

Keywords: Bible Studies; Seventh-day Adventist Church; Postmodernism; Image Saturation.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA

ESTUDOS BÍBLICOS NA IDADE MÍDIA

Rodrigo Follis Santos – 4º B

Pesquisa em cumprimento parcial dos requisitos da matéria de Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de Bacharel em Teologia.
Orientador: Ms. Vanderlei Dorneles.

Artur Nogueira / Engenheiro Coelho – SP

2008

Int. Dia. Cena da Dedicatória

A câmera está focada. Fecha o close em Rodrigo Follis. Ele olha para a lente e recita:

Rodrigo Follis

Mamãe. Dedico-te este trabalho.

RESUMO

Através da análise de três estudos bíblicos em formato áudio-visual (DVD), produzidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) se discute alguns conceitos do campo comunicacional pós-moderno, tais como: Crise da verdade. Mídia como poder dominante. Poder da imagem. Ditadura da imagem e do entretenimento. Objetivando entender o papel da religião dentro da Idade Mídia. Tendo em vista buscar soluções para uma eficiente contextualização midiática, dos princípios bíblicos tradicionais, a atual geração.

Palavras-chave

Estudos Bíblicos, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Pós-Modernidade, Saturação da Imagem.

ABSTRACT

Through of three bible studies in audio-visual format (DVD), produced by the Seven Adventist Church (SDA), it is discussed some concepts in the postmodern communication field, as such: Truth's crisis. Media as dominant power. Power of the image. Tyranny of image and entertainment. Trying to understand the role of the religion inside Middle Age. Having in mind the search for solutions to an efficient mediatic contextualization, of traditional bible principles, today generation.

Palavras-chave

Bible studies, Seven Day Adventist Church, Postmodern times, Tyranny of image.

ESTUDOS BÍBLICOS NA IDADE MÍDIA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para obtenção do Título de
Bacharel em Teologia

Por
Rodrigo Follis Santos

COMISSÃO DE APROVAÇÃO

Orientador
Vanderlei Dorneles

Avaliação

Leitor
Berndt Dietrich Wolter

Data da Aprovação

Diretor do Curso de Teologia
Amin Américo Rodor

SUMÁRIO

Introdução	6
Adventismo e imagens midiáticas do culto	6
Definição do problema.....	7
Escopo e delimitação do estudo.....	7
Metodologia	8
Divisão do trabalho	9
1. Evangelismo Adventista: Breve Resumo Histórico/Metodológico	11
Bases bíblicas para a missão adventista.....	12
Estudos bíblicos: porta de entrada no adventismo.....	14
Evangelismo impresso e pela rádio	14
Evangelismo pela televisão.....	15
Conclusão parcial.....	16
2. Pós-Modernismo e o Cristianismo.....	18
Do modernismo ao pós-modernismo	18
Características pós-modernas	20
Cristianismo e a pós-modernidade.....	24
Conclusão parcial.....	26
3. Predominância Pós-Moderna da Imagem	27
Palavra vs. imagem	29
Início da religião-mídia.....	30
Conclusão parcial.....	33
4. Análise Crítica dos Estudos Bíblicos Midiáticos.....	34
Análise estrutural dos estudos bíblicos televisivos adventistas	34
Problemas para a contextualização pós-moderna	36
Princípios para a pregação na idade pós-moderna.....	39
Conclusão parcial.....	41
Conclusão Geral.....	43
Referências Bibliográficas.....	45

Introdução

A crescente participação dos evangélicos na mídia tem levado muitos estudiosos a se preocuparem com tais questões¹. FONSECA (2003, p. 271) mostra que o televangelismo acaba por induzir a pregação evangélica a uma secularização. MARTÍN-BARBERO (1997, p. 112) complementa este pensamento quando diz que

para a grande maioria das pessoas a mídia é misteriosa, mágica, excitante e encanta com as novelas, as estrelas, a habilidade de criar evento como os Jogos Olímpicos, o frenesi das disputas esportivas e o espetáculo dos reavivamentos religiosos. Além disso, a mídia eliminou a distância entre sagrado e profano. Televisão é o local para a visualização de nossos mitos comuns, ela articula e catalisa a integração dos mitos da nossa sociedade (ídolos e artistas). (...) O que estamos testemunhando, não é o conflito da religião com a modernidade, mas a transformação da modernidade em encantamento por intermédio das ligações das novas tecnologias de comunicação com a lógica da religiosidade popular.

A mídia televisiva divulga os modelos, a visão prevalecente de mundo, mitos e valores. Um dos fenômenos marcantes nesta sociedade pós-moderna é a proliferação da religiosidade na mídia eletrônica. Os meios de comunicação, além de divulgar, são as principais armas nessa batalha simbólica pelos fiéis e uma condição fundamental de existência e manutenção das atividades religiosas (BASSO, p.1). Neil POSTMAN (1994) acaba por resumir os porquês de se estudar assuntos relacionados à mídia e a fé:

Precisamos saber se a televisão muda nossa concepção da realidade, o relacionamento entre ricos e pobres, a idéias de felicidade em si. Um pregador que se confina para pensar como um meio de comunicação pode aumentar sua audiência, deixará de notar a questão significativa: em que sentido um novo meio de comunicação altera o significado de religião, de igreja e até mesmo de Deus? (p. 29).

Adventismo e imagens midiáticas do culto

Os adventistas² sempre se caracterizaram pela pregação bíblica para pessoas que ainda não são de sua fé. Tal pregação tem por base a priorização da razão, utilizando como método primário de ensino o texto escrito, através de séries de estudos bíblicos produzidos pela denominação (SILVA, 2002, p. 13).

¹ Uma demonstração de tal preocupação é a criação da Rede Eclesiocom, ligada a Cátedra Metodista-Unesco para o desenvolvimento da comunicação. Alguns trabalhos podem ser acessados em <http://www.metodista.br/elesiocom>

² Optou-se pela utilização do termo “adventistas” quando se tenciona citar os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia; assim como Igreja Adventista para quando se cogita a congregação destes membros em comunidade.

É possível, em tempos recentes, notar uma preferência progressiva na substituição dos estudos impressos pelos televisivos (sendo estes em DVD, produzidos para a TV ou para a Internet). É possível atribuir tal interesse a atual fase de produção acelerada de novos títulos midiáticos, o que não retira a percepção desta possível troca do estudo textual para o visual.

Definição do problema

Paulo Cilas da Silva (2002) analisa a composição dos principais estudos bíblicos³ adventistas ao longo dos anos, chegando até mesmo a analisar alguns estudos de caráter midiático, embora não gaste muito tempo nestes.

Entre as perguntas que surgem dentro desta temática, foram enfocadas as seguintes: A adaptação dos antigos estudos bíblicos adventistas, antes escritos agora midiáticos, tem obtido sucesso na transposição necessária ao novo meio utilizado? Como ocorre a aproximação das imagens de cultos/estudos bíblicos adventistas com as imagens midiáticas? Como reverter os efeitos negativos da era pós-moderna e usar a imagem como verdadeiro instrumento evangelístico?

Em suma, o objeto de estudo desta pesquisa é o tipo de influência e de persuasão do discurso religioso nos programas televisivos da Igreja Adventista do Sétimo Dia (a partir de agora IASD), no processo de conversão dos fiéis, na reconstrução do sagrado e de valores morais projetados através de simulacros por meio da mídia televisiva. A problemática analisada é o caminho percorrido dentro das produções da IASD no que se refere ao uso da imagem como meio evangelístico.

Escopo e delimitação do estudo

Teve-se por intenção a análise de três objetos midiáticos produzidos pela IASD em tempos recentes⁴. Tal análise indicou, por amostragem, um universo maior ao qual está diretamente relacionada (i.e. a tendência dos estudos bíblicos se convergirem para instrumentos de comunicação da cultura de massa).

³ A expressão “estudos bíblicos” é uma expressão usada pelos adventistas, com a finalidade de indicar o estudo da Bíblia oferecido por um membro adventista a uma pessoa que não seja praticante desta fé, geralmente na forma de perguntas e respostas apoiadas em passagens bíblicas. Método praticado extensivamente desde 1880, principalmente através de visitações de casa em casa (SILVA, 2002, p. 5).

⁴ Todos os objetos analisados têm datas de produção entre 2005 a 2008.

Como instrumentos de estudos foram selecionados: 1) O estudo bíblico, em formato DVD, intitulado *O Grande Conflito*, apresentado pelo Pr. Luiz Gonçalves;⁵ o 2) estudo bíblico, em formato DVD, intitulado *Princípios – A Resposta do Fim Está no Princípio*⁶; 3) O estudo bíblico, em formato DVD, intitulado *Ouvindo a Voz de Deus*, apresentado pelo Pr. Alejandro Bullón⁷.

Para tais escolhas apresentamos as seguintes razões: 1) Todas as produções são consideradas semelhantes nos objetivos, e derivam de uma fonte histórica comum;⁸ 2) Tais DVD's são produzidos oficialmente pela IASD; 3) As produções em análise tiveram e têm grande repercussão no meio adventista, sendo utilizadas como “presentes evangelísticos”⁹ por membros da igreja adventista. 4) Embora tais produções sejam encontradas, para esta análise, no formato de DVD's todas já foram em alguma época recente divulgadas na televisão e internet.

Metodologia

Quanto a análise dos objetos pretendidos consideramos a tese de Alberto Klein¹⁰ como ponto de partida. Tal tese nos levou a conhecer melhor, a Semiótica da Cultura¹¹, principalmente a partir das contribuições de Ivan Bystrina¹² e Norval Baitello Jr., adotadas neste trabalho. Quanto ao conceito de imagem foram escolhidas as abordagens

⁵ **O Grande Conflito**. Direção de Osmar Reis. Brasília-DF: Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2005. 344 min., Cor, Dublado. (DVD/NTSC. Palestra).

⁶ **Princípios**: O Dia que o Mundo Não Acabou. Direção de Wilton Costa. Jacareí-SP: Novo Tempo, 2008. 359 min., Cor, Dublado. (DVD/NTSC. Palestra).

⁷ **Ouvindo a Voz de Deus**. Direção de Fernando Iglesias. Jacareí-SP: Novo Tempo, 2008. 370 min., Cor, Dublado. (INTERNET/NTSC. Palestra).

⁸ Todas as palestras em DVD analisadas tiveram o mesmo objetivo ao serem produzidas, o de transpor os antigos estudos bíblicos realizados pela IASD para um formato midiático, é no que consiste a abordagem deste trabalho, analisar os efeitos de tais transposição.

⁹ Tais produções não tem o seu ápice na exibição televisiva em canais aberto (por mais que também sejam exibidas em canais da TV aberta como a Bandeirantes, a CNT ou a Gazeta). A comercialização de DVD's e a distribuição massiva por parte dos membros da Igreja Adventista têm contribuído para a propagação destes materiais.

¹⁰ Klein, 2006. A tese de FONSECA, 2003 também foi utilizada como base do presente estudo.

¹¹ Para um estudo introdutório sobre a Semiótica da Cultura Cf. BAITELLO, Norval. **O Animal que Parou o Relógio**. São Paulo: Anna Blume, 1998; São Paulo: Anna Blume, 1998, MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica: A Experiência de Tártu-Moscov para o Estudo da Cultura**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2003; MACHADO, Irene (Org). **Semiótica da Cultura e Semicosfera**. São Paulo: Anna Blume, 2007. Sobre as Teorias da Comunicação recomenda-se: MATTELART, Michele. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005; e, HOHLFELDT, Antônio; MARTINHO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

¹² Uma introdução ao pensamento de Bystrina pode ser encontrado em: BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da Cultura**. Pré-print. Trad. Norval Baitello Jr. e Sônia Castino. São Paulo: PUC-SP, 1995.

metodológicas discutidas por Dietmar Kamper e Has Belting¹³, por considerá-las mais adequadas aos objetivos pretendidos. A tese doutoral de Paulo Cilas da Silva¹⁴ forneceu as bases iniciais para o desenvolvimento cronológico/metodológico de como os ASD se utilizaram para o ensino da Bíblia (embora tal tese se restrinja aos formatos impresso), assim como para a metodologia de análise dos conteúdos de tais estudos.

Aberto Timm e George Knight fornecem as bases bíblicas e históricas quanto à importância dos estudos bíblicos, na compreensão adventista. Quanto às conseqüências do pós-modernismo e modernismo, e como tais movimentos afetam as crenças Cristãs, deve-se a Gene Veith¹⁵ as bases iniciais do estudo. Quando necessário se realizou incursões em diversos teóricos da comunicação, sociologia e da religião os quais ajudam a expandir e esclarecer as áreas abordadas.

Divisão do trabalho

O trabalho foi dividido em quatro partes: 1. Evangelismo e a IASD: Breve Resumo Histórico/Methodológico; 2. Pós-modernismo e o Cristianismo; 3. Predominância Pós-Moderna da Imagem; 4. Análise Crítica dos Estudos Bíblicos Midiáticos. Seguidos de uma conclusão parcial ao trabalho.

Tais fatos merecem algumas elucidações: Quanto ao Capítulo 1, é realizado um breve panorama histórico sobre as metodologias e suas respectivas bases bíblicas,

¹³ Grande parte da bibliografia, em língua portuguesa, destes autores pode ser acessada livremente no site do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (www.cisc.org.br).

¹⁴ SILVA, Paulo Cilas da. **Séries de Estudos Bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: Breve História e Análise Comparativa de seu Conteúdo** (Tese de Doutorado sob Orientação de Alberto Timm). Engenheiro Coelho-SP: Unaspres, 2002. Outro livro de grande valor para se entender a importância da palavra escrita como base de propagação dos ensinamentos dos adventistas do sétimo dia pode ser encontrada em: TIMM, Alberto Ronald (Ed.). **Anais do 2º Simpósio da Memória Adventista no Brasil: A Colportagem Adventista no Brasil: Uma breve história**. Engenheiro Coelho- SP: Unaspres, 2000.

¹⁵ Da literatura cristã referente ao pós-modernismo, em língua portuguesa, pode se indicar algumas importantes obras: Para uma análise geral do pós-modernismo cf. VEITH, Gene Edward. **Tempos Pós-Modernos**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999; GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Vida Nova, 1997. Em relação à Hermenêutica Pós-moderna Cf. VANHOOZER, Kevin. **Há Um Significado Neste Texto?** São Paulo: Editora Vida, 2005. Um estudo sobre o Cristão e a Cultura cf. HORTON, Michael S. **O Cristão e a Cultura: Orientação Bíblica para o Crente**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. Uma resposta Cristã aos ataques pós-modernos a religião é encontrada em: D'SOUZA, Dinesh. **A Verdade Sobre o Cristianismo: Porque a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2008.

usadas pelos adventistas brasileiros na pregação bíblica para os que não são dessa fé¹⁶. Nos capítulos 2 e 3 se dispõe um panorama da sociedade atual e introduzi-se a discussão sobre a saturação da imagem e de que forma a cultura de massa afeta a percepção da mensagem Cristã. No capítulo 4, foi realizada a análise das obras em discussão, com enfoque no formato visual da produção, assim como uma análise dos conteúdos discutidos e uma breve comparação com o pensamento moderno e pós-moderno.

¹⁶ Mostra-se no segundo capítulo que os adventistas sempre se caracterizaram pelo forte evangelismo, objetivando, principalmente, os cristãos de fora da fé adventista. Tal evangelismo se utiliza de diversos meios e métodos. Sempre se caracterizando como pioneiros no uso dos meios de comunicação em massa (Cf. FONSECA, 2003, 45-57).

1. Evangelismo Adventista: Breve Resumo Histórico/Metodológico

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem origem no movimento doutrinário de Guilherme Miller, durante a década de 1840¹⁷. Por meio da liderança de Thiago White¹⁸, Ellen White¹⁹ e José Bates²⁰ a IASD foi organizada oficialmente em 21 de maio de 1863²¹ (KNIGHT, 2000, p. 15).

Logo após o desapontamento de 1844²², no qual o movimento milerita se fragmenta, os fundadores do movimento sabatista, (o qual viria a se tornar, posteriormente, a IASD) tiveram que rever e expandir todo o sistema de interpretação profética. “As tentativas de compreender mais claramente a verdade bíblica levou-os a conservar alguns elementos do sistema milerita, a mudar outros, e a incorporar novas dimensões doutrinarias” (TIMM, 2000, p. 58).

Todo o contexto para entender o pensamento da IASD vem da compreensão da função profética²³ deste movimento, como entendido por eles próprios. Se por alguma razão a IASD investe tanto em métodos e técnicas de evangelismo através de estudos bíblicos pode se afirmar que tal situação se deve ao pensamento profético/escatológico.

Todo programa missionário produzido pelos adventistas, tais como as “publicações e conferências bíblicas” é visto como “formado ao redor dos estudos sobre a purificação do santuário, mencionado em Daniel 8:14, e sobre as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12”. Tal sistema “foi de vital importância para a formação

¹⁷ Para uma compreensão do pensamento de Guilherme Miller (em inglês William Miller) Cf. NICHOL, Francis D. **The Midnight Cry**: A defense of the character and conduct of William Miller and the millerites, who mistakenly believed that the second coming of Christ would take place in the year 1844. Hagerstown-EUA: Review and Herald, 1945.

¹⁸ Cf. WHEELER, Gerald. **James White**: Innovator and overcomer. Hagerstown-EUA: Review and Herald, 2005.

¹⁹ Cf. DOUGLASS, Herbert E. **Mensageira do Senhor**. Tatuí- SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

²⁰ Cf. KNIGHT, George. **Joseph Bates**: The real founder of Seventh-day Adventism. Hagerstown-EUA: Review and Herald, 2004.

²¹ Para uma rápida introdução sobre a história da IASD Cf. KNIGHT, George R. **Uma Igreja Mundial**: Breve história dos Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí-SP: CPB, 2000. Também Cf. SCHWARZ, Richard Willian. **Portadores de Luz**: Historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día. Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2002.

²² Para compreender melhor o significado profético de 1844 Cf. GOLDSTEIN, Clifford. **1844**: Uma explicação simples das principais profecias de Daniel. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

²³ Sobre como o desenvolvimento doutrinário da IASD e como tais crenças modificaram sua forma de agir no mundo Cf. KNIGHT, George R. **Em Busca de Identidade**: O desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

de uma comunidade que poderia participar no processo de aperfeiçoamento e de transmissão do novo sistema doutrinário”. (TIMM, 2000, p. 66). “A crença de que possuíam a verdade presente deu aos primeiros adventistas (...) uma auto-identidade marcante e um senso específico de missão no mundo” (TIMM, 2000, p. 119).

Por surgir em pleno Século XIX, o qual se vê tomado pela grande expansão da ciência e do pensamento modernista, é de fácil entendimento as razões da tradição que este movimento tem em buscar sistemas lógicos para formular crenças como também de transmissão do conhecimento acumulado.

Bases bíblicas para a missão adventista

George Knight, historiador adventista, mostra que dentre os 150 anos de existências de Adventismo, este movimento “tem resistido à tentação de formalizar um corpo de crenças que sejam inflexíveis, mesmo tendo “com o passar do tempo definido suas ‘crenças fundamentais’”. A IASD “teve apenas três declarações de crenças que alcançaram grau de aceitação oficial²⁴” (2005, p. 22).

Ellen G. White aconselha a igreja a não pensar que toda a verdade já foi encontrada que as principais colunas da fé já foram compreendidas e que já se pode “repousar neste conhecimento. A verdade é uma verdade progressiva e devemos andar em luz crescente (...). Devemos ter viva a fé em nossos corações e alcançar maior conhecimento e luz mais avançada” (RH, 25 de março de 1890).

Depois do desapontamento de 1844, o remanescente quase é desintegrado. É então que é animado com a clara mensagem: “É necessário que profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (Apocalipse 10:11). Neste contexto a IASD começa a entender a função do movimento dentro do contexto bíblico/cristão. Ao entrar em contato com a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14, a Igreja Adventista compreenderia o chamado do Espírito Santo, o qual iluminaria a Terra com sua glória (Apocalipse 18:1) e chamaria o povo de Deus que estava em “todas as nações” a sair de Babilônia²⁵ (Apocalipse 18:3-4).

²⁴ Como apresentação aos conceitos bíblicos defendidos pelos Adventistas do Sétimo Dia consultar a obra: Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. **Nisto cremos**: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia. Tradução de Hélio L. Grellmann. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

²⁵ A babilônia neste contexto é entendida como todas as igrejas que não obedecem à lei de Deus. Para um estudo mais amplo sobre a visão adventista das profecias ver: BELVEDERE, Daniel. **Seminário as Revelações do Apocalipse**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006; SHEA,

A primeira mensagem angélica (Apocalipse 14:6-7) era considerada como chamando a atenção do povo para o fim dos 2.300 anos. A segunda mensagem angélica (Apocalipse 14:8) era entendida como libertando o povo de Deus da escravidão das igrejas nominais para abraçar totalmente a mensagem relacionada com o fim dos 2300 anos (TIMM, 2000, p. 129). Os adventistas sabatistas viam a terceira mensagem angélica como uma mensagem de restauração destinada a unir o povo remanescente de Deus ‘sob a grande verdade assinaladora’ do sábado e preparando-os para ‘o tempo de angústia’. O derramamento futuro do Espírito Santo em profusão era visto como os capacitando a saírem e proclamarem ‘o sábado’ mais plenamente (TIMM, 2000, p. 131).

Tais mensagens, de Apocalipse 14, foram consideradas o último e grande alerta que deveria ser dada ao mundo relativo à salvação da raça humana. Tais mensagens também trazem novas e inéditas responsabilidades ao povo de Deus. Agora eles não devem apenas pregar a conversão e a obediência, mas também a volta do Senhor e a diferença entre obedecer à lei Deus e a lei dos homens. Por esta razão a IASD vê como sua responsabilidade o ensino das sagradas escrituras²⁶.

A visão sobre Apocalipse 14 deu à igreja uma nova perspectiva sobre a função a qual deve exercer no ministério do ensino bíblico ao mundo. Fundamentando-se nessas interpretações, os sabatistas começaram a se ver como um povo profético detentor de uma mensagem escatológica de tremenda urgência. Eles passaram a se considerar como tendo o dever de pregar a mensagem do terceiro anjo (KNIGHT, 2005, p. 75-83).

Na percepção da missão que o movimento teria de exercer está também Mateus 24:14. Onde o Senhor indica como a igreja tem que fazer a obra: uma obra de pregação com o propósito de fazer discípulos para dar testemunho a todos os grupos humanos da Terra (RODE, 2004, p. 340). Os primeiros adventistas sabatistas falaram muitas vezes de si mesmos como cumprindo a missão do terceiro anjo (TIMM, 2000, p. 120).

A crença de ser o remanescente fiel, o qual iria restaurar a verdade para o tempo do fim oferece um sentido especial à Igreja Adventista, pois ela deixa de ser uma igreja estática e se transforma em um movimento histórico com propósito bem definido, pregar a última mensagem de advertência ao mundo (OTTO, 2004, p. 330).

William H. **Estudos Seleccionados em Interpretação Profética**. Engenheiro Coelho-SP: Unaspress, 2007.

²⁶ Para entender como os adventistas aceitam as escrituras e as interpretam Cf. REID, George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras**: Uma abordagem Adventista. Engenheiro Coelho - SP: Unaspress, 2007.

Estudos bíblicos: porta de entrada no adventismo

Desde o sistema doutrinário dos primeiros adventistas, a IASD é caracterizada por uma forte preocupação missiológica. Missão definida em termos (1) da restauração da verdade bíblica no contexto escatológico do fim dos tempos e (2) na preparação de outros para a breve volta de Cristo (TIMM, 2000, p. 120). Desde os primórdios do movimento adventista o princípio de doutrinação/batismo/comunhão é mantido. É através dos chamados estudos bíblicos que tal feito é realizado. Paulo Cilas (2002, p. 11 seq.) discute a importância do preparo pré-batismal para se aceitar um membro dentro da comunidade de fé adventista.

Tendo em mente que “o perigo mais sério é a destruição da identidade cristã adventista da igreja remanescente. (...) A unidade é uma verdadeira credencial divina que identifica os cristãos adventistas como a igreja de Deus no tempo do fim” (VELOSO, 2004, p. 245). Este medo de perder a identidade profética leva a IASD a passar um sistema de crença no qual existe uma necessidade intrínseca de ser mais teórico do que emocional (VELOSO, 2004, p. 244).

Tal visão completa e codifica a forma como a IASD verá a utilização dos meios de comunicação para a pregação do evangelho, muito além de ser um canal de pregação é considerado como forma de chegar até onde não se poderia ir de outra forma, ou seja, para se cumprir a promessa da volta de Cristo (o evangelho será pregado a todo reino²⁷) é preciso mais do que um meio.

Evangelismo impresso e pela rádio

A primeira publicação adventista²⁸ foi o periódico *Present Truth* editado e publicado em Connecticut, EUA, em 1849. Posteriormente passa a ser o *The Advent Review na Sabbath Herald*, atualmente se constitui periódico oficial da IASD nos EUA. O início do Adventismo no Brasil não foi diferente.

²⁷ Em Mateus 24:6 o sinal máximo para a volta de Cristo parece se restringir a pregação do povo de Deus aqueles que não são da fé, daí se incorre uma das razões para a pregação evangelística.

²⁸ As duas próximas seções são baseadas em informações muitas vezes não muito confiáveis, devido a pouca produção acadêmica sobre tais assuntos abordados aqui. A tese de FONSECA (2002) tem diversas incoerências e datas equivocadas. Das outras citações, mesmo sendo mais confiáveis erram pela pouca citação primária existente. A dissertação de COSTA (2003) foi de grande contribuição, onde se encontrou boas referências, mas incorrendo também na falta de citação primária. Em detrimento a tais causas nestas seções, as estruturas estão muito semelhantes à matérias já existentes. A lacuna de um trabalho bem feito que venha suprir a carência de catalogação da história do uso das mídias pela IASD ainda existirá.

A revista *Stimme der Wahrheit* (A Voz da Profecia) foi entregue pelo correio a um vilarejo de Santa Catarina (COSTA, 2003, p. 48). Não muito tempo após inicia-se no Brasil a *Casa Publicadora Brasileira* (CPB), tendo como primeira produção a revista *O Arauto da Verdade*, datado de 1900 e editada, pelo primeiro adventista batizado no Brasil, Guilherme Stein Jr. (LESSA, 2000, p. 34).

Posteriormente, *O Arauto da Verdade* seria substituído pela *Sinais dos Tempos*, e depois *O Atalaia* e depois novamente *Sinais dos Tempos* (BORGES, 2001, p. 183). O rádio começou a ser utilizado pela IASD na década de 1920. Em 1926, H. M. S. Richards colocou no ar um programa em Fresno, Bakersfield, Califórnia. Somente em 1937 é que surgiu o programa *The Voice of Prophecy*, sob a coordenação de H. M. S. Richards. No Brasil, *A Voz da Profecia* começa a ser transmitida em 26 de setembro de 1943, sob a coordenação e locução do pastor Roberto Rabello (AZEVEDO, 1977, p. 70). Este viria a ser o primeiro programa radiofônico religioso de alcance nacional (BORGES, 2001, p. 136; Cf. COSTA, 2003, p. 49).

Evangelismo pela televisão

Em 25 de novembro de 1962, foi ao ar o primeiro programa evangélico da televisão brasileira, o programa *Fé Para Hoje*, na extinta TV Tupi. Ficou no ar, em cadeia nacional por 17 anos, sendo transmitido pela TV Bandeirantes, TV Record e também na TV Morada do Sol em Araraquara-SP (FONSECA, 2003, p. 57). Durante 20 anos tem sido transmitido, pelas TV's Gazeta, de São Paulo, e Novo Tempo.²⁹

O programa *It's Writing* surgiu em 1956, nos EUA e chegou ao Brasil com o nome de *Está Escrito* em 03 de novembro 1991 (FONSECA, 2003, p. 56). O primeiro programa veiculado no Brasil foi a palestra “Onde estavas tú?”, dirigida pelo pastor George Vandeman. A transmissão do programa no Brasil só foi possível graças ao apoio de um grupo de empresários adventistas que ficaram impressionados com os resultados alcançados em outros países (AZEVEDO, 1977, p. 83).

Com um ano de exibição no Brasil, foi mudado o orador mundial do programa. Buscava-se dar maior ênfase no evangelismo público, o que não era exatamente o foco de Vandeman. Neste momento o pastor evangelista Mark Finley é convidado para ser o orador mundial do *Está Escrito* a partir de 1992.

²⁹Informações históricas gerais obtidas no site oficial do programa “www.feparahoje.com.br”.

O primeiro programa com o Pr. Mark Finley no Brasil data-se de 9 de julho de 1995 com o programa intitulado “Facada Covarde”. Nesta época já se pensava em colocar um orador local na apresentação do programa *Está Escrito*.

O primeiro programa com o pastor peruano Alejandro Bullón foi ao ar em 22 de maio de 1994, recebendo críticas positivas. Alguns meses depois eram contabilizadas 65 emissoras transmitindo o *Está Escrito* em todo o Brasil. Calculando isso em porcentagem, pode se considerar uma abrangência com cerca de 70% do território nacional.

Em 19 de maio de 2006, a programação do Sistema Adventista de Comunicação (TV Novo Tempo) passa a ser transmitida. Com sede em Jacareí-SP e chamada de TV Setorial ela atinge as cidades de Pindamonhangaba, Taubaté, São José dos Campos, Guaratinguetá, Aparecida, Lorena e a própria Jacareí-SP. A partir de Maio de 2008 entrou na grade de canais básicos da Sky TV por assinatura.³⁰

Com a inauguração da TV Novo Tempo em canal aberto é realizado um forte investimento em novas produções, as quais muitas são transformadas para DVD e vendidas aos membros da igreja. Com esta nova onda de novas produções, outras entidades ligadas à IASD começam também a produzir materiais em DVD³¹.

Conclusão parcial

“No programa divino de restauração, a função designada à IASD continua sendo reparar a brecha na Lei de Deus e em sua Palavra. É finalizar a obra da reforma da salvação por meio de Deus e por sua Palavra somente” (CAESAR, 2007, p 282).

O conhecimento do próprio papel no Grande Conflito fornece ao Adventista do Sétimo Dia, unidade espiritual, doutrinária, estrutural e principalmente missiológica. “Um estrutura que materializada em uma organização com objetivo, que serve à missão e nela se confirma, até o momento da parousia [volta de Cristo]” (VELOSO, 2004, p. 250). Tal função requer todo o uso possível de meios e formas de comunicação, a

³⁰ Dados históricos obtidos no site oficial da fundação Novo Tempo (www.novotempo.org.br).

³¹ Entre os mais importantes pode se destacar os seguintes: *Estudos Bíblicos com Luiz Gonçalves*: Apocalipse a Resposta / O Grande Conflito; *Está Escrito com Fernando Iglesias*: Criacionismo / Sábado 24h de Descanso; Princípios / O Caminho *Pr. Roberto Rabello (Voz)*: Deus Revela o Seu Amor; *Pr. Alejandro Bullón*: Paixão de Cristo / Série Profecias do Apocalipse / Paz para Viver / Ouvindo a Voz de Deus; *Internacionais Traduzidos*: The Final Events of Bible Prophecy - Doug Batchelor; *Mark Finley*: Além do Ano 2000 / Cartas de uma Ilha Solitária / Descobertas nas Profecias.

missão é grande e urgente, por isso a utilização dos principais meios da indústria cultural, como o Rádio, a Internet e a TV são apoiadas pela IASD.

A utilização da forma televisiva trouxe uma grande influência, tanto interna como externa, para a Igreja Adventista como um todo. Pode se afirmar que ocorreram sensíveis mudanças em sua forma de pregação. Aqui inicia uma maior preocupação com a plástica, com os efeitos e com tudo o mais que caracteriza a mensagem televisiva e a sociedade pós-moderna, a qual tem uma queda para tudo o que é visual.

A religião que gera uma mudança ética, uma conversão, exige reflexão e dedicação ao estudo sistemático da doutrina. Isso requer tempo e esforço, duas variáveis que as pessoas parecem pouco dispostas a aplicar na sua espiritualidade. Seja por estarem tomadas pela lógica do entretenimento ou mesmo pela dificuldade de encarar a complexidade do contemporâneo. Por outro lado a expulsão da manifestação sobrenatural realizada pelas organizações religiosas centradas no clericalismo e seus intelectuais já deu mostra de falência. A exemplo de alguns países europeus, onde as igrejas se tornaram apenas pontos de atração turísticas. Encontrar o meio termo entre a necessidade de adorar novas linguagens que expressem uma espiritualidade relevante na era pós-moderna e a transformação do culto em mero entretenimento é o grande desafio. (SATHLER, 2007, p. 85)

Isso não é necessariamente ruim para a televisão, que é um veículo mais superficial e impróprio para mensagens mais profundas. Sem falar que o espetáculo é próprio desse meio. Mas quando isso começa a afetar o tipo de apresentação no púlpito e nos estudos bíblicos uma reflexão mais profunda se faz necessária.

Embora tal missão abra o caminho para a utilização dos meios de comunicação, seu formato será de maneira distinta, como demonstrado no Capítulo 4. Mas antes será preciso, de maneira mais detalhada, analisar: A forma dos seres humanos pensar, dentro da era pós-moderno (Segundo Capítulo); E realizar uma análise detida da influência da imagem nesta atual sociedade (Terceiro Capítulo).

2. Pós-Modernismo e o Cristianismo

A partir do decreto da “Morte de Deus”³² como ponto de transição da modernidade para a pós-modernidade, é possível perceber um esfriamento do poder conferido ao texto escrito como também o aumento dos questionamentos sobre as utilidades deste como canal comunicativo.

Em certo sentido o pensamento pós-moderno tem razão em duvidar do “instrumento” de interpretação. É difícil saber quanto da interpretação do texto³³ é na verdade a mensagem pretendida pelo autor, um significado objetivo, ou apenas nossos próprios reflexos e pensamentos (VANHOOZER, 2005, p. 106).

Parece que as antigas bases estruturais do modernismo ruíram. Com isso a revolução industrial está dando lugar à chamada Era da Informação. A sociedade, a tecnologia, os valores e as categorias básicas do pensamento estão mudando. Um novo modo de ver o mundo está emergindo.³⁴

Do modernismo ao pós-modernismo

No modernismo tentou-se implantar uma era da Razão, em que todas as coisas fossem provadas e todo o caos cientificamente explicado. Neste contexto a Ciência obteve grande destaque e acabou por se colocar como a forma mais precisa de se obter respostas. Tal fato acabou por concedê-la o poder de lastrear e condenar quaisquer outras pretensas formas de se encontrar o conhecimento. DOLL Jr. afirma: que a ciência cumpriu tão bem a tarefa de controle, que durante este século ela “se expandiu, de uma disciplina ou procedimento, para um dogma, (...) criando [assim] o cientismo [ou o cientificismo].” (1997, p.18).

³² Filósofos como Friedrich Nietzsche (1844-1900) propõem a morte de Deus. Tal decreto é na verdade o anúncio que os homens não mais serem capazes de crer numa ordenação cósmica transcendente, o que os levaria a uma rejeição dos valores absolutos e, por fim, à descrença em quaisquer valores. Nietzsche não se coloca como o assassino de Deus, como o tom provocador pode dar a entender: o filósofo enfatiza um acontecimento cultural, e diz: "fomos nós que o matamos". A frase não é nem uma exaltação nem uma lamentação, mas uma constatação sociológica (Cf. LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. Petrópolis: Vozes, 2005)

³³ Por texto entendemos a compreensão da Semiótica da Cultura, que não o “restringe ao âmbito do verbal: uma determinada vestimenta, um sinal de trânsito, uma música, um layout ou um quadro são considerados textos” (GUIMARÃES, 2000, p. 3).

³⁴ Para uma discussão sobre a relação existente entre modernidade, pós-modernidade e a mídia Cf. THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

A ciência moderna delimita a atitude científica à busca de conhecimentos de leis e princípios que regem a realidade. Sendo que por realidade se entende apenas algo estático, determinado, mecânico e regulado por leis fixas. Um conhecimento baseado na formulação de leis, tem como pressuposto a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, as idéias de que o passado se repete no futuro (SANTOS, 1999, p. 17).

“Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles” (MORIN, 2000, p. 25). E é tal pensamento uma das vertentes que possibilita o surgimento do pós-modernismo, pois a desilusão humana com as promessas da era da razão e da ciência foi enorme. Em exemplos temos a “urbanização extremamente desumanizante, a monstruosa desigualdade social, a indústria de morte de armas e das drogas, a construção de campos de concentração, a confecção e explosão das bombas atômicas sobre o Japão” (LIBÂNIO, 1998, p. 62).

A sucessão das lutas e acumulação das frustrações vai aprofundando a crise da ciência moderna. “Convertida no fato sócio-cultural total, a ciência tornou-se o lugar de nossas esperanças e de nossas angústias.” (JAPIASSU, 1985, p. 93). Com a atual crise do modelo científico³⁵, tais angústias e esperanças voltam a estar sem um porto seguro. O ser humano precisa pôr sua crença em algum local.

Afinal, a ciência não fornece as respostas que a maioria de nós exige. Sua história a respeito de nossas origens e nosso fim é, no mínimo, insatisfatória. Para a pergunta: “Como tudo começou?”, a ciência responde: “Talvez por acidente”. Para a pergunta: “Como tudo terminará?”, a ciência responde: “Talvez por acidente”. E para muitas pessoas, a vida acidental não vale a pena ser vivida (POSTMAN, 1994, p. 168).

Dado que todos os locais existentes foram testados e encontrados em falta, onde se encontrará alento? Pontos de vista que respondem ao fracasso do Iluminismo e do cientificismo, relacionados com o enfraquecimento completo da verdade, estão surgindo³⁶; O intelecto é substituído pela vontade; A Razão é substituída pela sensação;

³⁵ Para uma discussão maior sobre a crise da ciência moderna ver: EPSTEIN, Isaac. **Ciência e Anti-ciência**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, n. 29, p. 13-33, 1998; JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1985; NOVAES, Allan. “A Crise da Ciência: Pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante” <http://www.unimar.br/inovcom/artigo_01.pdf>. Acesso em: 13 de Abril de 2008.

³⁶ A mentalidade pós-moderna tem e aprimorado na busca por uma nova forma de religiosidade, onde o sentido de vida possa ser unido à crença cientificista, resultando em uma nova busca pela realidade última da criação. Claro que se distanciando dos ensinamentos Cristãos tradicionais. Cf. BROCKELMAN, Paul. **Cosmologia e Criação: A importância espiritual da cosmologia contemporânea**. São Paulo-SP: Loyola, 1999.

A moralidade fica substituída pelo relativismo. Essa visão de mundo emergente desafia o cristianismo de formas diferentes daquelas do velho modernismo.

A era pós-moderna promete para os cristãos bíblicos. Mas contém também perigos novos e diferentes. As heresias modernistas caíram, mas agora heresias pós-modernistas as substituem. O racionalismo, tendo fracassado, cede lugar ao irracionalismo – e ambos são hostis à revelação de Deus, ainda que de maneiras diferentes. Os modernistas não criam que a Bíblia fosse verdadeira. Os pós-modernistas lançaram fora completamente a categoria da verdade (VEITH, p. 187).

Características pós-modernas

A sociedade pós-moderna dilui-se em massas que procuram experiências fragmentadas e seguem um fluxo de euforia. O que mais preocupa é que junto a tais modificações sociais, também obtemos uma substituição mais acentuada do racional pelo emocional, onde se abre mão do significado em favor do entretenimento imediato (cf. SARTORI, 2001).

A midiática da sociedade traz uma nova forma de pensar o mundo, a forma da tecno-interação, pode ser também denominada de Tecnopólio (cf. Postman, 1994), “As tecnologias das informações [TV, internet, etc.] construíram um novo regime espaço-temporal: da coexistência e da coabitação, onde a imposição da imediatez e a aceleração do saber se transformam em uma categoria valorativa” (BERGER, 2007, 26). Tais tecnologias da informação acabam por mapear “uma geografia de cognição” a qual “surge em territórios cujo domínio sobre a matéria é efêmero, cuja posição no espaço é tênue, cuja temporalidade é medida antes em atos de participação que em coincidência de local” (DRUCKREY, 2003, p. 392).

Walter Benjamin (2000, p. 221-256) indica que está cada dia mais forte o impulso de tentar se “capturar um objeto a uma distância bem curta por meio de sua semelhança, de sua reprodução”. Tal fato pode ser inferido em grande parte a predominância da atual cultura em privilegiar a percepção visual como fonte principal do conhecimento. Onde cada vez há mais informações e menos interpretações, criando assim um comodismo social.

Tal estrutura funcional foi denominada de “tecnopólia”, por Neil Postman (1994), de “sociedade do espetáculo” por Guy Debord (1997) ou de “modernidade líquida” por Zygmunt Bauman (2004). No final o que parece de semelhante em cada uma destas teorias é o fato do escapismo, através do entretenimento, tornar mais fácil as

decisões, que vão sendo adiadas ou simplesmente ignoradas. ADORNO (1971) nos lembra que tal “conformismo substitui a consciência” (p. 293).

O critério de medição da experiência é sua capacidade de produzir entusiasmo, e não sua profundidade ou utilidade. A experiência gera o maior impacto possível e se torna obsoleta rapidamente, abrindo assim o caminho para novas experiências e consumos. A rotatividade das informações é imensa, e algo só permanece como espetáculo até que deixa de preencher a demanda das massas, ou seja, até que pare de ser consumida pelos espectadores. Nas palavras de Debord:

O que o espetáculo oferece como perpétuo é fundado na mudança, e deve mudar com sua base. O espetáculo é absolutamente dogmático e, ao mesmo tempo, não pode chegar a nenhum dogma sólido. Para ele, nada pára; este é seu estado natural e, no entanto, o mais contrário à sua propensão (DEBORD, 1997, p. 47).

Na democracia clássica, a decisão final tem lugar após todos do grupo terem oportunidade de participar, de maneira igual, do debate, da discussão e da crítica pública. “A maior parte da comunicação flui de maneira circular pelos cidadãos e entre eles” (FAGEN, 1971, p. 39). Pode se argumentar que tal democracia não mais existe³⁷.

Quanto a tal fato Sartori afirma:

A televisão privilegia (...) a emotivização da política, isto é, uma política relacionada ou reduzida a pincas de emoções. (...) Ela faz isso narrando avalanches de histórias lacrimosas e peripécias tocantes. Ou, de modo inverso, faz isso decapitando ou marginalizando cada vez mais as ‘cabeças que falam’, (...) Em geral, a questão é que a cultura da imagem gerada em primazia do visual é portadora de mensagens ‘quentes’ que, justamente, esquentam as nossas emoções, acendem os nossos sentimentos, excitam os nossos sentidos e, em suma, apaixonam. (...) E por mais que a palavra possa inflar (por exemplo, no rádio) a palavra é de fato menos aquecedora do que a imagem. Portanto, a cultura da imagem quebra o equilíbrio delicado entre paixões e racionalidade. A racionalidade do homo sapiens está retrocedendo. E a política emotiva, emotivizada e aquecida pelo vídeo, levanta e atíça problemas sem fornecer qualquer idéia de como resolvê-los. E desse modo os agrava ainda mais (Sartori, 2001, 102).

Vive-se em favor de um “realismo mágico”, ou seja, o real se mistura ao ficcional, criando uma nova categoria midiaticizada de fatos. O critério da notícia é nada mais do que o interesse do espectador, assim sendo, temos a vida transformada em entretenimento, e como essa às vezes pode ser pouco atrativa, explora-se a criatividade do fictício. José Arbex trabalha tais conceitos da seguinte maneira:

³⁷ Para uma discussão introdutória sobre como o consumo tende a modificar as estruturas democráticas Cf. CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

Um dos desafios enfrentados diariamente pelos estrategistas da mídia consiste, precisamente, na elaboração de estratégias de dedução do telespectador/leitor, operando um inevitável espaço de ambigüidade do fato comunicativo. Trata-se de transformar a ambigüidade em seu oposto – o consenso aparente, imposto, fabricado por técnicas de propagandas, principalmente quando o assunto remete à esfera da política e da economia. Como fazê-lo? Resposta: restringindo ao máximo o espaço de interlocução, por meio do uso de esquemas e slogans que traduzam a ‘verdade’ em fórmulas simples e tranquilizantes. Criando, enfim, metáforas que ‘explicam’ segundo receitas maniqueístas e de fácil compreensão: determinada opção econômica (por exemplo, a moratória da dívida externa) é ‘boa’ ou ‘má’ porque se situa no campo ‘bom’ ou ‘mau’ das coisas da política e do mundo. (2003, p. 115).

“Algo não é real a menos que seja visto na TV” (VEITH, p. 58). Essa atitude revela o tipo de comportamento das empresas de comunicação, que usam suas mensagens persuasivas para tentar mudar a direção do comportamento social, suas expectativas e exigências culturais (cf. MORAES, 2006).

A indústria cultural dita as regras que estão inclusas no modismo através de discursos mascarados pelo colorido das mensagens publicitárias. Isso acaba por contribuir para uma ordem social com dificuldades de percepção crítica embalada pelo consumismo. “A mídia cria a necessidades de personalidades fortes com linguagens ambíguas (...) permitindo assim a cada grupo descobrir naquelas mensagens (...) o que quer achar (FABRINI, 1990, p. 177 apud SARTORI, 93).

Ela não conduz apenas as regras sociais, mas também a forma de se analisar o mundo: “ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente” (ADORNO, 1971, 295). Todo pensamento imaginativo, o qual foge do que hoje é considerado fato comprovado, não pode ser tolerado. Tudo que tem para ser pensado já o foi.

Esse mecanismo de ‘fabricação da opinião’ simula a democracia: aparentemente, a ‘opinião’ divulgada pela mídia interfere no curso dos acontecimentos, dando a ilusão de que o público foi levado em consideração. Na realidade, os indivíduos permanecem isolados, espalhados pelas diversas cidades, regiões, estados e países, sendo virtualmente ‘unificados’ pela mídia, mas sem terem qualquer interlocução. É a ‘ágora eletrônica’ que simula a antiga *polis*, onde tudo se debatia. (ARBEX, 2003, p. 56).

É assim que a construção das muitas visualidades, da produção, dos objetos que cercam o homem pós-moderno, muitas vezes são efêmeras. Grupos musicais são mitificados momentaneamente, desaparecendo da mídia em pouco tempo, assim como do imaginário coletivo; novelas de televisão permanecem no ar ditando modelos aparentemente imutáveis, mas estas imagens se fragmentam, quando novas imagens de

novas novelas entram em cartaz, invadindo o imaginário dos grupos, e os seres mitificados anteriormente cedem lugar a novas mitificações e assim sucessivamente.

FAGEN afirma que independente de qual “for a realidade e coerência que os acontecimentos têm para nós, originam-se da maneira como eles foram comunicados” (1971, pág. 20). A escolha da massa tem mais a ver com a forma de se dizer algo, e não tanto pelo que é dito.

Desapareceu a legitimação das grandes narrativas neste contemporâneo de narrativas transitórias, constituídas de pequenas histórias sem a visão de um princípio, meio e fim. A questão a ser tratada não é a se o povo escolherá errado, mas sim a impossibilidade deste mesmo povo de se aprofundar nas questões importantes, devido à saturação de informação na qual estão inseridos. ARBEX declara:

Bombardeado pela crescente velocidade das inovações técnicas, científicas e culturais, o homem sente o tempo presente como algo cada vez mais fugido, criando uma contradição: ao mesmo tempo em que o capitalismo contemporâneo concentra ao máximo as demandas de consumo no momento presente, ele o torna cada vez mais instável, inseguro de si, enfraquecendo a estabilidade do sujeito contemporâneo. O enfraquecimento do tempo presente é exacerbado pela perda da capacidade de interlocução de que fala Habermas. (2003, p. 91).

Debord (1997, p. 44) o espetáculo parece se resumir a “um instrumento para a pacificação e despolitização” onde os sentidos são chocados e “os sujeitos sociais” são distraídos “da tarefa mais urgente da vida real” (KELLNER, 2004, 123).

Neste sentido, a crítica dos conteúdos veiculados pela mídia sempre dependerá, evidentemente, dos recursos interpretativos que o espectador dispõe. Mas como o leitor poderá mobilizar tais informações dentro de uma sociedade da informação, onde se produz toneladas de informações referentes a todo tipo e assuntos?

O regime nazista teve que se utilizar de preconceitos já existentes na sociedade germânica para poder caracterizar os judeus como fonte do mal. E, mesmo no auge do poder, Hitler teve dificuldades para impor o seu programa de ‘eugenia’ (eliminação dos germânicos portadores de deficiência física e/ou mental): “a fase inicial do programa (1937-1942) permaneceu secreta, tornando-se pública apenas quando já não adiantava mais negar” (ARBEX, 2003, p. 137).

Tal fato pode indicar que ainda existir alguma solução para a atual crise da superfície. A mídia influencia a sociedade, mas ela não impõe a versão dos fatos que quer como verdade. Isso ocorre “exatamente” porque a comunicação depende do “contexto extralingüístico”.

Sempre há um conjunto de dados extralingüísticos que condicionam o uso das metáforas, expressões, jargões e clichês empregados na estruturação da narrativa. ARBEX (2003, p. 136) indica que “a confrontação da versão construída por determinado veículo, com a versão apresentada por outros veículos de comunicação” pode ser uma saída eficaz para tal crise.

Cristianismo e a pós-modernidade

Analisando as civilizações que estavam próximas de ruírem, Toynbee mostra que as “sociedades que estão se desintegrando” caem numa sensação de abandono, “um estado mental que aceita o antinomianismo³⁸ como substituto da criatividade” (1948, p 399). A ética se torna relativa, abrindo espaço para a fuga do que é correto em benefício da resolução dos problemas do grupo.

as pessoas param de crer na moralidade e cedem a seus impulsos à custa de sua criatividade (...) cedem ao escapismo, buscando evitar seus problemas ao fugir para seus próprios mundos de distrações e entretenimento. (TOYNBEE, 1948, p. 404).

A sociedade pós-moderna acaba sendo regida pela cultura pessoal, e como tal cultura provém principalmente daquilo que se recebe dos meios de comunicação. A massa passa a consumir cultura como um produto, e enquanto houver demanda, a indústria cultural estará lá para fornecer aquilo que a sociedade julga estar escolhendo, o que na verdade já foi programado.

A mídia então passa a controlar o que é verdade e o que não é, já que sua credibilidade é totalitária na mente do espectador. Parece ser um fato que quando não existem verdades absolutas, a vontade pessoal tomará o local do intelecto. Em muitos momentos, critérios estéticos serão os que ditaram a razão a se utilizar. Verdades antes consideradas absolutas caem não por ser uma inverdade, mas independente disso. Porque acreditar no inferno, se tal verdade nada traz de útil para a vida prática?

VEITH (1999) lembra que a aversão do ser humano para com a doutrina cristã, tal como o inferno, parece ser natural. Embora deve ser entendido que a principal questão não é se existe o inferno ou não, pois “a realidade poucas vezes levada em conta nossa preferência pessoal, mesmo ao se tratar das facetas mais triviais da vida cotidiana. Gostar de algo e querer que sejam verdadeiras é o único critério das suas crenças” (p. 188). Segundo o historiador Stephen Benko (1984, p. 56-8), em seu estudo da

³⁸ Os antinomistas são aqueles que cultivam qualquer aversão pela lei.

propaganda anticristã na Roma Imperial, segundo ele uma das principais razões para os primeiros cristãos terem sido perseguidos foi a declaração de posse na única verdade. “Em sua decadência, a cultura romana se havia tornado de certa forma parecida com a cultura pós-moderna, defendendo o relativismo cultural (sob o controle romano, naturalmente) e a validade de todas as religiões (contanto que todos queimassem incenso a César).”

Qualquer cristão da época, o qual se recusasse reconhecer a deidade do Imperador “enervava os antigos romanos”, mas nada os deixavam com tanta raiva, como mostra Benko, do que “esses escravos presunçosos” reivindicarem “possuir a única verdade” (VEITH, p. 220-1).

As implicações da hermenêutica da pós-modernidade acabam por tornar a mensagem das Escrituras inacessível a Igreja. Se levarmos até o fim o seu subjetivismo e relativismo inerentes, acabamos sem Escrituras, sem revelação, se verdade e sem pregação. O pregador pode, no máximo, pregar apenas uma interpretação sua do texto mais jamais a verdade divina. As conseqüências lógicas são graves e devemos encará-las: se não podemos alcançar o sentido das Escrituras não restará base objetiva para a doutrina e a prática da igreja, para decisões teológicas, para o ensino doutrinário, para a ordem eclesiástica. Instala-se o caos hermenêutico, onde cada um pode interpretar como queira as Escrituras. (LOPES, 2004, p. 203).

Os cristãos compreendem, através da doutrina do pecado original, o que acontece com os seres humanos quando estes reivindicam autoridade máxima para si. Como seres caídos, a capacidade intelectual humana não só é limitada como enganosa (Rom 1:21-28). Por causa da natureza humana pecaminosa, existe uma tendência nata deste se rebelar contra a fonte de toda a verdade.

Seres humanos deixados por si mesmos podem professar idéias que soam nobres, mas na prática acarretam males terríveis. Questiona-se Deus e no local dEle é colocado o “eu” como autoridade máxima. A razão é usada, desajeitada como é, para racionalizar os pecados e construir sistemas que permitam ao homem passar sem Deus. No final parece que toda a discussão sobre moralidade e verdade vem apenas para servir como disfarce do desejo de poder (nem que seja poder de mandar em si mesmo).

Brados por justiça, pela libertação e pelo fim da opressão só podem ser mecanismos retóricos. (...) O exercício nu do poder, sem as amarras de limitações morais, é uma fórmula que leva primeiramente ao terrorismo e depois ao totalitarismo. (...) Politicamente, a ética do desejo significa lutas cruéis por entre grupos competidores. (...). Para os indivíduos isolados, a ética do desejo significa egoísmo, promiscuidade e descontrole moral. (...) Sem uma estrutura moral, a sociedade se desintegra em facções que irão guerrear entre si e contra indivíduos isolados e depravados. Resultará num retorno à violência, perversão e anarquia (VEITH, p. 192).

Aqueles que acreditam não existirem absolutos repudiam os que rejeitam o relativismo chamando-os de intolerantes, por tentarem forçar suas crenças em outras pessoas. Com a relativização da vida cotidiana, o pecado de antes passa a ser algo relativo agora. C.S. Lewis (2006, p. 109) recorda que nenhuma pessoa, que diz “não acreditar no Certo ou Errado universais” deixará de voltar atrás em seu pensamento, quando algo lhe ocorrer de prejudicial.

Será que os pós-modernistas, estão agindo com coerência, ou mesmo agindo de acordo com o que afirmam, mantendo honestamente as implicações de sua própria teoria? É mesmo possível viver sem buscar os fundamentos universais de uma crença?

Conclusão parcial

A Bíblia esclarece que o entender a palavra de Deus através da iluminação do Espírito Santo, o qual opera por meio da Palavra e habita os membros da igreja (I Coríntios 2:9-16). Isso não abre a porta ao subjetivismo nem a interpretação particular (II Pedro 1:20). O Espírito Santo se utiliza das palavras da Bíblia que são inspiradas pelo Espírito, para convencer os leitores do pecado e testemunhar da obra de Jesus Cristo (João 16:8-15). A igreja torna-se uma espécie de comunidade interpretativa³⁹.

Existe uma verdade universal, embora não se deva cair no erro de acreditar que existirá um método universal que levará não-crentes a Cristo. Pode se afirmar que uma das maiores contradições do pós-modernismo é que ao este exacerbar o individualismo acaba por criar uma massa homogênea ligada pelo entretenimento. Tal massa será conduzida a Cristo apenas quando tratada dentro desta individualidade-massiva.

“A igreja tem razão em buscar meios de se comunicar com a sociedade contemporânea e apelar para ela” Ao se buscar ser relevante a atual cultura a igreja “não deve ousar deixá-los onde os encontrou” (VEITH, 1999, p. 219). Com ênfase particular, a igreja deve se firmar na moralidade e na verdade. Provavelmente ter-se-á de apelar às emoções das pessoas, mas logo precisará ensiná-las a pensar biblicamente.

³⁹ Pode se perceber na atual literatura destinada a crescimento da igreja (seja adventista ou não) uma maior ênfase na importância do relacionamento dos irmãos como forma de adoração. Em outras palavras, a maior busca por Pequenos Grupos, Igrejas no Lar, Células (ou outro nome que indique a mesma ideologia) é na verdade uma tentativa da igreja de ser relevante na cultura pós-moderna.

3. Predominância Pós-Moderna da Imagem

Após a invenção da fotografia, cinema, televisão e internet, é sábio esperar uma maior “importância da percepção visual”. Tais invenções possibilitaram com que a cultura contemporânea começasse a privilegiar a percepção visual como fonte principal do conhecimento em detrimento as antigas formas orais e escritas.

Muitos acreditam não ser possível qualquer manipulação da mensagem que a imagem passa. É verdadeiro lembrar que a fotografia/imagem tem valor incontestável por proporcionar em todo o mundo fragmentos visuais que “informam as múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza”. Embora não se deva esquecer que a mesma fotografia/imagem “se prestou e sempre se prestará aos meios diferentes e interesseiros usos dirigidos. As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública” (KOSSOY, 2002, p. 20).

Cada vez mais se confunde “o ‘ver’ com ‘o saber’” (ARBEX, 2003, p. 35). Trata-se de uma tradição solidamente ancorada nas raízes da nossa cultura. “Quando testemunhamos diretamente um evento (...) acreditamos realmente que o que estamos vendo “é ‘a’ verdade do fato” (ARBEX, 2003, p. 34). “E tal manipulação tem sido possível justamente em função da mencionada credibilidade que as imagens tem junto à massa, para quem, seus conteúdos são aceitos e assimilados como a expressão da verdade” (KOSSOY, 2002, p. 20).

A crença do ‘observador neutro’ se não é um erro, ao menos, é uma visão incompleta do sistema midiático. Quando um observador testemunhar um evento este também o constrói. Seria equivocado opor “de forma maniqueísta, uma suposta ‘neutralidade objetiva’ daquele que presencia diretamente um acontecimento à ‘intencionalidade manipuladora’ da câmera de televisão”, sendo que o olhar daquele que vê é social e culturalmente moldado” assim como o é a memória individual que faz reviver o evento presenciado.” (ARBEX, 2003, p. 35).

por definição, as imagens visuais sempre propiciam diferentes leituras para os diferentes receptores que as apreciam ou que dela se utilizam enquanto objetos de estudo. Por tal razão elas se prestam a adaptações e interpretações ‘convenientes’ por parte desses mesmos receptores, sejam os que desconhecem o momento histórico retratado na imagem, sejam aqueles engajados a determinados modelos ideológicos, que buscam desvendar significados e ‘adequá-los’ conforme seus valores individuais, seus

comprometimentos, suas posturas aprioristicamente estabelecidas em relação a certos temas ou realidades, em função de suas imagens mentais. A imagem fotográfica, como toda a sua carga de ‘realismo’, não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro (expressivo) da aparência... fonte, pois, de ambigüidades”. (2002, p. 44-45)

Tais fatores acabam por ajudar na criação de um novo parâmetro de vida mental, cujo modelo de realização intelectual parece não conseguir ultrapassar a superfície das imagens⁴⁰. Durante o modernismo, tentava-se negar o envolvimento dos fotógrafos com o objeto/sujeito fotografado. Sendo estes nada mais do que meros observadores “imparciais gravando o que estava ao redor com olhos passivos e a fotografia era o melhor árbitro entre a nossa percepção visual e a memória do que foi visto” (KOZLOF, 1979, pg. 101).

A objetividade modernista verificava ritualmente o que estava em volta e denominava de realidade. A fotografia era uma prova concreta de que ninguém havia alucinado durante o processo. Já no pós-modernismo tal discussão é modificada, se acusa, como uma das principais características da contemporaneidade, a predominância da imagem manipulada. Fredric JAMESON (1997) insiste na “existência de alguma coisa especial sobre a midiatização da nossa cultura atual: a mídia visual está desafiando a hegemonia de antigas formas da mídia lingüística”.

O trabalho e o lazer estão cada vez mais centrados na mídia visual, proporcionando ao ser humano uma experiência de visualização muito mais ampla do que em qualquer outra época.

Todas estas coisas, mostram que a hipótese “de que a sociedade contemporânea rege-se pela midiatização” com tendência para a virtualização nas relações humanas” (Muniz Sodré, 2006, p. 20), se encontra “tão esvaziada de verdades transcendententes” que acaba por se alimentar “de imagens com inacreditável potência persuasiva.” (MORAES,

⁴⁰ Faz-se necessário abarcarmos considerações acerca do conceito de imagem. Tal termo acaba por ser muito utilizado, o que parece torná-lo mais difícil de identificar em apenas uma definição. Partindo da perspectiva dos meios de comunicação de massa, a imagem estaria envolvida num processo de representação e seria um segundo objeto de uma imagem inicial que ela mesma representaria. As nossas considerações sobre o conceito de imagem buscam apreender uma possibilidade de definição, considerando que a imagem contemporânea engloba, entre outras, a imagem midiática, e que esta envolve a televisão, cinema, corpo, pintura, imagens digitais, entre outras tantas possibilidades. Nas palavras de Norval Baitello Jr. “não [são] apenas imagens visuais. São também imagens acústicas e conceituais porque imagem é a palavra grega que gera imaginação. Podemos, então, considerar que existe uma imagem visual, acústica e também a projeção.” (disponível no site do CISC em <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/bombardeio.pdf> acessado em 24/08/2008).

2006, p.34). É interessante notar o fato da imagem pós-moderna, diferente da imagem encontrada em outras eras⁴¹, parece não trazer consigo nenhum significado, a não ser ela mesma.

Ver permanece superficial. A profundidade do mundo não é para o olho. E quando o olhar penetra, apenas aumentam novamente as superfícies e superficialidades. A era óptica já o provou *ex negativo*. Seu lema ‘Tornar visível todo o invisível’ era duplamente enganoso. Não se acercou do invisível e produziu uma nova invisibilidade.” (Kamper In Baitello, s/d. p. 5).

Palavra vs. imagem

A muito sabe que as imagens visuais provocam diferentes impactos em diferentes pessoas (KOSSOY, 2002, p. 46). Tais impactos acabam por contribuir nas modificações no funcionamento do sistema social, incluindo a estrutura litúrgica da religião. Na atual sociedade se percebe uma rejeição das palavras e uma substituição destas por imagens (visuais). O que por sua vez, parece ser a consequência natural, se incluirmos as invenções recentes, do cinema, da TV e o constante aperfeiçoamento das tecnologias da imprensa (KLEIN, 2006, p. 21; Cf. ADAUTO, 2004, p. 11).

A imagem “já não ilustra a palavra; é a palavra que estruturalmente, é parasita da imagem”, a palavra não mais “vem subliminar, patetear ou racionalizar a imagem”. Nas palavras de Barthes, o preço pago por tal feito é o fato de a palavra hoje não passar “de uma espécie de vibração segunda, quase inconseqüente” da imagem (BARTHES, 2000, 333). A consequência direta que os Cristãos podem sentir de tais modificações é que a antiga premissa cristão-protestante, onde a palavra é colocada como fonte de maior ensinamento deixa de ter importância. Logrando para escanteio os fundamentos da verdade absoluta da revelação de Deus.

A ironia e tais modificações visualizadas no Protestantismo é maior quando se compara a tradicional celebração do culto sempre centrado no campo auditivo, onde o “espaço dedicado ao pregar a palavra cantar hinos e fazer orações, intensificando” sempre foram mais importantes do que a imagem do pré-leitor de cada ato (KLEIN, 2006, p.21). No final parece que a sobrevivência da palavra, na moderna sociedade da imagem, só será possível através da união com a imagem. Barthes recorda que:

temos mais a fazer do que recensear diretamente os conteúdos ideológicos de nosso tempo, pois tentando reconstruir em sua estrutura específica o código de conotação de

⁴¹ Klein (2006) faz uma interessante abordagem sobre o desenvolvimento da imagem (principalmente relacionando-a ao âmbito religioso).

uma comunicação tão larga como a fotografia impressa, podemos esperar reencontrar, em sua finura mesma, as formas de que nossa sociedade usa para se serenar, e por aí apreender a medida, os desvios e a função profunda desse esforço (BARTHES, 2000, 338).

Ao fazer tal uso, a palavra provavelmente não terá seu antigo valor de volta, mas ao menos poderá passar a mensagem pretendida. A imagem pós-moderna não está à procura de denotações certas, mas sim “buscando ampliar ao máximo as suas possibilidades conotativas, procurando avidamente a participação ativa do espectador, nesse jogo de interpretações, já que não há verdades únicas, permanentes, universais, a serem propagadas e encontradas” (CAUDURO, 2002, p.2).

Ser visto se resume a parecer ser. “A coerção para transformar pessoas complexas, corpos vivos em imagens torna-se cada dia mais forte.” Tais corpos “devem integrar uma nova lógica de produção”, onde “passam a participar sem resistência desta nova ordem social. Dentro desta mesma lógica cresce assustadoramente o espaço para a comunicação à distância, com as máquinas de imagens, com as imagens sintéticas, os seres digitais, as simulações e os simuladores. (BAITELLO, 2005a, p. 20-1).

A pergunta que no final se acha para ser respondida não é como modificar tal situação, dado que parece não ter como reverter tais atos sociais. Seria mais sensato perguntar como “reter o interesse de leitores e telespectadores diante dos sinais de esgotamento com o bombardeio diário de mensagens de todo tipo?”

Um paliativo tem sido reduzir a duração dos spots televisivos para menos de 20 segundos. O anúncio tradicional já não consegue fisgar um espectador disperso e zozno entre tantas pressões externas para provar, preferir e adquirir. (...) O ‘marketing oculto’ faz malabarismo para tentar contornar a fadiga, desenvolvendo técnicas de comunicação que apresentam o produto de maneira inusitada, a fim de evitar que o público-alvo perceba tratar-se de uma abordagem mercadológica convencional” (MORAES, 2006, p. 42).

O fato preocupante é que tal problemática já tomou posse do campo religioso, não apenas em busca de uma resposta, mas de forma pragmática para atender, da melhor forma, “a nova geração-consumidora da religião”.

Início da religião-mídia

O que acontece com a imagem religiosa a partir do momento em que se torna uma imagem da mídia? Enquanto as igrejas históricas – catolicismo e protestantismo – usavam os meios de comunicação de massa como instrumento de sua mensagem, como

transportadores de seus conteúdos, as novas religiões nascem fundidas, geneticamente produzidas pela mídia, particularmente a televisão (BERGER, 2007, p. 31).

A preocupação é compreender as transformações da imagem em uma perspectiva de apropriação pelos meios de comunicação – a imagem é ressignificada, mas também retrabalhada e, em certos momentos, passa por uma inversão de sentidos.

A postura iconoclasta que marca substancialmente o protestantismo histórico, sucede ironicamente um processo de recriação e devoção a imagem, agora encarnadas na figura do líder religioso, que chega a dar autógrafos nas ruas. (...) Tradicionalmente, o sagrado tornava-se visível nos ícones religiosos parecem reivindicar para si o culto anteriormente dedicado às imagens” (KLEIN, 2006, p.21).

As igrejas históricas usavam os meios de comunicação para chamar os fiéis aos ofícios religiosos nunca para substituí-lo. Aos poucos passam a aceitar que o templo também pode se transferir para o cenário da TV. (BERGER, 2007, p. 29).

É sábio lembrar que tais modificações não estão concluídas, sendo facilmente encontrados movimentos híbridos dentro do sistema. O preocupante, talvez, seja a dimensão que tal fenômeno tem adquirido. KLEIN (2006) nos lembra que não se trata mais de uma relação esporádica, na qual seitas e igrejas alugavam espaço em emissoras tradicionais para transmitir programas religiosos.

A escatologia religiosa tradicional projetava um futuro onde haveria a redenção dos fiéis. Tal escatologia parece ser cada vez mais rejeitada pela religião da mídia. “Em sintonia, mídia e religião compartilham o contexto espetacular, no qual vivem, se movem e existem” (RAMOS, 2007, p. 189).

O que vemos agora é um rearranjo no campo religioso que inclui, especificamente, uma alteração substancial na forma de trabalho das instituições religiosas e também da mídia. Havendo uma hibridação entre as linguagens midiáticas e religiosas, nunca vista antes.

Percebe-se que mesmo após quatro décadas de programas religiosos na mídia brasileira, ainda existem discrepâncias nas formas de trabalhar as imagens da religião nos espaços da mídia. Muniz SODRÉ escrevendo sobre a midiatização da sociedade lembra que “chamar a atenção, atrair e manter sobre si mesmo o olhar do outro, converte-se em valor moral”, tudo em consequência de uma mídia que se torna

uma espécie de suporte da consciência prática na medida em que os fluxos informativos fazem interface, reorganizam ou mesmo inventam rotinas inscritas no espaço-tempo existência. A própria recepção ou consumo dos produtos midiáticos podem ser vistos

como uma atividade cotidiana. E tudo com um conteúdo moral próprio. (SODRÉ, 2006, p. 29).

A religião torna-se motivo de escolha, marca de uma sociedade pós-moderna, que ao ser fragmentada e individualizada abre espaço para a dúvida e assim para a concorrência. Toda a religiosidade tradicional deixa de ser um fato para se tornar mais uma dentre tantas crenças.

E a mídia encontra papel importante nesse contexto de marginalização onde pode se vislumbrar uma análise homogênea da linguagem midiático-religiosa. Klein mostra que “o show evangélico sustenta-se a partir da conjunção de três elementos: a horizontalização do espaço, o distanciamento entre palco e platéia e a iluminação projetada sobre o líder religioso” (KLEIN, 2006, p. 226).

A comparação entre as afirmações de Sodré e Klein leva ao questionamento sobre a validade das imagens religiosas intermediadas pela tela. Parece óbvio inferir que o fiel, ao se postar diante da tela para ver e ouvir a mensagem religiosa, está realizando uma ação social.⁴² A dificuldade é entender em qual momento os programas midiático-religiosos, por diversas razões, acabam por se render à lógica do entretenimento, funcionando mais como um “show ou apresentação midiática” do que propriamente um culto (BERGER, 2007, p. 30).

As bases para a moderna indústria do entretenimento estão na prática, comum a muitos segmentos religiosos, de depor o racional e entronizar o sensacional. A pregação cristã quando transportada para o vídeo acaba por gerar um deslocamento “do campo do verbal-oral para o imagético-visual.” Fato este que irá gerar uma nova forma de se visualizar o culto. “A imagem e o estilo tornam-se mais importantes do que o conteúdo”, sendo que o espetáculo privilegia “o sentido da visão” se colocando de forma incisiva “na contramão do diálogo”, embora ali ainda possa ser encontrada, em partes, a antiga narrativa bíblica.

Uma vez que a homilética espetacular focaliza-se sobre o significante, a homilética tradicional mantém seu foco no significado, os telepregadores tendem a se ocupar menos com a verdade do que com o que parece ser a verdade; por essa razão trocam os princípios hermenêuticos, que orientariam a ressignificação e a presença da mensagem evangélica no presente. A profundidade da fé passa a ser medida senão pela qualidade teológica dos seus postulados, mas pela intensidade dos sentimentos do indivíduo que se abandona no fervor religioso (RAMOS, 2007, p. 189).

⁴² Cf. Bourdieu, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas** (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 79-98.

Conclusão parcial

“A televisão, seja como meio ou como fonte de inspiração estética, tornou-se reduto do pendor humano pela adoração de imagens.” As antigas estátuas e pinturas religiosas parecem ter sobrevida através do “horizonte midiático de nossa realidade” embora neste contexto esteja “deslocadas, revestidas por um novo espetáculo.” Muitos encontros cúlticos têm se parecido mais com shows de auditório televisivos do que com cultos protestantes.

É preciso pensar em quais fatores as produções midiáticas adventistas estão diferindo de outras produções evangélicas. Fugindo desta “moderna iconofagia” a qual muitas vezes se anuncia “como o único horizonte possível de sobrevivência do sagrado”. (KLEIN, 2006, p. 227). Ao analisar a melhor forma de se contextualizar o evangelho na idade mídia, tema do próximo capítulo, o caminho que se segue parece ser o de cada vez mais migrar para as formas midiáticas (ou televisivas) de se comunicar.

Pesquisas recentes tentam demonstrar que a nossa compreensão de textos e imagens é sempre narrativa: quando lemos ou olhamos, construímos histórias - inserimos os elementos que vemos ou lemos numa estrutura narrativa que nos ajuda a produzir sentido sobre eles; e que esta compreensão narrativa não é um dado natural, mas uma necessidade cultural: a narrativa não está lá em nossa mente; ela surge porque nos dá uma série de vantagens culturais - nos ajuda a memorizar o que vemos ou lemos, e em um nível mais metafísico nos ajuda a dar coesão as nossas vidas (ARAUJO e PAULA, 2008, p. 3).⁴³

A preocupação que se levanta, no entanto, é de ao se utilizar o poder da mídia para pregação do evangelho, não venha a submetê-lo de forma que a essência da pregação adventista chegue a se perder. No próximo capítulo serão analisadas algumas produções adventistas e por fim propostos caminhos para evitar o que Klein chama televisão do culto, o que representa a devoração da mídia e do culto, um pelo outro (2006, p. 213).

⁴³ Cf. também BAITELLO, Norval. **A Era da Iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005; MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1974; BAITELLO, Norval, (Org.) **Os Meios da Incomunicação**. São Paulo: Annablume e CISC, 2005.

4. Análise Crítica dos Estudos Bíblicos Midiáticos

Uma das promessas básicas da contemporaneidade é, nas palavras de MORAES (2006), o fato de que “querem nos convencer que perdemos em durabilidade embora ganhamos em intensidade”, a vida passa a ser medida através das “necessidade e satisfação, removendo-se aquilo que retarde o ímpeto de consumir ou protele a extinção dos impulsos”, sendo que a experiência deve se adequar “‘ao máximo impacto e à imediata obsolescência’, limpando o terreno rapidamente para novas e apaixonantes aventuras” (p. 36).

De modo geral deve-se creditar aos programas religiosos-midiáticos pontos positivos, como a expansão de “formação e informação sobre as igrejas” como também a criação de “um senso de comunidade ou comunhão entre seus telespectadores” (FONSECA, 2003, 276). As oportunidades e desafios que estas produções enfrentam conduzem a análise do quanto estas produções conseguem se adaptar e falar a atual geração midiaticamente, sem perder a essência da pregação adventista tradicional?

Análise estrutural dos estudos bíblicos televisivos adventistas

Das produções analisadas sistematiza-se a seguintes características 1) O estilo doutrinário-sistemático, o qual tem em mente a intenção de pregar um sistema doutrinário completo, 2) a pregação de uma mensagem em formato de estudo bíblico (se assemelhando completamente a tradicional forma de se ensinar a Bíblia usada pelos adventistas), onde se explana uma lição sobre como a Bíblia trata um determinado tema⁴⁴. 3) O uso da lógica e racionalidade são priorizados de maneira significativa.

Na tabela⁴⁵ abaixo se conciliou a ênfase trabalhada em cada estudo bíblico analisado com os pensamentos do modernismo e pós-modernismo. Tal comparação busca descobrir qual a linguagem adotada nestas produções (nos pontos analisados existem um *M*, para quando o modelo se destina a geração passada (ou Moderna) e *P* para a atual geração pós-moderna).

⁴⁴ Dento destes temas muitas das posições da IASD têm um distanciamento interpretativo de diversos grupos evangélicos.

⁴⁵ Tabela adaptada (parte dos pensamentos moderno e pós-moderno) de RAHDE, Maria Beatriz. CAUDURU, Flávio. “Imagens e Imaginários: do moderno ao pós-moderno” in <http://www.compos.org.br/files/30ecompos09_Rahde_Cauduro.pdf> acessado em 15 de junho de 2008.

Visão Moderna	Visão Pós-moderna	?	O Grande Conflito	?	Princípios	?	Ouvindo a Voz de Deus
Paixão pelo novo; acredita no progresso, na qualidade superior do novo sobre o tradicional.	Valoriza o ecletismo, combina diversos estilos numa mesma estrutura; bricolagem e hibridação de múltiplas diferenças, antigas ou novas.	M >	Combina cenas em ambientes diferentes, mas é estático e sem grandes inovações no estilo.	P >	Grande variação de cenários, forma e gêneros na abordagem (músicas, imagens e ilustrações).	P >	Apenas um cenário. Forte dinamismo devido ao formato de bate-papo descontraído.
Singularizador através das suas descobertas.	Relativizador através das suas colagens.	M >	Coloca supremacia no texto como forma de conversão.	M >	Sustenta através de filosofias e provas científicas os argumentos apresentados.	P >	Mostra que apesar de existir duvida, o interlocutor escolheu aquele caminho por ser o melhor entre tantos.
Elitista, científico, sistêmico, unitário, dogmático, universal.	Populista, vernacular, eclético, pluralista, relativista, local.						
Separação rígida entre eu e o outro.	Continuação do eu no outro.	O pensamento pós-moderno vê no interlocutor apenas um possível exemplo do que ele mesmo é. Não se preocupa muito com o conteúdo discutido dando mais ênfase no sentimento compartilhado. Pensa das seguintes formas: “Eu sinto-me assim”. “Quero me sentir deste modo”. “Quero ter a fé desse apresentador”. “Essa história é parecida com minha vida”.					
Procura a universalidade. (oposicional)	Procura a multi-dimensionalidade. (combinatório)	M >	Não leva em consideração a singularidade de crenças e credos, tenta passar-se como tendo a verdade absoluta.	P >	Tenta buscar a universalidade de suas crenças dentro da ciência. Analisa a Bíblia como uma das formas de se interpretar a ciência e a vida.	P >	Tenta mostrar através de histórias pessoais e da Bíblia o porquê de acreditar.
Acredita nas aparentes verdades das metanarrativas.	Acredita no prazer do jogo e das simulações.	M >	Por terem a crença comum em uma história linear e na verdade absoluta da revelação de Deus, através da Bíblia, tais programas tendem a se mostrar pouco aberto ao evangelismo pós-moderno neste ponto. Todos se utilizam do método cartesiano de pergunta e resposta o qual se distancia da realidade pós-moderna do método da história.				
Acredita na história como progressão linear de eventos, na objetividade e progresso do mundo real.	Suspeita que só existam histórias-narrativas e equivalentes visões culturais de mundo.						
Imagem como descoberta de grandes verdades.	Imagem como entretenimento, diversão.	M >	O pós-moderno tende a ter na televisão, e na imagem em geral, uma busca maior pelo entretenimento, o qual condiciona a ser um eterno consumidor de imagens. Tal pensamento prejudica a relação dos estudos bíblicos analisados e a natureza com que o pós-moderno irá encarar tais produções.				
Rejeita história, narrativas, simbolismos, símiles.	Cultiva alegorias, alusões, paródias, pastiches.						
Apolíneo, sacrificial, o ideal futuro.	Dionísico, prazeroso, o presente possível.	M >	Pouca contextualização nas necessidades presentes dos telespectadores.			P >	Contextualização crescente e ênfase na relação de tal crença com a vida pessoal.
Projetos de descoberta e invenção.	Processos de construção e simulação.	M >	Como salientado o pensamento pós-moderno se dedica a aplicar tais fatores à vida diária. Tais fatores são melhores visualizados através de simulações do que no formato de descobertas empíricas. Todos os estudos se preocupam nesta contextualização, embora caiam mais para uma forma modernista de enxergar a vida.				
Acredita em totalizações da realidade (global).	Aceita só contextualizações (local, regional).						

Os pontos predominantes na análise acima demonstram que tais produções se dirigem a uma mentalidade modernista, o que por si não os tornam inválidos para a atualidade (quando se pensa no sistema de crenças racionais que este tende a enfatizar). Até mesmo porque dentro do pensamento pós-moderno é aberta uma leva de diferentes tipos de abordagens para grupos diferentes, sendo assim é possível um pós-moderno ser convertido por uma abordagem moderna. O pensamento que deve ser predominante aqui é qual a melhor forma de se comunicar a atual geração, por se tratar de um meio de comunicação em massa, este deve ser comunicado a massa e não apenas a grupos isolados (sendo que considera tal grupo com pensamento moderno uma exceção).

A problemática que surge deste ponto é se a massa composta pela atual geração possui um ponto de contato, onde é possível encontrar uma contextualização da antiga forma de ensino adventista coerente com a forma do grupo pós-moderno entender o mundo? Em outras palavras, as abordagens midiáticas adventistas têm obtido sucesso em distanciar-se da relação consumo-entretenimento da religião atual, utilizando-se dos modernos meios de comunicação, e ao mesmo tempo conseguindo contextualizar a crença tradicional?

Problemas para a contextualização pós-moderna

Antes de se analisar a contextualização dos estudos bíblicos para a mente pós-moderna é preciso fazer um adentro referente a alguns problemas concernentes a adaptação da religião a mídia. Ao pensar as palavras de MORAES (2006) as quais lembram que na experiência midiática “a experiência tende a ser sua capacidade de produzir entusiasmo, não a profundidades de suas impressões” (p. 36), o caminho atual é preocupante. Segundo afirma FONSECA (2003), em uma análise de programas religioso-midiático, “haja vista que para haver pequenas mudanças comportamentais, é preciso à vivência de situações práticas de reforço que permitam colocar em ação a nova crença.” (p. 274).

Enquanto o mundo corporativo enfrenta a saturação da imagem pensando em “como reter o interesse de leitores e telespectadores” oferecendo soluções como “reduzir a duração dos spots televisivos para menos de 20 segundos”. (MORAES, 2006, p. 42), a igreja tem por obrigação pensar também em como não ser apenas um produto, entre tantos, a ser escolhido por uma audiência consumista.

Parece inocência acreditar que a religião, a conversão e a manutenção dos fiéis, se darão de modo saudável apenas através da mídia televisiva, o que incorreria na segunda dificuldade a ser apresentada, a ausência de contato pessoal e de uma história real dando suporte e uma narrativa linear a crença religiosa. Quanto a questão da não-presença Klein (2006) afirma que:

Não se trata de simplesmente ouvir e ver um culto através a TV, mas de criar pontes mais concretas entre a experiência religiosa da imagem na mídia e a experiência concreta do culto enquanto imagem. (p. 125). O espaço e o tempo religiosos convergem na tela. Missas e cultos, lugar de manifestação do sagrado, tornam-se uma simulação. Não são simples representações, mas simulacros que fingem ser o que não são. O que dizer de uma de uma celebração religiosa cujo espaço é uma tela, e cujo tempo, muitas vezes, nem é o real já que muitos programas são gravados? Entretanto, padres e pastores eletrônicos esforçam em convencer o telespectador de uma real participação, pedindo a este para baixar sua cabeça e orar “naquele instante”, (...) com objetivo de receber alguma benção. Os cultos eletrônicos requerem o status do real e tentam dissuadir o telespectador de suas estratégias de simulação. É como se o vídeo taípe fosse o tempo vivido concretamente, a tele-presença uma presença efetiva e o telespectador um fiel participativo. (p. 131; Cf. BAITELLO, 2005a/b, p. 32).

Em todas as produções analisadas existem, em diferentes graus, o problema da não-presença. Seja na forma de oração realizada pelo Pr. Fernando Iglesias no começo e no fim do *Está Escrito* ou na forma com que todos os pastores analisados fazem o apelo no final de cada programa. Tais momentos parecem sugerir a presença real do pregador junto à sala do telespectador, fazendo parecer que existe um elo natural entre o pregador e o telespectador.

Malena CONTRERA (2005) analisa que a perda da presença acaba por sugerir com que o ritual religioso passa a ser apenas espetáculo. “Pode-se participar da criação do mundo por meio do ritual, por meio do espetáculo, só é possível consumir um mundo que alguém está vendendo” (p.121). Traço este que prejudica a real conversão por parte do telespectador, o qual não consegue se tornar um adorador e é conduzido ao espírito consumido (mesmo quando presente a um templo real).

Um telespectador assíduo pode facilmente, ao decidir freqüentar uma igreja, levar a forma de adoração midiática para o templo físico. Este novo adorador poderá ter dificuldade em se aproximar do pregador real e tenderá a vê-lo como um ser midiático colocando-o em uma forma horizontal (semelhante à TV) de receber a mensagem. (Cf. KLEIN, 2006, 139). Tal fator acaba estar intimamente ligado ao esfriamento da

importância da escola sabatina⁴⁶ por parte dos membros adventistas, onde não existe um ser midiático como ponto de contato (dado este que leva a muitas pessoas a preferirem uma escola sabatina geral, onde esta pode ser apenas um telespectador passivo, tal como aprendido através dos meios de comunicação de massa).

Outra implicação da transformação da religião em um produto midiático é o caminho inverso, também passível de ocorrer, onde a TV sofre o processo de sacralização. (Cf. KLEIN, 2006, 222; CONTRERA, 2006, p. 108). “A televisão e o jornal proferem palavras mágicas, das quais o cidadão comum não ousa duvidar, e as peças publicitárias apresentam os novos objetos mágicos da estação” (CONTRERA, 2005, p. 121).

A religião acaba por perder o antigo status o qual lhe conferia um sistema absolutista de crença, seja em detrimento ao pós-modernismo com a negação da verdade ou mesmo pelo entretenimentalização da religião. Sendo assim o pastor do outro lado da tela, ao reivindicar para um livro autoridade máxima acaba por ser estranho ao olho deste novo público, o qual está acostumado a crer apenas no que vê diretamente através dos olhos da televisão. A religião-midiática tem em seus pastores e pregadores a verdade absoluta, e não em um livro, tal feito vem à semelhança de outros problemas apresentados no segundo capítulo como a crise da verdade jornalística⁴⁷.

Tais dificuldades acabam por tipificar, as produções televisivas religiosas, ao status apenas de pré ou pós-evangelismo. Não devendo servir como forma de substituição ao evangelismo pessoal. O que infelizmente não é utilizado pelas produções analisadas, as quais clamam para si toda a função de evangelismo, o que deve ser evitado, principalmente quando se pensa a não-presença do culto. Ao se aliar tais produções a pequenos grupos de estudos (Cf. TIMM, 2000, p. 23) e a métodos que enfatize os dons espirituais (Cf. SCHWARZ, 2003, p. 27) as palavras de FONSECA (2003) serão úteis para aplicação. “A programação religiosa tem capacidade de aproximar e naturalizar os telespectadores, preparar o ‘meio de campo’ para a efetiva participação religiosa, a qual será sim, mediada por pessoas de carne e osso” (p. 276).

⁴⁶ Escola Sabatina é como se chama a prática dos adventistas de se dividirem em classes de recapitulação de uma lição estudada por todos durante a semana. Tal divisão ocorre geralmente aos sábados antes da pregação. Esta prática se assemelha com a escola dominical.

⁴⁷ Sobre este assunto ver ARBEX JR, José. **Showrnlismo: A notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2003; CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005; GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania: Tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

Princípios para a pregação na idade pós-moderna

Há consenso na literatura de que audiência dos programas religiosos é composta na sua grande maioria por fiéis das religiões que os produzem. “Pesquisas apontam para a baixa proporção de não-evangélicos na audiência dos programas”, sendo que a conversão pela mídia seja na verdade melhor definida por um “transito interno às igrejas evangélicas” do que propriamente a vinda de pessoas de “outras religiões ou de não-religiosos”. Sendo assim, é sábio pensar que a mídia não representa efeito primordial no alcance de novos membros, parecendo possuir uma importância mais confirmatória e menos decisória. (FONSECA, 2003, p. 275; Cf. SCHWARZ, 2003, p. 25-6).

O fato da mensagem religiosa na televisão influenciar apenas os telespectadores já então suscetíveis a religiosidade, não deve ser usado como empecilho para a sua utilização. O que deve sim ocorrer é o pensamento de se modificar os formatos e a abordagem objetivando ser de mais relevante para a atual geração midiática (ou pós-moderna). Uma análise rápida dos estudos bíblicos midiáticos em questão fornece a impressão da não existência de uma adaptação de formas, os antigos estudos bíblicos adventistas, como visto no Capítulo 1, sempre optaram mais por uma abordagem racional, o que por sua vez também é percebido de maneira predominante em tais obras televisivas.

Quanto à forma de maneira alguma se sugere uma modificação no conteúdo abordado sendo que, como já enfatizado no primeiro capítulo, o sentido de existência para a IASD se deve de forma exponencial a tal conteúdo bíblico/profético. O que se entende ser uma importante modificação é a contextualização a forma de abordagem do antigo conteúdo. Parece certo que os ouvintes pós-modernos respondem melhor a histórias. As quais poderiam ser consideradas como forma de complementação ao antigo estilo adventista (modernista) de perguntas e respostas.

“Um pós-modernista assumido acredita que praticamente tudo – até um argumento – é uma narrativa ‘construída’, ou seja, uma obra de ficção.” (VEITH, 2005, p. 173; Cf. VANHOZER, 2005). Mesmo aquelas pessoas que não são pós-modernos assumidos/conscientes, o sendo, na verdade, por causa da cultura, são afetados de igual maneira pelas histórias.

Uma olhadela na produção da cultura de massa é fácil perceber narrativas de luxúria e hedonismo predominando no cinema e na televisão, e ao que parece, atraindo

a atual cultura em uma nova forma de percepção do mundo. E por mais que mascarem que é possível na vida real, tais histórias não passa de histórias (VEITH, 2005, p. 177).

Nós, humanos, somos singularmente criaturas contadoras de histórias. Contamos essas histórias na forma de romance, dramas, contos populares e História. As histórias que constituem a mitologia religiosa nos conectam com as origens e, nisto, como a compreensão interpretava ou sentidos últimos e inclusivos. Pode ser que o fundamento e a condição para esse fenômeno humano residam no fato de que cada um de nós, em nossas vidas cotidianas, esteja envolvido em uma história. Experiencialmente, o que eu sou, meu caráter e identidade, estão vinculados a uma história única – os eventos de meu passado particular, minha situação atual e as metas significativas que espero alcançar no futuro. Quando refletimos sobre nossa experiência, nós a achamos narrativamente estruturada com começo, meio e possíveis fins, ações e eventos unidos num enredo que podemos, em certo grau, articular. (...) Histórias dão sentido conectivos a eventos que de outro modo seriam isolados e em si desprovidos de significados. Cada um de nos é uma história em desdobramento, uma trama significativa que reúne a sucessão de nossas ações num todo dotado de sentido. (BROCKELMAN, 1999, p. 168).

Em todos os estudos analisados tem se uma preocupação maior como sistema de crença a ser ensinado do que com contar uma história que una todo este sistema. Mesmo nos momentos em que os pastores Fernando Iglesias (Princípios) e Alejandro Bullón (Ouvindo a Voz de Deus) gastam contando histórias ilustrativas, as quais acabam por não servir como unificadoras das crenças (ou da seqüência dos estudos). Servindo mais como tentativa de se aplicar aquilo que está se falando na vida pratica do telespectador.

Uma forma de resposta do cristianismo é a recuperação da maior história de todos os tempos – a criação do mundo, o grande conflito, a encarnação, expiação, ressurreição de Cristo e a vida dos remidos – a qual ninguém consegue entender plenamente pela razão humana o que a coloca em uma categoria completamente diferente da do modernismo com sua razão e da do pós-modernismo com a sua anti-razão. (VEITH, 2005 p. 173).

A maior narrativa, a qual torna possível todas às demais histórias, é a Bíblia⁴⁸. O enredo da Bíblia tem o começo fundamental (a criação do universo), o conflito (entre Cristo e Satanás), o momento crucial (a morte na Cruz) e o final perfeito (a volta de

⁴⁸ Cf. MAGALHÃES, Glauco. **O Imaginário em As Crônicas de Nárnia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005; Para exemplos de livros que conseguem contextualizar a mensagem cristã a mentalidade pós-moderna ver: MILLER, Donald. **Como os Pingüins me Ajudaram a Entender Deus**: Pensamentos pós-modernos sobre espiritualidade. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007; ELDREDGE, John. **O Evangelho Segundo Deus**: A história que Deus sempre quis contar para você. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007; ZACHARIAS, Ravi K. **Por que Jesus é Diferente**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003; D'SOUZA, Dinesh. **A Verdade Sobre o Cristianismo**: Porque a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

Cristo). Ela incorpora tragédia (a tragédia da queda do pecado, as realidades do sofrimento, o juízo e a cruz), mas também a comédia (o final feliz da ressurreição e da segunda vinda de nosso Senhor). (VEITH, 2005, p. 174; Cf. PAULIEN, 1993).

Difícilmente o ser humano teria imaginado ou construído por si mesmo verdades tão fantásticas. As boas novas de salvação por meio de Jesus Cristo é o tema central da Bíblia, uma mensagem que não só destina à evangelização dos não-cristãos, mas à constante formação de cristãos que levam esse Livro a sério. (VEITH, 2005, p. 178).

BROCKELMAN complementa o pensamento dizendo que para se influenciar uma pessoa a “ações e eventos passados e presentes” assim como os “interesses fundamentais” desta pessoa precisam ser conhecidos. Em resumo é preciso ouvir/conhecer a história da vida desta pessoa.

A atual geração necessita ver o que Cristo fez, em nível pessoal a alguém, e com Ele pode dar o verdadeiro sentido à vida, após isso tal geração será capaz de se abrir a conversão. (VEITH, 2005, p. 174). E tal conversa em muito só pode ser realizado através de um contato pessoal e demorado. Tal contato não pode ser consumado através da televisão, nem mesmo através de uma série de estudos bíblicos presenciais, mas sim de um companheirismo integrador entre o novo estudante da Bíblia e uma comunidade interpretativa (i.e a igreja – Cf. VEITH, 2005, p. 189).

Embora ainda fique uma questão a ser esclarecida: Qual deve ser a fonte principal da história pessoal a ser contada? A Bíblia deve ser tal fonte autorizada de informação; a revelação singular que Deus fez de si mesmo a nós. Enquanto o pensamento pós-moderno caminha para o aqui e o agora, “Paulo mostra que o nosso ponto de partida deve ser o princípio de que Deus fez todas as coisas superlativamente boas” (Cf. Atos 17:24) embora o pecado desfigurou tal criação, Deus está “comprometido com sua restauração”.

A humanidade desorientada deve recuperar a verdade indispensável de sua origem das mãos de um amável Deus criador. Somente quando vista a partir desta perspectiva pode a salvação por Cristo aparecer e sua verdadeira majestade. Para alcançar estes objetivos é necessária a mais firme adesão ao princípio de sola scriptura. (CAESAR, 2007, p 282).

Conclusão parcial

A mais importante advertência que pode ser retirada deste estudo é o fato das produções midiáticas não terem em si a auto-suficiência para suprir o evangelismo

pessoal. O problema deste pensamento é que a conversão do telespectador não se dá a uma crença e sim a um produto. Tal telespectador não consegue se tornar um adorador, acabando por se conduzir ao espírito consumista mesmo quando começar a frequentar um templo real. O que também têm a capacidade de conduzi-lo a uma forma de adoração midiática aprendida através do tele-evangelismo.

Após tais conseqüências serem pensadas em métodos que evitem tais problemas iniciais, o segundo ponto de preocupação é quanto à contextualização das obras midiáticas a mente predominante na cultura de massa atual, a pós-moderna. Deve-se unir a mensagem cristã tradicional objetivando uma maior relevância na vida dos futuros candidatos ao cristianismo (modificar a forma e não o conteúdo).

Muitos podem ser tentados a pensar que a história do evangelho, anunciada pela Cristianismo, é por antiga demais para as mentes pós-modernas se importarem ou mesmo se interessarem. O estudioso da mídia Hans Belting afirma que

a imagem e a mídia não permitem o mesmo tipo de narrativa ao descrever sua história. Uma história em sentido literal aplica-se somente à tecnologia visual; já as imagens resistem a qualquer história linear, pois elas não estão sujeitas a um progresso no mesmo grau. As imagens podem ser antigas mesmo quando ressurgem nas novas mídias. Também sabemos que elas envelhecem de formas diferentes das observadas no envelhecimento da mídia. Espera-se, geralmente, que as mídias sejam novas, enquanto as imagens mantêm sua vida, mesmo velhas, quando retornam entre as novas mídias. (apud BAITELLO, 2006, p.1).

Tais palavras servem para desmitificar a crença da falta de interesse na mensagem Cristã. Ao este autor afirmar que a história contada pela imagem midiática tende a demorar mais tempo para envelhecer, com isso tem-se que o importante não é tanto o meio com o qual se pretende falar, mas sim a mensagem com que se fala.

Sendo então possível fazer a analogia de atualidade da mensagem, necessitando apenas uma nova forma de contextualização. Ao se contextualizar a mensagem Cristã nos diversos meios de comunicação a igreja deve sim parar e pensar quais conseqüências tais atos vão trazer tanto para a mensagem como para o telespectador. Um ato impensado pode acabar por não gerar efeito perante o público pretendido ou mesmo conseqüências piores, como a entretenimentalização da religião (a qual acaba por afetar até mesmo a lógica dos cultos presenciais).

Conclusão Geral

Há consenso na literatura de que audiência dos programas religiosos é composta na sua grande maioria por fiéis das religiões que os produzem. “Pesquisas apontam para a baixa proporção de não-evangélicos na audiência dos programas”, sendo que a conversão pela mídia seja na verdade melhor definida por um “trânsito interno às igrejas evangélicas” do que propriamente a vinda de pessoas de “outras religiões ou de não-religiosos”. Sendo assim, é sábio pensar que a mídia não representa efeito primordial no alcance de novos membros, parecendo possuir uma importância mais confirmatória e menos decisória. (FONSECA, 2003, p. 275).

“A televisão, seja como meio ou como fonte de inspiração estética, tornou-se reduto do pendor humano pela adoração de imagens.” As antigas estátuas e pinturas religiosas parecem ter sobrevida através do “horizonte midiático de nossa realidade” embora neste contexto esteja “deslocadas, revestidas por um novo espetáculo.” Muitos encontros cúlticos têm se parecido mais com shows de auditório televisivos do que com cultos protestantes. É preciso pensar em quais fatores as produções midiáticas adventistas estão diferindo de outras produções evangélicas. Fugindo desta “moderna iconofagia” a qual muitas vezes se anuncia “como o único horizonte possível de sobrevivência do sagrado”. (KLEIN, 2006, p. 227).

O conhecimento do próprio papel no Grande Conflito fornece, ao adventista, unidade espiritual, doutrinária, estrutural e principalmente missiológica. “Um estrutura que materializada em uma organização com objetivo, que serve à missão e nela se confirma, até o momento da parousia [volta de Cristo]” (VELOSO, 2004, p. 250). Tal função requer todo o uso possível de meios e formas de comunicação, a missão é grande e urgente, por isso a utilização dos principais meios da indústria cultural, como o rádio, a internet e a TV são apoiadas pela IASD.

“No programa divino de restauração, a função designada à IASD continua sendo reparar a brecha na Lei de Deus e em sua Palavra. É finalizar a obra da reforma da salvação por meio de Deus e por sua Palavra somente” (CAESAR, 2007, p 282).

Ao se pensar como a IASD tem se portado perante as tendências se percebe uma falta de estrutura para se falar a atual geração midiática. Como salientado, é primordial que a igreja busque mudar sua forma de pregação para assim poder mudar vidas (Cf. 1 Coríntios 9:19-23). Embora não se pode cair no erro de imaginar que as pessoas de hoje são incapazes de entender a verdade cristã como prescrita na Bíblia, não sendo por tanto mudanças nos credos básicos que determinaram o motivo de existência do movimento adventista.

Uma análise rápida dos estudos bíblicos midiáticos em questão fornece a impressão da não existência de uma adaptação de formas, os antigos estudos bíblicos adventistas, como visto no Capítulo 1, sempre optaram mais por uma abordagem racional, o que por sua vez também é vista de maneira predominante em tais obras televisivas. Quanto à forma de maneira alguma se sugere uma modificação no conteúdo abordado sendo que, como já enfatizado no primeiro capítulo, o sentido de existência para a IASD se deve de forma exponencial a tal conteúdo bíblico/profético. O que se entende ser uma importante modificação é a contextualização a forma de abordagem do antigo conteúdo.

Parece certo que os ouvintes pós-modernos respondem melhor a histórias. As quais poderiam ser consideradas como forma de complementação ao antigo estilo adventista (modernista) de perguntas e respostas.

Existe sim uma verdade universal, embora não se deva cair no erro de acreditar que existirá um método apenas, o qual levará não-crentes a crer em Cristo. Pode-se afirmar que uma das maiores contradições do pós-modernismo é que ao este exacerbar o individualismo acaba por criar uma massa homogênea ligada pelo entretenimento. Tal massa será conduzida a Cristo apenas quando tratada dentro desta individualidade.

Proclamar a Lei de Deus poder trazer a convicção do pecado; a tarefa da Igreja é proclamar o evangelho da salvação em Jesus Cristo de forma com que a atual cultura a entenda. Acima de tudo a verdade deve ser bem fundamentada, enfatizando a pessoa de Jesus Cristo (João 14:6). Até que se cumpra a promessa feita a tanto tempo, a de que em breve Ele voltará e irá transformar todas as coisas (Apocalipse 21:1-5).

Referências Bibliográficas

- ARBEX JR, José. **Showrnalismo: A notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2003.
- ADAUTO, Novaes. “A Imagem e o Espetáculo.” In: ADAUTO, Novaes (Org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- ADORNO, Theodor W. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. São Paulo: Papirus Editora, 2008.
- ARAUJO, Camila; SILAS, PAULA. “Cultura Visual e Imagens do Cotidiano” <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0360-1.pdf>>. Acesso em: 17 de Outubro de 2008.
- AZEVEDO, Roberto. “Voz da Profecia e a Conversão no Estado de São Paulo.” Dissertação de Mestrado (Escola de Comunicação e Arte), Universidade de São Paulo, 1977.
- BAITELLO. Norval Jr. “O Olho do Furacão: A cultura da imagem e a crise da visibilidade” <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/furacao.pdf>>. Acesso em: 24 de Agosto de 2008.
- _____. **A Era da Iconofagia: Ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005a.
- _____. **Incomunicação e Imagem**. In: BAITELLO, Norval (org); CONTRERA, Malena (org); MENEZES, José Eugenio (org). **Os Meios da Incomunicação**. São Paulo: Annablume, 2005b.
- BAUMAN, Zygmund. **Ética Pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BARTHES, Roland. “A Mensagem Fotográfica”. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- BASSO, Nadia Garcia. “Sagrado Universal na Pós-modernidade: O Sagrado, a Ética e o Simulacro no Discurso Televisivo da Igreja Universal do Reino de Deus”. <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/st4.html>>. Acesso em: 7 de Outubro de 2008.
- BERGER, Christa. “Tensão entre os Campos Religioso e Midiático”. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (orgs.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo dos Campos-SP: Universidade Metodista, 2007.

- BENJAMIN, Walter. “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”. In LIMA, Luiz Costa, **Teoria da Comunicação de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BENKO, Stephen. **Pagan Rome and the Early Christians**. Bloomington: Indiana University Press, 1984.
- BORGES, Michelson. **A Chegada do Adventismo ao Brasil**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- BROCKELMAN, Paul. **Cosmologia e Criação: A importância espiritual da cosmologia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1999.
- CAESAR, Lael O. “Hermenêutica e Cultura”. In: REID, George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras: Uma abordagem Adventista**. Engenheiro Coelho-SP: Unaspres, 2007.
- CAUDURO, Flávio. **Imagem e Pós-Modernidade**. Porto Alegre: (MIMEO-PPGCOM, FAMECOS/PUCRS), 2002.
- CAUDURO, Flávio; RAHDE, Maria Beatriz. “Imagens e Imaginários: Do moderno ao pós-moderno”. <http://www.compos.org.br/files/30ecompos09_Rahde_Cauduro.pdf>. Acesso em: 8 de Outubro de 2008.
- CONTRERA, Malena Segura. “Ontem, Hoje e Amanhã: Sobre os rituais midiáticos”. Revista FAMECOS, Porto Alegre: PUCRS, nº 28, p. 115-123. Dezembro 2005. Acessado em <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/28/malenacontrera.pdf>> em 03/08/2008.
- _____, “A Dessacralização do Mundo e a Sacralização da Mídia”: Consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência comum. In: BAITELLO, Norval Jr (org). GUIMARÃES, Luciano (org). MENEZES, José Eugenio (org). PAIEIRO, Denise (Org). **Os Símbolos Vivem Mais que os Homens: Ensaio de comunicação, cultura e mídia**. São Paulo: Annablume, 2006.
- COSTA, Valcenir do Vale. “Comunidade Virtual e Comunicação: O site da Igreja Adventista do Sétimo Dia” (Sob Orientação de Jacques Vigneron). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003. Acessado em 03/09/2008 de <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=20>.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOLL, Jr. William E. **Currículo: Uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- DRUCKREY, Timothy. “Fronteiras em Mudanças”. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; LEÃO, Lucia (org.). **O Chip e o Calidoscópio: Reflexões sobre novas mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- FAGEN, Richard R. **Política e Comunicação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971
- FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e Mídia no Brasil**. Bragança Paulista-SP: EDUSF, 2003.
- FELINTO, Erick. **A Religião das Máquinas**: Ensaio sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- GUIMARÃES, Luciano. **A Cor como Informação**: A construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. São Paulo-SP: Annablume, 2000.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.
- JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.
- KELLNER, Douglas. "Cultura da Mídia e Triunfo do Espetáculo". In: Moraes, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006
- KLEIN, Alberto. **Imagens do Culto, Imagens da Mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006
- _____. "O Sagrado em Videoteipe: Deslocamentos televisivos do espaço e do tempo na religião". In: BAITELLO, Norval Jr (org). GUIMARÃES, Luciano (org). MENEZES, José Eugenio (org). PAIEIRO, Denise (Org). **Os Símbolos Vivem Mais que os Homens**: Ensaio de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 2006.
- KNIGHT, George R. **Em busca de Identidade**: O desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. **Uma Igreja Mundial**: Breve Histórico dos Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**: Diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

- LEWIS, C.S. **Milagres**. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- LESSA, Rubens. **Casa Publicadora Brasileira: 100 anos**. Tatui-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e Seus Intérpretes: Uma Breve História da Interpretação**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. “Mass Media as a Site of Resacralization of Contemporary Cultures”. In: Moraes, Hoover, Stewart; Lundy, Knut (org.). **Rethinking Media, Religion and Culture**. Londres: Sage, 1997.
- MORAES, Dênis. “A Tirania do Fugaz: Mercantilização Cultural e Saturação Midiática”. In: Moraes, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NOVAES. Allan. “A Crise da Ciência: Pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante” <http://www.unimar.br/inovcom/artigo_01.pdf>. Acesso em: 13 de Abril de 2008.
- PAULIEN, Jon. **Present Truth in the Real World: The Adventist struggle to keep and share faith in a secular society**. Idaho-EUA: Pacific Press Publishing Association, 1993.
- PEREIRA. Reinaldo Arruda. “A Ciência Moderna, a Crise dos Paradigmas e Sua Relação com a Escola e com o Currículo” <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_PereiraRA_1.pdf>. Acesso em 13 de Abril de 2008.
- POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: A rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.
- RAMOS, Luiz Carlos. “A Práxis Homilética e o Discurso Religioso Contemporâneo”. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina Gobbi; ENDO, Ana Claudia Braun (orgs.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espétaculo**. São Bernardo do Campo-SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- RODE, Daniel. “Missão à Etnias no ‘Ultimo Tempo’”. In: TIMM, Alberto; RODOR, Amin; DORNELES, Vanderlei (orgs.). **O Futuro: A visão Adventista dos últimos acontecimentos**. Engenheiro Coelho-SP: Unaspres, 2004.
- OTTO, Rubem R. “Conotações Eclésio-Missiológicas do Máximo Evento Escatológico – O Estabelecimento do Reino de Deus”. In: TIMM, Alberto; RODOR, Amin; DORNELES, Vanderlei (orgs.). **O Futuro: A visão Adventista dos últimos acontecimentos**. Engenheiro Coelho-SP: Unaspres, 2004.

- SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente**: Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. **Um Discurso Sobre a Ciência**. Porto-Portugal: Edições Afrontamento, 1999.
- SARTORI, Giovanni. **Homo Videns**: Televisão e pós-pensamento. Bauru-SP: Universidade do Sagrado Coração, 2001.
- SATHLER, Luciano. “Religião e Entretenimento, Aproximações Contemporâneas”. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (orgs.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo dos Campos-SP: Universidade Metodista, 2007.
- SCHWARZ, Christian A. **Evangelização Básica**: Uma maneira agradável de ensinar as boas novas. Curitiba: Editora Esperança Evangélica, 2003.
- SILVA, Paulo Cilas da. **Séries de Estudos Bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**: Breve História e Análise Comparativa de seu Conteúdo (Tese de Doutorado sob Orientação de Alberto Timm). Engenheiro Coelho: Unaspress, 2002.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SODRÉ, Muniz. “Eticidade, Campo Comunicacional e Mídiação”. In: Moraes, Dênis de (org.). **Sociedade Mídiação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006
- TIMM, Alberto R. **O Santuário e as Três Mensagens Angélicas**: Fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas Adventistas. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2000.
- _____. **Radio-Interactive Bible-Study Evangelism**: A Brazilian case study. Ministry Review, Hagerstown-EUA: Review and Harold Publishing, p. 8-10, December 2000.
- TOYNBEE, Arnold J. **Um Estudo de História**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953. 2 vols. (Condensação dos vols. I a VI e VII a XII).
- VANHOOZER, Kevin. **Há Um Significado Neste Texto?** São Paulo: Editora Vida, 2005.
- VEITH. Gene Edward, Jr. **Tempos Pós-Modernos**: Uma avaliação cristã do pensamento e da cultura de nossa época. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.
- _____. **A Alma de O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa**. Rio de Janeiro: Editorial Habacuc, 2005.
- VELOSO, Mario. “Importância da Escatologia Para a Igreja Contemporânea”. In: TIMM, Alberto; RODOR, Amin; DORNELES, Vanderlei (orgs.). **O Futuro**: A visão Adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2004.

Trabalho de Conclusão de Curso

CRESCIMENTO DE IGREJA E MÉTODOS DE EVANGELIZAÇÃO: RELATÓRIO DE PESQUISA DE CAMPO REALIZADA EM IGREJAS DO ESTADO DE SÃO PAULO POR ALUNOS DO 3º ANO DE TEOLOGIA NO ANO DE 2007.

Sandro Lopes da Silva

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2008

Orientador: José Miranda Rocha, D. Min.

Resumo: O presente trabalho destaca a atuação dos alunos do curso de teologia do 3º ano, no ano de 2007 em relação à elaboração e aplicação de uma pesquisa. Tal levantamento foi realizado com cerca de 1700 adventistas, de diversas igrejas no território da Associação Paulista Central da IASD (com raras exceções). Os indivíduos da pesquisa responderam a um questionário contendo inúmeras perguntas relacionadas direta ou indiretamente à sua conversão. As questões envolviam as mais diferentes áreas do processo e os resultados serão analisados mais adiante em nosso trabalho. Porém, o objetivo maior da pesquisa realizada pode ser resumido na seguinte pergunta: “quais métodos e abordagens se mostraram mais eficientes no processo de conversão dos adventistas entrevistados?”

Palavras-chave: Crescimento de Igreja, Associação Paulista Central, conversão, métodos, evangelismo.



Church Growth and Methods of Evangelization: Rapport of a Field Research in the Churches of the State São Paulo Made by the Students of the 3rd Year of Theology in the Year 2007.

Abstract: The present work presents the research done by the 3rd year students of Theology, implemented in the year 2007. A total of 1,700 Adventists participated in the survey, coming from different churches of Paulista Central Conference (with some rare exceptions). The subjects of the research answered a pre-established form with direct and indirect questions concerning their conversion. The questions covered different areas and the results are presented in this work. The major issue of the research however can be summarized in the following question: "Which methods and approaches were the most efficient in the process of conversion of the Adventists that were interviewed?"

Keywords: Church Growth; Paulista Central Conference; Conversion; Methods; Evangelism.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
SEMINÁRIO ADVENTISTA LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA

**CRESCIMENTO DE IGREJA E MÉTODOS DE EVANGELIZAÇÃO: RELATÓRIO
DE PESQUISA DE CAMPO REALIZADA EM IGREJAS DO ESTADO DE SÃO
PAULO POR ALUNOS DO 3º ANO DE TEOLOGIA NO ANO DE 2007.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como Requisito Parcial à Obtenção da
Graduação no Bacharelado em Teologia.

Por

Sandro Lopes da Silva

Novembro de 2008

**CRESCIMENTO DE IGREJA E MÉTODOS DE EVANGELIZAÇÃO:
RELATÓRIO DE PESQUISA DE CAMPO REALIZADA EM IGREJAS DO
ESTADO DE SÃO PAULO POR ALUNOS DO 3º ANO DE TEOLOGIA NO ANO
DE 2007.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como
Requisito Parcial à Obtenção da
Graduação no Bacharelado em Teologia.

Por
Sandro Lopes da Silva

Comissão de Aprovação:

José Miranda Rocha, D. Min.
Orientador

Avaliação

Amin Américo Rodor, Th.D.
Diretor do Curso de Teologia

Data da Aprovação

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Definição do Problema.....	1
1.2 Importância do Estudo.....	3
1.3 Delimitação.....	4
1.4 Metodologia.....	5
1.5 Escopo.....	5
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
2.1 A Natureza de Evangelização Bíblica.....	6
2.2 A Evangelização na Igreja Primitiva.....	9
2.3 Métodos Contemporâneos de Evangelização.....	10
2.4 Métodos entre os Adventistas do Sétimo Dia.....	13
CAPÍTULO III - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO.....	16
2.1 Descrição Geral da Pesquisa.....	16
CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO.....	24
ANEXO.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

Definição do Problema

Desde seu início, a IASD tem uma missão claramente definida que é a pregação do evangelho, em cumprimento à ordem dada por Jesus Cristo. Em outras palavras, podemos afirmar que existimos como igreja com o propósito de evangelizar. Quando refletimos a respeito da história da instituição do povo de Israel como “povo de Deus”, entendemos perfeitamente que Deus pretendia anunciar às outras nações Seu amor e Sua justiça, por intermédio de Israel.

O estabelecimento de Israel como nação, objetivava que eles refletissem a luz divina e brilhassem no mundo completamente dominado pelas trevas morais e espirituais. Infelizmente não foi exatamente o que fizeram. Nem sempre conseguiram cumprir com seu papel dentro do contexto do conflito cósmico entre o bem e o mal.

Porém, em todos os séculos, Deus sempre teve atalaias fiéis, que a despeito de suas fraquezas, limitações, defeitos, sempre se colocaram totalmente nas mãos do Senhor e cumpriram sua tarefa com dedicação e amor.

Mesmo nos dias de Jesus, homens foram selecionados para dar continuidade à obra da pregação do “reino eterno”. “Desde Sua ascensão, Cristo, a grande Cabeça da igreja, tem levado avante Sua obra no mundo mediante embaixadores escolhidos, por meio dos quais fala aos filhos dos homens, e ministra-lhes às necessidades”.¹ Estes homens foram os discípulos. Nosso Senhor ordenou que eles saíssem ensinando, formando discípulos que também deveriam ensinar e formar discípulos, dando seqüência a obra que culminará com Seu retorno nas nuvens dos céus.

Não há dúvidas que essa é a missão da IASD, principalmente por sabermos o papel que ela ocupa na pregação do evangelho no período dos últimos capítulos da história do nosso mundo. Somos uma igreja que surgiu com papel profético.

¹ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), p. 13.

“Não há tempo a perder. Fazei ressoar um alarme. Dizei às pessoas que o dia do Senhor está perto, e apressa-se grandemente. Ninguém fique sem ser advertido. Poderíamos haver estado no lugar das pobres almas que jazem em erro. Em conformidade com a verdade que recebemos antes das outras pessoas, somos-lhes devedores de lha comunicar”.¹

Certamente a pregação do evangelho estabelecida por Cristo inclui a todos nós, homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos. Temos o compromisso de repartir aquilo que recebemos, pois, como está escrito na Palavra de Deus, “De graça recebeste, de graça deste”.

Como declarou Spurgeon certa vez, o evangelismo pode ser comparado a um mendigo contando a outro mendigo onde conseguir o pão! Que desafio. Que responsabilidade.

Foi pensando nessa missão que no ano de 2007 uma pesquisa foi elaborada e realizada por alunos do curso de teologia do 3º ano, quando cerca de 1700 adventistas, de diversas igrejas no território da Associação Paulista Central da IASD (com raras exceções) responderam a um questionário contendo inúmeras perguntas relacionadas direta ou indiretamente à sua conversão. As questões envolviam as mais diferentes áreas do processo e os resultados serão analisados mais adiante em nosso trabalho.

Porém, o objetivo maior da pesquisa realizada pode ser resumido na seguinte pergunta: “quais métodos e abordagens se mostraram mais eficientes no processo de conversão dos adventistas entrevistados?”

No transcorrer do nosso trabalho, nos esforçaremos por apresentar possíveis respostas a essa questão, pois entendemos ser de suma importância ter uma compreensão evangelística adequada.

Não há de nossa parte a pretensão de responder a todos as questões pertinentes a este assunto tão complexo. Muitos estudiosos e especialistas tem se debruçado neste estudo e muito material tem sido publicado e diferentes caminhos e conclusões tem sido descobertas. Nosso objetivo é o de ajudar a todos aqueles que se preocupam com a eficácia da evangelização e que desejam aprimorar seus métodos e abordagens.

¹ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), p. 218.

Importância do Estudo

Após uma breve reflexão a respeito da importância do evangelismo, notamos como o mesmo encontra-se totalmente entranhado no movimento adventista e concluímos que existimos como igreja em sentido primário, com função evangelizadora. Entretanto, muitas perguntas surgem e devem ser não simplesmente refletidas, mas, discutidas, analisadas e possíveis aprimoramentos colocados em prática. A grande questão é: como estamos desempenhando nosso papel? Estaríamos nós cumprindo fielmente nossa missão? Somos eficientes quanto aos métodos evangelísticos? Quais dão maiores resultados? Nosso crescimento como igreja reflete nossa capacidade evangelística?

Nosso estudo permitirá compreendermos mais claramente que métodos tem se mostrado mais eficientes em nossa pregação. Não podemos nos esquecer que existem inúmeros métodos usados no processo de evangelização e que cada um deles possui seu valor dentro de sua esfera de aplicação. Alguns métodos tem se mostrado mais eficazes, porém, nenhum deles deve ser descartado. “É preciso haver uma adaptação dos meios ao fim proposto”.¹

Tentaremos descobrir em nossa pesquisa, quais métodos tem sido responsáveis pelo “sucesso evangelístico” da IASD, de modo que os mesmo possam ser aprimorados e desenvolvidos em regiões onde a pregação não tem apresentado a mesma eficiência. Vivemos num tempo onde ocorre uma grande “concorrência evangelística” entre as denominações cristãs.

A cada dia surgem novas igrejas. Onde antes funcionavam bares, lanchonetes, comércios, agora funcionam igrejas sem qualquer aprofundamento bíblico-doutrinário. São verdadeiros comércios da fé! Baseados na teologia da prosperidade pregam a solução dos problemas enfrentados pelo homem, desde que o mesmo faça um “acordo de fé” com Deus! Não podemos ignorar o crescimento desse fenômeno. Eles estão aí diante dos nossos olhos, nos anúncios dos jornais, revistas, televisão e nos panfletos distribuídos nas esquinas das grandes e pequenas cidades. Porém, a mensagem adventista é diferente. Temos uma mensagem especial para pregar ao mundo, mas, não o podemos fazer de maneira ineficiente, inadequada, despreparada, ultrapassada.

¹ Charles Haddon Spurgeon, *O Conquistador de Almas* (São Paulo, SP: Editora LIS, 1986), p. 63.

Devemos buscar a excelência em nossos métodos de evangelização, de modo que, nossa mensagem seja altamente relevante sem perder sua identidade, que é fundamentada na Palavra do Senhor.

“É chegado o tempo em que, por intermédio dos mensageiros de Deus, o rolo do livro se abrirá ao mundo. A verdade contida na primeira, segunda e terceira mensagens angélicas, tem de ir a toda nação, tribo, língua e povo; ela deve iluminar as trevas de todo continente, e estender-se às ilhas do mar. Não deve haver dilação da obra”.¹

Vivemos em um mundo em constante transformação. Não podemos continuar aplicando métodos arcaicos e ultrapassados para evangelizar pessoas modernas, acostumadas às inovações do secularizado mundo pós-moderno. Faz-se necessário uma renovação urgente nos métodos de abordagens da evangelização para que todas as pessoas possam ser alcançadas dentro do contexto social em que vivem.

Ao concluirmos nossa análise, demonstraremos ser possível, viável e necessário, o uso de uma abordagem evangélica atual, relevante, sem comprometer sua origem e propósito divino.

Delimitação

Apesar de o assunto possuir grande amplitude, nosso trabalho será pautado pela pesquisa de campo realizada quase em sua totalidade, no campo da Associação Paulista Central da IASD, no ano de 2007, quando aproximadamente 1.768 pessoas foram entrevistadas e responderam ao formulário de pesquisa.

A questão da delimitação da área pesquisada não nos impede de entendermos que o resultado da pesquisa possa representar um consenso mais amplo no que diz respeito à IASD.

Entretanto, as considerações finais a serem apresentadas ao final do trabalho, ficarão delimitadas às igrejas onde se deram a pesquisa, pois estarão fundamentadas nas respostas dadas pelos respondentes.

¹ White, *Evangelismo*, p. 707.

Metodologia

Nossa metodologia terá como base a análise dos dados resultantes extraídos da pesquisa de campo realizada ano de 2007 nas várias igrejas pertencentes ao campo da APAC, com algumas exceções, conforme modelo constante no anexo 1.

Em certo momento de nosso trabalho apresentaremos um estudo da metodologia de evangelização adventista, que nos dará fundamentação teórica para desenvolvimento do tema proposto.

Vamos analisar os resultados da pesquisa (informações mais pertinentes), procurando traçar paralelos quanto aos métodos de evangelização adventista, de modo a concluirmos se estamos ou não sendo eficientes em nossa missão. Para tanto, alguns gráficos serão apresentados em nosso trabalho, mais especificamente no capítulo três.

Escopo

Escopo do trabalho

Como escopo, o trabalho se dividirá em quatro capítulos. O primeiro capítulo é o introdutório, onde são apresentadas a definição do problema, a importância do presente estudo, a delimitação do trabalho e a metodologia aplicada.

O capítulo seguinte é o responsável pela fundamentação teórica da pesquisa. Questões como a natureza da evangelização bíblica, a evangelização na igreja primitiva, os métodos e abordagens da evangelização adventista, entre outros, são abordados no mesmo.

Em seguida, no penúltimo capítulo, temos uma descrição analítica que se baseia nos resultados da pesquisa de campo realizada em diversas igrejas em sua maioria no campo da Associação Paulista Central da IASD.

Por fim, o capítulo conclusivo e as considerações finais resultantes tanto da pesquisa teórica, quanto da pesquisa de campo. Ao final do trabalho, encontra-se o anexo e as referências bibliográficas usadas no trabalho.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A natureza da evangelização bíblica

Neste capítulo vamos abordar a natureza da evangelização bíblica e o desenvolvimento da mesma no transcorrer da história, começando pela igreja apostólica, passando pela igreja primitiva e concluindo com a evangelização contemporânea.

O objetivo central do presente capítulo é apresentar um quadro geral de como se deu este desenvolvimento.

Não há dúvidas de que para que possamos compreender a natureza da evangelização bíblica devemos recorrer à própria Palavra de Deus de modo a encontrarmos respostas para nossos questionamentos.

Acredito que encontramos em João 20: 21 uma boa maneira de começarmos nossa pesquisa. O texto afirma o seguinte: “Assim como o Pai me enviou, também vos envio a vós”.

A primeira palavra ou conceito que deveria ser analisada por nós é missão. “Missão quer dizer atividade divina que emerge da própria natureza de Deus”.¹

Tudo começou com Deus. Ele enviou seus profetas ao povo de Israel, enviou Seu Filho Jesus ao mundo e Este enviou os apóstolos, depois os setenta e como consequência da pregação a própria igreja que somos nós.

A missão da igreja é a missão originada em Deus. O único modo de entendermos o conceito de missão segundo a ótica divina é analisando a missão realizada por Jesus Cristo.

¹ Dieter Brephol, *A missão da Igreja no Mundo de Hoje* (São Paulo, SP: Editorial S/A, 1989), p. 35.

Sua missão pode ser resumida em duas vertentes que se unem: preguem a palavra e amem as pessoas. “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: Segue-me”.¹

É exatamente isso o que encontramos ao estudar a maneira como Cristo viveu; ensino e amor! Sendo assim, missão é tudo aquilo pela qual a igreja de Deus fora enviada a realizar no mundo. Não estamos realizando nossa missão aguardando as pessoas virem a nós, mas, quando as buscamos onde elas estiverem. Essa é nossa missão! Depois que entendemos a essência da missão, somos capazes de entender o verdadeiro sentido de evangelização, que é parte essencial da missão da igreja. A palavra evangelho vem do grego “evangelion” e significa dar as boas novas. Sendo assim, a evangelização não deve ser definida somente em termos de método, porque evangelizar significa anunciar as boas novas, não importando os métodos ou meios. É a mensagem que importa.

Muito da força do evangelho tem se perdido pela má compreensão de seu sentido. Há grande limitação quanto á veracidade e poder do evangelho. A base do evangelismo deve-se exclusivamente ao poder ilimitado de Deus e não da capacidade humana. Especialista na área de evangelização, José Miranda Rocha salienta alguns aspectos essenciais dentro de conceito de evangelização bíblica e que segundo ele devem ser levados em consideração:

1º - O evangelismo é uma tentativa de apresentar aos seres humanos o convite amoroso e redentivo de Deus. O resultado como aceitação do chamado de Deus é o discipulado e proclamação da mensagem de salvação aos demais.

2º - O evangelismo é um esforço da igreja que objetiva levar os homens a terem um compromisso íntimo com Deus, baseado na fé em Jesus Cristo.

3º - O evangelismo com base na autoridade concedida por Deus faz com que os homens tenham consciência de sua incapacidade moral e alienação de Deus, dando-lhes a oportunidade de viver uma vida nova, transformada, a ponto de serem chamados de “filhos de Deus”. O evangelismo suscita pessoas que tiveram um encontro pessoal com Cristo e

¹ Ellen G. White, *Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 143.

que ao experimentarem Sua presença e companhia, não conseguem se calar, mas, sentem o desejo incontornável de partilhar sua experiência.

4º - O evangelismo não somente conduz pessoas a terem um encontro com Jesus, mas também as prepara corretamente quanto às doutrinas bíblicas verdadeiras. Ele os conduz à verdade plena encontrada na Palavra de Deus.

5º - O evangelismo desperta nas pessoas o interesse pela vida dos perdidos.

6º - O evangelismo exige métodos e técnicas pertinentes ao tempo, lugar, pessoas e circunstâncias. A mensagem deve ser apresentada com relevância, respeitando as mudanças naturais predominantes na sociedade pós-moderna. É necessário contextualizar a mensagem de modo a torná-la compreensível e aceitável.

7º - O evangelismo é um ato de amor, e o amor deve ser a motivação, o combustível capaz de gerar uma força incomparável e incontornável.

8º - O evangelismo se preocupa com o bem estar dos homens, sem se envolver com partidos políticos, ideologias, movimentos contrários ao governo e coisas do tipo. A evangelização é apolítica.

9º - O evangelismo é a exposição das verdades contidas na Bíblia de modo organizado. É a pedagogia da salvação. Através do evangelismo as pessoas são devidamente doutrinadas e capacitadas para a plena compreensão da vontade de Deus por meio da Sua Palavra.¹

É inegável o papel do evangelismo inserido à vida cristã. “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de deus como missionário”.²

Ellen G. White enfatiza ainda mais esse conceito ao afirmar: “Aquele que bebe da água viva, faz-se fonte de vida. O depositário torna-se doador. A graça de Cristo na alma é como uma vertente no deserto, fluindo para refrigério de todos, e tornando os que estão prestes a perecer ansiosos de beber da água da vida”.³

Não há como negar o extraordinário poder do evangelho em transformar vidas fazendo das mesmas multiplicadoras de bênçãos.

¹ José Miranda Rocha, “*Evangelização I*” (Apostila não publicada, Engenheiro Coelho, SP, 2005, P. 13).

² Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), p. 9.

³ *Ibidem*

A Evangelização na Igreja Primitiva

Todos nós devemos concordar que o movimento evangelístico iniciado pelos 12 discípulos de Jesus deve ser examinado mais profundamente, afinal, o movimento originado por esses camponeses iletrados transformou o mundo, tornando-se religião oficial de toda uma civilização. É impressionante notarmos a eficiência e o sucesso conquistados, afinal, foram milhares de conversos das mais diferentes raças, sexo, condição social, cultura, o que nos faz crer que temos muito que aprender de seus métodos, estratégias, táticas e formas de abordagem.

Observando a igreja primitiva nesse contexto, fica evidente que sua meta prioritária era a evangelização. Eles sentiam profundo amor e compaixão pelas pessoas que ainda não tinham conhecimento de Jesus, demonstrando grande flexibilidade quanto à recepção dos novos conversos e suas limitações, opondo-se, porém, a qualquer espécie de sincretismo. Todos eles aceitaram o chamado de Cristo e a ordem que foi dada a grande comissão; “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”, Mateus 28: 19.

Um aspecto importante e que não pode passar despercebido é a consciência da mesma quanto ao papel do Espírito Santo no processo de evangelização. Ela se rendeu completamente à guia do Espírito Santo, permitindo que o Mesmo conduzisse todos os passos da expansão evangelística. Encontramos várias situações que comprovam essa verdade, relatadas no livro de Atos. O Espírito Santo era o elemento motivador.

Individualmente esperava-se que cada pessoa que houvesse aceitado a Cristo como Senhor e Salvador, fosse uma testemunha natural que sentia o privilégio de partilhar sua experiência. E isso acontecia. Elas testemunhavam de maneira entusiasmada, pois entendiam que era um privilégio repartir o que haviam recebido de graça.

Fica muito fácil imaginar o impacto do “trabalho” realizado por essas pessoas que haviam tido suas vidas transformadas pelo poder do evangelho. Na verdade, a história é testemunha da “revolução religiosa” resultante da missão desenvolvida por estes homens e mulheres destemidos.

A mensagem apresentada pela igreja primitiva possuía três aspectos essenciais:

- ✓ Era cristocêntrica, ou seja, Jesus era o centro de tudo o que proclamavam;

- ✓ Era flexível, capaz de atingir as mais diferentes pessoas dentro de seu próprio contexto cultural;
- ✓ Era definida, ou seja, sem concessões, sincretismo ou aberturas para meias verdades.

Quanto ao método, Michael Green verifica algo muito interessante na seguinte afirmação: “Parece não ter havido nada muito notável na estratégia e na tática da missão cristã primitiva. Na verdade, não é certo nem mesmo que tenham tido uma estratégia e uma tática. Não creio que levassem consigo nenhum esquema planejado”.¹

Em seguida, Green apresenta o segredo do sucesso evangelístico da igreja primitiva; “Tinham, isso sim, uma convicção inabalável de que Jesus era a chave da vida e da morte, da felicidade e do propósito, e simplesmente não podiam silenciar-se acerca dele. O Espírito de Jesus que habitava no interior deles levou-os a empreender a missão”.²

Podemos afirmar que quanto à estratégia adotada por eles, alguns aspectos podem ser assim definidos: eles trabalhavam do centro para fora; eles se deixavam envolver, mas eram dinâmicos; eles usavam de sua influência; eles exerciam supervisão; eles produziam testemunhas.

Resumindo, a igreja primitiva tinha plena consciência de sua missão de evangelizar e entendia que sua obra consistia em partilhar a salvação resultante do relacionamento com Cristo, assistindo o desenvolvimento espiritual dos novos conversos, auxiliando-os a tomar as decisões que os levassem a firmarem um compromisso íntimo com Deus, respondendo positivamente ao chamado do Mestre para viverem uma vida santa. Existem muitas citações no Novo Testamento exemplificando a importância do trabalho evangelístico, tanto nos evangelhos, quanto nas epístolas.

Métodos Contemporâneos de Evangelização

Não é possível limitar os métodos de evangelização, pois as esferas e formas de se apresentar as boas novas são múltiplas e os métodos e abordagens devem variar conforme

¹ Michael Green, *Estratégia e Métodos Evangelísticos da Igreja Primitiva* (Belo Horizonte, MG: ABU Editora, 1989), p. 65.

² *Ibidem*

as circunstâncias. Um bom exemplo disso é o apóstolo Paulo que encontrava oportunidades de partilhar o evangelho nas mais diferentes situações. Nós o encontramos pregando por meio de suas cartas, ou nas praças, igrejas, rios, prisões e muitos outros lugares. O certo é que ele não perdia nenhuma oportunidade de anunciar a salvação em Cristo Jesus.

Esta é uma boa lição para todos aqueles que se envolvem na pregação do evangelho. O princípio não muda, porém, devemos estar atentos as mudanças pelas quais não só o mundo, mas também as pessoas passam. Vivemos em uma sociedade em constante transformação e cabe a nós nos adaptarmos as mudanças de modo a sermos relevantes e encontrarmos possibilidades de anunciar o evangelho a todos os que ainda não ouviram falar de Jesus.

Pode-se afirmar a existência de dois níveis de evangelização: a evangelização de massa e a evangelização pessoal. Vamos analisar brevemente cada uma delas.

A “Evangelização de Massa” é a evangelização onde nem sempre existe o contato pessoal ou a interação entre duas ou mais pessoas de modo mais íntimo. Normalmente nesses casos, a pregação é realizada visando atingir um grande número de pessoas e serve, muitas vezes, como um primeiro passo ou primeiro estágio para a evangelização pessoal. Pode ser chamado de ponto de contato.

Esse tipo de atividade evangelística pode ser realizada por meio dos seguintes métodos: evangelismo na igreja (sermões doutrinários, classes bíblicas, e outras), concentrações públicas, pregações ao ar livre, entrega de literatura, programas de rádio e televisão, correspondências enviadas pelo correio ou colocadas nas caixas de correio, musicais realizados em praças, teatros, locais públicos como hospitais, entre outros.

A Evangelização pessoal acontece quando há o contato de proximidade entre duas pessoas ou mais. Todos podem realizá-lo e ele pode ser feito em qualquer lugar e a qualquer hora, tendo a capacidade de alcançar todas as classes e seus resultados são extraordinários.

O evangelismo pessoal tem muitas vantagens, pois consegue suprir as possíveis deficiências e limitações encontradas nos demais métodos e abordagens da evangelização. Por exemplo: enquanto muitos não possuem rádio ou televisão, outros não sabem ler, ou

moram em lugares distantes das cidades, isolados e somente por intermédio do contato pessoal poderão conhecer as boas novas da salvação.

Ellen G. White ao abordar esse assunto afirmou: “Aproximai-vos do povo onde ele se acha, mediante trabalho pessoal. Relacionai-vos com ele. Esta é uma obra que não se pode fazer por procuração”.¹

É muito claro que toda ênfase está colocada no contato pessoal direto. Mais do que isso, fala da atitude de ir ao encontro das pessoas onde elas estiverem. Não há passividade no processo, mas, ação.

Ela diz mais: “Dinheiro emprestado ou dado não a pode realizar. Sermões do púlpito, não a podem efetuar. Ensinar as Escrituras às famílias – eis a obra do evangelista; e esta obra deve estar unida à de pregar. Sendo omitida, a pregação será, em grande parte, um fracasso”.²

Até mesmo dentro do evangelismo pessoal existem inúmeras possibilidades de métodos e abordagens a serem aplicados. Porém, um detalhe muito importante deve ser levado em consideração; antes que alguém possa conduzir outro a Cristo, ele deve primeiro demonstrar total interesse pela salvação da pessoa. “Em simpatia cristã, o ministro deve aproximar-se individual e intimamente dos homens, buscando despertar-lhes o interesse nas grandes coisas concernentes à vida eterna”.³

A pregação pessoal é um plano estabelecido pelo próprio Deus. Ao se relacionar conosco por meio de Seu Filho Jesus, o Senhor deu-nos o exemplo a ser seguido. Faz-se necessário estabelecer relacionamentos onde a presença de Cristo possa ser partilhada. Entre amigos normalmente existe liberdade e respeito para que assuntos dessa natureza possam ser tratados. “É muitas vezes melhor captar a confiança e a amizade de uma pessoa, antes de lhe falar do assunto”.⁴

A Bíblia apresenta vários motivos convincentes para a realização da evangelização e qualquer um deles seria suficiente para motivar o trabalho voluntário da evangelização pessoal. “Deus ama este mundo perdido e tem encarregado aos salvos de entregarem a mensagem da salvação”.⁵

¹ White, *Obreiros Evangélicos*, p. 188.

² *Ibidem*

³ _____, *Evangelismo*, p. 430.

⁴ João Lukass, *Evangelismo Eficiente* (São Paulo, SP: Editora e Livraria Hora da Decisão, 1967), p. 19.

⁵ *Ibidem*

A Bíblia apresenta vários motivos convincentes para a realização da evangelização e qualquer um deles seria suficiente para motivar o trabalho voluntário da evangelização pessoal. “Deus ama este mundo perdido e tem encarregado aos salvos de entregarem a mensagem da salvação”.

O método entre os Adventistas do Sétimo Dia

Entre os métodos aplicados no evangelismo pessoal, o mais conhecido é o de dar estudos bíblicos. Este na verdade é um termo usado pelos adventistas do sétimo dia, tendo sua origem nos EUA (Bible Readings).

O princípio que rege o método dos estudos bíblicos está fundamentado na Palavra de Deus, mais especificamente no Livro de Atos, capítulo 18: 2,3, 24-28, quando relata a evangelização realizada por Priscila e Áquila quando da concessão de Apolo. O mesmo sentido pode ser encontrado no trabalho evangelístico realizado por Felipe em favor do ministro da Etiópia, história descrita no capítulo 8 de Atos.

A origem deste plano é divina, ou seja, foi Deus quem estabeleceu esse método de pregação. Ellen G. White confirma este fato ao afirmar: “O plano de se darem estudos bíblicos foi uma idéia de origem celeste”.¹ Ela vai além ao abordar a importante participação tanto de homens quanto de mulheres: “Muitos há homens como mulheres, que se podem empenhar nesse ramo da obra missionária. Podem-se assim desenvolver obreiros que se tornem poderosos homens de Deus. Por este meio a Palavra de Deus tem sido proporcionada a milhares; e os obreiros são postos em contato pessoal com o povo de todas as línguas e nações”.²

A história do método evangelístico na IASD teve início quase ao final do século dezenove. Tudo começou entre os anos de 1882/1883 com Stephen N. Haskell, organizador da Sociedade Missionária Vigilante (primeira sociedade missionária adventista) que foi a precursora do Departamento de Publicações.³ Haskell estava em Londres na Califórnia, em Maio de 1883, onde realizava uma série de reuniões usando uma tenda, quando foi surpreendido por uma forte chuva que ao cair sobre a tenda, provocava

¹ White, *Obreiros Evangélicos*, p. 192.

² *Ibidem*

³ Herbert Douglass, *A Mensageira do Senhor* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), p. 246.

um barulho insuportável, impedindo que as pessoas ouvissem e entendessem a palestra que estava sendo proferida.¹ O pregador desceu na plataforma onde se encontrava, dirigiu-se ao público e distribuiu textos bíblicos entre as pessoas no auditório.²

Em seguida começou a fazer perguntas, que seriam respondidas pelos textos bíblicos distribuídos às pessoas e que eram lidos em alta voz pelas mesmas.

No dia seguinte, Ellen G. White e os demais pastores presentes na reunião entenderam que esse método deveria ser levado adiante e apoiaram o plano de Stephen N. Haskell, que logo começou a preparar uma série de estudos bíblicos para apresentar nas reuniões realizadas por ele.³

O primeiro estudo bíblico elaborado por Haskell abordava a questão do santuário que continha 163 perguntas e respostas.⁴ Os primeiros estudos que foram preparados eram longos e continham muitos versos abordando as mais importantes doutrinas defendidas pelos adventistas.

A idéia contagiou os adventistas americanos e em 1883, em uma reunião da Conferência Geral da IASD, votou-se recomendar o método de estudos bíblicos além da proposta de um estudo bíblico mensal, que se chamava “Bible-Reading Gazette”, publicado de Janeiro a Dezembro de 1884.⁵

A mesma Conferência Geral de 1883 também recomendou o estabelecimento de “Missões” nas principais cidades do centro de evangelismo. A partir desse momento muitos cursos de treinamento para capacitação foram realizados, não somente para jovens, mas também para pessoas adultas e de idade avançada, de ambos os sexos.

O termo “estudo Bíblico pode ser assim definido: “apresentação tópica, usualmente em forma de perguntas com respostas lidas da Bíblia – um método de evangelismo pela Bíblia praticado extensivamente pela IASD”.⁶

¹ Paulo Silas da Silva, Tese Doutoral “*Séries de Estudos Bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*” (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2002), p. 48.

² Ibidem

³ Ibidem

⁴ Ibidem

⁵ Ibidem

⁶ Rocha, *Evangelização I*, p. 15.

Esse foi só o começo de uma longa história. Muita coisa mudou durante os mais de 125 anos em que o método de estudos bíblicos foi adotado. Hoje existem vários modelos e formatos de estudos bíblicos que abordam os mais variados temas da Palavra de Deus, todos, porém, com o mesmo objetivo; revelar o amor de Deus e Seu plano de redimir a raça caída por meio do sacrifício de Seu Filho Jesus Cristo.

Um detalhe muito importante e que não pode ser passado por alto foi o fato de que o método de evangelização pessoal ressurgiu com os adventistas do sétimo dia em um tempo em que os protestantes americanos não acreditavam na pregação e ensino que não fossem ministradas por obreiros e ministros oficiais de suas denominações. Para eles, leigos eram incapazes de realizar esse trabalho.

Portanto, os adventistas foram os responsáveis por uma revolução no conceito de evangelismo, ao enfrentarem os paradigmas da época, disponibilizando a todos os crentes, não somente a oportunidade, mas, o compromisso de individualmente anunciar o iminente retorno de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

De lá para cá muita coisa mudou. A IASD tem acompanhado as inevitáveis transformações pela qual o mundo passou de modo a apresentar sempre uma mensagem relevante e que alcance as pessoas onde elas estiverem, porém, mesmo em tempos onde os grandes veículos de comunicação de massa predominam, jamais perdera seu compromisso de envolver cada pessoa no processo de evangelização, fazendo discípulos, pois esta foi à ordem do Mestre.

No capítulo seguinte apresentaremos o resultado de uma pesquisa de campo realizada em várias IASD em sua maioria pertencentes à Associação Paulista Central, que nos permitirão compreender melhor o universo da evangelização pessoal em nossos dias. Vale lembrar que o objetivo de nosso estudo é o de descobrirmos quais métodos e abordagens mostram-se mais eficazes no processo de evangelização adventista, de modo a nos tornarmos ainda mais eficientes na pregação do evangelho.

CAPÍTULO III

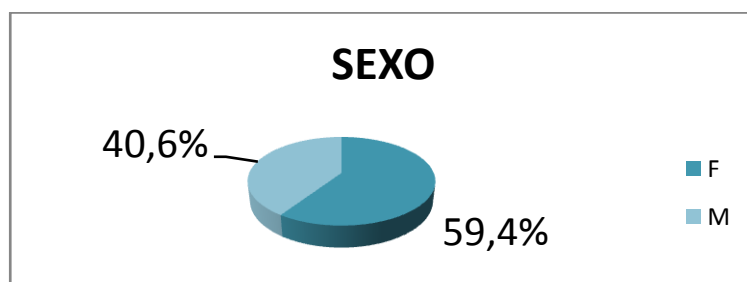
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

Descrição geral da pesquisa

No capítulo anterior apresentamos uma abordagem dos aspectos históricos dos métodos de evangelização desde os tempos do início da Igreja Cristã. Falamos sobre a natureza da evangelização, analisamos a evangelização na Igreja Primitiva e os métodos contemporâneos, e concluímos com um histórico do método entre os adventistas do sétimo dia.

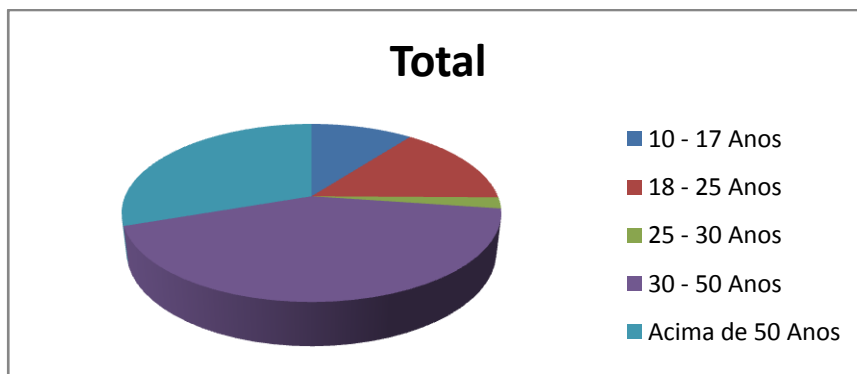
Neste capítulo apresentaremos a descrição geral da pesquisa de campo que nos permitirá compreender mais claramente a eficácia dos métodos e abordagens aplicados em nossas igrejas. Antes de partirmos para conclusão de nosso trabalho, apresentaremos os resultados gerais da pesquisa de campo realizada, de modo a termos uma visão mais ampla do universo pesquisado.

O modelo adotado na pesquisa foi apresentado no primeiro capítulo do trabalho e todos os entrevistados responderam a quinze questões. No total, foram entrevistadas 1731 pessoas, sendo que 59,4%, ou seja, 1031 eram mulheres e 40,6%, que compreende as 700 restantes, eram homens.



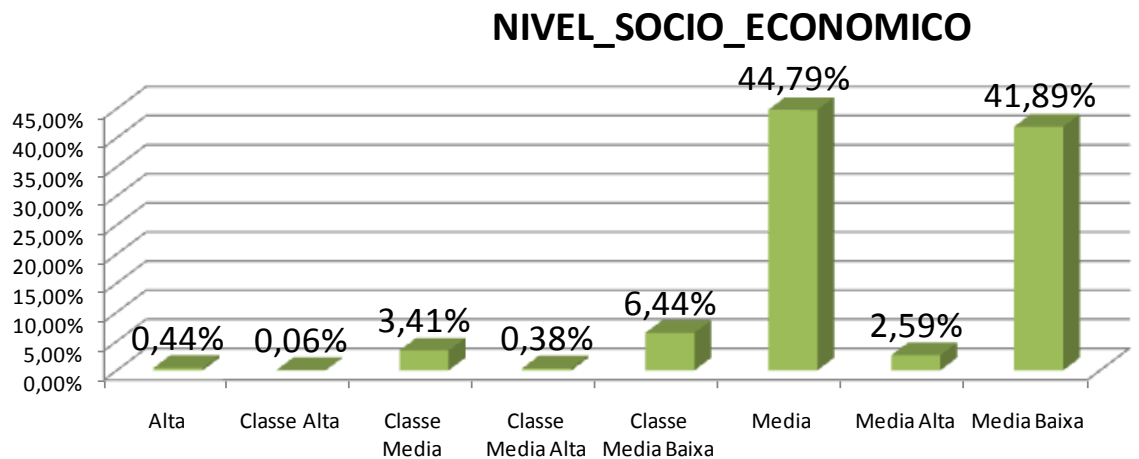
No item seguinte, o objetivo era de fazer uma leitura geral quanto á idade dos membros da igreja e para tanto, o questionário dava a opção de cinco faixas etárias:

- 10 – 17 Anos (180 pessoas)
- 18 – 25 Anos (256 pessoas)
- 25 – 30 Anos (35 pessoas)
- 30 – 50 Anos (736 pessoas)
- Acima dos 50 Anos (524 pessoas)



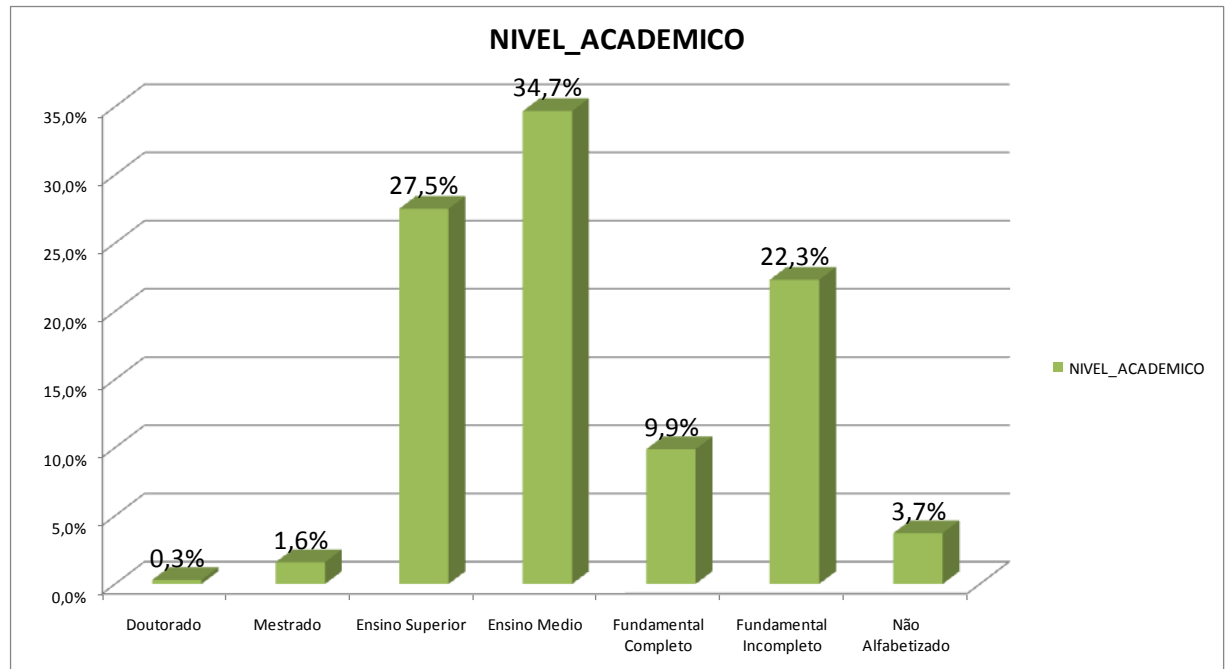
Ficou muito evidente por meio da pesquisa que o maior percentual de adventistas se encontra na faixa etária compreendida entre os 30 e 50 anos, enquanto a menor é a que compreende a faixa que inclui os jovens entre 25 e 30 anos.

Quanto ao nível cultural, os resultados foram os seguintes:



Os resultados da pesquisa neste item também estão bem claros. Em sua maioria, quanto ao nível sócio – econômico 86,68% dos adventistas encontram-se entre a classe média e média – baixa da sociedade.

Quando vamos ao próximo item que aborda o nível acadêmico, encontramos o reflexo da realidade apresentada acima. Observemos o gráfico abaixo:

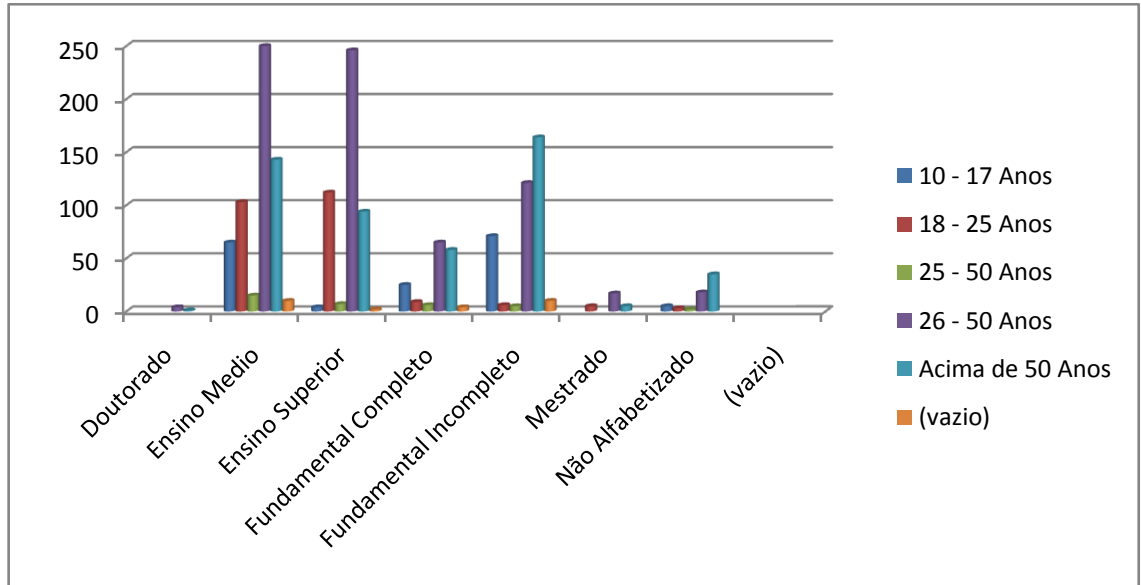


O maior índice alcançado é o de membros que concluíram o Ensino Médio e em segundo lugar estão aqueles que possuem ou estão cursando o Ensino Superior.

Há, porém, alguns dados alarmantes neste item, entre eles, o resultado daqueles que estão cursando ou possuem o doutorado. Este que é na verdade o nível mais elevado em relação á formação acadêmica. A pesquisa revelou que apenas 0,3% dos entrevistados se encaixam neste nível.

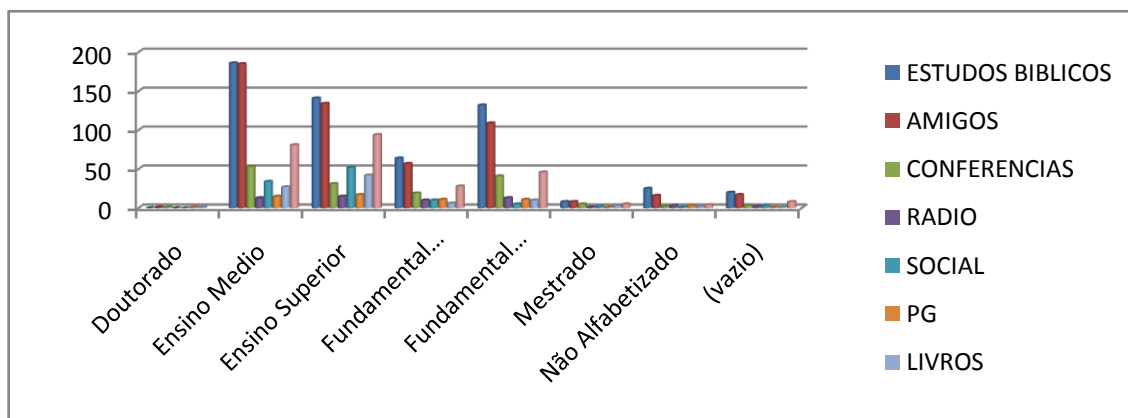
Outro detalhe facilmente notado na pesquisa é o resultado entre aqueles que possuem ou que estejam fazendo mestrado, os números também são altamente desafiadores. Um dado positivo é o pequeno índice de pessoas não alfabetizadas, apenas 3,7%.

A pesquisa também se preocupou em descobrir qual é a média de nível acadêmico por idade. A resposta está no quadro abaixo:

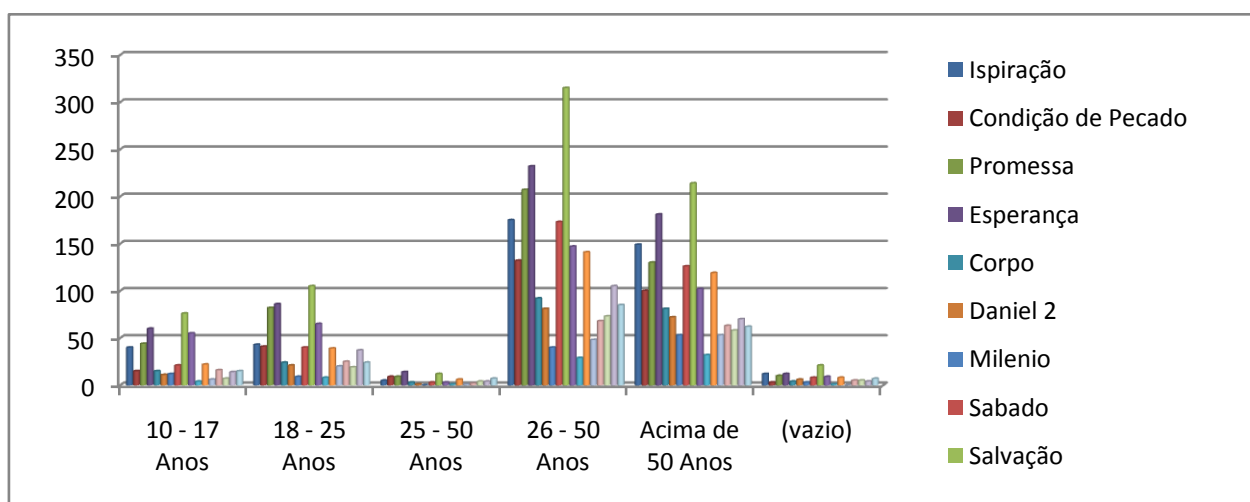


- Doutorado: entre 30 e 50 anos.
- Ensino Médio: 30 a 50 anos
- Ensino Superior: 30 a 50 anos
- Fundamental Completo: 30 a 50 anos
- Fundamental Incompleto: acima de 50 anos
- Mestrado: entre 30 e 50 anos
- Não alfabetizado: acima de 50 anos

Neste trecho da pesquisa a intenção foi descobrir qual o melhor método de evangelização quando as pessoas são separadas pelo nível acadêmico. Como bem podemos notar no quadro abaixo, em todos os níveis, os estudos bíblicos foram aplicados em sua grande maioria por amigos. Outros métodos como as conferências, que são as reuniões com grande concentração de pessoas, os programas de rádio e de televisão, os livros, temos também a evangelização realizada por meio dos pequenos grupos (PG), que consistem em reuniões semanais, informais, realizadas nas casas de pessoas adventistas e não-adventistas.



Em seguida a pesquisa procurou descobrir qual é a doutrina preferida nas diferentes faixas etárias, conforme distribuídas nas tabelas acima.



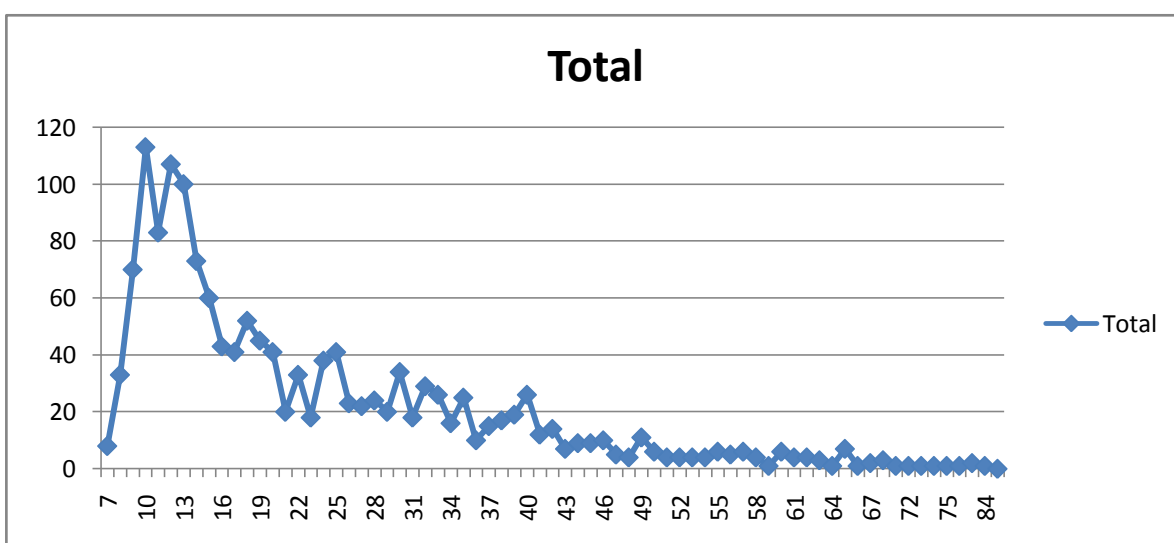
- 10 – 17 anos: Salvação
- 18 – 25 anos: Salvação
- 25 – 30 anos: esperança
- 30 – 50 anos: Salvação
- Acima de 50 anos: Salvação

Observamos, portanto, que em praticamente todas as faixas etárias, com exceção da que compreende a idade entre 25 e 30 anos, cuja preferência foi a doutrina da esperança, a preferida entre todas as doutrinas é a doutrina da salvação e a que menos atrai os entrevistados é a que aborda o espiritismo.

Mais uma vez os dados se mostram muito reveladores. Este é um gráfico muito importante dentro de nossa esfera de pesquisa, pois os resultados do mesmo são objeto de nossa pesquisa. Nele encontramos a relação entre as pessoas e os métodos responsáveis por sua conversão.

Quando observamos os resultados notamos que em todas as faixas etárias, há uma relação direta entre os estudos bíblicos com os laços familiares e de amizade, sendo que a mesma é responsável pela maioria esmagadora das conversões.

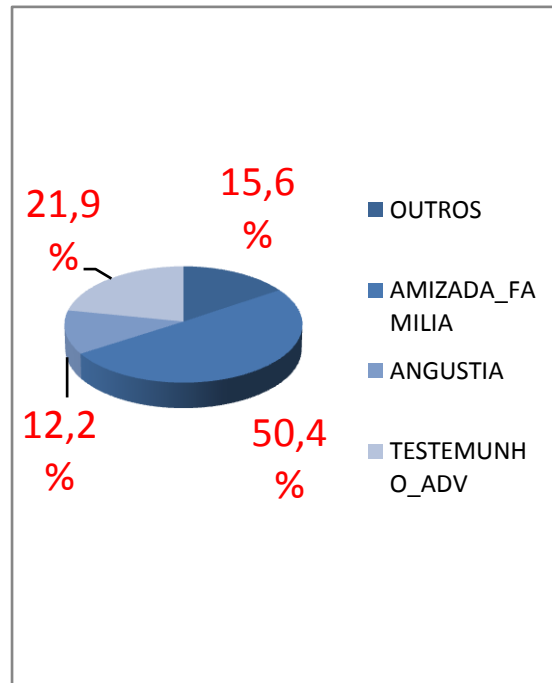
A idade em que os entrevistados foram batizados também pode fornecer subsídios interessantes para nossas conclusões no estudo;



Entre todos os entrevistados, a idade onde mais ocorreram batismos foi de 10 anos, com 113 pessoas; em seguida 12 anos com 107 pessoas e 13 anos com 100 pessoas.

Estes dados confirmam o texto bíblico que afirma; “Ensina a criança no caminho que deve andar e mesmo quando for velho, não se desviará dele”. Vale lembrar que a soma dos demais batismos na faixa etária que cobre dos 7 aos 15 anos, é responsável por mais de 1/3 dos batismos.

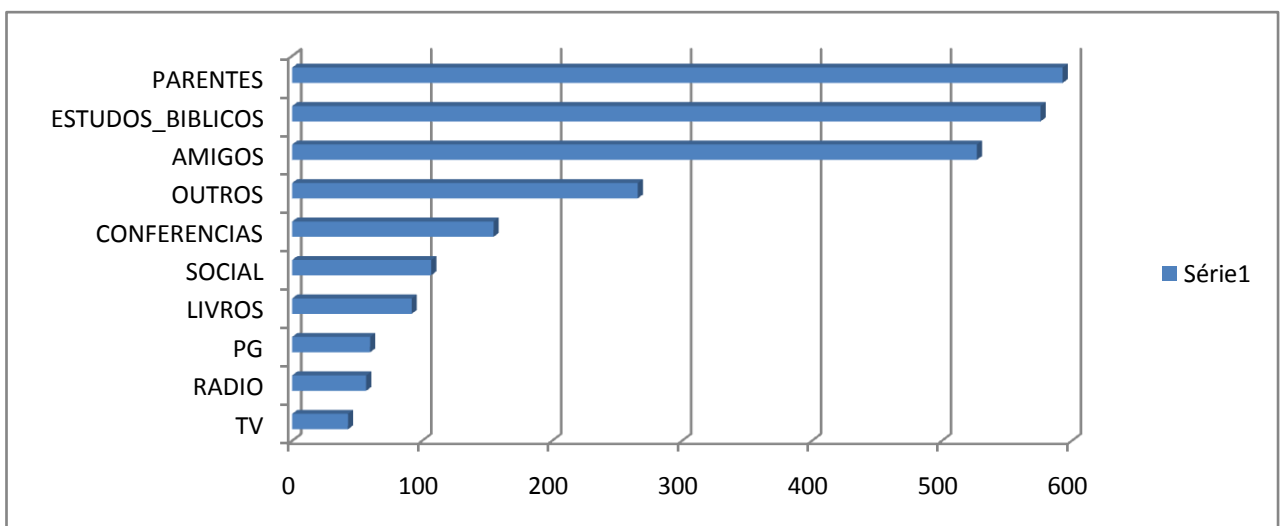
Foi perguntado aos entrevistados o que mais influenciou sua decisão de aceitar a mensagem adventista;



A angústia é responsável por 12,2%; os mais diversos motivos equivalem a por 15,6%; o testemunho dos adventistas 21,9%, e as amizades e a família são responsáveis por 50,4%.

Mais uma vez encontramos a estreita relação entre a conversão e os laços familiares e de amizade.

Um dos aspectos mais pertinentes abordados na pesquisa de campo foi o de descobrir qual tipo de abordagem se mostrou mais eficiente. Abaixo o resultado;



- TV – 43 pessoas
- Rádio – 57 pessoas
- Pequenos Grupos – 60 pessoas
- Livros – 92 pessoas
- Social – 107 pessoas
- Conferências – 155 pessoas
- Outros – 266 pessoas
- Amigos – 527 pessoas
- Estudos Bíblicos – 576 pessoas
- Parentes – 593 pessoas.

Mesmo com uma leitura superficial dos resultados da pesquisa, é possível perceber que há uma íntima ligação entre a conversão e os vínculos afetivos, o que permite concluir que qualquer método ou abordagem que desconsidere esse fator certamente não alcançará os resultados esperados. No capítulo seguinte, apresentaremos com mais detalhes os resultados que mais nos interessam na pesquisa realizada e partiremos para as considerações finais de nosso estudo.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

Nos capítulos anteriores procuramos apresentar o desenvolvimento dos métodos de evangelização que se mostraram mais eficazes no transcorrer na história e como a IASD tem aplicado os mesmos na pregação do evangelho. Lembramos que o objetivo de nosso estudo é descobrir quais métodos e abordagens tem se mostrado mais eficazes na evangelização adventista, e para tanto, adotamos em nosso trabalho, além da pesquisa bibliográfica, os resultados de uma pesquisa de campo realizada em sua maioria no campo da Associação Paulista Central – APAC, onde mais de 1.700 pessoas tiveram que responder a um questionário com questões pertinentes a sua conversão.

Os resultados não deixaram dúvida alguma sobre a íntima e essencial relação entre a conversão e o relacionamento, ou seja, a maioria esmagadora das conversões se deu a partir de relacionamentos quer de caráter amigável ou familiar entre o expositor da mensagem e o receptor.

Não queremos, porém, ignorar os resultados que vem sendo alcançados pela “pregação de massa” realizada pela nossa igreja, mas, eles mostram que ela pouco ou quase nada pode fazer sem a complementação do evangelismo pessoal.

Não poucos escritores tem gasto tempo escrevendo sobre a importância do contato pessoal, íntimo, na evangelização. Michael Green, por exemplo, afirma que “há um poder de atração extraordinário na amizade, no sentido de se explicar a fé para outra pessoa”.¹

Ellen G. White escreveu: “Nem todos podem ir como missionários para terras estrangeiras, mas todos podem, na própria pátria, ser missionários na família e entre os vizinhos”.²

¹ Michael Green, *Evangelização na Igreja Primitiva* (São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 2000), p. 269.

² White, *Serviço Cristão*, p. 9.

Várias pesquisas realizadas no passado permitem afirmar que de modo geral, aproximadamente 60% dos adultos que são batizados na IASD tiveram seu primeiro contato com a mensagem adventista através de parentes, amigos ou vizinhos.

Por meio deste dado concluímos que quanto mais íntima for a relação entre o adventista e o não-adventista, maior será a probabilidade de conversão.

No manual de atividades leigas, “testemunhando por Cristo”, encontramos as seguintes estatísticas citadas pelo Dr. Oosterwal:

Pessoas e agentes pelos quais não adventistas tiveram seu primeiro contato com a Igreja Adventista do Sétimo Dia (em porcentagem):

Vizinhos e amigos	43
Parentes	24
Publicações	13
Programas de rádio/TV	4
Serviços Comunitários	4
Pastores	3
Evangelismo Público	2/3
Outros	7/8

Pessoas e agentes que mais influenciaram não adventistas a unir-se à igreja (em porcentagem):

Vizinhos e amigos	40
Pastores	21
Parentes	17

Evangelismo Público	13
Escolas	9
Publicações	7
Rádio e Tv	7
Escolas Bibl. Por Corresp.	2/3
Outros	2/3 ¹

Não podemos ignorar os números; eles revelam que cada um de nós somos os grandes responsáveis pela proclamação do evangelho, e, sendo assim, cada a nós estarmos aptos a cumprimos nosso papel como ministros do evangelho.

Vivemos em um mundo secularizado e que aparentemente tem resultado na diminuição da disposição das pessoas em sair de sua “zona de conforto” para dar atenção a estranhos quanto às questões cruciais da vida.

São cada vez mais raros os testemunhos de pessoas que aceitaram a mensagem através dos métodos impessoais. Eles podem servir de chamariz, isca, mas, o trabalho pessoal é essencial e inevitável. “Amigos confiam nos amigos e permitem que eles os influenciem”.²

Toda nossa vida gira em torno das pessoas que amamos e confiamos. Assim, se pretendemos criar impacto no mundo com a mensagem de Cristo, devemos construir relacionamentos saudáveis, íntegros, com todos aqueles com as quais interagimos em nosso dia a dia.

“Precisamos nos relacionar com as pessoas para que elas consigam enxergar através de nossa integridade, que Jesus se interessa por cada um como pessoa e que se preocupa com seu bem-estar”.³

¹ *Testemunhando por Cristo – Manual de Atividades leigas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), p. 47,48.

² Bill Hybels e Mark Mittelberg, *Cristão Contagante* (São Paulo, SP: Editora Vida, 1949), p. 105.

³ *Ibidem*

Caso desejemos ganhar pessoas de nossa família, amigos, vizinhos para Jesus, devemos viver uma experiência genuína, verdadeira. Deve haver consistência e coerência entre nossas palavras e nossas ações. Não podemos esquecer que fomos chamados para ser “sal”. “Mas o sal mais poderosos do mundo não exerce nenhum impacto quando largado no saieiro”¹.

As pessoas que conhecemos não irão se interessar por nossa mensagem a menos que se sintam impressionadas por nossa conduta. Não devemos tentar convencê-los pela insistência, impondo, forçando. “Primeiro ganhe a confiança e o coração deles”².

Falando sobre o exemplo de Cristo, a mensageira do Senhor declarou: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo”³.

Ela vai além ao explicar como Jesus procedia em suas relações pessoais: “O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: Segue-me”⁴.

Concluimos, portanto, afirmando que os métodos e abordagens eficazes na evangelização adventista são os que respeitam e adotam uma postura de contatos íntimos, valorizando os relacionamentos e estreitando as distâncias entre as pessoas.

Os resultados das pesquisas realizadas e que dão suporte ao nosso trabalho, são contundentes e não deixam margem de dúvida alguma. Toda e qualquer impessoalidade na evangelização compromete os resultados finais.

Não queremos, porém, ao fazermos esta alegação, ignorar a importância dos métodos de evangelização em massa, afinal, eles tem sua parcela de contribuição dentro do processo. O que não podemos fazer é atribuir um valor maior que devido ao mesmo.

Penso que o resultado de nossa pesquisa corrobora com a necessidade urgente de se pensar de forma mais efetiva quanto á importância de se preparar melhor individualmente, cada membro da igreja, para que tenhamos um verdadeiro “exército evangelístico” operando incansavelmente na pregação da Palavra de Deus.

¹ Bill Hybels e Mark Mittemberg, *Cristão Contagante*, p. 105.

² *Testemunhando por Cristo – Manual de Atividades Leigas*, p. 53.

³ Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), p. 60.

⁴ *Ibidem*

ANEXO

Questionário aplicado em pesquisa de campo

Modelo de pesquisa - Métodos de Evangelização

Pesquisa sobre a eficácia dos métodos de evangelização

Igreja: _____ Distrito: _____

Sexo M F

Idade atual: _____

Idade em que teve primeiro contato com a IASD: _____ } Se você não
lembrar

Idade em que começou processo de conversão: _____ com precisão, coloque

Idade em que foi batizado: _____ uma idade
aproximada

1. Nível sócio econômico

Classe Alta Classe Média Alta Classe Média Classe Média Baixa
 Baixa

2. Nível Acadêmico:

Não Alfabetizado Ensino Médio Completo Mestrado

Fundamental Incompleto Ensino Superior Doutorado

Fundamental Completo Ensino Médio incompleto

3. Nasceu em Lar Adventista: Sim Não

4. Em algum momento deixou a igreja Sim, estou fora Não Sim, fui rebatizado

5. Qual religião professava anteriormente: _____, ou Nenhuma

6. Se tinha religião, como era sua atuação: Ministro Aspirante a ministro Oficial Membro praticante Membro esporádico Apenas nominalmente

7. Abordagem que me atraiu à Igreja Adventista do Sétimo Dia:
 oferta de Estudos Bíblicos
 Amigos Adventistas
 Parentes Adventistas
 Programa de TV
 Programa de rádio

Pequenos Grupos

Escola Sabatina

Clube de Desbravadores

Livros ou panfletos

Música

Programa Social (escola cristã de férias; Vizinho/Colega de trabalho

multirão de natal; acampamento; vigília, etc...) Escola Adventista Visita hospitalar

Conferências Públicas

Outra instituição adventista

8. A doutrina que mais influenciou em minha decisão para o batismo:

- Profética (Daniel, Apocalipse, Sinais da Segunda Vinda)
- Cristocêntrica (Vida de Jesus, Milagres, Curas, Ensinos, Parábolas)
- Doutrina Fundamental (Inspiração da Bíblia, Deus, Salvação, Justificação, Pecado)
- Doutrina Distintiva (Sábado, Estado dos Mortos, Santuário, Juízo Investigativo)
- Dons Espirituais (Cura, Saúde, Oração, Espírito de Profecia)
- Não me lembro

9. Mencione que coisas ou atitudes o ajudaram na sua conversão:

- Angústia Existencial Testemunho coerente dos adventistas

- Amizade com membros e familiares da IASD

Outros: _____

10. Mencione que coisas ou atitudes foram dificuldades à sua conversão:

- Oposição da família Situação de desemprego
- Religião anterior Preconceito dos amigos contra a IASD
- Trabalho e/ou estudos aos sábados Outros:

11. Se quiser, conte em poucas palavras a história de sua conversão. Use o espaço abaixo:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, Roy Allan. *O pastor evangelista*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1965
- Coleman, Robert. *O plano mestre de evangelismo*. São Paulo, SP: Editora Vida Nova. 1984
- Dieter, Brepohl. *A missão da Igreja no mundo de hoje*. São Paulo, SP: ABU Editora S/A. 1989.
- Douglas, Herbert E. *A Mensageira do Senhor*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 2001.
- Green, Michael. *Estratégia e Métodos Evangelísticos da Igreja Primitiva*. Belo Horizonte, MG: ABU Editora. 1989.
- _____ *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo, SP: Editora Vida Nova. 2000.
- Hybels, Bill e Mittelberg, Mark. *Cristão contagiante*. São Paulo, SP: Editora Vida. 1994.
- Lima, Delcyr de Souza. *Doutrina e prática da evangelização*. Rio de Janeiro, RJ: JERP. 1969
- Luckas, João. *Evangelismo eficiente*. São Paulo, SP: Livraria e Editora Hora da Decisão. 1967.
- Rocha, José Miranda. *Evangelização I*. Engenheiro Coelho, SP: material não publicado. 2005.
- Spurgeon, C.H. *O conquistador de almas*. São Paulo, SP: PES. 1996.
- Silva, Paulo Cilas da. *Tese Doutoral: "Séries de Estudos Bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil"*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres. 2002.

Testemunhando por Cristo – Manual de atividades leigas. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1988.

Torrey, R.A. *Como trazer homens a Cristo.* Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista. 1925

White, Ellen G. *A Ciência do Bom Viver.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 2004.

_____. *Beneficência Social.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1996.

_____. *Evangelismo.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1997.

_____. *Obreiros evangélicos.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1993.

_____. *Serviço Cristão.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 2003.

_____. *Testemunhos para ministros e obreiros evangélicos.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1993

Trabalho de Conclusão de Curso

OS SAMARITANOS: QUEM ERAM E O QUE CRIAM

Etelvino Ricardo da Silva

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2008

Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D

Resumo: A presente pesquisa procura compreender alguns aspectos básicos dos samaritanos, povo retratado como inimigo dos judeus. Para tanto, é necessário analisar a história e a vida religiosa dos samaritanos. Procuraremos mostrar sua relação com os fatos bíblicos e sua importância para a compreensão desses fatos.

Palavras-chave: Judeus, Samaritanos, história, vida religiosa.

The Samaritans: Who They Were and What They Believe

Abstract: The present research seeks to understand some basic aspects of the Samaritans, people who are portrayed as enemy of the Jews. It analyzed their history and religious life. The investigation also explored the biblical picture of the Samaritans, and its relevance for the understanding of these facts.

Keywords: Jews; Samaritans; History; Religious Life.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

**OS SAMARITANOS
QUEM ERAM E O QUE CRIAM**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Etelvino Ricardo da Silva

Orientador: Wilson Luiz Paroschi Cordeiro, Ph.D

Engenheiro Coelho – SP

2008

**OS SAMARITANOS
QUEM ERAM E O QUE CRIAM**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Etelvino Ricardo da Silva

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Wilson Luiz Paroschi Cordeiro, Ph.D
Orientador

Avaliação

Amin Américo Rodor, Th.D.
Leitor

Data da Aprovação

Amin Américo Rodor, Th.D.
Diretor do Curso de Teologia

SUMARIO

INTRODUÇÃO	1
Problema	1
Metodologia	1
CAPÍTULOS	
I. AS ORIGENS DOS SAMARITANOS	2
1.1. Descendência	3
1.2. Miscigenação	3
II. AS CRENÇAS DOS SAMARITANOS	5
2.1. Credo samaritano	5
2.2. Taheb	6
2.3. Monte Gerizim	6
2.4. Pentateuco	7
2.5. A separação	7
2.6. A reconstrução do templo	8
III. OS SAMARITANOS NO NOVO TESTAMENTO	9
3.1. Monte Gerizim no Novo Testamento	9
3.2. O messias e os samaritanos	10
3.3. O Evangelho aos samaritanos	12
CONCLUSÃO	13
BIBLIOGRAFIA	14

INTRODUÇÃO

Problema

Os Samaritanos apareceram pela primeira vez no relato bíblico no contexto do retorno do povo de Israel do cativeiro babilônico. Tanto nesse contexto quanto no contexto do ministério de Jesus, eles são retratados como inimigos dos judeus. Quem eram os samaritanos? Como se originaram e quais eram suas crenças? O objetivo deste trabalho é reconstruir a história e a vida religiosa dos samaritanos. Procuraremos mostrar sua relação com os fatos bíblicos e sua importância para a compreensão desses fatos.

Metodologia

Além desta introdução e da conclusão, o presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, faremos uma breve reconstituição da história dos samaritanos no Antigo Testamento. Abordaremos os fatos históricos que marcaram o surgimento desse povo, bem como a região onde se estabeleceram, e sua situação social e religiosa.

No capítulo seguinte, discutiremos as crenças dos samaritanos, e como a religião deles se relacionava com a religião judaica.

Por fim, no terceiro e último capítulo, trataremos dos aspectos sociais, políticos e religiosos relevantes para a compreensão de muitas passagens neotestamentárias.

A conclusão traz um breve resumo dos resultados obtidos nos capítulos anteriores e termina com uma reflexão das implicações teológicas de tais resultados.

CAPÍTULO I

AS ORIGENS DOS SAMARITANOS

Se analisarmos dentro da Bíblia as divisões das tribos de Israel, verificaremos que elas foram unificadas em cerca de 1000 a.C pelo rei Saul. Depois da morte de Salomão, em cerca de 930 a.C., dez tribos do norte separaram-se e formaram o reino de Israel, também conhecido como reino da Samaria, devido ao nome da cidade que se tornou a sua capital no século IX a.C. Este reino tornou-se vizinho e por vezes rival do reino do Sul, o reino de Judá.

Era uma época de grandes mudanças e conquistas para ambos os povos, tanto para os do Norte como para os do sul: mudanças geográficas, políticas, sociais e na vida religiosa de todos eles. O reino do Norte foi conquistado em 722 a.C por Sargão II, (Ventura, Dicionario Bíblico Ilustrado 1990, p. 1059). A conquista inclui Samaria e outras importantes cidades, muitos foram levados cativos, e como em muitas guerras e conquistas do passado um grupo ficou para trás.

Asor-Hadã continuou a política de seu avô Sargão II, (cf. Ed 4:2), e o grande e glorioso Asenafar, que talvez seja Assurbanipal, completou a obra de seus antecessores, acrescentando à população existente mais gente vinda de Elã e de outros lugares, (9, 10).

Ventura, (1990, p. 1059); Gower, (2002, p. 251) também afirmam ter Sargão II “exilado e deportado mais de 27.280 israelitas quando se apoderou daquela região”, mas ele também deixou ali alguns judeus, que mais tarde perderam sua identidade, porque foram introduzidos ali colonos e diversas pessoas de “Hamat, Babilônia e Arábia”, (cf. 2 Rs 17: 24) (Id.).

Alguns comentaristas falam que a política de implantação de colonos era comum em épocas de conquistas, e por conseguinte foi também feita na Samaria, como o indica o II Livro de Reis.

1.1. Descendência

Eles se intitulavam *Shamerim* o que significa "os observantes" (da Lei). Os samaritanos acreditavam e afirmavam serem descendentes do povo antigo de Israel, em particular das tribos de Efraim e Manassés, tribos procedentes da tribo de José, e também que seus sacerdotes levitas procediam de Arão. Abü-I-Fath, historiador samaritano, que viveu em meados do século XIV d.C., mostrou em suas pesquisas que os sacerdotes samaritanos tiveram sua linhagem no "sacerdócio sadoquita jerosolimitano, neto de Elyasib, que casou com a filha de Sanballat, que parece ser o fundador da dinastia sacerdotal samaritana". Enciclopédia de la Bíblia (1963, p. 434).

1.2. Miscigenação

Nos tempos antigos e bíblicos o verdadeiro domínio de um país, estava nas mãos de um número de famílias relativamente pequeno. Mas os reis assírios tinham um método diferente de governar. Este consistia em extirpar essas pessoas, conforme (2Rs 24:14; 25:12) substituindo-as por elementos semelhantes, provenientes de outras áreas conquistadas, deixando apenas os pobres na terra, aqueles que não teriam um jeito de reagir ou preparar uma revolta, por não terem um meio financeiro para isso. A formação de uma sociedade composta de elementos de tão diferentes origens (17.24) permitia-lhes confiar numa ausência de chefia e de política comum. Esta era a sua defesa perante um povo do qual estavam separados pela língua e pela religião.

Champlin também demonstra concordar com outros eruditos bíblicos. Segundo ele "Esses hebreus que ficaram pra trás misturaram-se com os povos que os Assírios enviaram para ocupar as terras". (2001, vol. 7, p. 5228) E com isso naturalmente entendemos que a população se misturou, e a esse povo misto deu-se o nome de "samaritanos". Outros judeus não reconheciam esses samaritanos, pois eles vinham de origens pagãs. Algumas passagens do Antigo Testamento demonstram isso, na época do rei Ezequias (cf. II Cr. 30:11), rei Josias (II Cr. 34:9) e do profeta Jeremias (Jer. 41:5). "E essa acusação de um povo para com o outro se intensificou com o passar dos séculos". (Brown, Fitzmyer e Murphy, 2007, p. 388).

Muitos adoravam imagens e participavam de cultos pagãos. Eles introduziram seus próprios cultos idólatras na Samaria. Há uma passagem no Antigo Testamento que explicitamente declara que os samaritanos ergueram lugares altos (II Reis 17:29). Somente mais tarde o rei Josias destruiu todos os ídolos e lugares altos, inclusive os ídolos dos samaritanos (cf. 2 Cr. 34:3-7), muito tempo depois havia alguns samaritanos que iam a Jerusalém para assistir o culto no Templo (Jer. 41:5). Quando Zorobabel fez uma expedição de israelitas de volta da Babilônia para Jerusalém, os samaritanos pediram permissão para participar a restauração do Templo. Eles afirmavam adorar a Deus desde a época de Esar-Hadón (681-669 a.C) (Ed. 4:1, 2). Mas a oferta dos samaritanos para auxiliar a reconstrução do templo foi rejeitada. Eles não mais tentaram conciliações com os judeus por este motivo. Antes, pelo contrário, empenharam-se em atrapalhar a conclusão da obra, (Ed 4:1-10), e mais tarde procuravam impedir o levantamento dos muros por Neemias, (Ne 4:1-23).

CAPÍTULO II

AS CRENÇAS DOS SAMARITANOS

Podemos passar bom tempo de nossas vidas pesquisando diversas religiões e povos na Bíblia, tanto no Antigo e Novo Testamento. Muito desses povos dificilmente nós teremos conhecimento completo quanto à sua cultura, religião e filosofia de vida. Talvez a arqueologia com o passar dos tempos nos ajude trazendo novidade. Entre esses povos encontra-se os samaritanos. Podemos observar nos textos bíblicos que a religião e doutrina dos samaritanos são pouco conhecidas; uma das poucas coisas que sabemos é que tinham como base o “Pentateuco”, (Fohrer e Sellin, 2007, p. 716).

Em um tempo que a religião e a política não estavam separadas, o controle da religião era um aspecto importante do poder. Assim, cada reino fixou seu próprio lugar de culto. O do reino de Judá foi instalado em Jerusalém, enquanto que os do reino de Israel situavam-se em diversos pontos, encontrando-se os mais importantes nas extremidades norte e sul do reino, em Betel e Dã.

2.1. Credo samaritano

Suas doutrinas são pouco conhecidas, mas segundo Enciclopédia de la Bíblia (1963, p. 434); (Gower, 2002, p. 253) os samaritanos tinham um credo e cinco princípios que eram à base de sua fé: (1) Crença em um único Deus, (Dt. 6:4), (2) crença em um único profeta, Moisés, que voltará um dia como *Taheb*; (3) crença no Pentateuco, na Bíblia samaritana completa; (4) crença no Monte Gerizim, Betel e (5) crença no Dia da Vingança. Acreditavam em um Messias, “*Taheb*”, e também observavam o sábado e a circuncisão.

Outro detalhe interessante em relação à religião dos samaritanos era uma combinação da religião hebraica apostatada e do paganismo. Mas mesmo assim eles tinham a lei de Moisés, a “Toráh” como apoio em tudo para suas vidas, e com isso se achavam mais religiosos que os judeus, mas ensinavam de uma forma que não era correta, por isso Jesus afirmou que adoravam em vão (Mc 7:7).

2.2. Taheb

Os samaritanos aguardavam o aparecimento do Messias. Eles chamavam este Messias de *Taheb*, (cf. Dt. 18:15-19), que significa “restaurador” ou “algumas vezes Messias” (Gower, 2002, p. 253), mas não admitiam um Messias vindo da linhagem de Davi. “Segundo a sua crença, esse Messias seria alguém que tinha como missão restaurar a terra, e a religião em Israel. Ele converteria os povos com a sua religião, especialmente o povo judeu, e eles abraçariam a religião dos samaritanos, religião que novamente seria semelhante à de Moisés. Ele viveria cento e dez ou cento e vinte anos e fundaria um reino que duraria vários séculos”. Enciclopédia de la Bíblia (1963, p. 442).

2.3. Monte Gerizim

Não temos muitas informações em relação a esse assunto no Antigo Testamento, mas os samaritanos do norte que estavam envolvidos com o culto a YHWH, *hwby*, não eram muito diferentes dos seus compatriotas do sul. “Os samaritanos acreditavam que Josué havia construído um santuário no monte Gerizim, que foi o primeiro local centralizado para o louvor de Israel, vários séculos antes da construção do templo”. (Champlin, 2001, vol. 7, p. 5229).

“Nossos pais adoraram neste monte, vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar” (João 4:20). A afirmação da mulher samaritana é apoiada em (Juizes 9:7; Dt. 12:5; I Reis 9:3; II Cr. 7:12). (Id.).

Os sacerdotes que subiram de Jerusalém junto com a tribo de Manassés foram os inspiradores do templo de Gerizim, que se construiu nos tempos dos selêucidas. “O templo foi destruído por João Hircano em 129/128 a.C.”. Enciclopédia de la Bíblia (1963, p. 442). (Brown, 1983, p. 342).

Este monte era o lugar de adoração dos samaritanos. Eles faziam três grandes peregrinações a este lugar. A primeira era em “Hag há-Massot; a segunda em Hag há-Sebuot e a terceira em Hag há-Sukkot”. Enciclopédia de la Bíblia (1963, p. 434). Sempre faziam essa peregrinação em dois grupos. O primeiro era o de sacerdotes, portadores do rolo sagrado, e o segundo era o de pessoas em geral. “Essa peregrinação consistia em visitar aos supostos lugares sagrados dos patriarcas que por excelência cercam a superfície plana do monte Gerizim”. (Id.).

2.4. O Pentateuco

Fohrer e Sellin bem entendem que o Pentateuco samaritano não era uma nova versão, mas segundo eles uma “recensão” (Introdução ao Antigo Testamento, 2007, p. 716) do Antigo Testamento Hebraico, tanto na língua como na escrita, isso na época em que os samaritanos se separaram de Jerusalém. “Com exceção do Pentateuco, os samaritanos rejeitaram todas as escrituras sagradas, porque nelas encontravam a glorificação de Jerusalém e da linguagem davídica e até a esperança de um Messias pertencente à casa de Davi, antes da Tribo de José”. (Fohrer, História da Religião de Israel, 2006, p. 478); (Archer, 2003, p. 186).

Fohrer e Sellin afirmam que “o Pentateuco samaritano constitui o testemunho de uma forma textual anterior ao texto massorético e provém do século IV a.C.” (2007, p. 716). Robert Seltzer também concorda com esses autores, que o Pentateuco provém “algum tempo depois de Esdras, talvez em fins do século IV a.C.”, (1990, p. 116). Ele também afirma que o povo vizinho dos israelitas era conhecido como samaritanos vindos da Samaria tendo como base de sua fé o Pentateuco, “e aceitaram o Pentateuco como seu livro sagrado”, (Seltzer, 1990, p. 116). Este autor também comenta que os samaritanos afirmavam que o único lugar que YHWH, $\text{hw}^{\text{h}}\text{y}$, podia ser cultuado era o Monte Gerizim, perto de Siquém, não no Templo de Jerusalém. “Os Samaritanos foram os primeiros judaizantes que formaram parte do judaísmo, uma religião separada, baseada nas escrituras judaicas”. (Id.).

2.5. A Separação

Como em várias comunidades os samaritanos também resolveram romper seus laços com os judeus, “isso por volta do século IV a.C.”. (Fohrer, História da Religião de Israel, 2006, p. 477). Os adoradores de YHWH, $\text{hw}^{\text{h}}\text{y}$, da província da Samaria, por fim resolveram romper os seus relacionamentos com Jerusalém e iniciaram uma própria comunidade samaritana com o templo no monte Gerizim. “Esta separação aconteceu por volta do ano 350 a.C.” (Id.).

As razões por eles se separarem e por uma religião mais sincretista não foi por qualquer motivo. “Eles eram complacentes em questões de casamento misto e admissão ao culto, visto que não participavam das tendências exclusivistas da

comunidade de Jerusalém”. (Id.). Fohrer demonstra aqui que eles eram mais conservadores por basear sua fé apenas no Pentateuco.

Outra razão pela separação também foi a velha oposição entre o Norte e o Sul, que já havia levado à “divisão dos estados, estados davídico e salomônico”. (Id.). Portanto a verdadeira causa de separação não foi o cisma em torno da Lei ou do Templo de Jerusalém, mas a oposição a reivindicação do Sul de exercer liderança política e religiosa e a Davi como um herói nacional ou religioso.

Fohrer mostra que foram “os judeus eleitos por Deus para ser a nação escolhida da terra”, (2006, p. 478). Entendemos que foi por isso também que Jesus disse e declarou a superioridade da religião judaica, (cf. João 4:22). Entendemos aqui que os samaritanos não tinham a religião verdadeira, e não podemos esquecer que o próprio Messias era judeu, e saiu da religião “pura” judaica (Rom 9:4-5).

2.6. A reconstrução do templo

Nabucodonozor fez sua investida contra Jerusalém pela terceira vez em 586 a.C., o reino de Judá cai perante o inimigo, e uma grande parte é deportada para a Babilônia. Mais tarde, após a libertação dos exilados por Ciro II em 537 a.C., estes decidem reconstruir o templo de Jerusalém. Os Samaritanos oferecem então a sua ajuda, mas esta é rejeitada, tal como descreve o livro de Esdras 4: 3. “Os moradores de Samaria constituíram a principal força de oposição, a hostilidade que ali se viu continuou a existir até a época do Novo Testamento”. (Harris, Archer e Waltke, 1998, p. 2417) “Outros samaritanos ficaram alarmados com a idéia de Jerusalém estar sendo reconstruída, pois a cidade sempre foi rival de Samaria”. (Gower, 2002, p. 252)

Com referência no Livro de Esdras, entendemos que a ruptura religiosa entre Judeus e Samaritanos teria ocorrido depois de 500 a.C. Porém alguns estudiosos consideram que a ruptura ocorreu após o retorno de Neemias em 445 a.C. (Id.). O começo da história samaritana é propriamente da época helenística, com a construção de um templo rival ao de Jerusalém, no Monte Garizim, em Siquém.

CAPÍTULO III

OS SAMARITANOS NO NOVO TESTAMENTO

Na época do Novo Testamento os samaritanos consideravam-se os legítimos descendentes de Efraim, mas na verdade eram considerados pelos rabis uma seita judaica herética. Muitas das alterações existentes no Pentateuco samaritano, comparadas com o hebraico oficial, apóiam a hipótese de que esse Pentateuco fosse uma versão feita propositadamente para eles pelo sacerdote que retornou à sua terra para lhes ensinar a religião de Jeová.

3.1. Monte Gerizim no Novo Testamento

Considerando os judeus que os samaritanos eram mestiços raciais e religiosos, violentos preconceitos raciais tiveram de ser vencidos antes da igreja poder se tornar realmente universal. Os samaritanos acreditavam no que pregavam e viviam uma fé muito forte, eles construíram um templo rival sobre o Monte Gerizim, acreditando ser este um lugar abençoado e não Jerusalém (cf. Jo. 4:20).

Os samaritanos não tinham sangue puro de hebreus, nem faziam parte da religião judaica. Flavio Josefo, historiador judeu do I século diz que, “no tempo em que os judeus prosperavam os samaritanos pretenderam possuir alianças de sangue com eles, por meio de casamentos com os demais judeus, mas os judeus repudiaram tais alianças, pois alegavam ser eles desentendes dos assírios”. (Enciclopédia de la Bíblia, 1963, p. 442). Josefo (Ant. 12, 258-262) também indica “possibilidades de solidariedade entre os dois grupos”. (Brown, 2000, p. 2234).

Quando Alexandre o Grande passou em sua marcha pelo Egito todas as cidades das palestina já haviam se entregado, exceto Tiro e Gaza. A ocupação dessas terras foi confiada ao “general Parmênio”, (Gunneweg, 2005, p. 246). Este general fundou ali uma colônia Macedônia. Gunneweg menciona que foi nesta época que os samaritanos tiveram sua independência quando surgiu a construção do novo templo no Monte Gerizim. Segundo este autor a construção e a existência deste templo são “comprovadas para o ano de 170 (2Mc 6:2)”. (id.).

Enciclopédia de la Bíblia (1963, p. 442), mostra que houve uma grande “perseguição promovida por Antíoco Epifânio”, contra os samaritanos, eles declararam não pertencer à mesma raça que os judeus, e faziam de tudo para agradar ao tirano, “mostrando desejos de que o seu templo do monte Gerizim fosse dedicado a Júpiter, conf. (2Mc 6:2)” (id.) defensor dos estrangeiros. “Pelo ano 129/128 a.C. João Hircano tomou Siquém e o monte Gerizim, e destruiu o templo samaritano”, (Enciclopédia de la Bíblia, 1963, p. 442). (Colin Brown, 1983, p. 342) (Chouraqui, 1997, p. 91).

Porém os antigos adoradores continuaram a oferecer culto no monte onde existiu o edifício sagrado, prevalecia ainda este costume no tempo de Jesus, (Jo 4: 20, 21). Neste tempo, as suas doutrinas não diferiam muito na sua essência, das doutrinas dos Judeus e especialmente da seita dos saduceus. Partilhavam da crença na vinda do Messias, (Jo 4.25), mas somente aceitavam os cinco livros de Moisés conforme foi mencionado no capítulo anterior.

“Por volta de 36 d.C., Pôncio Pilatos massacrou muitos samaritanos sobre o monte Gerizim”. (Gower, 2002, p. 254). O historiador Flavio Josefo menciona um grave incidente entre judeus da Galiléia e os samaritanos, que se voltaram contra os Romanos, onde foram mortos cerca de onze mil e seiscentos samaritanos sobre o monte Gerizim em 15 de julho de 67 d.C.” (Enciclopédia de la Bíblia, 1963, p. 442).

3.2. O Messias e os samaritanos

Michaels (1994, p. 84) afirma a idéia de que ao olharmos para aquela época, podemos entender que os samaritanos não tinham muita vantagem sobre os judeus, assim como os judeus também não tinham muita vantagem sobre os samaritanos. “A única vantagem dos judeus sobre os samaritanos é que a salvação viria dos judeus” (Id.), justamente pelo Messias ser um judeu de uma das doze tribos. “Baseados nos escritos de Moisés e dos Profetas os judeus receberam a revelação de qual povo sairia o Messias”. Bruce, (1988, p. 104). Porém os judeus estavam à espera do Messias, mas essa espera destacava-se mais entre os samaritanos, que esperavam por um Messias resgatador, com rivalidades e intrigas.

Já alguns autores bíblicos como Bruce, (1988, p. 104); Champlin, (2002, v. 2, p. 327); Davidson, (1995, p. 1070); Hull, (1987, v 9, p. 298); Henry, (1987, 98); Almeida, (1999, p. 1649); Dodd, (2003, p. 410), afirmam que Jesus não se pronuncia acerca

da rivalidade de judeus e samaritanos, não ficando de lado nenhum, sempre neutro, mas mesmo assim eles defendem a idéia de que Jesus jamais aprovara o ódio de um pelo outro. Jesus esforçou-se para salientar o lado bom dos samaritanos, (Lc. 17: 16). “Mas declara que o culto dos judeus é mais inteligente e consistente do que o dos samaritanos”. Mostrou também que honrava os profetas judeus. Outro fator que chama a atenção é que “o libertador prometido a todo Israel, tanto para judeus como samaritanos viria da tribo de Judá” (Bruce, 1988, p. 104). Isso também constava na Bíblia dos samaritanos, mas mesmo assim viria a salvação dos descendentes de Judá (Gn 49:10).

Ellen White declara e concorda com esses autores que citamos acima. Ela diz que Jesus estava isento a preconceitos contra os samaritanos, e agora queria fazer o mesmo com a samaritana que encontrou junto ao poço de Jacó, mostrando a ela que os judeus não eram como pareciam. Mas mesmo assim Jesus ficou do lado dos judeus, defendendo seu lado judaico, não somente porque era também um judeu, mas porque o povo judeu merecia respeito, pois foi a este povo outorgada a benção e o privilegio de ensinar e levar a lei. “Declarou que as grandes verdades da redenção haviam sido confiadas aos judeus, e que dentre eles devia aparecer o Messias”. (White, 2003, p. 189).

Os judeus não se davam com os samaritanos. Segundo o comentarista Davidson (1995. p. 1070) isso ocorreu na época dá volta do exílio babilônio, conforme analisamos no capítulo um, quando os samaritanos construíram um templo rival no monte Gerizim, também porque os samaritanos “reivindicavam sua descendência das dez tribos e a posse duma pura religião, derivada da lei de Moisés” (Id.).

Houve disputas entre samaritanos e judeus, principalmente no que se diz respeito à religião, mas mesmo assim Jesus sabia que apesar de tudo os samaritanos tinham uma adoração a algo que nem eles mesmos sabiam, enquanto o seu próprio povo, os judeus, tinha uma adoração tendo uma revelação singular de Deus (Almeida, 1993, p. 1649) (Dodd, 2003, p. 410).

Jesus declara no texto bíblico de João que os judeus conheciam a Deus, ao contrario dos samaritanos que não conheciam bem a Deus, pois confiavam somente nos escritos de Moisés. Em suas considerações, Champlin afirma que aos judeus

foram confiadas as escrituras da Lei de Moisés, e são eles os guardiões da lei e oráculos de Deus. (Champlin, 2002, v. 2, p. 327).

O comentário aqui é claro também em dizer que Deus escolheu os judeus e a nação israelita para o propósito da redenção. Com isso Jesus mostrou à mulher samaritana que queria acabar com o preconceito dos samaritanos pelos judeus e mostrar que a salvação viria de um judeu e que deveria haver a verdadeira adoração. (Almeida, 1993, p. 1649).

3.3. O Evangelho aos samaritanos

Nos evangelhos cada evangelista trata os samaritanos de forma diferente, mas deixam claro sobre o preconceito e a hostilidade em certo sentido a eles. Mateus é meio hostil, (cf. Mt. 10:5). Marcos os ignora. Lucas já não menciona muito. João é mais conciliador e os aceita de forma agradável e Jesus os trata bem e sem preconceito e fala com suavidade. Temos exemplos nos encontros dEle com a mulher Samaritana, (cf. Jo 4:1-42), pois mesmo sabendo que samaritanos e judeus não se aceitavam ele foi pregar a mensagem a esta mulher, (cf. João 4:9). Temos também a história de Jesus e os dez leprosos, (Lc 17:11-19). Jesus não viu porque não ajudar aqueles homens, dez homens, “provavelmente nove eram judeus e somente um era samaritano” (Champlin, Vol 2, 2001, p. 168), e o único que voltou segundo a narrativa bíblica foi o samaritano, (Lc. 17; 16), “e ele era mesmo samaritano”, (Morris, 1988, p. 243). Mesmo ele sendo samaritano, seguidor de uma religião herética Jesus o aceitou. Jesus aqui foje aos preconceitos, mas vemos o reconhecimento desse “ex-leproso que era um samaritano” (Id.), estrangeiro e não um cidadão de Israel, voltou até Jesus para agradecer.

Agora Felipe pregou o evangelho a eles, seguindo a ordem de Jesus, de pregar em varios lugares, inclusive na Samaria, (cf. At 1:8). O motivo principal que levou os samaritanos a receber tão alegremente o evangelho pregado por Filipe, foram os milagres por ele operados, (At 8.5, 6), muitos samaritanos se tornaram cristãos (cf. At. 8:25) Outro motivo, sem dúvida concorreu para o mesmo resultado, é que, ao contrário das doutrinas dos judeus, o cristianismo seguia os ensinamentos e os exemplos de seu Fundador, admitindo os samaritanos aos mesmos privilégios que gozavam os judeus convertidos ao Evangelho. O cristianismo pregava uma nova mensagem, mensagem de bondade e amor de um para com o outro, sem existir distinção entre pessoas ou credos. (Lc 10:29-37; 17:16-18; Jo 4:1-42).

CONCLUSÃO

Depois de concluído este trabalho, chegamos a importantes respostas para melhor compreensão sobre os samaritanos.

Primeiramente pudemos analisar vários pontos, qual a época e lugar de onde se originaram, que os samaritanos viviam em um religião sem consistência, adoravam de uma forma errada, o próprio Jesus pode explicar melhor isso a eles através do seu encontro. Também descobrimos que a relação com os samaritanos aconteceu bem no início do ministério de Cristo.

Depois no segundo capítulo para entender melhor o assunto tratado pesquisamos um pouco na história geral, onde descobrimos vários pontos sobre essa separação. Compreendemos um pouco mais sobre sua religião, suas crenças e seu estilo de adoração. Porque houve a separação entre eles e o povo judeu. Também analisamos a questão sobre a reconstrução do Templo, e o quanto achavam importante apoiar a obra.

Por fim concluímos no último capítulo sobre como foi a vida dos samaritanos no novo testamento, o lugar de adoração, a espera de um Messias e como Jesus aparece neste pano de fundo para também mostrar que a salvação é para todos. Esta nova religião pregava uma mensagem de amor e sem preconceito, mensagem de paz, humildade, amor ao próximo, sem existir diferenças entre povos, independente de quem fosse, todo tipo de pessoa, inclusive os samaritanos.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de estudo vida**. Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Editora Vida. 1999

ARCHER, Gleason L. JR. **Merece confiança o antigo testamento?** São Paulo: Edições Vida Nova. 2003.

BRUCE, F.F. **João introdução e comentário**. São Paulo: Serie Cultura Bíblica. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão. 1988.

BROWN, Colin e Lothar Coenen. **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova. 1983.

BROWN, Colin e Lothar Coenen. **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova. 2000.

BROWN, Raymond E., FITZMYER, Joseph A., MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico são jerônimo - antigo testamento**. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda. 2007.

CHAMPLIN, Russell N. (Ed.). **O Antigo testamento interpretado – versículo por versículo - Dicionário M-Z**. vol. 7. São Paulo: Hagnos editora, 2001

CHAMPLIN, Russell N. (Ed.). **O Novo testamento interpretado – versículo por versículo - Lucas e João**. vol. 2. São Paulo: Hagnos editora, 2001

CHAMPLIN, Russell N. (Ed.). **O novo testamento interpretado – versículo por versículo**. vol. 2. São Paulo: Hagnos editora, 2002.

CHOURAQUI, André. **A bíblia lohanân, o evangelho segundo João**, Rio de Janeiro/RJ: Imago Editora Ltda. 1997

DAVIDSON, F. **O novo comentário da bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

Enciclopédia de la Bíblia. Vol. 6, Q-Z. Barcelona/Espanha: Ediciones Garriga, S.A. 1963.

FOHRER, G. e SELLIN, E. **Introdução ao antigo testamento**. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda. 2007.

FOHRER, G. **História da religião de israel**. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda. 2006.

GOWER, Ralph. **Usos e costumes dos tempos bíblicos**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2002.

GUNNEWEG, Antonius H.J. **Historia de israel**. São Paulo: Teológica. 2005

HARRIS, R. Laird, Gleason L. Archer, Jr. e Bruce K. Waltke. **Dicionário internacional de teologia do antigo testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.

HENRY, Matthew. **Comentário exegético devocional a toda la Bíblia–Juan**. Terrassa, Barcelona: Libros CLIE, 1987.

HULL, William E. **Comentário bíblico broadman, novo testamento**. V. 10. Rio de Janeiro/RJ: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

MICHAELS, J. Ramsey. **João novo comentário bíblico contemporâneo**. São Paulo: Editora Vida Nova. 1994.

MORRIS, Leon L. **O Evangelho de Lucas, Introdução e comentário**. São Paulo: Serie Cultura Bíblica, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão. 1988.

SELTZER, Robert M. **Povo judeu, pensamento judaico I**. Rio de Janeiro: A. Koogan Editor. 1990.

VENTURA, Samuel Vila. **Nuevo diccionario bíblico ilustrado**. Barcelona/Espanha: Libros CLIE, 1985.

WHITE, Ellen G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

MULTIMÍDIA

Sociedade Bíblica do Brasil. **Bíblia online 3.0 – módulo avançado** – Barueri/SP: 2003

Trabalho de Conclusão de Curso

PÓS-MODERNIDADE E A MODIFICAÇÃO DO PERFIL DO JOVEM ADVENTISTA

Alexandre Modesto de Araujo

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2008

Orientador: Valdecir S. Lima, esp.

Resumo: Apresenta-se um estudo do pós-modernismo de forma contextualizada, em virtude a grande gama de jovens que temos em nossas igrejas. Presta-se também um estudo da apreensão por parte dos líderes da IASD em relação ao perfil do jovem adventista mediante os fenômenos da pós-modernidade a começar pelo pastor Miroslav Pujic do CSPS (*Centro para Estudos Seculares e Pós-modernos da Igreja Adventista do 7º Dia Mundial*), que tem apresentado estudos de como melhor atingir a essas pessoas, visando mais aos jovens que são a maioria. Estuda-se também, o início do Movimento dos Missionários Voluntários em detrimento ao significado do pós-modernismo, que vem apresentado de pluralismo religioso nas tentativas de modernizar o evangelho [Jesus], visando os desafios atuais como metas de conquistas. Tendo como proposta conclusiva uma resposta a esse fenômeno, por parte de nossa denominação.

Palavras-chave: jovem adventista, espiritualidade, pós-modernismo.

Postmodernism and Changes in the Adventist Youth Profile

Abstract: This study presents a contextualized approach to Postmodernism, in view of the large spectrum of Youth people that is part of our churches today. It deals with the



feeling of apprehension by SDA leaders concerning the profile of Adventist young people and the phenomenon of Postmodernism. It starts with Pastor Miroslav Pujic, the director of CSPPS (Centre for Secular and Postmodern Studies of General Conference of the Seventh-day Adventists), who has developed several studies on how to reach-out more efficiently the pos-modern mind, focusing on young people, a slice that represents the majority. This investigation also studies the beginning of the Volunteers Missionary Movement, which is so different in kind from Postmodernism, and its pluralistic religious effort in order to modernize the Gospel [Jesus]. At the end, the present study tries to outline a possible answer this phenomenon by our denomination.

Keywords: Adventist Youth; Spirituality; Postmodernism.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA

PÓS-MODERNIDADE E A MODIFICAÇÃO DO PERFIL DO
JOVEM ADVENTISTA

Alexandre Modesto de Araujo – 4º A
Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Obtenção do
Título de Bacharel em Teologia. Sob
orientação do Prof.º Valdecir S. Lima.

Engenheiro Coelho – S.P.

2008

SUMÁRIO

Comissão de Aprovação	ii
Abreviaturas	iii
INTRODUÇÃO	4
Definição do problema	5
Escopo e Delimitação do Estudo	5
Metodologia	5
Divisão do Trabalho	6
I. HISTÓRIA DO MOVIMENTO JA	6
1.1. A Organização.....	6
1.2. A Sociedade dos Missionários Voluntários	7
1.3. Gráfico I.....	8
1.4. Gráfico II.....	8
II. REUNIÕES JOVENS NA PÓS-MODERNIDADE	9
2.1. A identidade da Igreja Adventista	9
2.2. Pós-modernismo, um desafio à pregação do evangelho	10
III. O QUE É PÓS-MODERNISMO?	11
3.1. O uso do termo	12
3.2. As diferentes faces.....	12
IV. O REAL DA SOCIEDADE	13
5.1. Globalização, sinônimo de pós-modernidade	13
5.2. Uma igreja preparada.....	14
V. O PÓS-MODERNISMO E A RELIGIÃO	15
5.1. Tentativas de modernizar Jesus.....	15
VI. OS JOVENS SÃO A MAIORIA	16
6.1. Evangélicos no pós-modernismo.....	16
6.2. O jovem não é o futuro, mas o presente	17

VII. PLURALISMO RELIGIOSO	17
7.1. Tendências pós-modernas	17
VIII. DESAFIOS ATUAIS	18
8.1. Compreendendo os desafios	19
IX. RESPOSTA AO PÓS-MODERNISMO	19
9.1. Evangelização Pós-Moderna	20
CONCLUSÃO	21
BIBLIOGRAFIA	24

TÍTULO: Pós-modernidade e a modificação do perfil do jovem adventista.

RESUMO: Apresenta-se um estudo do pós-modernismo de forma contextualizada, em virtude a grande gama de jovens que temos em nossas igrejas. Presta-se também um estudo da apreensão por parte dos líderes da IASD em relação ao perfil do jovem adventista mediante os fenômenos da pós-modernidade a começar pelo pastor Miroslav Pujicalar do CSPS (*Centro para Estudos Seculares e Pós-modernos da Igreja Adventista do 7º Dia Mundial*), que tem apresentado estudos de como melhor atingir a essas pessoas, visando mais aos jovens que são a maioria. Estuda-se também, o início do Movimento dos Missionários Voluntários em detrimento ao significado do pós-modernismo, que vem apresentado de pluralismo religioso nas tentativas de modernizar o evangelho [Jesus], visando os desafios atuais como metas de conquistas. Tendo como proposta conclusiva uma resposta a esse fenômeno, por parte de nossa denominação.

PALAVRAS-CHAVE: jovem adventista, espiritualidade, pós-modernismo.

TITLE: Pos-modernism and the modification of young adventist's profile.

KEYWORDS: young Adventist, spirituality, pos-modernism.

ABSTRACT: He comes a study of the pos-modernism of form context, in virtue the great range of youths that we have at our churches. It is also rendered a study of the apprehension on the part of the leaders of IASD in relation to the youth Adventist's profile by the phenomena of the pos-modernism to begin for the shepherd Miroslav Pujicalar of CSPS (I Center for Secular and Pos-modernism Studies of the Church Adventist of the Seventh World Day), that it has been presenting studies of as best reaches her/it those people, seeking the youths more than they are most. It is also studied, the beginning of the Movement of the Voluntary Missionaries in detriment to the meaning of the pos-modernism, that comes presented of religious pluralism in the attempts of modernizing the Gospel [Jesus], seeking the current challenges as goals of conquests. Tends as conclusive proposal an answer to that phenomenon, on the part of our denomination.

INTRODUÇÃO

No ano passado (2007) o Ministério Jovem completou 100 anos (1907 – 2007) em clima de reflexão sobre os desafios e perspectivas para o século XXI, afirma a Revista Adventista – Maio 2007.¹ Devido a inúmeros questionamentos e conseqüente desinteresse quando ao culto jovem, alguns estudiosos do ministério jovem têm notado graduais mudanças no estilo de programação.

Atendendo a uma preocupação da DSA, no primeiro semestre de 2008, a UCB enviou uma pesquisa a cada igreja do campo para avaliar o conteúdo, estilo e propósito das programações jovens de nossas igrejas. Uma das questões levantadas pela pesquisa foi à seguinte: Se você fosse comparar o programa JA com algum programa de televisão, qual seria? No decorrer do questionário, apareciam diversas questões que mesclavam o culto jovem com o mundo secularizado.

A história do culto jovem JA está intimamente ligada ao desenvolvimento das reuniões periódicas realizadas semanalmente – criadas com o lema “salvação e serviço”, essas reuniões têm como objetivo incluir o jovem no trabalho de evangelismo, fortalecendo

¹ NOVAES, Allan., Revista Adventista – Maio de 2007, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007. P.8-12.

suas convicções cristãs. Virtudes estas que se encontram visivelmente no contexto adventista.

Tendo em vista essa enorme gama de atividades desempenhadas pelos jovens adventistas, encontra-se agora o repto entre os valores cristãos e a pós-modernidade. Segundo o Dr. Alberto Ronald Timm, Ph. D. “todo movimento centenário passa por uma crise de identidade!” Sobre a reflexão dessa afirmação e a baixa frequência às programações de entretenimento com abordagem bíblico-teológica, pode-se notar que os que vivem neste mundo “toda alma está sujeita às potestades superiores...” Rom. 13:1 – e a maioria dos cristãos não acabam por perceber que os jovens de nossa igreja estão passando por lutas.

Muitos cristãos ainda estão preocupados em combater o modernismo, despercebidos da mudança que houve nos assuntos a debater. Se quisermos ministrar com eficácia neste mundo pós-moderno e evitar as tentações, precisamos entender o espírito desta época. (cf. Rodrigo Follis).²

Este trabalho têm a intenção de apresentar uma breve história do movimento adventista e o surgimento do Ministério Jovem, suas contribuições para a organização e seus desafios atuais. Analisar as influências do movimento pós-modernista no perfil da vida do jovem adventista.

Definição do Problema

Como a atual crise pós-moderna afeta a relação do jovem adventista quanto à religiosidade? Como relacionar preferências pós-modernas à pregação adventista tradicional, levando os jovens a um encontro pessoal e racional com Cristo?³

Escopo e Delimitação do Estudo

O presente estudo delimita-se em contextualizar a sociedade pós-moderna e o perfil dos jovens adventistas em meio aos atuais fenômenos de transição. Atenta-se também em informar a apreensão da liderança de nossa organização quanto aos fenômenos sócio-culturais.

Metodologia

Quanto à análise dos objetivos pretendidos considera-se a intensa atenção que se tem dado a esse estudo em outros países, tal como apresenta o pastor Miroslav Pujicalar.⁴ Tomando como ponto de partida para o que se segue em estudo, desde sua fundação, a contextualização do pós-modernismo e a contribuição junto ao perfil do jovem adventista.

² FOLLIS, Rodrigo S., *Filosofias Pós-Modernas*. Disponível em: <<http://rodrigofollis.blogspot.com/htm>> Acessado em 06 de Julho 2008.

³ MUGANDA, Baraka., *Revista Ministério*, mar/abr 2008. Os jovens têm verdadeira paixão pela missão, não querem ser apenas espectadores; e nós, como líderes, precisamos encontrar o caminho certo para envolvê-los.

⁴ Os estudos do GSPS apontaram que 94% dos europeus pertencem ao grupo de pessoas secularizadas e pós-modernas.

Divisão do Trabalho

O trabalho foi dividido em quatro partes e uma conclusão parcial: 1. O jovem e a IASD: A importância dos jovens na obra adventista; 2. Pós-modernismo e o Cristianismo; 3. Pregação Pós-Moderna; 4. Contextualizando a Mensagem Cristã.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO JA

Os líderes, de nossa denominação, têm compreendido sempre que o serviço ativo da energia juvenil é necessário para seu êxito. Deus confia na juventude para que ajude a levar a bandeira da verdade a todas as partes da terra. A igreja necessita da juventude e a juventude necessita da igreja.

“Não se organizarão como obreiros os jovens que realmente amam a Jesus, não somente em benefício dos que professam ser observadores do sábado, mas também dos que não pertencem a nossa fé?” – *Signs of the Times*, 29 de Maio 1893.⁵

1.1. A Organização

As Escolas Sabatinas oferecem excelente laço entre a igreja e as crianças de todas as idades. Durante a década de 1870 a 1880, desenvolveu-se a obra de educação e com o tempo ela abrangeu todos os graus.

Era preciso uma organização que promovesse os interesses e atividades dos jovens não oferecidos pelas escolas sabatinas. Em 1879, dois rapazes de Hazelton, Michigan, deram início ao movimento jovem. Um deles foi Harry Fenner, de dezessete anos, e o outro Lutero Warren, de catorze, que mais tarde chegou a ser evangelista. Estavam preocupados com as necessidades dos jovens de sua igreja, e ocorreu-lhes organizar uma sociedade para os rapazes. Caminhavam certo dia por uma vereda do campo, falando seriamente acerca de seus jovens amigos. Antes de se separarem, retiraram-se para um lugar afastado e oraram juntos sobre seus planos. Assim começou a primeira sociedade de jovens adventistas de que se tenha conhecimento. Consistiu a princípio em cinco ou seis rapazes e as reuniões se realizavam na casa de um dos membros. Elegeram um diretor e um secretário-tesoureiro. As atividades consistiam especialmente em trabalho missionário e no aperfeiçoamento da conduta individual, em particular na sã maneira de viver. Mais tarde, as moças da igreja manifestaram o desejo de unir-se a eles em seu trabalho, e depois de tratar do assunto, elas foram convidadas a fazê-lo. Logo se formaram outras sociedades de jovens em Nebraska, Iowa, Ohio e Austrália. Começaram a chegar mensagens de Ellen G. White instando com os jovens para que se organizassem para o serviço.

⁵ WHITE, Ellen G., *Signs of the Times*, 29 de Maio 1893.

1.2. A Sociedade dos Missionários Voluntários

As sociedades adotaram muitos nomes: Sociedade de Jovens, Grupos de Raios de Sol, Sociedades de Aperfeiçoamento, entre outros. “A Associação de Ohio foi a primeira a organizar os jovens como uma sociedade da Associação, com o nome de Voluntários Cristãos”. Dois anos mais tarde, em 1901, tiveram o reconhecimento da Associação Geral, quando foi solicitado ao Departamento da Escola Sabatina que tomasse a seu cargo a obra dessas sociedades de jovens.

Por seis anos o Departamento da Escola Sabatina patrocinou o trabalho dos jovens, mas este progrediu tanto que no concílio geral celebrado na Suíça em 1907 foi recomendado que a obra dos jovens se organizasse como um departamento separado. Reuniu-se uma convenção em Mount Vernon, Ohio, para traçar os planos.

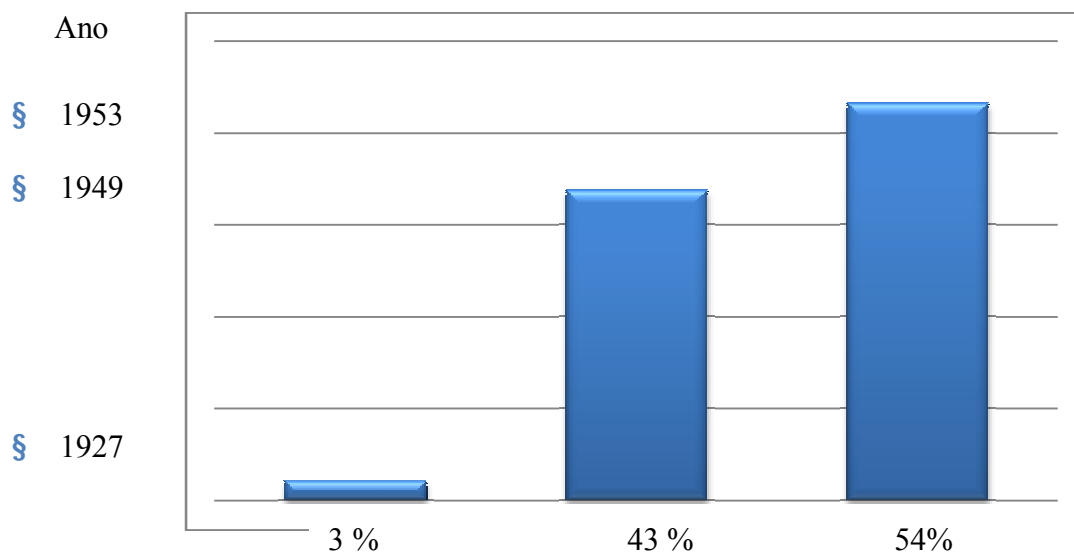
A convenção de Mount Vernon foi a mais notável reunião organizadora da história dos Missionários Voluntários. Pioneiros do Movimento, nomeados havia pouco, para diretores e administradores da Associação Geral, estudaram os princípios de governo da sociedade juvenil. A nova organização foi chamada Sociedade de Jovens Missionários do Sétimo Dia. Algumas das resoluções adotadas nesta reunião trataram da Devoção Matinal, do Clube do Livro e muitos outros planos. Definiram-se as condições para ser membro da Sociedade e tornaram-se providências para o serviço missionário pessoal.

Na convenção de Mount Vernon foi recomendado estabelecer em todas as igrejas o Dia do Jovem, que se transformou mais tarde na Semana de Oração dos Jovens Missionários Voluntários. Recomendou-se que cada união e associação local criassem um departamento de jovens que tivesse pelo menos uma pessoa à frente, cujo tempo fosse dedicado totalmente a essa obra. Na convenção de Mount Vernon o pastor Daniells disse: “Esta reunião será contada entre as mais importantes da história de nossa causa.”⁶

⁶ ASSOCIAÇÃO, Geral, *História de nossa igreja*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965. p.467.

1.3.Gráfico

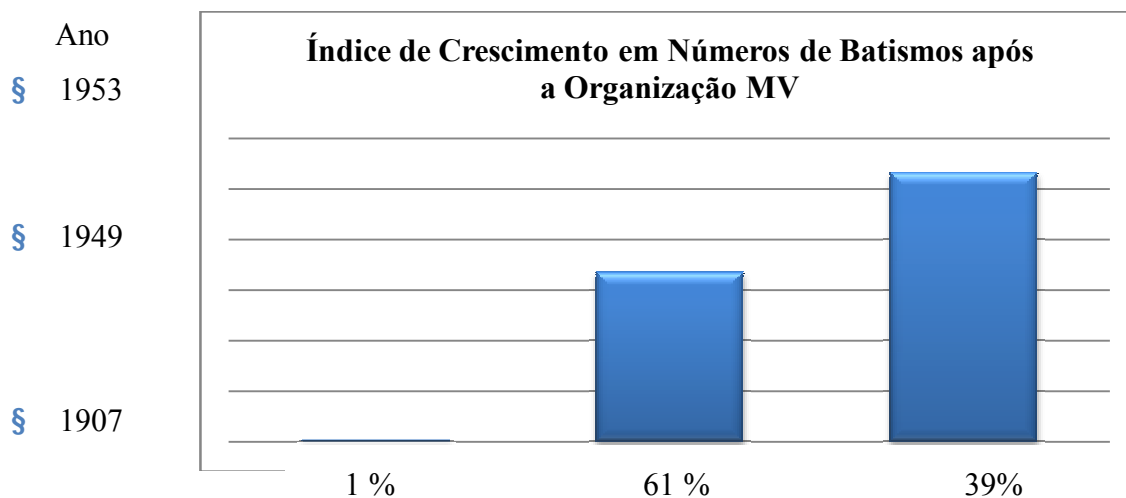
Índice de Crescimento da Sociedade dos Jovens Adventistas



- Crescimento médio de 51%, em 26 anos.

1.4.Gráfico II

Aumento significativo em números de batismos, logo após a organização da Sociedade dos Missionários Voluntários. Importante ponto onde se mostra a relevância, não somente do crescimento numérico da igreja, mas de uma organização definida para os jovens de nossas congregações.



- Crescimento médio de 60%, em 46 anos.

II. REUNIÕES JOVENS NA PÓS-MODERNIDADE

Sabe-se que não há um consenso entre os estudiosos da pós-modernidade sobre quem foi o primeiro a designar o termo “pós-modernismo” ou quando esse fenômeno teve início. Muitos especialistas apontam a década de 1930 como seu marco inicial. Entretanto, entende-se que esse fenômeno sócio-cultural, chamado pós-modernismo, vem de forma ampla ganhando espaço, mesmo que ainda não tenhamos percebido.

O pós-modernismo vem ganhando força, envolvendo na década de 1960 artistas e pensadores que “buscavam propor alternativas radicais à cultura predominante”⁷ Pode-se afirmar também que o pós-modernismo é encarado como uma rejeição à mentalidade moderna, ou seja, tem a ver com o futuro. Uma das características da pós-modernidade é o relativismo – “uma vez que o conhecimento é relativo, os pós-modernos não estão, necessariamente, preocupados em provar que estão ‘certos’ nem que outros estejam ‘errados’”⁸.

2.1. A identidade da Igreja Adventista

Em seu artigo, “*Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia?*”, Alberto Timm (2001) considera a ameaça de perda de identidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia sob o ângulo da sociologia da religião. A história da IASD no Brasil é dividida em duas fases, a saber: o período de ênfase bíblico-doutrinária (1844-1980) e o período de ênfase bíblico-relacional (1981-). Nesse primeiro período, os adventistas são conhecidos como “o povo da Bíblia”, fortemente interessados nos estudos bíblicos e profecias, com a prática do ano bíblico e da participação com destaque de muitos adventistas em concursos bíblicos nacionais e internacionais. No segundo período, o interesse pelo “conhecimento racional dos ensinamentos bíblicos acabou sendo superado por uma leitura existencialista da Bíblia”, com a ajuda das publicações de livros de Morris Venden e Alejandro Bullón (Timm, 2001, p. 14). Esse momento é analisado como resultado do espaço que se têm dado ao relacionamento e ao existencialismo nas atividades litúrgicas e programações de nossa igreja.

As “programações JA”, também vêm sofrendo de certa forma alterações de identidade, nas quais predomina o entretenimento, perdendo o foco do evangelismo, do conhecimento bíblico-doutrinário em detrimento do estudo da Bíblia.

Os programas de jovens de muitas de nossas igrejas perderam completamente de vista a centralidade das Escrituras em sua programação. Voltados mais à distração e ao entretenimento, tais programas não oferecem mais

⁷ GRENZ, Stanley. *Pós-modernismo - um guia para entender a filosofia o nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 1997.p.36.

⁸ DORNELES, Vanderlei. *Cristãos em Busca do Êxtase*. Eng. Coelho: Unaspress, 2006.

oportunidade para que os jovens esclareçam suas dúvidas sobre as doutrinas e o estilo de vida que professamos. O estudo seqüencial da Bíblia, os concursos bíblicos e as gincanas bíblicas são consideradas hoje, por muitos, como atividades obsoletas e destituídas de significado. Lamentavelmente, nunca tivemos uma geração de adventistas tão superficiais em seu conhecimento bíblico-doutrinário como a atual (Timm, 2001, p. 15 e 16).⁹

Os resultados indicam que os períodos propostos por Alberto R. Timm relacionados com a compreensão da pós-modernidade, revelam mudanças e tendências no perfil do jovem adventista contemporâneo, o que repercute nas reuniões semanais dos jovens. A passagem de um adventismo bíblico-doutrinário, mais voltado para a compreensão prática da fé cristã, passa para uma postura mais existencialista, voltada para a compreensão bíblico-relacional, junto com as mudanças causadas pelo fenômeno do pós-modernismo. Da mesma forma, a mudança da identidade do adventismo segue equivalente à predominância das emoções e da intuição sobre a razão na pós-modernidade, e a mudança de propósito e conteúdo das reuniões JA podem revelar uma tentativa do ministério jovem ou dos responsáveis pelas reuniões na igreja local de atender as expectativas espirituais e sociais do religioso pós-moderno.

2.2. Pós-modernismo, um desafio à pregação do evangelho

Segundo estudos recentes, o que torna mais difícil a missão da igreja é a lentidão em assimilar as mudanças sócio-culturais, principalmente no ambiente jovem. Isso já foi uma advertência de Jesus, e passa a ser de grande relevância para nós hoje. O Ministério Jovem da Igreja Adventista do 7º Dia foi criado com fins missionários, ou seja, o motivo de nos reunirmos em nossos templos pode ser resumido em dois principais aspectos: - Nos reunimos para louvar a nosso Deus, – Nos reunimos para pregar o evangelho!¹⁰

“Mas muitas vezes nós nos fechamos em nosso mundo de conceitos, queremos que o mundo nos leia, porém não lemos o mundo.”¹¹ A forma como nos dirigimos ao mundo é uma questão muito importante para o evangelismo. O perfil do jovem adventista hoje é o perfil do jovem pós-moderno onde tudo, ou quase tudo é relativo, onde os valores sócio-

⁹ TIMM, Alberto. “Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia?”. In: *Revista Adventista*, junho/2001, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, p. 14-16.

¹⁰ Hoje o que foi um humilde começo em 1907, temos o departamento que abriga uma potência que não pode ser ignorada no contexto missionário da igreja. „Os jovens têm um incontrolável anseio, verdadeira paixão, de se envolver na missão”, diz o líder mundial pastor Baraka Muganda. Por essa razão, dizer-se, hoje, que a juventude representa a igreja do futuro soa anacrônico. Ela é a igreja do presente em termos quantitativos e qualitativos.

¹¹ FILHO, Isaltino Gomes Coelho., *A Pós-modernidade, um desafio à pregação do evangelho*, Disponível em <http://www.luz.eti.br/es_aposmodernidadedeumdesafio.html> Acessado em 14 de Novembro 2008.

culturais são desvirtuados de maneira rápida, que os valores cristãos não estão mais conseguindo acompanhar. Uma vida em sociedade, como a sociedade dos jovens adventistas, é uma vida com propósitos especificadamente definidos, mas todos nós sabemos que as coisas mudaram não somente na economia, ou tecnologia, como também na forma de nos portamos diante de nossos valores espirituais, isso também mudou e muito.

Vivemos num mundo em mudanças drásticas. Dez anos atrás, insinuar a homossexualidade de alguém era uma ofensa inominável. Hoje, quem é heterossexual quase tem que pedir desculpas por isso. Os heróis das entrevistas nos órgãos escritos e nos programas de tevê são homossexuais. Uma revista de circulação nacional dedicou dois números seguidos ao homossexualismo. Um, diretamente. Outro, no bojo de uma reportagem sobre um cantor falecido por complicações decorrentes da AIDS. O tom era de desafio e de virtude. Fala-se do perigo de drogas, mas cantores que morrem por overdose de drogas são mostrados como heróis.¹²

Os jovens têm um valor especial, são dinâmicos e atualizados na sua maioria. Mostrada à linha da pós-modernidade não será tarefa fácil trabalhar dentro de suas características.

III. O QUE É PÓS-MODERNISMO?

O pós-modernismo é tanto complexo como ambíguo, mas basicamente falando pós-modernismo é anti-cosmovisão. Ele nega a existência de qualquer verdade universal e questiona toda cosmovisão. O pós-modernista não tolerará nenhuma cosmovisão que alegue ser universal em aplicação, no entanto isso não é o suficiente. O objetivo do pós-modernismo não é apenas rejeitar cosmovisões como opressivas, como também rejeitar até mesmo a possibilidade de se ter uma cosmovisão coerente.

Há muitas cosmovisões ao nosso redor, e o pós-modernista crê que é sua responsabilidade criticar cada uma delas. O que constitui a verdade, então, é relativo ao indivíduo ou comunidade que sustenta a crença.

Enquanto o modernismo e o cristianismo chocam-se na alegação que cada um faz da verdade, o pós-modernismo ataca o próprio conceito de verdade. Para o pós-modernismo, a verdade é simplesmente “o que funciona para você.” Pós-modernismo alega não ser uma

¹² FILHO, Isaltino Gomes Coelho., *A Pós-modernidade, um desafio a pregação do evangelho*, Disponível em <http://www.luz.eti.br/es_aposmodernidadeumdesafio.html> Acessado em 14 de Novembro 2008.

ortodoxia (sistema positivo de crenças e cosmovisões) e sim uma ortopraxia (uma série de métodos e análise).¹³

3.1. O uso do termo

Pós-modernidade é a condição sócio-cultural e estética do capitalismo contemporâneo, também denominado *pós-industrial* ou *financeiro*. O uso do termo se tornou corrente, embora haja controvérsias quanto ao seu significado e pertinência. Tais controvérsias possivelmente resultem da dificuldade de se examinarem processos em curso com suficiente distanciamento e, principalmente, de se perceber com clareza os limites ou os sinais de ruptura nesses processos.

Segundo um dos pioneiros no emprego do termo, o francês François Lyotard, a "condição pós-moderna" caracteriza-se pelo fim das metanarrativas. Os grandes esquemas explicativos teriam caído em descrédito e não haveria mais "garantias", posto que mesmo a "ciência" já não poderia ser considerada como a fonte da verdade.

Para o crítico marxista norte-americano Fredric Jameson, a Pós-Modernidade é a "lógica cultural do capitalismo tardio", correspondente à terceira fase do capitalismo, conforme o esquema proposto por Ernest Mandel.

Outros autores preferem evitar o termo. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, um dos principais popularizadores do termo Pós-Modernidade no sentido de forma póstuma da modernidade, atualmente prefere usar a expressão "modernidade líquida" - uma realidade ambígua, multiforme, na qual, como na clássica expressão marxiana, *tudo o que é sólido se desmancha no ar*.

3.2. As diferentes faces

O filósofo francês Gilles Lipovetsky prefere o termo "hipermodernidade", por considerar não ter havido de fato uma ruptura com os tempos modernos - como o prefixo "pós" dá a entender. Segundo Lipovetsky, os tempos atuais são "modernos", com uma exarcebação de certas características das sociedades modernas, tais como o *individualismo*, o consumismo, a ética hedonista, a fragmentação do tempo e do espaço.

Já o filósofo alemão Jürgen Habermas relaciona o conceito de Pós-Modernidade a tendências políticas e culturais neoconservadoras, determinadas a combater os ideais iluministas.¹⁴

¹³ DEMAR, Gary., *Thinking Straight in a Crooked World*, American Vision, p. 298-299.

¹⁴ WIKIPÉDIA, Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>> Acessado em: 19 de Agosto 2008.

IV. O REAL DA SOCIEDADE

Vivemos em uma sociedade espantosamente: dinâmica, instável e evolutiva. Correrão sérios riscos quem ficar esperando para ver o que acontece. A adaptação a essa realidade será cada vez mais uma questão de sobrevivência. Como um “dínamo” a sociedade atual gera uma “energia” incrível. Não vemos mais como o tempo, os dias, os meses, os anos, passam com uma velocidade incrível. O maior risco que corremos é ficarmos esperando para ver o que vai acontecer. No mundo contemporâneo com as extremas mudanças, a atitude correta das pessoas é de mudança e se adaptação a essa realidade de dinamismo, instabilidade e evolução como sendo fundamental para o sucesso de qualquer pessoa ou grupo social.

4.1. Globalização, sinônimo de pós-modernidade

A instabilidade é dada por dois motivos:

- A globalização;
- O ciclo de vida curto dos produtos.

Em termos bem simples “*Globalização*” significa que não existe mais interior no mundo. De qualquer lugar do planeta, graças ao comércio eletrônico e às facilidades de logística e distribuição, uma empresa pode dominar mercados mundiais. A outra realidade da *Globalização* é a de que absolutamente nada ficará fora da *competição global*. E essa fatídica realidade se reflete na sociedade da igreja.

A outra realidade é o Ciclo de Vida Curto dos Produtos: A HP (Hewlett-Packard) , por exemplo, tem lançado uma nova impressora a cada seis meses. A General Motors lança no Brasil um novo modelo de carro a cada 3 meses. Novos biscoitos são lançados no Brasil a cada 15 dias! Até então, os produtos “duravam” anos e anos. O consumidor, num mercado fechado como era o brasileiro, não se apercebia da defasagem entre o Brasil e mercados mais desenvolvidos. Hoje é diferente. Como veremos, o Brasil mudou, o consumidor mudou. Essas são as razões principais da instabilidade dos dias atuais. (Marins, 2008, p. 6)¹⁵

No mundo contemporâneo, uma das únicas certezas que temos é de que tudo vai mudar, afirma Marins. O nosso índice de obsolescência é muito grande. De repente não acompanhamos quase nada. Internet, novos produtos, novas tecnologias exigem de nós uma acelerada busca de atualização. E isso nem sempre é fácil, porque temos a tendência de nos

¹⁵ MARINS, Luiz Almeida., *O Brasil e os desafios dos séculos XXI*, New York, EUA: Anthropos Consulting, 2008. p.106.

acomodar no que é conhecido. Temos medo do novo e do desconhecido, ou seja, este mundo exige de cada um de nós uma grande determinação para uma constante aprendizagem e reafirmação dos valores cristãos.

Num mundo onde o computador e a internet mudaram profundamente a maneira de como as pessoas pensam e vivem, os fundamentos da vida cotidiana parecem desmoronar com incrível velocidade, sendo a mensagem do evangelho e o alicerce da fé cristã minimizada.¹⁶ As igrejas, no início deste século, enfrentam problemas na estrutura organizacional tão complexa que ninguém entende. Sem dúvida esse é o problema que todas as igrejas enfrentam na atualidade.¹⁷

4.2. Uma igreja preparada

Segundo o pastor Miroslav, a Igreja também precisa estar preparada para receber as pessoas que vivem em uma realidade pós-moderna. A falta de interação com os momentos de adoração na Igreja devem ser trabalhadas. “A Igreja se torna chata pra este grupo de pessoas, porque tudo é a mesma coisa”, diz o pastor Miroslav.

Algumas formas de como tornar o culto mais atrativo, sem perder a espiritualidade, devem fazer parte de nosso estudo indutivo, se quisermos diminuir o índice de apostasia e evangelizarmos com mais eficácia. Testemunhos pessoais, músicas com características culturais locais e abordagem de situações cotidianas nas mensagens centrais do culto, são algumas das sugestões para o mundo pós-moderno, segundo o CSPA.

A jovem Lauren Veigas, de Moema, teve seus conceitos mudados ao participar do encontro promovido pelos líderes da UCB. “Eu era super resistente com outros métodos de evangelismo, sempre usei os métodos tradicionais, mas sei, por experiência própria, que não funciona com estas pessoas”, conta.

Lauren passou a entender melhor os conceitos de evangelismo, principalmente entre os pós-modernos, grupo que ela mantém contato constante. “Aqui fomos direcionados, aprendemos os passos reais necessários para alcançá-los.” A jovem encerra sua declaração com um pedido. “Peço aos pastores que implementem este programa no Brasil, transformando os adventistas em verdadeiros discípulos de Cristo.”

A relevância é na motivação para que esta forma de trabalho seja usada de forma efetiva nos grandes centros do País. “Temos que louvar a Deus pela decisão da Igreja de alcançar e identificar as necessidades destas pessoas, que são milhares onde vivemos”, declara o pastor Kleber de Oliveira Gonçalves, da Igreja Adventista, projeto Nova Semente, uma iniciativa voltada para este público na capital de São Paulo.

Como afirma o pastor Ranieri Sales, estes estudos são apenas a sementinha plantada, o programa será estudado e organizado dentro da realidade brasileira. “Este é um grupo pioneiro para estabelecer um ministério com os pós-modernos de nossa Igreja. Vamos nos

¹⁶ PAULIEN, Jon., *Deus no mundo Real: Segredos para viver o cristianismo na sociedade moderna*, Tatuí, SP: Casa Publicado Brasileira, 2008.

¹⁷ EDWARDS, Gene., *Assim uma igreja conquista almas*, Rio de Janeiro, RJ: Emprevan, 2008, p.66.

unir em oração por este trabalho, precisamos encontrar agora a melhor forma para começarmos a agir”, conclui¹⁸

V. O PÓS-MODERNISMO E A RELIGIÃO

A *pós-modernidade* implica um desenrolar histórico, supostamente após um período de modernidade e de outras épocas desaparecidas, que leva a uma super-atualização, provavelmente à procura de algum sentido renovador que tinha escapado a uma humanidade cuja criatividade não se desmente e se acelera mediante instrumentos cada vez mais potentes. Por trás disso, é plausível pressupor a discreta e paciente ação de um instinto religioso que caracterizaria o que somos. Para nos situarmos, por falta de verdadeiras explicações, oscilamos entre narrações, mitos, teorias científicas e crenças ou dogmas religiosos. Uma organização de conceitos (elaborados graças à linguagem, outro precioso dote que caracteriza nossa espécie) ajustados com alguma coerência, revisados milênio após milênio, pelo menos século após século (e mais rapidamente em nossa época), chega a formar disciplinas científicas, conjuntos de metodologia e de resultados da observação ou experimentação, que pessoas mais exigentes acham um dever prolongar em espaço de elaboração religiosa, com acompanhamentos rituais na esperança de alguma utilidade ou por virtude de algum sentimento de obrigação.¹⁹ O pós-moderno procura uma religião mais criativa e atrativa, sem se desconectar dos princípios religiosos causando assim uma degeneração secular com muita intensidade.

O fato é que o mundo não é o mesmo desde a organização do Ministério Jovem e isso se refletiria mais cedo ou mais tarde.

5.1. Tentativas de modernizar Jesus

Não estamos tentando “modernizar a Jesus”, ou pós-modernizá-lo, mas o intento é fazer com que Jesus seja real na vida das pessoas, como o foi, quando esteve pessoalmente frente a frente com pessoas de todas as raças neste mundo. Segundo John Stott, em “*Ouçã o Espírito, ouçã o mundo*”,²⁰ tanto os romanos quanto os gregos tentaram minimizar a popularidade de Cristo, sendo todos esses esforços em vão.

Uma outra tentativa foi a do imperador Juliano, o apóstata, que tentou reintroduzir os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os havia substituído pelo culto ao Cristo. Dizem que, no seu leito de morte, em 363 d.C., Juliano disse: “Você venceu, galileu!”²¹ Sua palavras foram popularizadas da seguinte forma pelo poeta Swinburne, no século XIX:

¹⁸ PUJICALAR, Miroslav., CSPA - Centro para Estudos Seculares e Pós-modernos da Igreja Adventista do 7º Dia Mundial, 2008.

¹⁹ LEPARGNEUR, Hubert., *O cristianismo na pós-modernidade*, São Paulo, SP: 2003.

²⁰ STOTT, John., *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo*, 2ª Edição, São Paulo, SP: ABU Editora, 2005. p. 19-20.

²¹ Ibidem, p.20.

Tu conquistaste, ó pálido Galileu!
Teu respirar deixou o mundo em sombras.

Esta imagem foi perpetuada na arte medieval e em vitrais por muito tempo. Tudo isso em contraste com o Cristo sofredor e aparentemente derrotado na cruz. Muito pelo contrário do que se pensa, a imagem ou figura mental de Cristo, está mais clara e viva em nossos dias, assim como esteve após sua ascensão. Esse fato deixa peculiar a experiência que cada jovem pode e deve ter com Cristo.

VI. OS JOVENS SÃO A MAIORIA

Não é tarefa difícil perceber que os jovens são a maioria entre nós adventistas e entre grupos evangélicos. A maneira brasileira de ser evangélico ajuda a explicar os números impressionantes: 17% dos jovens entre 15 e 29 anos se identificam como seguidores de alguma denominação evangélica.²² Segundo uma reportagem da *Revista Veja* o pós-modernismo está afetando em grande escala as congregações do Brasil. Hoje existe o que eles chamam de “crentes na balada”, vão a baladas (termo utilizado para designar uma festa, sair para dançar, passear, etc), namoram, surfam e usam roupas da moda. A diferença entre os evangélicos e a maioria dos outros grupos jovens é que suas festas não possuem álcool, o namoro é sem sexo, roupas simples, nada de saias pelos pés e cabelos pela cintura, mas decotes e comprimentos moderados, afirma Juliana Linhares da *Revista Veja*.

6.1. Evangélicos no pós-modernismo

Existe além dos cultos, o “Pup Gospel Brother Simion”, o maior ponto de encontro dos jovens crentes da cidade de São Paulo. E há uma explicação para tudo isso. Lugar escurinho, com bebidas sem álcool como já mencionado, e muita música gospel.

Com o público jovem como alvo específico, as igrejas evangélicas organizam cultos e reuniões frequentes, estimulam a integração, oferecem emprego e atividades esportivas, em ambientes de violência zero, um diferencial tremendo em locais atormentados por altíssimos índices de criminalidade. Praticamente garantem um futuro de prosperidade e um casamento estável. A quem já escorregou, asseguram a oportunidade de passar uma borracha no passado e ser acolhido como uma nova pessoa, querida pela comunidade. A maioria das religiões parte dos mesmos princípios, mas as igrejas evangélicas aperfeiçoaram uma forma simples e envolvente de apregoar suas vantagens. O

²² Revista Veja, 10 de setembro de 2008, edição 2077 – ano 41 – nº 36, São Paulo, SP: Editora Abril, p.135.

jovem vai, empolga-se e julga que não beber e não transar fora do casamento são requisitos razoáveis para um futuro promissor. (Revista Veja, Setembro 2008, 136.)

A verdade é que nem todas as religiões são classificadas como afirma a *Revista Veja*. Em muitos outros grupos evangélicos, os jovens são promissores sem esses “compensadores”, que os divergem dos jovens que não professão nenhuma fé. Prova disso é a Igreja Batista em Células, que vem crescendo com um grande número de jovens em sua liderança que se comprometem com os grupos chamados de “células”, onde passam alguns momentos em encontro semanais para: estudar a Bíblia, praticarem atividades como subir ao monte para orar, piqueniques, passeios ciclísticos, etc.

6.2. O jovem não é o futuro, e mas o presente

É evidente que os jovens adventistas, vivem nesse mundo de tantas idéias e costumes diferenciados, com tantas opções, mas devem escolher servir a Deus, prova disso é a afirmação feita pelo Pr. James A. Cress: “Os jovens (*adventistas*) não são o futuro de nossa igreja, eles são o presente. Pois são eles que ocupam nas igrejas espalhadas pelo mundo, as cadeiras de líderes nos diversificados ramos de atividades denominacionais.”²³ Percebe-se que nossos jovens estão envolvidos com as atividades de nossas igrejas, mas estão perdendo o foco nas atividades missionárias, propostas primariamente na criação dos Missionários Voluntários.

VII. PLURALISMO RELIGIOSO

O mundo contemporâneo está passando por um momento que toma a forma de “crise de modelos”, e que só é compreensível dentro da trajetória maior do seu processo histórico. Esse processo provocou um impacto sobre os indivíduos, sobretudo nas gerações que conheceram certa estabilidade e atualmente têm que se defrontar com a insegurança proveniente do questionamento de todas as suas certezas e apoios mais fundamentais. Tais fatores parecem fazer a história do mundo de hoje reverter-se ou mesmo girar sobre as bases que a sustentavam e lhe davam identidade.²⁴

7.1. Tendências pós-modernas

Divergente das tendências pós-modernas foi o começo de nosso movimento Adventista, que começou com a Bíblia. Assim como começou também a Reforma de

²³ CRESS, James A., Palestra: *Recruiting lady leaders*, Anotações da palestra proferida na capela do SALT, em 13 de Março de 2008.

²⁴ BINGEMER, Maria Clara L., *Alteridade e vulnerabilidade, experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*, São Paulo, SP: Editora Loyola, 1993, p.13.

Lutero. Entende-se que, sempre que grandes acontecimentos em favor do cristianismo se destacam, as pessoas aumentam sua percepção do real mundo do contexto bíblico para depois transformar a realidade, mergulhados na Bíblia.²⁵ Grandes momentos estão marcados e confirmados pela história, quando pessoas buscam a Bíblia; igrejas têm sido transformadas quando buscam formação na Palavra de Deus ao invés de seguirem as tradições e os movimentos.

A cultura pós-moderna que nos circunda cada vez mais de perto, está desejosa de espiritualidade, está desejosa de Cristo. Mas quer perceber a honestidade e genuinidade naquilo que pregamos. Basicamente não precisamos temer o que vamos pregar como conteúdo, enquanto for genuína e visível a convicção do pregador. Um pós-moderno não espera que você deixe de pregar o que você tem para pregar, pelo contrário, ele quer ouvir a plenitude do que você tem a dizer e ter a liberdade de decidir. (Berndt Dietrich Wolter, D.Min.)²⁶

VIII. DESAFIOS ATUAIS

O pastor e doutor em teologia, Miroslav Pujicalar, é especialista nos fenômenos do pós-modernismo e estudos do secularismo, seu estudo é voltado para o impacto do pós-modernismo na sociedade e seu efeito no trabalho e evangelismo da Igreja Adventista do Sétimo Dia. “Nós reconhecemos que alcançamos no Brasil grandes resultados com a Igreja, mas percebemos que os pós-modernos estão blindados à abordagem tradicional da Igreja, precisamos alcançar esse grupo”, afirma o pastor Ranieri Sales, coordenador associado dos pastores adventistas da América do Sul. Não somente em interdivisões, mas a preocupação também é visível para as de União e Instituições de Estudo, como o UNASP.²⁷ A Igreja mundial, nos grandes centros urbanos, tem sofrido com o ceticismo, a falta de compromisso, de um interesse na religião e em Deus. Estes e outros aspectos do estilo de vida e mentes pós-modernas criaram uma barreira à mensagem cristã. “A mensagem é perfeita, mas nós não a entregamos corretamente a estas pessoas”, diz o pastor Miroslav. “Esse é um desafio que temos e precisamos superá-lo. Queremos pregar o evangelho a todas as pessoas”, completa o pastor Erton Köhler, líder geral da Igreja Adventista na América do Sul.

²⁵ Bom seria se a igreja tivesse o poder internalizado de transformar a sociedade, ao invés de ser transformado por ela.

²⁶ WOLTER, Berndt Dietrich., *Estudo em crescimento de igreja*, Engenheiro Coelho, SP: Material Apostilado, 2008, p.129.

²⁷ SOUZA, Domingos José., Não podemos por limites ao nosso crescimento, devemos sempre buscar o conhecimento. Devemos estar bem preparados para evangelizar em nome do Senhor.

8.1. Compreender mais profundamente

Muitos esforços têm sido feitos para o crescimento da igreja e do evangelismo, mas Deus tem guiado Seu povo para compreensões mais profundas e têm solicitado à Sua igreja a fazer adaptações administrativas para essas eventuais mudanças a fim de gerar práticas para o sucesso espiritual. Ellen G. White diz: “Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, preciso para o crescimento e prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si todas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude.”²⁸ O Fenômeno de aumento de membros por pastor exige mudança de estratégia na condução do ministério (cf. Artigos complementares: *Liderança Capacitadora*).²⁹

IX. RESPOSTA AO PÓS-MODERNISMO

Não havendo mais relevância ao institucionalismo (*que diz respeito a uma instituição*), religioso o pós-modernismo quer experimentar os benefícios reais em nossos púlpitos.

*Mais que um grande desafio... representa um oportunidade áurea para a igreja, no desempenho de sua missão, e para nós, na vivência individual do cristianismo. Já se foi o tempo, se é que em algum momento da história da igreja ele existiu, em que a mera teorização doutrinária parecia ser suficiente para abrir portas ao evangelismo e conquistar corações. Hoje, precisamos ter em mente que, se temos de alcançar “cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Apc. 14:6), todas as classes sociais, pessoas de todas as origens e etnias com o evangelho eterno, necessitamos priorizar a interação e o envolvimento com a comunidade que nos cerca.*³⁰

²⁸ WHITE, Ellen G., *Atos dos Apóstolos*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987, p. 60.

²⁹ O pastor tem sido visto como aquele que sabe tudo e deve fazer tudo. Houve um tempo, quando a igreja era pequena e tinha membros em boa parte sem instrução. O pastor era a pessoa de referência na igreja, pois ninguém tinha maior formação que o pastor.

A igreja cresceu, mudou em sua constituição de membros. Temos profissionais nas mais diversas áreas. Homens e mulheres consagrados e desejosos de cooperar com suas capacidades para o avanço da causa de Deus e crescimento da igreja.

Com a devida supervisão espiritual, os diversos setores e departamentos podem e devem ser confiadas pelos processos de nomeação oficiais da igreja, as mãos de obreiros voluntários que aliviem o pastor de ser ponto de referência para tudo o que se passa na igreja.

³⁰ SANTOS, Zinaldo A., *Revista Adventista – Setembro 2008*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008, p.23.

Deus sempre quer satisfazer as carências existenciais do ser humano, Ele está interessado em nos ajudar em momentos em que o mundo parece ditar as regras. Embora saibamos que “não devemos amar o mundo, nem as coisas que no mundo há” (I Jo. 2:15), Deus não se esquece que vivemos “nesse mundo”. Cheios de deformidades.

Não é o poder que procede dos homens que torna a obra bem sucedida, mas o que provém dos seres celestes, operando por intermédio do homem, este é o que leva a obra a perfeição... o homem não pode fazer a parte da obra que pertence a Deus. Como agente humano que é, pode cooperar com os seres celestes e, singela e humildemente, fazer o melhor que lhe seja possível, compreendendo que Deus é o grande Obreiro-Mestre. Ainda que os obreiros humanos venham a falecer, a obra não há de cessar, mas será levada a cabo.” Ellen G. White, Review and Herald, 14 de Novembro 1893.³¹

O cristianismo não é ensinamentos sobre condições, fatos, realidades que sempre se apresentaram iguais, mas é a proclamação de uma história de salvação, de um agir salvífico e revelador de Deus para o homem e com o homem. E ao mesmo tempo (porque esse agir de Deus se dirige ao homem como sujeito livre) é também a proclamação de uma história da salvação e não salvação, da revelação e sua interpretação, que é feita também pelo próprio homem, de tal sorte que essa história singular da revelação e salvação, portado pela liberdade de Deus e do homem ao mesmo tempo, forma uma unidade.³²

9.1. Evangelização Pós-Moderna

Livros e estudos bíblicos têm sido produzidos defendendo as bases científicas e/ou racionais das crenças cristãs. Obras de C. S. Lewis até títulos recentes como “Não tenho fé suficiente para ser ateu”, são eficientes para comunicar a fé cristã aos modernistas e têm o seu valor dentro da comunidade cristã contemporânea. Entretanto, os pós-modernistas rejeitam as alegações da razão objetiva, insistindo que a verdade nada mais é do que uma construção individual ou cultural.

Os pós-modernistas não precisam ter razões lógicas para crer em alguma coisa e tendem a preferir crenças destituídas de argumentos racionais. Aceitando cada vez mais o lado místico da religião, este grupo foge dos ditames da religião institucionalizada. Até mesmo nos ateus pós-modernos existe uma grande apreciação pelo emocional em detrimento ao racional.

³¹ WHITE, Ellen G., *Review and Herald*, 14 de Novembro 1893.

³² VASQUES FILHO, P., *Religião, ídolos e Reino de Deus: Religiosidade Popular*, São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1984, p.89-93.

Em críticas atuais à religião encontramos exemplos como o de Richard Dawkins em “*Deus, um delírio*”, onde o argumento máximo contra a religião é o fator emocional de um Deus que causa tanto sofrimento (focando cada vez mais o indivíduo não tanto a racionalidade do argumento).

Em tempos anteriores críticas como a não existência histórica de Jesus, a suposta alteração da Bíblia e a verdade sobre o homem Jesus eram bem fundamentadas e serviam de prova para críticos do cristianismo. No pós-modernismo encontramos uma nova abordagem, na qual não importa a verdade ou se Jesus existiu ou não; o que importa é mais um emocionalismo do que a verdade. O sucesso do livro “*O Código Da Vinci*” nos dá evidências deste emocionalismo pós-moderno: “Não me importa se Jesus existiu ou não. O que me interessa é que mentiram para mim na igreja, em casa e que me enganaram por dois mil anos”, diz um jovem acerca do cristianismo.

Todos que não possuem um firme conceito de verdade acabam sendo manipulados e podem vir a acreditar em quase tudo. E neste grupo podemos incluir de ateus a cristãos. Desde que isso apele aos seus desejos e dê um sentido pessoal à vida, tais pessoas não terão problemas em aceitar o que for preciso. (FOLLIS, Rodrigo., <<http://rodrigofollis.blogspot.com/htm>> Acessado em: 06 de Julho 2008.)

CONCLUSÃO

No mundo pós-modernista, torna-se difícil atrelar a contextualização do pós-modernismo com a realidade da vida cristã. Mesmo diante de discursos pós-modernos como: Tudo é relevante? Temos nós como igreja, condições de continuarmos avançando no sentido de proclamarmos uma vida de íntima comunhão com Deus?

A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio têm sido plano de Deus que através da igreja seja refletida ao mundo a Sua plenitude e suficiência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para a maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo; e pela igreja será a seu tempo manifesta, mesmo aos “principados e potestades nos Céus” (Efe. 3:10), a final e ampla demonstração do amor de Deus.³³

Com o objetivo de alcançar aqueles que não conhecem a Deus, os cristãos – particularmente os adventistas do sétimo dia – são tentados a esculpir uma imagem de fé cristã de alta qualidade. Desejamos que pessoas de mente secular vejam nossa igreja como uma comunidade ideal, na qual a vida delas seja liberta da hostilidade, da confusão do mundo real e que a igreja possa ser realmente atraente para elas. Tentamos assim ocultar nossas dúvidas e conflitos, para o bem dos inquiridores seculares. Temos medo de que a autenticidade, que revela nossos aspectos negativos, não se harmonize com o dever de sermos boas testemunhas.

³³ _____, Ellen G., Atos dos Apóstolos, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, p. 9.

Quando se trata de influenciar pessoas de mente secular a verdade é boa. Ser autêntico é o melhor caminho para alcançá-las com o evangelho, permitindo assim sua identificação conosco. Elas acreditam que a igreja é um meio de evitar realidades dolorosas, mas quando vêem seres humanos imperfeitos seguindo a Cristo, suas concepções erradas acerca da fé cristã são abaladas. Pessoas reais encontrando a fé são tentadas a fazer a experiência por conta própria, descobrindo que até Jesus, que era sem pecado, passou necessidade, sentiu ira, tristeza e frustração, tornam-se acessíveis a um relacionamento com Ele. Sendo os cristãos autênticos, os inquiridores têm motivos para esperar que também sejam bem-vindos ao se aproximar do trono de Deus.

Para os cristãos que desejam conhecer a Deus por si próprios e alcançar seus semelhantes no mundo real, a estrada que leva à autenticidade é o único caminho a seguir. É certamente uma estrada difícil, levando montanha acima. Começa ao pé da cruz com a compreensão de que para Ele valemos o Universo inteiro. Se valemos tanto, então não importa o que alguém mais pense a nosso respeito. Com a coragem que recebemos em Cristo, podemos começar a peregrinação em busca da honestidade e genuinidade. (PAULIEN, Jon., *Deus no mundo real: Segredos para viver o cristianismo na sociedade moderna*, p. 166-167.)

Mesmo que nos sintamos desanimados diante da enormidade da tarefa, o que está sendo entregue a Jesus é o nosso dilema de humanidade, confusão e o auto-engano, coisas das quais, precisa-se de um livramento de uma maneira ou de outra. Muitos de nós sonhamos com uma igreja que assuma o papel ordenado por Deus para o tempo do fim e prepare o mundo para o retorno de Jesus. O único tipo de igreja que fará uma diferença decisiva no mundo pós-moderno é aquela em que as pessoas e a fé sejam genuínas. Não é tarefa fácil, mas finalmente se verá que mediante o estudo da Bíblia e seguir seus preceitos, notaremos que o Espírito Santo se utiliza de palavras bíblicas, para convencer os leitores do pecado e testemunhar da obra de Jesus Cristo (Jo. 16:8-15).

A igreja torna-se uma espécie de comunidade interpretativa. Em certo sentido o pós-modernismo tem razão em duvidar do “instrumento” de interpretação. Os cristãos devem depender inteiramente da revelação de Deus conforme dada, na linguagem humana, no “texto” da escritura. A verdade pode não ser totalmente acessível à mente humana, no entanto apesar disso existe a verdade absoluta (Jo 14:6, 16:13), a qual esteve personificada em forma humana (Jo 1:1-18) e andou entre os homens.

Embora os seres humanos e todas as suas obras sejam instáveis e frágeis, condenadas a mudanças incessantes, ainda existe uma verdade e uma linguagem transcendente. “Pois toda a carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva, seca-se a erva, cai à flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente” (I Pe 1:24-25; Is 40:6-8).

O fracasso do modernismo significa que as velhas críticas seculares ao Cristianismo perderam sua força. O Cristianismo conservador tem nova credibilidade no mundo pós-moderno. Os cristãos pós-modernos podem proclamar o evangelho à sua cultura com nova força e urgência, sendo que as boas novas de salvação por meio de Jesus Cristo é o tema

central da Bíblia, uma mensagem que não só destina à evangelização dos não-cristãos, mas à constante formação de cristãos que levam esse Livro a sério.

Quando os pós-modernistas verem o que Cristo tem feito por nós, perceberão que apenas Ele [Cristo] pode dar um verdadeiro sentido à vida, ao universo e tudo mais.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO, Geral, *História de nossa igreja*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965.

BÍBLIA, N.T., Português, *Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada no Brasil*, Trad. João Ferreira de Almeida, São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

BINGEMER, Maria Clara L., *Alteridade e vulnerabilidade, experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*, São Paulo, SP: Editora Loyola, 1993.

BORGES, Michelson e RAMOS, Ana Paula., *Revista Adventista – Novembro 2008*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

CRESS, James A., Palestra: *Recruiting lady leaders*, Anotações da palestra proferida na capela do SALT, em 13 de Março de 2008.

DEMAR, Gary., *Thinking Straight in a Crooked World*, American Vision, p. 298-299.

DORNELES, Vanderlei. *Cristãos em Busca do Êxtase*. Eng. Coelho: Unaspres, 2006.

EDWARDS, Gene., *Assim uma igreja conquista almas*, Rio de Janeiro, RJ: Emprevan, 2008, p.66.

FILHO, Isaltino Gomes Coelho., *A Pós-modernidade, um desafio a pregação do evangelho*, Disponível em <http://www.luz.eti.br/es_aposmodernidadeumdesafio.html> Acessado em 14 de Novembro 2008.

FOLLIS, Rodrigo S., *Filosofias Pós-Modernas*. Disponível em: <<http://rodrigofollis.blogspot.com/htm>> Acessado em 06 de Julho 2008.

GONDIM, Ricardo. *Fim de Milênio: Os Perigos e Desafios da Pós-Modernidade na Igreja*. S. Paulo: Abba Press, 1996

GRENZ, Stanley. *Pós-modernismo - um guia para entender a filosofia o nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

HORTON, Michael S. *O Cristão e a Cultura: Orientação Bíblica Para o Crente*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

LEPARGNEUR, Hubert., *O cristianismo na pós-modernidade*, São Paulo, SP: 2003.

MARINS, Luiz Almeida., *O Brasil e os desafios do século XXI*, New York, EUA: Anthropos Consulting, 2008.

MARRIEL, Nelson de Souza Mota., *A espiritualidade na condição pós-moderna, Caminhando – Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista – jan/jun*, São Bernardo do Campo, SP: Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 2007.

MARSKI, Artur., *Análise do encontro semanal dos jovens adventistas nas igrejas da União Sul Brasileira da IASD e uma proposta alternativa do seu conteúdo programático*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, SP: Seminário Latino Americano de Teologia, 1984.

MUGANDA, Baraka., *Revista Ministério*, mar/abr, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

NOVAES, Allan., *Revista Adventista* – Maio de 2007, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____, Allan M., *O Ministério Jovem e a Pós-modernidade: Breve análise das reuniões de jovens da igreja adventista do sétimo dia*, Disponível em: <<http://www.unasp.edu.br/kerygma/htm>> Ano 1 – Número 2 – 2º Semestre 2005.

_____, Allan., *A Crise da Ciência: pós-modernidade e a prática do jornalismo científico*

OSBORN, T. L., *Conquistando Almas: Lá fora onde os pecadores estão*, São Paulo, SP:

PAULIEN, Jon., *Deus no Mundo Real: Segredos para viver o cristianismo na sociedade moderna*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

PUJICALAR, Miroslav., *CSPS - Centro para Estudos Seculares e Pós-modernos da Igreja Adventista do 7º Dia Mundial*, 2008.

REID, George W., *Compreendendo as Escrituras*, Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007.

REVISTA, Veja, *10 de setembro de 2008*, edição 2077 – ano 41 – nº 36, São Paulo, SP: Editora Abril S/A, 2008.

SANTOS, Zinaldo A., *Revista Adventista – Setembro 2008*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

STOTT, John., *Ouçá o Espírito, ouçá o mundo*, 2ª Edição, São Paulo, SP: ABU Editora, 2005.

SUPERINTERESSANTE <http://www.unimar.br/inovcom/artigo_01.pdf>. Acesso em: 3 de Novembro de 2008.

TIMM, Alberto. “Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia?”. In: *Revista Adventista*, junho/2001, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, p. 14-16.

VASQUES FILHO, P., *Religião, ídolos e Reino de Deus: Religiosidade Popular*, São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1984.

VEITH, Gene Edward., *Tempos Pós-modernos: Uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época*, São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 1999.

WHITE, Ellen G., *Atos dos Apóstolos*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.

_____, Ellen G., *Review and Herald*, 14 de Novembro 1893.

_____, Ellen G., *Signs of the Times*, 29 de Maio 1893.

WIKIPÉDIA, Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>>
Acessado em: 19 de Agosto 2008.

WOLTER, Bernedt Dietrich., *Estudos em Crescimento de Igreja*, Engenheiro Coelho, SP: Material Apostilado, 2008.

ZETUNE, Daniel., *Expandindo sua criatividade*, São Paulo, SP: Editora CLA Cultural Ltda, 2003.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

O BURNOUT PASTORAL NA PERSPECTIVA DA TEOLOGIA PRÁTICA: DEFINIÇÕES, CAUSAS E PREVENÇÃO.

Jetro Ferreira da Silva

Doutorado em Teologia Pastoral, Pontifícia Faculdade
de Teologia Nossa Senhora Assunção, 2007.

Resumo: Burnout é um termo em inglês que transmite a idéia de "estar queimado", desgastado, exausto e desmotivado com o trabalho. A literatura sugere que o problema ocorre quando o indivíduo é confrontado com situações que esgotam ou superam seus recursos pessoais internos. Os ministros religiosos e outros profissionais de ajuda enfrentam um risco mais elevado de padecer da síndrome devido à natureza do seu trabalho. O presente estudo foi desenvolvido com a finalidade de conscientizar os pastores e autoridades eclesiais sobre as consequências individuais e organizacionais de tal fenômeno, e impulsioná-los a adotar estratégias de informação e instrução, bem como medidas preventivas e reparadoras. Para tanto, o trabalho procura esclarecer as seguintes questões: O que é o burnout? Como o burnout ocorre? O que é o burnout pastoral? O burnout pastoral é uma realidade no Brasil? E, finalmente, como o burnout no ministério pode ser prevenido e tratado? Os resultados foram apurados a partir de uma ampla pesquisa bibliográfica envolvendo pelo menos duas áreas do conhecimento: psicologia e teologia. Complementarmente, realizou-se uma pesquisa de campo com 63 pastores evangélicos de cinco denominações diferentes na cidade de São Paulo. Os dados levantados na pesquisa confirmam, em grande parte, os pressupostos teóricos descritos na bibliografia deste projeto.

Palavras-chave: teologia prática; ministério pastoral; estresse; burnout; bem-estar; efetividade.

Ministerial Burnout in the Perspective of Applied Theology: Definition, Causes, and Prevention.

Abstract: Burnout is an English term that translates the idea of "being burned", wearied out, exhausted, without motivation for work. The literature on the topic suggests that it occurs when a person is confronted with a situation that wears him out, or that supersedes his own internal resources. Religious ministers and other professionals in the area of personal help are subject to a higher risk of enduring that syndrome due to the nature of their work. The present study was undertaken with the objective of developing pastors' and clergy authorities' awareness about the individual and organizational consequences of such phenomenon. It also intends to encourage them to establish strategies and to develop instruction that may lead to preventive and repairing measures. With such goals, this research attempted to answer the following



questions: What is burnout? How does it occur? What is a pastoral burnout? Is the pastoral burnout a reality in Brazil? And, finally, how a burnout in the ministry can be prevented or can be cared of? The findings result from a broad bibliographical research concerning, at least, two major fields of knowledge: Psychology and Theology. It was complemented by a field research with 63 evangelical pastors from five different religious denominations in the city of São Paulo. The data collected in the research confirmed, in general, the theoretical conceptions described in the bibliography of this investigation.

Keywords: Applied Theology; Pastoral Ministry; Stress; Burnout; Well-Being; Effectiveness.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

A VIDA DEVOCIONAL SOB O IMPACTO DA MÍDIA CONTEMPORÂNEA

José Calixto

Doutorado em Teologia Pastoral,
Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia,
Centro Universitário Adventista de São Paulo,
Engenheiro Coelho, SP, dezembro de 2008
Orientador: José Carlos Ramos, D.Min
prj-calixto@hotmail.com

Resumo: O objetivo desse estudo foi analisar como a mídia contemporânea interfere na vida devocional dos cristãos adventistas no Brasil. O tema foi discorrido em cinco capítulos, sendo que o primeiro contém uma introdução. O capítulo II descreveu os princípios devocionais para uma comunhão pessoal com Deus – meditação, administração do tempo, oração e estudo da Bíblia e do Espírito de Profecia. O capítulo III descreveu o surgimento da mídia, e especialmente a imprensa, o rádio, a televisão e a *internet*; analisou os aspectos positivos e negativos deles, sua influência sobre a mente humana e, conseqüentemente, sobre os valores morais e a vida devocional. O capítulo IV apresentou os dados colhidos na pesquisa de campo e uma análise preliminar dos mesmos. E o capítulo V apresentou recomendações e sugestões quanto à vida devocional e o uso da mídia, tendo como base os resultados do Capítulo IV.

O estudo demonstrou que pessoas que dispõem muito tempo para alguma mídia em geral, possuem a tendência de estar insatisfeitas com a vida devocional. Por outro lado, pessoas que dedicam mais tempo para o estudo da Bíblia, para a oração, para participar de atividades missionárias, têm maior satisfação com a vida devocional. Assim, o estudo apresenta a necessidade de se realizar uma mudança de paradigmas quanto ao uso da mídia, e sugestões de como usar a mídia com um critério maior, para que a comunhão com Deus seja priorizada.

Palavras-chave: mídia; vida devocional; Igreja Adventista do Sétimo Dia.

THE DEVOTIONAL LIFE UNDER THE IMPACT OF THE CONTEMPORARY MEDIA

Abstract: The Goal of the present study was to investigate how the contemporary media interferes with the devotional life of the Adventists Christians in Brazil. The theme was dealt with in five chapters, being that the first one contains an introduction to the subject. Chapter Two



described the major devotional guidelines for a personal communion with God—meditation, proper administration of time, prayer, study of the Bible and of the writings of the Spirit of Prophecy. Chapter Three overviewed the beginnings of different types of media, specially the Press, the Radio, the Television, and the Internet. It also approached their positive and negative aspects, their influence in the human mind, and, therefore, their influence upon moral values and the devotional life. Chapter Four presented the data collected in a field research, and it presents a preliminary analysis of this data. Chapter Five concluded with some recommendations and suggestions on the issue of the devotional life and the use of media on the basis of the results of the research presented in Chapter Four.

The study demonstrated that people who spend much of their time with a specific media have a tendency to be unhappy with a devotional life. On the other side, people who dedicate more time for the study of the Bible and prayer, and who also participate in missionary activities, have a greater satisfaction with a devotional life. The study points, thereby, to the need of implementing a change of paradigm concerning the usage of media by a Christian, and makes suggestions on how to utilize it with more criteria, so that the communion with God becomes a priority.

Keywords: Media; Devotional Life; Seventh-day Adventist Church.

RESENHAS

por Felipe Tonasso

Pós-graduando em Aconselhamento Familiar, graduado em Educação Artística e Estudante de Teologia.

Autor do blog: www.tonasso.blogspot.com

Osterman, Eurydice V. O que Deus diz sobre a música. UNASP-C2, Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2003, 110 pp.

Tema de frequentes debates no meio cristão, a música ocupa um papel fundamental em todas as culturas já desvendadas pelo homem. Ela transcende limites de tempo/espaço e alcança lugares e contextos, na maioria das vezes, inalcançáveis pela palavra falada. Como meio de expressão criado por Deus em Sua infinita sabedoria, a música possui relevância incontestável em sua função litúrgica. Definir o tipo de música que Deus espera de nós é tarefa árdua e motivo de estudo constante.

Dividido em 14 seções, a obra *O que Deus diz sobre a música*, de Eurydice V. Osterman, possui uma abordagem sintética de temas como: a influência da música no corpo, mente e espírito e o seu propósito, os fatores culturais, o papel da música no culto e os instrumentos usados na adoração e a dança. O livro é de fácil assimilação, uma vez que possui capítulos objetivos e utiliza-se não apenas de inúmeras citações bíblicas, como também do Espírito de Profecia e materiais de apoio para embasamento de sua argumentação.

Apesar das constantes controvérsias a respeito do que Deus realmente diz sobre a música, Eurydice reafirma e demonstra a cada citação que Deus não nos deixou a mercê de preferências pessoais ou meras interpretações humanas de Sua vontade, mas Ele claramente se revela por meio de Sua Palavra, do Espírito de Profecia e constantemente através da atuação do Espírito Santo em nossa consciência, guiando-nos a compreensão de toda a verdade (João 14:26).

A obra inicia traçando um paralelo entre os 10 mandamentos como base do amor e caráter de Deus e como estes podem ser violados pelo mau uso da música. Neste conflito, Lúcifer trabalha incansavelmente para deturpar a lei, o caráter e a maneira com que o Deus Perfeito espera ser adorado por suas criaturas em toda a terra. O papel universal da música não pode ser esquecido e seu poder não deve ser minimizado ou subestimado (p. ix).

Segundo a autora, a necessidade de um diligente estudo a respeito das aparentes ambiguidades é urgente em nosso tempo. A música é a linguagem do céu e foi criada para glorificar a Deus e imprimir verdades espirituais em nosso caráter, isso atribui a ela



caráter decisivo no conflito final. Nossas escolhas musicais tornam-se então claramente uma indicação da condição espiritual do coração (p.16).

Deus convida seu povo a caminhar norteado por uma elevada norma. A cultura carregada de elementos mundanos e profanos nunca será base confiável ou decisiva. Deve ser considerada de forma incidental, mas nunca como o foco ou o fundamento do culto a Deus (p. 30). O culto verdadeiro é resultado de um encontro pessoal com Deus e a música, apenas o meio utilizado para expressar nossa resposta a esta revelação de amor e salvação. Nossos motivos e atitudes (*espírito*) ligados aos princípios bíblicos (*a verdade*) constituem a base do culto verdadeiro (*João 4:23-24 / p. 54*).

Eurydice também traz luz a temas controversos como a dança, e instrumentos utilizados na adoração, destacando acima destes o uso da voz como principal instrumento criado por Deus. Ela afirma: “As sagradas escrituras não classificam os instrumentos como sendo “bons” ou “maus”. Tais avaliações humanas frequentemente são resultado do contexto em que estão associadas, e estas avaliações, são, em muitos casos, baseadas no contexto e na experiência do indivíduo” (p.73).

Deus sancionou o uso de instrumentos em nosso culto a Ele, mas nos deixou claras instruções para (1) desenvolver talentos, (2) obter compreensão, (3) tocar habilidosamente produzindo melodia e (4) diferenciar o sagrado do profano. No caso da dança, a autora é mais enfática contra o seu uso litúrgico e as tentativas de justificá-lo utilizando a bíblia. Eurydice caracteriza tais atitudes como “mais uma tática do inimigo” (p.79).

Para a autora, evitar extremos e buscar o equilíbrio concedido por Deus é a chave para solucionar uma diversidade de problemas que ainda hoje são mencionados como insolúveis. As diretrizes e princípios divinos serão priorizados na vida daquele que busca humildemente adorar a Deus e oferecer a Ele música aceitável. Todos serão cobrados pelo uso dos dons concedidos e Deus espera de nós somente o melhor. O melhor que Ele mesmo desenvolve em nós e que brota de corações humilhados e consagrados a Ele diariamente.

Esta obra não tem como objetivo finalizar um assunto tão amplo e relevante, pois este certamente será tema eterno de estudo e diálogo entre criatura e Criador. Recomendo a leitura apenas como fonte introdutória. A base exposta pela autora é o fundamento necessário e obrigatório para todo ministro de música, cantor, instrumentista, ou qualquer pessoa interessada nesta arte ilimitada. Há um infinito a ser desvendado e esta obra aponta o rumo.

“De tudo o que se tem ouvido a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (Eclesiastes 12:13).